

O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO

COLEÇÃO EVANGELIZAÇÃO

PREFÁCIO DE **DOM JOÃO JUSTINO**

 **evangelização**
OBSERVATÓRIO **PUCPR**

Átrio
dos gentios

O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO

COLEÇÃO EVANGELIZAÇÃO

PREFÁCIO DE **DOM JOÃO JUSTINO**



Curitiba
2019

Título original: El Proyecto Educativo de Francisco
2018, Confederación Interamericana de Educación Católica-CIEC
Tradução autorizada

Direitos para edição brasileira
©2019, Confederación Interamericana de Educación Católica-CIEC
2019, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão

Ir. Rogério Renato Mateucci

Diretor do Instituto Ciência e Fé

Fabiano Incerti

Gerente de Identidade Institucional

José André de Azevedo

Coordenador de Tradução

Valcir Moraes

Revisão Técnica

Fabiano Incerti

Valcir Moraes

Douglas Borges Candido

PUCPRESS

Coordenação: Michele Marcos de Oliveira

Edição: Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte: Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Revisão: Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa e projeto gráfico: Ana Paula Vicentin Ferrarini e

Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Ana Paula Vicentin Ferrarini

Impressão: Gráfica Capital

PUCPRESS | Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

P964
2019

O projeto educativo de Francisco / Óscar Armando Pérez Sayago (organizador).
– Curitiba : PUCPRESS, 2019.
352 p. ; 18 cm. (Coleção evangelização ; v. 1)

ISBN 978-85-54945-54-1
978-85-54945-68-8 (e-book)

1. Documentos papais. 2. Igreja Católica – Educação. 3. Francisco, Papa, 1936-. I. Pérez Sayago, Óscar Armando.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
---------------	---

PARTE I – Discursos do Papa Francisco ao Mundo da Educação.....	23
--	-----------

Educar para o equilíbrio entre a zona de segurança e a zona de risco.....	23
--	----

Educar para a cultura do diálogo e do encontro.....	35
--	----

Educar para a cultura do discernimento, da proximidade e da solidariedade.....	37
---	----

Educar para o desenvolvimento integral da pessoa.....	45
--	----

Educar para aprender a aprender.....	51
--------------------------------------	----

Educar para recompor o pacto educativo.....	57
---	----

Educar para conquistar harmonia.....	61
--------------------------------------	----

Educar nas relações de acolhida e benevolência.....	67
--	----

Educar para cultivar e cuidar.....	73
------------------------------------	----

Educar é construir uma grande família.....	81
--	----

Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova.....	85
--	----

Educar a partir dos mais autênticos valores humanos e cristãos.....	95
--	----

Educar a partir das bem-aventuranças e Mateus 25.....	99
Educar para aprender uns dos outros.....	103
Educar para o reconhecimento da dignidade da pessoa humana.....	107
Educar para uma leitura cuidadosa do fenômeno migratório.....	119
Educar para fazer associação.....	125
Educar para criar redes.....	129

PARTE II – Educar para o Humanismo Solidário..135

PARTE III – Escola Católica: Uma Educação Centrada no Conhecimento de Crianças e Jovens.....159

<i>Instrumentum Laboris</i> : os jovens, a fé e o discernimento vocacional.....	159
Documento final da Reunião pré-sinodal: os jovens, a fé e o discernimento vocacional...	318

PROJETO ED
ROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
IVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
ATIVO DE FRA
E FRANCISCO
FRANCISCO O PR
ATIVO DE FRA
O PROJETO ED
OJETO EDUCATIV
O PROJETO ED

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

PREFÁCIO

Considerar “o projeto educativo de Francisco” é uma tarefa instigante, estimuladora e muito oportuna. Desde o início de seu ministério como bispo de Roma, Francisco tem interpelado todos os setores eclesiais à conversão pastoral. Suas interpelações alcançam, também, a escola e a universidade católica, a tal ponto que poderia se dizer de apelo à “conversão da educação católica”. O Documento de Aparecida explicita essa necessidade da conversão pastoral no âmbito da educação quando afirma que *“a escola católica é chamada a uma profunda renovação”* (337).

A presente reflexão se constrói sob a orientação da pergunta: *à luz de seus pronunciamentos, como o papa Francisco compreende a educação?* Trata-se de recorrer à palavra dele, escutá-la atentamente e aí descobrir as grandes linhas de seu modo de pensar a educação. O objetivo deste texto não é outro senão deixar falar o próprio papa Francisco. E o leitor deixe-se interpelar por suas palavras.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco apresenta um desafio a todos os educadores, dizendo explicitamente: *“torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores”* (EG 64). É importante

observar não apenas a capacidade pessoal do papa Francisco de ensinar com muita clareza, de modo direto e breve, sempre com o recurso de imagens, mas também os seus gestos que, captados pela mídia, se tornam logo “virais”. Aqui vale um princípio: o papa nos ensina por palavras e por gestos. E dessa forma propõe valores.

Observe-se, ainda, que o modo como o papa Francisco pensa a educação não está dissociado de sua experiência pessoal como homem cristão e nem de sua compreensão acerca da identidade e missão da Igreja. Portanto, há uma articulação interna e implícita entre cristologia, antropologia, eclesiologia e pedagogia. Essa articulação não pode ser negligenciada. Em outras palavras, a experiência de fé em Jesus Cristo lhe dá uma compreensão do ser humano e da missão da Igreja que ilumina decididamente seu modo de pensar a educação. Isso é fundamental para pensar a educação católica, ou seja, articular a proposta de educação católica na relação com as verdades fundamentais da fé cristã. Desse modo, os grandes temas do ensino do papa Francisco desdobram-se também no seu pensamento sobre educação. É pertinente pontuar como esses temas ressoam e indicam caminhos para a escola e a universidade católica que buscam se renovar.

Francisco não considera a escola como espaço exclusivo para a educação e nos desafia a buscar formas não convencionais: *“...o campo educativo não se limita à escola convencional.*

Procurai com coragem novas formas de educação não convencionais, segundo as necessidades dos lugares, dos tempos e das pessoas" (Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos Jesuítas na Itália e na Albânia, 07/06/13).

Quando considera a pessoa do professor, papa Francisco destaca a importância da maturidade humana, que se soma à qualificação profissional e ao espírito de equipe. Confira: *"Ensinar é um compromisso muito sério, que somente uma personalidade madura e equilibrada pode assumir. Um compromisso deste tipo pode incutir temor, mas é necessário recordar que um professor nunca está sozinho: compartilha sempre o seu próprio trabalho com os demais colegas e com toda a comunidade educacional à qual pertence"* (Discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores, 14/03/15).

Em outro momento, ele delineia os traços do educador, especialmente do educador católico, associando competência e maturidade humana: *"Gostaria de me limitar a evocar os lineamentos da figura do educador e da sua tarefa específica. Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens. Nas escolas católicas, o educador deve ser antes de tudo muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu*

crescimento humano e espiritual" (Discurso aos participantes da plenária da Congregação para a Educação Católica, 13/02/14).

Por mais de uma vez, o papa Francisco recordou um provérbio africano que diz: *"Para educar um filho é necessário uma aldeia"*. Aqui ele encontra uma referência da cultura africana para reforçar a importância do que ele chama de "pacto educativo". Isto é, a tarefa de educar as novas gerações não pode ser exclusiva da escola. A escola entra, com todos os seus agentes, como parceira de outros que participam do pacto: a família, com destaque para os pais; a sociedade, com destaque para os governos e outros. Todos têm sua parcela na educação ou no pacto educativo no dizer do papa: *"Não transformaremos o mundo, se não mudarmos a educação. [...] O pacto educacional que se rompeu significa que tanto a sociedade como a família e as diversas instituições delegam a educação aos agentes da educação, aos docentes que – geralmente mal pagos – carregam nos ombros esta responsabilidade e, se não obtêm bons resultados, são repreendidos. Mas ninguém admoesta as várias instituições, que faltaram ao pacto educativo, delegando-o ao profissionalismo de um professor"* (Discurso ao IV Congresso Mundial de "Scholas Occurrentes", 05/02/15).

A educação está na história e no coração do papa Francisco. Sua concepção pedagógica está associada à sua experiência eclesial. Nela, a visão cristã do ser humano é determinante para a ênfase em alguns aspectos que ele aborda

com frequência e insistência. Este texto elege alguns desses aspectos e os apresenta como horizontes. Eles são claramente perceptíveis no conjunto dos pronunciamentos do Santo Padre. Certamente podem ser desdobrados em outros. Veja:

1. Uma educação aberta à realidade (não autorreferencial).

Desde seu breve discurso na Congregação Geral do Conclave que o elegeu, o papa Francisco insiste em falar da “Igreja em saída”, apontando a missão como remédio contra a introversão eclesial (cf. EG 27). Ora, a missão supõe a decisão de sair da comodidade e ir ao encontro do outro. Ele disse aos universitários: *“Vós sabeis, queridos jovens universitários, que não se pode viver sem olhar para os desafios. [...] Por favor, não olheis para a vida da varanda! Misturai-vos lá, onde estão os desafios...”* (Homilia, Celebração das Vésperas com a participação dos universitários de Roma, 30/11/13). Para Francisco, a escola e a universidade católica não podem isolar-se da realidade. Para serem fiéis à sua identidade cristã, devem, antes de tudo, deixar-se interpelar pelo tempo presente. Os professores devem ser os primeiros nessa tarefa: *“Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade com a mente sempre aberta para aprender! Pois, se um professor não está aberto para aprender, não é um bom professor, e nem sequer é interessante; os*

jovens compreendem, “farejam”, e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, “incompleto”, que procuram “um mais”, e assim contagiam os estudantes com esta atitude” (Discurso aos estudantes e professores das escolas italianas, 10/05/14).

2. Uma educação com as marcas da coerência e do testemunho.

Por diversas vezes, o papa Francisco pontuou a relevância da coerência e do testemunho no processo de educação. Não são elementos secundários nem facultativos, mas imprescindíveis para o êxito da tarefa educativa. O testemunho do educador católico se oferece independentemente da gestão da escola. Trata-se de uma posição pessoal que nasce da convicção de fé e das virtudes cristãs. *“...dentro de uma escola que, prescindindo da sua gestão estatal ou não estatal, tem necessidade de educadores que sejam credíveis e de testemunhas de uma humanidade madura e completa. Testemunho! E isto não se compra, nem se vende: oferece-se”* (Discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores, 14/03/15). Para o educador o testemunho está associado ao fato do longo tempo de permanência na relação pedagógica. Estar junto com o outro é sempre oportunidade de comunicar não somente conteúdos, mas hábitos e valores.

3. Uma educação sem medo de ousar e aberta à utopia.

O papa Francisco sabe que a ousadia/*par-resia* (cf. EG 85, 129, 259) é uma virtude quando se vive sem criatividade, no conformismo e na manutenção do status quo. Sobretudo, quando se dirige aos jovens, ele insiste em falar da importância da ousadia, do entusiasmo e da utopia. O papa utiliza uma imagem bem plástica para associar os sonhos e a utopia com a memória e a tradição: *"O futuro é dos jovens. Mas atenção, jovens com duas qualidades: jovens com asas e jovens com raízes. Jovens com asas para voar, para sonhar e para criar; com raízes para receber dos mais idosos a sabedoria que nos dão. Por isso, se tiverdes asas e raízes, o futuro estará nas vossas mãos. Tem a coragem de ter asas, de sonhar coisas boas, de sonhar um mundo melhor, de protestar contra as guerras. E, por outro lado, de respeitar a sabedoria que recebeste de quem é mais velho do que tu, dos teus pais, dos teus avós, dos anciãos do teu país. O futuro está nas vossas mãos. Aproveitai para o melhorar"* (Videoconferência com estudantes da rede de "Scholas" de cinco continentes, 04/11/15).

Ousadia, entusiasmo, utopia, tudo isso combina com a capacidade de sonhar. Sem perder a perspectiva da objetividade da vida, ele nos convida a sonhar: *"Na objetividade da vida, deve entrar a capacidade de sonhar. E um jovem que não é capaz de sonhar, está encerrado em si mesmo, está fechado em si mesmo"* (Saudação aos

jovens do Centro Cultural Padre Félix Varela, Cuba, 20/09/15).

4. Uma educação que relaciona unidade diversidade-pluralidade.

A tendência à uniformidade e consenso em tudo é muito forte na tradição católica. Há quem veja essas considerações do papa Francisco, aqui destacadas, como até perigosas. A tranquilidade e a serenidade do papa Francisco em lidar com a diversidade e a pluralidade demonstram a maturidade de um homem de fé radicalmente disposto à cultura do encontro. Não pode haver encontro sem disposição de abrir-se ao diferente. A educação católica não pode descuidar dessa dimensão. E há fundamentos para essa atitude: *“De fato, a pluralidade de pensamento e de individualidade reflete a sabedoria multiforme de Deus”* (Homilia, Celebração das Vésperas com a participação dos universitários de Roma, 30/11/13).

5. Uma educação atenta e disponível aos mais frágeis.

Com sua refinada percepção da dura realidade dos pobres e dos mais necessitados, no horizonte de seu desejo de uma Igreja pobre e para os pobres, o papa Francisco não poupa as instituições católicas de ensino do desafio de ir ao encontro dos pobres. Escute: *“Ninguém, ninguém pode ser excluído da possibilidade de receber valores, ninguém! E por isso, eis o primeiro desa-*

fio que vos digo: deixai os lugares onde há muitos educadores e ide às periferias. Procurai ali. Ou pelo menos, deixai metade deles! Procurai lá os necessitados, os pobres. E eles têm uma coisa que os jovens dos bairros mais ricos não possuem – não por culpa deles, mas porque é uma realidade sociológica: têm a experiência da sobrevivência, também da crueldade, da fome, das injustiças. Têm uma humanidade ferida” (Discurso aos participantes do Congresso Mundial de Educação Católica, 21/11/15).

6. Uma educação que transmita conteúdos, hábitos e valores.

Repetidas vezes o papa Francisco apresentou o que ele mesmo chama de “principais pautas da educação”: *“O primeiro critério da educação é a constatação de que educar [...] não consiste apenas em transmitir conhecimentos e conteúdos, mas implica outras dimensões: transmitir conteúdos, hábitos e sentidos dos valores, estes três elementos juntos”* (Discurso à plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, 28/02/14). Quando fala a educadores, ele distingue o aprendizado de conteúdos, possível de ser encontrado no “computador”, do aprendizado de hábitos e de valores que demanda a pessoa do educador. A maturidade humana também é fruto de aprendizado. Não apenas do aprendizado de conteúdos, de hábitos e de valores, mas se associa ao aprendizado de três linguagens, por ele assim consideradas: *“Desejo a todos vós, pais, professores, pessoas que trabalham na*

escola, estudantes, um caminho agradável na escola, uma via que faça crescer as três línguas, que uma pessoa madura deve saber falar: a língua da mente, a língua do coração e a língua das mãos. Mas harmoniosamente, isto é, pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se pensa e o que se faz; e fazer bem o que se pensa e o que se sente. As três línguas, harmoniosas e juntas!" (Discurso aos estudantes e professores das escolas italianas, 10/05/14).

7. Uma educação a partir da relação na proposição do encontro.

Na raiz da fé cristã está a proposição do encontro. O mistério da encarnação é proclamado como o encontro de Deus com a humanidade. Em seu ministério, Jesus vai ao encontro das pessoas, acolhendo aquelas que vinham ao seu encontro. O papa Francisco não se cansa de destacar a cultura do encontro, inclusive como saída para as grandes crises da humanidade. Como na base do encontro está a disposição para a relação com o outro, a educação católica tem de estar atenta para essas atitudes. A própria escola é lugar de encontro e, portanto, de relações interpessoais: *"...a escola é um lugar de encontro. [...] E nós hoje precisamos desta cultura do encontro para nos conhecer, para nos amar, para caminhar juntos"* (Discurso aos estudantes e professores das escolas italianas, 10/05/14). A cultura do encontro se define pela disposição de criar pontes e não levantar barreiras:

"A Universidade é uma fronteira que vos espera, uma periferia na qual acolher e cuidar das pobreza existenciais do homem. A pobreza nas relações, no crescimento humano, tende a encher cabeças sem criar um projeto partilhado de sociedade, um fim comum, uma fraternidade sincera. Tende sempre a preocupação de encontrar o outro, sentir o 'odor' dos homens de hoje, a ponto de ficar impregnados com as suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias. Nunca levanteis barreiras que, para defender a fronteira, impeçam o encontro com o Senhor" (Mensagem aos jovens da Federação Universitária Católica Italiana, 14/10/14).

8. Uma educação para o cuidado com a casa comum.

A publicação da Encíclica *Laudato Si'*, *Sobre o Cuidado da Casa Comum*, evidenciou a urgência e a importância da "educação e espiritualidade ecológicas", tema do sexto capítulo da Encíclica. O apelo profético do papa Francisco por uma educação que refaça a aliança entre a humanidade e o ambiente há de encontrar respostas efetivas nas escolas e universidades católicas. *"A educação ambiental deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo. Além disso, há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado apoiado na compaixão"* (Laudato Si', 210).

9. Uma educação que valoriza a dimensão lúdica.

A dimensão lúdica tem algo de abertura à transcendência. O jogo, o esporte e a dança nos desafiam para buscar sempre mais a perfeição, inatingível, mas é constante apelo. O lúdico e o sadio humor pode diminuir nossa rigidez racional que nos afasta do simples e do gratuito. Assim, por mais de uma vez expressa o papa Francisco: *“É necessário procurar aquilo que funda a pessoa, a sua saúde, a sua capacidade criativa de jogar. O livro da Sabedoria recorda que Deus jogava, a Sapiência de Deus jogava. É necessário voltar a descobrir o jogo como caminho educacional, como expressão educativa. Então, a educação já não é apenas informação, mas criatividade no jogo, aquela dimensão lúdica que nos faz crescer na criatividade e ao mesmo tempo no trabalho”* (Discurso ao IV Congresso Mundial de “Scholas Occurrentes”, 05/02/15).

10. Uma educação para o diálogo e o respeito.

O papa Francisco tem demonstrado sua total disposição ao diálogo. Ele testemunha por essa atitude que a escuta do outro é o primeiro modo de respeito para com o ser humano. A educação católica há de priorizar o diálogo em todas as instâncias e colaborar desta forma para que as sociedades compreendam a serena força da escuta e do diálogo, capaz de fecundar relações respeitosas e fraternas. Uma cultura do

encontro será também uma cultura do diálogo: *"...conhecer outras pessoas e outras culturas nos faz sempre bem, nos faz crescer. E por quê? Porque se nos isolamos em nós mesmos, só teremos o que temos, não poderemos crescer culturalmente; mas se formos ao encontro de outras pessoas, culturas, modos de pensar e religiões, sairemos de nós mesmos e começaremos a aventura tão bonita chamada 'diálogo'".* (Discurso aos estudantes e professores de um colégio japonês em viagem a Roma, 21/08/13).

11. Uma educação que acompanha e ensina a acompanhar.

Acompanhar/acompanhamento é uma noção muito presente no ensino do papa Francisco. Ele recorre ao provérbio africano para explicitar a importância da presença que acompanha: *"Se queres ir depressa, vai sozinho, mas se queres chegar longe, vai acompanhado"* (cf. Saudação aos jovens do Centro Cultural Padre Félix Varela, Cuba, 20/09/15). Na *Evangelii Gaudium* ele comenta sobre "o acompanhamento pessoal dos processos de crescimento" (169-173). Na verdade, pode-se afirmar que educar supõe acompanhar. Quem não acompanha, não educa. *"A educação cristã exige um acompanhamento paciente que sabe esperar os tempos de cada indivíduo, como o Senhor faz com cada um de nós: o Senhor tem paciência conosco!"* (Discurso aos participantes do III Congresso dos Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades, 22/11/14).

12. Uma educação para o verdadeiro, o belo e o bom.

Esse horizonte clássico do verdadeiro, do belo e do bom retorna algumas vezes na palavra do papa Francisco. Sua base metafísica é de grande validade e não se choca com a perspectiva existencial também aberta à verdade, à beleza e à bondade. *“É preciso procurar em cada um de nós, nos nossos povos, a beleza que nos funda, com a nossa arte, com a nossa música, com a nossa pintura, com a nossa escultura, com a nossa literatura. A beleza! É preciso educar para a beleza, porque harmonia significa beleza, e não conseguiremos alcançar a harmonia do sistema educacional, se não tivermos esta percepção da beleza”* (Discurso ao IV Congresso Mundial de “Scholas Occurrentes”, 05/02/15). Recordemos como diversas vezes o papa Francisco cita obras da literatura e do cinema.

Para concluir, uma atitude essencialmente cristã de Francisco é a sua capacidade de incluir sempre o outro. É um traço extraordinário na pessoa do papa Francisco. As palavras a seguir testemunham isso. Observe-se como ele encerrou seu diálogo com os jovens em Cuba: *“E peço que rezeis por mim. E se algum de vós não for crente – e não pode rezar, porque não é crente – que ao menos que me deseje coisas boas”* (Saudação aos jovens do Centro Cultural Padre Félix Varela, Cuba, 20/09/15).

Sim, o projeto educativo de Francisco é um projeto humanista solidário e, por isso

mesmo, é nitidamente um projeto cristão. As escolas e as universidades, especialmente as católicas, podem ter na pessoa de Francisco um grande parceiro na tarefa de transformar a educação.

+ João Justino de Medeiros Silva

Arcebispo Metropolitano de Montes Claros
Presidente da Comissão Episcopal Pastoral
para a Cultura e a Educação

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

PARTE I

DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO AO MUNDO DA EDUCAÇÃO

Educar para o Equilíbrio entre a Zona de Segurança e a Zona de Risco

RESPOSTAS DO SANTO PADRE
FRANCISCO ÀS PERGUNTAS DOS RE-
PRESENTANTES DAS ESCOLAS DOS
JESUÍTAS NA ITÁLIA E NA ALBÂNIA¹

Sala Paulo VI

Sexta-feira, 7 de junho de 2013

Queridos alunos, queridos jovens!

Preparei este discurso para pronunciar a vocês, mas... são cinco páginas! Um pouco chato... Vamos fazer o seguinte: eu farei um breve resumo e, depois, entrego o que está aqui escrito ao padre provincial – também darei ao padre Lombardi – para que todos vocês tenham

¹ Em um encontro com 9 mil representantes das comunidades das Escolas da Companhia de Jesus na Itália e Albânia, o papa Francisco deu vida a um diálogo espontâneo com os jovens, deixando de lado o discurso escrito que foi resumido, respondendo a dez perguntas.

por escrito. Em seguida, é possível que alguns de vocês queiram fazer alguma pergunta e podemos dialogar um pouco. Vocês preferem assim ou não? Sim? Então sigamos por este caminho.

O primeiro assunto deste discurso escrito: na educação dada por nós, jesuítas, o ponto-chave – para o nosso desenvolvimento pessoal – é a magnanimidade. Devemos ser magnânimos, com um coração grande, sem medo. Há que apostar sempre em grandes ideais. Mas magnanimidade também nas pequenas coisas, nas coisas de todos os dias. O coração amplo, o coração grande. É importante encontrar esta magnanimidade com Jesus, na contemplação de Jesus. Jesus é aquele que nos abre as janelas no horizonte. Magnanimidade significa caminhar com Jesus, com o coração atento àquilo que Jesus nos diz. Nesta linha, queria dizer algo aos educadores, aos professores das escolas e aos pais. Educar. Na educação, há um equilíbrio a respeitar, há que equilibrar bem os passos: um passo firme na zona de segurança, mas o outro entrando na área de risco. E quando este risco se torna segurança, o passo seguinte procura outra zona de risco. Não é possível educar permanecendo só na área de segurança: não. Isto é impedir a personalidade de crescer. Mas também não se pode educar apenas na zona de risco: é demasiado perigoso. Importante este equilíbrio dos passos... fixai-o bem.

Chegamos à última página. A vocês, educadores, quero encorajar-vos também a procurar

formas de educação novas, não convencionais, segundo as necessidades dos lugares, dos tempos e das pessoas. Isto é importante na nossa espiritualidade inaciana: avançar sempre “mais”, e não ficar tranquilos nas coisas convencionais. Procurar novas formas de acordo com os lugares, os tempos e as pessoas. Encorajo-vos a fazer isso.

E agora estou pronto a responder a algumas perguntas que queirais fazer: os alunos, os educadores. Estou à vossa disposição. Pedi ao padre provincial que me desse uma mão nisto.

Um aluno: Sou Francisco Bassani, do Instituto Leão XIII. Sou um aluno que – como escrevi na carta dirigida a ti, papa – procura acreditar. Eu procuro... procuro (é verdade!) ser fiel. Mas tenho dificuldades. Às vezes surgem-me dúvidas, penso que isto seja normal na minha idade. Dado que és o papa que, segundo creio, conservarei por mais tempo no coração e na minha vida, porque te encontro na minha fase da adolescência, do crescimento, queria pedir-te qualquer palavra que pudesse me apoiar neste crescimento e apoiar a todos os alunos.

Papa Francisco: Caminhar é uma arte, porque, se caminhamos sempre acelerados, cansamo-nos e não podemos chegar ao fim, ao fim do caminho. Mas, se paramos e não caminhamos, também não chegamos ao fim. A arte de caminhar é precisamente fixar o horizonte, pensando para onde quero ir, mas é também suportar o cansaço do caminho. E, muitas vezes, o caminho é difícil, não é fácil. “Quero permanecer fiel a este

caminho, mas não é fácil. Sabes?! Há a escuridão, há dias de escuridão, e mesmo dias de fracasso e também dias de queda: uma pessoa caiu, caiu". Fixai isto no pensamento: não tendes medo dos fracassos, não tendes medo das quedas. Na arte de caminhar, o que importa não é tanto não cair, como sobretudo não "ficar caído": levantar-se depressa, logo, e continuar caminhando. Isto é bom: esforçar-se todos os dias, eis o que é caminhar humanamente. Mas também é ruim caminhar sozinho, é ruim e chato. Caminhei em comunidade, com os amigos, com aqueles que nos amam: isto ajuda-nos, ajuda-nos precisamente a chegar à meta para onde devemos ir. Não sei se respondi à tua pergunta. Estás de acordo? Não terás medo do caminho? Obrigado.

Uma aluna: Sou Sofia Grattarola do Instituto Maximiano Máximo. Queria perguntar-lhe: quando frequentavas a escola primária como todas as crianças, certamente tinhas amigos; agora, sendo papa, ainda vês esses amigos?

Papa Francisco: Sou papa há dois meses e meio. Os meus amigos estão a 14 horas de avião daqui, estão longe. Mas, quero dizer-te uma coisa: três deles vieram ver-me e saudar-me; vejo-os, escrevem-me, e amo-os muito. Não se pode viver sem amigos: isto é importante, é importante.

Uma menina: Sou Teresa. Francisco, querias ser papa?

Papa Francisco: Tu sabes o que significa uma pessoa perder o amor a si mesma? Se uma pessoa quisesse, tivesse ambição de ser papa,

não se amaria a si mesma. Deus não abençoa isso. Não, eu não queria ser papa. Entendido?

Uma senhora: Santidade, somos Mônica e Antonella do grupo de coral dos Alunos do Céu do Instituto Social de Turim. Tendo sido educadas nas escolas dos jesuítas, muitas vezes fomos convidadas a refletir sobre a espiritualidade de Santo Inácio; queria perguntar-lhe: no momento em que escolheu a vida consagrada, o que é que o levou a ser jesuíta em vez de padre diocesano ou de outra Ordem? Obrigada.

Papa Francisco: Estive hospedado várias vezes no Instituto Social de Turim. Conheço-o bem. O que mais me atraía na Companhia [de Jesus] era a missionariedade. Queria tornar-me missionário; e, quando estudava teologia, escrevi ao Geral, que era o padre Arrupe, pedindo que me mandasse, me enviasse para o Japão ou outro lugar. Mas ele pensou um pouco e disse-me, com muita caridade: “Tu tiveste uma doença no pulmão, que não está bastante bom para um trabalho tão forte”. E fiquei em Buenos Aires... Mas o padre Arrupe foi tão bom, que não me disse: “Tu não és suficientemente santo para te tornares um missionário”. Era bom, tinha caridade. Enfim, o que mais me impediu a tornar-me jesuíta foi a missionariedade: queria partir, ir para as missões anunciar Jesus Cristo. Penso que isto seja precisamente a nossa espiritualidade: partir, sair, sair sempre para anunciar Jesus Cristo, e não ficar de algum modo fechados nas nossas estruturas, muitas vezes estruturas caducas. Foi isto o que me moveu. Obrigado!

Uma senhora: Sou Catarina de Marchis do Instituto Leão XIII e não canso de me perguntar: Por que motivo o senhor, isto é, tu renunciaste a todas as riquezas de um papa, como um apartamento luxuoso ou um automóvel enorme, para, em vez disso, ires habitar num pequeno apartamento situado nas vizinhanças ou tomares o ônibus com os bispos? Por que motivo renunciaste à riqueza?

Papa Francisco: Acho que não é questão apenas de riqueza; a meu ver, trata-se de algo ligado com a minha maneira pessoal de ser, a minha personalidade. A questão está aqui! Eu preciso viver no meio das pessoas e, se tivesse de viver sozinho, provavelmente um pouco isolado, não me faria bem. A mesma pergunta me fez um professor: “Mas porque é que não vais morar para lá?” Respondi: “Pode crer-me, professor: por motivos psiquiátricos”. É a minha personalidade. Aliás, senhora, não se aflija que o apartamento [do Palácio Pontifício] não é muito luxuoso... mas não posso viver sozinho, entende? Além disso, acho que é melhor assim: os nossos dias falam-nos de tanta pobreza no mundo, e isto é um escândalo. A pobreza do mundo é um escândalo. Num mundo onde há tantas, tantas riquezas, tantos recursos para dar de comer a todos, não se pode entender que haja tantas crianças famintas, tantas crianças sem instrução, tantos pobres! Hoje, a pobreza é um grito. Todos nós devemos pensar se podemos tornar-nos um pouco mais pobres: isto mesmo... todos o devemos fazer.

Como posso tornar-me um pouco mais pobre para me assemelhar melhor a Jesus, que era o Mestre pobre? Aqui está o ponto decisivo. Não se trata de um problema de virtude pessoal; é só que não posso viver sozinho. E o mesmo se diga acerca do automóvel: é assim, para não ter tantas coisas e tornar-se um pouco mais pobre.

Um aluno: O meu nome é Eugênio Serafini; sou do Instituto CEI, Centro Educativo Inaciano. Queria fazer-lhe uma pequena pergunta que se refere não ao momento de se tornar papa, mas quando decidiu ser pároco, tornar-se jesuíta: como fez? Não sentiu dificuldade em abandonar ou deixar a família, os amigos?

Papa Francisco: Senti. É sempre difícil, sempre. Para mim, foi difícil. Não é fácil. Há momentos estupendos, e Jesus ajuda-te, dá-te um pouco de alegria. Mas há também momentos difíceis, em que te sentes sozinho, te sentes árido, sem alegria interior. Há momentos escuros, momentos de escuridão interior. Há dificuldades, é verdade! Mas é tão bom seguir Jesus, caminhar pela estrada de Jesus, que tu vês que vale a pena e segues em frente. E depois chegam momentos ainda mais belos. Mas ninguém deve pensar que, na vida, não haja dificuldades. Agora gostaria eu de fazer uma pergunta: Como pensais avançar, com as dificuldades? Não é fácil. Mas devemos ir adiante com coragem e confiança no Senhor. Com o Senhor, pode-se tudo.

Uma jovem: Olá! O meu nome é Frederica Iaccarino e venho do Instituto Pontano de Nápoles.

Gostaria de pedir uma palavra para os jovens de hoje, sobre o futuro dos jovens de hoje, já que a Itália se encontra numa situação de grande dificuldade. Queria pedir uma ajuda para conseguirmos fazê-la melhorar, uma ajuda para nós, para poder guiar estes garotos, e a nós, jovens.

Papa Francisco: Tu dizes que a Itália está num momento difícil. É verdade, há uma crise. Mas eu diria: não só a Itália... todo o mundo, em um momento, se encontrou em crise. A crise! A crise não é uma coisa ruim; é verdade que nos faz sofrer, mas devemos – principalmente vós, jovens – saber ler a crise. O que significa esta crise? O que devo fazer para ajudar a sair da crise? A crise, que estamos vivendo neste momento, é uma crise humana. Dizem: é uma crise econômica, é uma crise de trabalho. Sim, é verdade! Mas porquê? Este problema do trabalho, este problema na economia é consequência do grande problema humano. O que está em crise é o valor da pessoa humana, e nós devemos defender a pessoa humana. Neste momento, recordo... – eu já contei isto três vezes, mas farei uma quarta vez – recordo a história que li uma vez, a história contada por um rabino medieval do ano 1200. Este rabino explicava aos judeus daquele tempo a história da Torre de Babel. Construir a Torre de Babel não era fácil: tinha que ser feito os tijolos. E como se fazem os tijolos? Tinha-se de procurar o barro e a palha, misturá-los e levá-los ao forno: era um trabalhão. Com este trabalho todo, um tijolo tornava-se um verdadeiro tesouro!

Depois havia que levar os tijolos lá para cima, para a construção da Torre de Babel. Se um tijolo caía, era uma tragédia; castigavam o trabalhador que o deixara cair... era uma tragédia! Mas, se porventura caía um homem, não acontecia nada! Esta é a crise que estamos vivendo hoje: esta é a crise da pessoa. Hoje a pessoa não conta; contam os euros, conta o dinheiro. Ora Jesus, Deus deu o mundo, deu toda a criação, não ao dinheiro, mas à pessoa, ao homem e à mulher, para que a fizessem progredir. É uma crise da pessoa... está em crise, porque hoje a pessoa – atenção, isto é verdade – é escrava! E nós temos de nos libertar destas estruturas econômicas e sociais que nos escravizam. Esta é a vossa tarefa.

Uma criança: Olá! Sou Francisco Vin, e venho do Colégio Santo Inácio de Messina. Queria saber se já estiveste na Sicília.

Papa Francisco: Não. Posso dizer de duas formas: não; ou: ainda não.

A criança: Se vieres, te esperamos!

Papa Francisco: Mas te digo uma coisa: conheço um filme muito belo sobre a Sicília; um filme que vi há dez anos e que se chama Kaos, com “k”: Kaos. Trata-se de um filme feito a partir de quatro histórias de Pirandello; é um filme muito lindo. Pude ver todas as belezas da Sicília. Isto é tudo o que conheço da Sicília. Mas é linda!

Um professor: Sou professor de espanhol, porque sou espanhol: sou de San Sebastián. Mas sou professor também de religião, e posso dizer que nós, os mestres, os professores,

o amamos muito. Pode ter certeza. Não falo em nome de ninguém, mas ao ver tantos ex-alunos, muitos deles autoridades, e também nós, adultos, professores, educados pelos jesuítas, interrogo-me sobre o nosso compromisso político, social, na sociedade, como adultos nas escolas jesuítas. Nos dê alguma ideia: como pode hoje o nosso compromisso, o nosso trabalho na Itália, no mundo, ser jesuíta, como pode ser evangélico?

Papa Francisco: Muito bem. Para o cristão, é uma obrigação envolver-se na política. Nós, cristãos, não podemos “dar uma de Pilatos” e lavar as mãos. Não podemos! Devemos envolver-nos na política, pois a política é uma das formas mais altas de caridade, porque busca o bem comum. E os leigos cristãos devem trabalhar na política. E o senhor me dirá: “Não é fácil!” Também não é fácil tornar-se padre. Não há coisas fáceis na vida. Não é fácil; a política está muito suja; e me pergunto: Mas está suja, porquê? Não será porque os cristãos se envolveram na política sem espírito evangélico? Lhe deixo esta pergunta: É fácil dizer que “a culpa é de fulano”... Mas eu, o que faço? É um dever! Trabalhar para o bem comum é um dever do cristão! E, muitas vezes, a opção de trabalho é a política. Há outros caminhos: professor, por exemplo, é outro caminho. Mas a atividade política em prol do bem comum é um dos caminhos. Isto é claro.

Um jovem: Santo Padre, me chamo Tiago. Na realidade, não estou aqui sozinho hoje, mas trago comigo um grande número de alunos que

são da Liga Missionária de Estudantes. É um movimento de algum modo transversal, pelo que, na Liga Missionária de Estudantes, temos um pouco de todos os Colégios. Assim, Santo Padre, em primeiro lugar o nosso agradecimento, o meu e o de todos os alunos que ouvi nestes dias: é que, finalmente, encontramos aquela mensagem de esperança que, antes, nos víamos obrigados a encontrar vagando pelo mundo. Agora, ao ouvi-lo na nossa casa, sentimos algo muito forte em nós. Sobretudo, Santo Padre – permita-me dizer –, esta luz acendeu-se precisamente no ponto onde nós, jovens, começávamos realmente a perder a esperança. Por isso, obrigado, porque nos tocou verdadeiramente no íntimo. A minha pergunta é esta: Santo Padre, nós, como bem sabe pela sua experiência, aprendemos a experimentar, a conviver com vários tipos de pobreza, que é a pobreza material – penso na pobreza da nossa geminação no Quênia – a pobreza espiritual – penso na Romênia, penso nas chagas das vicissitudes políticas, penso no alcoolismo. Nesta linha, Santo Padre, quero perguntar-lhe: como podemos, nós jovens, conviver com esta pobreza? Como devemos comportar-nos?

Papa Francisco: Antes de mais nada, gostaria de dizer uma coisa a todos vocês, jovens: não deixeis que vos roubem a esperança! Por favor, não a deixeis roubar! E quem é que te rouba a esperança? O espírito do mundo, as riquezas, o espírito da vaidade, a soberba, o orgulho. Todas essas coisas roubam-te a esperança.

Onde encontro a esperança? Em Jesus pobre, em Jesus que se fez pobre por nós. Tu falaste de pobreza. A pobreza chama-me a semear esperança, para ter, também eu, mais esperança. Isto pode parecer um pouco difícil de entender, mas recordo que uma vez o padre Arrupe escreveu uma carta aos centros de pesquisa social, aos centros sociais da Companhia. Lá explicava como se deve estudar o problema social. Mas concluía, dizendo a todos nós: “Olhai, não se pode falar de pobreza, sem fazer experiência com os pobres”. Tu falaste da geminação com o Quênia: a experiência com os pobres. Não se pode falar de pobreza, de pobreza abstrata... esta não existe! A pobreza é a carne de Jesus pobre, na criança que tem fome, na pessoa que está doente, nas estruturas sociais que são injustas. Ide, vede nos fundos marginalizados a carne de Jesus; mas não deixeis que vos roube a esperança o bem-estar, o espírito do bem-estar que, no fim, faz de ti um nada na vida! O jovem deve apostar em altos ideais: este é o meu conselho. Mas a esperança, onde a encontro? Na carne de Jesus sofredor e na verdadeira pobreza. As duas estão interligadas. Obrigado.

Agora dou a todos... a vocês, às suas famílias, a todos a bênção do Senhor.

Educar para a Cultura do Diálogo e do Encontro

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS
ESTUDANTES E AOS PROFESSORES
DO COLÉGIO JAPONÊS SEIBU GAKUEN
BUNRI JUNIOR HIGH SCHOOL DE
SAITAMA - TÓQUIO

Pátio de São Dâmaso

Quarta-feira, 21 de agosto de 2013

Bom dia! Vê-se que entendem italiano...

Saúdo-vos! Para mim esta visita é um prazer. Espero que esta viagem vos seja muito fecunda, pois conhecer outras pessoas e outras culturas nos faz sempre bem, nos faz crescer.

E por quê? Porque se nos isolarmos em nós mesmos, só teremos o que temos, não poderemos crescer culturalmente; mas se formos ao encontro de outras pessoas, culturas, modos de pensar e religiões, sairemos de nós e começaremos uma aventura tão bonita chamada “diálogo”.

O diálogo é muito importante para a nossa maturidade, pois no confronto com o outro, com as demais culturas, inclusive no confronto sadio com as outras religiões, nós crescemos: crescemos e amadurecemos.

Sem dúvida, há um perigo: se no diálogo nos fecharmos e ficarmos com raiva, poderemos brigar; é o perigo de brigar, e isto não está bem, porque dialogamos para nos encontrarmos, não para brigar.

E qual é a atitude mais profunda que devemos ter para dialogar e não brigar? A mansidão, a capacidade de encontrar as pessoas, de encontrar as culturas com a paz; a capacidade de fazer perguntas inteligentes: “Mas por que pensas assim? Por que esta cultura é assim?”. Ouvir o próximo e depois falar. Primeiro ouvir, depois falar. Tudo isto é mansidão. Se tu não pensas como eu – sabes... penso de outro modo, não me convences – mas somos amigos da mesma forma; ouvi como tu pensas e tu ouviste como eu penso.

E sabeis algo, algo importante? É este diálogo que faz a paz. Não se pode ter paz sem diálogo. Todas as guerras e lutas, todos os problemas insolúveis, com os quais nos confrontamos, existem devido à falta de diálogo. Quando existe um problema, diálogo: isto leva à paz. É isto que desejo a vocês nesta viagem de diálogo: que saibais dialogar; como pensa esta cultura, como isto é bonito, não gosto disto, mas dialogando. Assim crescemos. Desejo-vos isto, e uma boa viagem em Roma.

Desejo o melhor para vocês, para a sua escola, para as suas famílias. Deus abençoe todos vós. Obrigado!

Ao final do encontro, uma garota, em nome de todos, agradeceu ao papa com estas palavras²:

Estamos felizes por esta oportunidade de nos encontrarmos com o senhor e escutar as suas palavras; de agora em diante colocaremos em prática em nossas vidas o que escutamos. Queríamos também agradecer-lo por nos conceder um pouco do seu valioso tempo.

² Tradução do organizador.

Educar para a Cultura do Discernimento, da Proximidade e da Solidariedade

ENCONTRO COM O MUNDO DA CULTURA

*Aula Magna da Pontifícia Faculdade Teológica da
Sardenha, Cagliari*

Domingo, 22 de setembro de 2013

Queridos amigos, boa tarde!

Dirijo a todos meus sinceros cumprimentos. Agradeço ao padre decano e aos magníficos reitores as suas gentis palavras de acolhimento, e desejo o melhor para o trabalho das três instituições.

Agrada-me ter ouvido que trabalham juntos, como amigos: isto é bom! Agradeço e encorajo a Pontifícia Faculdade Teológica, que nos hospeda, em particular os padres jesuítas, que nela desempenham com generosidade o seu serviço precioso, e todo o corpo acadêmico. A preparação dos candidatos para o sacerdócio permanece um objetivo primário, mas também a formação dos leigos é muito importante.

Não pretendo dar uma lição acadêmica, mesmo se o contexto e vocês, que são um grupo qualificado, talvez o exigissem. Prefiro oferecer algumas reflexões em voz alta que partem da minha experiência de homem e de Pastor da Igreja. E para isto deixo-me guiar por um trecho do Evangelho, fazendo dele uma leitura “existencial”, o dos discípulos de Emaús: dois discípulos de Jesus que, depois da sua morte, vão embora

de Jerusalém e regressam à sua terra. Escolhi três palavras-chave: desilusão, resignação, esperança. Estes dois discípulos levam no coração o sofrimento e a desorientação devido à morte de Jesus, estão desiludidos pelo modo como terminou a situação. Encontramos um sentimento análogo também na nossa atual situação: o desengano, a desilusão, por causa de uma crise econômico-financeira, mas também ecológica, educativa, moral, humana. Trata-se de uma crise que diz respeito ao presente e ao futuro histórico, existencial do homem nesta nossa civilização ocidental, e que depois acaba por afetar o mundo inteiro. E quando digo crise, não penso numa tragédia.

Os chineses, quando querem escrever a palavra “crise”, escrevem-na com dois caracteres: o do perigo e o da oportunidade. Quando falamos de crise, falamos de perigos, mas também de oportunidades. É este o sentido em que eu uso a palavra. Sem dúvida, cada época da história tem em si elementos críticos, mas, pelo menos nos últimos quatro séculos, não se viram tão arrasadas as certezas fundamentais da vida dos seres humanos como na nossa época. Penso na deterioração do ambiente: isto é perigoso, pensemos um pouco futuramente, na guerra da água que há de vir; nos desequilíbrios sociais; no poder terrível das armas – disto falamos tanto, nestes dias; no sistema econômico-financeiro, o qual tem no centro, não o homem, mas o dinheiro, o deus dinheiro; no desenvolvimento e na importância dos meios de informação; com toda a sua

positividade de comunicação, de transporte. É uma mudança que diz respeito ao modo como a humanidade leva adiante a sua existência no mundo.

Face a esta realidade, quais são as reações? Voltemos aos dois discípulos de Emaús: desiludidos pela morte de Jesus, mostram-se resignados e procuram fugir da realidade, deixando Jerusalém. Podemos ver as mesmas atitudes também neste momento histórico. Face à crise pode haver a resignação, o pessimismo em relação a qualquer possibilidade de intervenção eficaz. Num certo sentido é um “afastar-se” da própria dinâmica do atual momento histórico, denunciando os seus aspectos mais negativos com uma mentalidade semelhante àquele movimento espiritual e teológico do século II depois de Cristo chamado “apocalíptico”. Disto nós sentimos a tentação, de pensar em chave apocalíptica. Este conceito pessimista da liberdade humana e dos processos históricos leva a uma espécie de paralisia da inteligência e da vontade.

A desilusão conduz também a uma espécie de fuga, a procurar “ilhas” ou momentos de trégua. Trata-se de algo semelhante à atitude de Pilatos, o “lavar as mãos”. Uma atitude que parece “pragmática”, mas que de fato ignora o grito de justiça, de humanidade e de responsabilidade social e leva ao individualismo, à hipocrisia, ou até a uma espécie de cinismo. Esta é a tentação que temos diante de nós, se formos por este caminho do desengano ou da desilusão.

Neste ponto perguntamos: há um caminho a percorrer nesta nossa situação? Devemos

resignar-nos? Devemos deixar obscurecer a nossa esperança? Devemos fugir da realidade? Devemos “lavar as mãos” e fechar-nos em nós mesmos? Penso não só que há um caminho para percorrer, mas que precisamente o momento histórico que vivemos nos impele a procurar e encontrar caminhos de esperança, que abram horizontes novos à nossa sociedade. E nisto o papel da universidade é precioso. A universidade como lugar de elaboração e transmissão do saber, de formação na “sabedoria” no sentido mais profundo do termo, de educação integral da pessoa. Nesta direção, gostaria de oferecer alguns breves aspectos sobre os quais refletir.

A universidade como lugar de discernimento. É importante ler a realidade, encarando-a. As leituras ideológicas ou parciais não servem, alimentam apenas a ilusão e a desilusão. Ler a realidade, mas viver também esta realidade, sem receios, sem fugas nem catastrofismos. Cada crise, também a atual, é uma passagem, as dores de um parto que requer fadiga, dificuldade, sofrimento, mas que tem em si o horizonte da vida, de uma renovação, traz a força da esperança. E esta não é uma crise de “mudança”: é uma crise de “mudança de época”. É uma época, aquela que muda. Não são mudanças de época superficiais. A crise pode tornar-se um momento de purificação e de reconsideração dos nossos modelos econômico-sociais e de um certo conceito do progresso que alimentou ilusões, para recuperar o humano em todas as suas dimensões. O discernimento não é cego, nem

improvisado: realiza-se com base em critérios éticos e espirituais, exige que se interrogue sobre o que é bom, a referência aos próprios valores de uma visão do homem e do mundo, uma visão da pessoa em todas as suas dimensões, sobretudo espiritual, transcendente; nunca se pode considerar a pessoa como “material humano”! Talvez esta seja a proposta escondida do funcionalismo. A universidade como lugar de “sabedoria” tem uma função muito importante ao formar no discernimento para alimentar a esperança. Quando o viajante desconhecido, que é Jesus Ressuscitado, se aproxima dos dois discípulos de Emaús, tristes e desanimados, não procura esconder a realidade da crucificação, da aparente derrota que causou a sua crise, ao contrário convida-os a ler a realidade a fim de os guiar para a luz da sua Ressurreição: “Ó néscios e tardos de coração... Não devia Cristo sofrer estas coisas para entrar na sua glória?” (Lc 24, 25-26). Fazer discernimento significa não fugir, mas ler a realidade seriamente, sem preconceitos.

Outro elemento: a universidade como lugar no qual se elabora a cultura da proximidade. Esta é uma proposta: cultura da proximidade. O isolamento e o fechamento em si mesmo ou nos próprios interesses nunca são o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim. Cultura do confronto, não; cultura do encontro, sim. A universidade é um lugar privilegiado no qual se promove, se ensina, se vive esta cultura do diálogo, que não

nivela indiscriminadamente diferenças e pluralismos – um dos riscos da globalização é este – nem sequer os leva ao extremo fazendo com que se tornem motivo de confronto, mas abre ao confronto construtivo. Isto significa compreender e valorizar as riquezas do outro, considerando-o, não com indiferença ou receio, mas como fator de crescimento. As dinâmicas que regulam as relações entre pessoas, entre grupos, entre Nações muitas vezes não são de proximidade, de encontro, mas de confronto. Refiro-me mais uma vez ao trecho evangélico. Quando Jesus se aproxima dos dois discípulos de Emaús, partilha o seu caminho, ouve a sua leitura da realidade, a sua desilusão, e dialoga com eles; precisamente deste modo reacende nos seus corações a esperança, abre novos horizontes que já estavam presentes, mas que só o encontro com o Ressuscitado permite reconhecer. Nunca tendeis medo do encontro, do diálogo, do confronto, até entre universidades. A todos os níveis. Aqui estamos na sede da Faculdade Teológica. Permitam-me que eu vos diga: não tendeis receio de vos abrir também aos horizontes da transcendência, ao encontro com Cristo ou de aprofundar a relação com Ele. A fé nunca limita o espaço da razão, mas abre-o a uma visão integral do homem e da realidade, e defende do perigo de reduzir o homem a “material humano”.

Um último elemento: a Universidade como lugar de formação para a solidariedade. A palavra “solidariedade” não pertence só ao vocabulário cristão, é uma palavra fundamental do voca-

bulário humano. Como disse hoje, é uma palavra que nesta crise corre o risco de ser descartada do dicionário. O discernimento da realidade, assumindo o momento de crise, a promoção de uma cultura do encontro e do diálogo, orientam para a solidariedade, como elemento fundamental para uma renovação das nossas sociedades. O encontro, o diálogo entre Jesus e os dois discípulos de Emaús, que reacende a esperança e renova o caminho da sua vida, leva à partilha: reconheceram-no ao partir do pão. É o sinal da Eucaristia, de Deus que se faz tão próximo em Cristo que se torna presença constante, partilha a sua própria vida. E isto diz respeito a todos, também a quem não crê, que é precisamente numa solidariedade não dita, mas vivida, que as relações passam do considerar o outro como “material humano” ou como “número”, a considerá-lo uma pessoa. Não há futuro para nenhum país, para nenhuma sociedade, para o nosso mundo, se não soubermos ser todos mais solidários. Solidariedade, portanto, como modo de fazer a história, como âmbito vital no qual os conflitos, as tensões, até os opostos alcançam uma harmonia que gera vida. Nisto, pensando nesta realidade do encontro na crise, vi nos políticos jovens outra forma de pensar a política. Não digo melhor ou não, mas outra maneira. Falam diversamente, estão procurando... a música deles é diferente da nossa. Não tenhamos medo! Vamos ouvi-los, falemos com eles. Eles têm uma intuição: abramo-nos à sua intuição. É a intuição da vida jovem. Digo os políticos

jovens porque foi o que ouvi, mas os jovens em geral procuram esta chave diversa. Para nos ajudarmos no encontro, será útil ouvir a música destes políticos, “científicos”, pensadores jovens.

Antes de concluir, permitam-me frisar que a nós, cristãos, a própria fé dá uma esperança sólida que estimula a discernir a realidade, a viver a proximidade e a solidariedade, porque o próprio Deus entrou na nossa história, fazendo-se homem em Jesus, imergiu-se nas nossas debilidades, tornando-se próximo de todos, mostrando solidariedade concreta, especialmente aos mais pobres e necessitados, abrindo-nos um horizonte infinito e seguro de esperança.

Queridos amigos, obrigado por este encontro e pela vossa atenção; que a esperança seja a luz que ilumina sempre o vosso estudo e o vosso empenho. E que a coragem seja o tempo musical para ir em frente! Que o Senhor vos abençoe!

Educar para o Desenvolvimento Integral da Pessoa

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NA PLENÁRIA DA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA

Sala Clementina

Quinta-feira, 13 de fevereiro de 2014

Senhores Cardeais,
Venerados Irmãos no Episcopado e
no Sacerdócio,
Amados irmãos e irmãs.

Dirijo especiais boas-vindas aos cardeais e bispos recentemente nomeados membros desta Congregação, e agradeço ao cardeal prefeito as palavras com as quais introduziu este encontro.

Os temas que fazem parte da vossa ordem do dia são exigentes, como a atualização da Constituição Apostólica *Sapientia Christiana*, a consolidação da identidade das universidades católicas e a preparação das celebrações que serão recordadas em 2015, ou seja, o cinquentenário da Declaração conciliar *Gravissimum Educationis* e o vigésimo quinto aniversário da Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae*. A educação católica é um dos desafios mais importantes da Igreja, hoje comprometida na promoção da nova evangelização num contexto histórico e cultural em transformação constante.

Nesta perspectiva, gostaria de chamar a vossa atenção para três aspectos.

O primeiro diz respeito ao valor do diálogo na educação. Recentemente, desenvolvestes o tema da educação para o diálogo intercultural na escola católica, com a publicação de um documento específico. Com efeito, as escolas e as universidades católicas são frequentadas por numerosos estudantes não cristãos, ou até não crentes. Os institutos de educação católicos oferecem a todos uma proposta educacional que visa o desenvolvimento integral da pessoa e que corresponde ao direito de todos, de acessar o saber e o conhecimento. Mas são igualmente chamadas a oferecer a todos – no pleno respeito pela liberdade de cada um e dos métodos próprios do ambiente escolar – a proposta cristã, ou seja, Jesus Cristo como sentido da vida, do cosmos e da história.

Jesus começou a anunciar a boa nova na “Galileia das nações”, encruzilhada de populações diferentes por raça, cultura e religião. Sob alguns pontos de vista, este contexto parece-se com o mundo contemporâneo. As profundas transformações que levaram à propagação cada vez mais vasta de sociedades multiculturais exigem dos que trabalham no campo escolar e universitário, o compromisso em itinerários educativos de confronto e de diálogo, com uma fidelidade intrépida e inovadora, que saiba levar a identidade católica ao encontro das diversas “almas” da sociedade multicultural. Penso com

apreço a contribuição oferecida pelos Institutos religiosos e pelas demais instituições eclesiais com a fundação e a gestão de escolas católicas em contextos de acentuado pluralismo cultural e religioso.

O segundo aspecto refere-se à preparação qualificada dos formadores. Não se pode improvisar. Devemos ser sérios! No encontro que tive com os superiores-gerais salientei que hoje a educação é dirigida a uma geração em fase de mudança e que, portanto, cada educador – e a Igreja inteira, como Mãe educadora – é chamado a “mudar”, no sentido de saber se comunicar com os jovens que estão à sua frente.

Gostaria de me limitar a evocar os lineamentos da figura do educador e da sua tarefa específica. Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que comecemos a andar com paciência, juntamente com os jovens. Nas escolas católicas, o educador deve ser, antes de tudo, muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens têm necessidade de qualidade do ensino e igualmente de valores, não apenas enunciados, mas testemunhados. A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se consegue fazer crescer, não se pode educar sem coerência: coerência e testemunho.

Por isso, o próprio educador tem necessidade de uma formação permanente. Portanto, é preciso investir a fim de que professores e dirigentes possam manter o seu profissionalismo e também a sua fé e a força das suas motivações espirituais. E, ainda nesta formação permanente, tomo a liberdade de sugerir a necessidade de retiros e de exercícios espirituais para os educadores. É preciso promover cursos sobre esta temática, mas também é necessário fazer cursos de exercícios espirituais e retiros para rezar, pois a coerência é um esforço, mas principalmente uma dádiva e uma graça. E devemos pedi-la!

O último aspecto refere-se às instituições de estudo, ou seja, às escolas e universidades católicas e eclesiais. O cinquentenário da Declaração conciliar, o vigésimo quinto aniversário da *Ex corde Ecclesiae* e a atualização da *Sapientia Christiana* impelem-nos a meditar seriamente sobre as numerosas instituições de formação espalhadas pelo mundo inteiro e sobre a sua responsabilidade de manifestar uma presença viva do Evangelho nos campos da educação, da ciência e da cultura. É necessário que as instituições acadêmicas católicas não se isolem do mundo, mas saibam entrar intrepidamente no areópago das culturas contemporâneas e estabelecer um diálogo, conscientes do dom que podem oferecer a todos.

Caríssimos, o terreno da educação é um grande canteiro aberto, no qual a Igreja está sempre presente mediante as suas instituições

e os seus programas. Hoje é necessário incentivar ulteriormente este compromisso a todos os níveis, renovando a tarefa de todos os protagonistas envolvidos, na perspectiva da nova evangelização. Neste horizonte, lhes agradeço todo o trabalho que levam a cabo e ao mesmo tempo invoco, por intercessão da Virgem Maria, a assistência constante do Espírito Santo sobre vós e as vossas iniciativas. Peço-lhes, por favor, que rezeis por mim e pelo meu ministério, enquanto vos abençoo de coração. Obrigado!

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

Educar para Aprender a Aprender

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS ESTUDANTES E PROFESSORES DAS ESCOLAS ITALIANAS

Praça de São Pedro

Sábado, 10 de maio de 2014

Queridos amigos, boa tarde!

Antes de tudo agradeço-lhes, porque realizaram uma coisa muito agradável! Este encontro é muito agradável: um grande encontro da escola italiana, toda a escola: crianças e adultos; professores, pessoal não docente, alunos e pais; estatal e não estatal... Agradeço ao cardeal Bagnasco, ao Ministro Giannini, e a todos os que colaboraram; e estes testemunhos, deveras belos, importantes. Ouvi tantas coisas lindas, que me fizeram bem! Vê-se que esta manifestação não é “contra”, é “por”! Não é um lamento, é uma festa! Uma festa para a escola. Sabemos bem que há problemas e coisas que não correm bem, sabes. Mas vocês estão aqui, nós estamos aqui porque amamos a escola. E digo “nós” porque eu amo a escola, eu amei a escola como aluno, como estudante e como professor. E depois como bispo. Na Diocese de Buenos Aires encontrei-me muitas vezes com o mundo da escola, e hoje agradeço-lhes por ter preparado este encontro, que não é de Roma, mas de toda a Itália. Por isto lhes agradeço muito. Obrigado.

Por que amo a escola? Vou provar dizendo. Tenho uma imagem. Ouvi aqui que não se cresce sozinho e que há sempre um olhar que te ajuda a crescer. E tenho a imagem da minha primeira professora, aquela mulher, aquela mestra, que me admitiu com seis anos, no primeiro ano de escola. Nunca me esqueci dela. Ela fez com que eu amasse a escola. E depois fui visitá-la durante toda a sua vida até ao momento em que faleceu, com 98 anos. E esta imagem me faz bem! Amo a escola, porque aquela mulher me ensinou a amá-la. Este é o primeiro motivo pelo qual eu amo a escola.

Amo a escola porque é sinónimo de abertura à realidade. Pelo menos assim deveria ser! Mas nem sempre o consegue ser, e então significa que é preciso mudar um pouco a organização. Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E nós não temos direito a recear da realidade! A escola nos ensina a compreender a realidade. Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E isto é muito agradável! Nos primeiros anos aprende-se a 360 graus, em seguida devagarinho aprofunda-se uma área e por fim especializa-se. Mas se se aprende a aprender – é este o segredo, aprender a aprender! – isto permanece para sempre, torna-se uma pessoa aberta à realidade! Ensina isto também um grande educador italiano, que era um sacerdote: padre Lorenzo Milani.

Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade – ouvi os testemunhos dos vossos professores; gostei de os ouvir tão abertos à realidade – com a mente sempre aberta para aprender! Pois, se um professor não está aberto para aprender, não é um bom professor, e nem sequer é interessante; os jovens compreendem, “farejam”, e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, “incompleto”, que procuram “algo mais”, e assim contagiam os estudantes com esta atitude. Eis um dos motivos pelos quais eu amo a escola.

Outro motivo é que a escola é um lugar de encontro. Porque todos nós estamos a caminho, iniciando um processo, empreendendo um caminho. E ouvi que a escola – hoje todos o ouvimos – não é um estacionamento. É um lugar de encontro no caminho. Encontram-se os colegas; encontram-se os professores; encontra-se o pessoal assistente. Os pais encontram os professores; o presidente encontra as famílias, etc. É um lugar de encontro. E nós hoje precisamos desta cultura do encontro para nos conhecer, para nos amar, para caminhar juntos. E isto é fundamental precisamente na idade do crescimento, como um complemento da família. A família é o primeiro núcleo de relações: as relações com o pai e com a mãe e com os irmãos é a base, e acompanha-nos sempre na vida. Mas na escola nós “socializamos”: encontramos pessoas diferentes de nós, diversas por idade, cultura,

origem, capacidade. A escola é a primeira sociedade que integra a família. A família e a escola nunca devem estar contrapostas! São complementares e, por conseguinte, é importante que colaborem, no respeito recíproco. E as famílias dos jovens de uma turma podem fazer muito colaborando entre si e com os professores!

Isto faz pensar em um provérbio africano muito bonito: “Para educar um filho é necessário uma aldeia”. Para educar um jovem é necessário muita gente: família, professores da escola básica, pessoal não docente, professores, todos! Gostam deste provérbio africano? Gostam? Digamos juntos: para educar um filho é necessário uma aldeia! Juntos! Para educar um filho é necessário uma aldeia! Reflitam sobre isto. E, além disso, amo a escola porque nos educa para o verdadeiro, para o bem e o belo. Os três caminham juntos. A educação não pode ser neutra. Ou é positiva ou é negativa; ou enriquece ou empobrece; ou faz crescer a pessoa ou a deprime, pode até corrompê-la. E na educação é tão importante o que ouvimos também hoje: é sempre melhor uma derrota limpa do que uma vitória suja! Recordai-vos disto! Isto é positivo para a nossa vida. Digamos juntos: é sempre melhor uma derrota limpa do que uma vitória suja. Todos juntos! É sempre melhor uma derrota limpa do que uma vitória suja!

A missão da escola é desenvolver o sentido do verdadeiro, o sentido do bem e o sentido do belo. E isto acontece através de um caminho

rico, feito de tantos “ingredientes”. Eis por que há tantas disciplinas! Porque o desenvolvimento é fruto de diversos elementos que agem juntos e estimulam a inteligência, a consciência, a afetividade, o corpo, etc. Por exemplo, se estudo esta praça, a praça de São Pedro, aprendo coisas de arquitetura, de história, de religião, também de astronomia – o obelisco recorda o sol, mas poucos sabem que esta praça é também um grande meridiano.

Deste modo, cultivamos em nós o verdadeiro, o bem e o belo; e aprendemos que estas três dimensões nunca estão separadas, mas sempre enlaçadas. Se uma coisa é verdadeira, é boa e bela; se é bela, é boa e é verdadeira; e se é boa, é verdadeira e bela. E juntos, estes elementos, nos fazem crescer e nos ajudam a amar a vida, até quando estamos mal, até no meio de problemas. A verdadeira educação nos faz amar a vida, e nos abre para a plenitude da vida!

E finalmente gostaria de lhes dizer que na escola não só aprendemos conhecimentos, conteúdos, mas aprendemos também hábitos, valores. Educa-se para conhecer muitas coisas, ou seja, muitos conteúdos importantes, para ter determinados hábitos e até para assumir os valores. E isto é muito importante. Desejo a todos vocês, pais, professores, pessoas que trabalham na escola, estudantes, um caminho agradável na escola, uma via que faça crescer as três línguas, que uma pessoa madura deve saber falar: a língua da mente, a língua do coração e a língua

das mãos. Mas harmoniosamente, isto é, pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se pensa e o que se faz; e fazer bem o que se pensa e o que se sente. As três línguas, harmoniosas e juntas! Mais uma vez, obrigado aos organizadores deste dia e a todos vocês que viestes aqui. E por favor... por favor, não nos deixemos roubar o amor à escola! Obrigado!

Educar para Recompôr o Pacto Educativo

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES DO ENCONTRO MUNDIAL DOS DIRECTORES DE "SCHOLAS OCCURRENTES"

Sala do Sínodo

Quinta-feira, 4 de setembro de 2014

Sinto-me como uma pessoa à qual disseram: "Diga algo". E então diz: "Bem, vou improvisar". E fala o que tinha preparado.

São os pontos sobre os quais mais ou menos queria falar, aos quais acrescento o que vi aqui.

Em primeiro lugar, obrigado. A sua presença aqui é algo raro. Já disse ao Presidente da Pontifícia Academia, D. Sánchez Sorondo, que está criando movimento. É algo raro para a atividade, o trabalho, a intensidade, as pessoas que vão e voltam, para a criatividade do protocolo... no contexto deste III Dia da Rede Mundial de Scholas Occurrentes. Então, a ideia é o encontro. Aquela cultura do encontro, que é o desafio. Hoje ninguém duvida mais que o mundo esteja em guerra. E ninguém duvida, naturalmente, que o mundo esteja em desacordo. Portanto, é necessário propor de qualquer forma uma cultura do encontro.

Uma cultura da integração, do encontro, das pontes. Concordam? E este trabalho são

vocês que estão fazendo. Agradeço à Pontifícia Academia das Ciências e ao D. Marcelo Sánchez Sorondo ter tornado isso possível. Muitas pessoas participaram. Já sei que estes dois quando se unem constituem um perigo. Eles movem tudo. Mas recordo um provérbio africano: “Para educar um filho é necessário uma aldeia”. Para educar uma pessoa é preciso tudo isto.

Não podemos deixar os jovens sozinhos, por favor! Já faz parte da nossa linguagem falar de “meninos de rua”. “Os meninos de rua”, como se uma criança pudesse estar sozinha, excluída de tudo que é contexto cultural, de tudo que é contexto familiar. Sim, existem a família, a escola, a cultura, mas a criança está sozinha. Por quê? Porque o pacto educativo foi quebrado.

Uma vez, na quarta série, faltei respeito à professora e ela mandou chamar a minha mãe. Ela chegou, eu fiquei na sala, a professora saiu. Depois me chamaram, e a minha mãe, muito tranquila – eu temia o pior – me disse: “tu fizeste isto, isso e aquilo? Disseste isto à professora?” “Sim” respondi. “Peça-lhe desculpas”. E obrigou-me a pedir-lhe desculpas à sua frente. Eu estava feliz. Tinha sido fácil. Porém, houve o segundo ato, quando cheguei em casa! Hoje em dia, pelo menos em muitas escolas do meu país, uma professora escreve uma nota no caderno de um jovem e no dia seguinte o pai ou a mãe a denunciam. Quebrou-se o pacto educativo. Já não estão todos juntos para o jovem. E assim falamos também da sociedade. Ou seja, recompor o pacto educativo,

recompor aquela aldeia para educar as crianças. Não podemos deixá-las sozinhas, não podemos deixá-las pelas ruas, sem tutela, à mercê do mundo, no qual prevalece o culto do dinheiro, da violência e do descartável. Insisto muito sobre este tema, mas é evidente que se impôs a cultura do descartável. O que não serve joga-se fora. Descartam-se os jovens porque não os educamos ou não queremos educá-los. As taxas de natalidade de algumas nações desenvolvidas são assustadoras. Descartam-se os idosos – e recordai-vos daquilo que eu disse sobre as crianças e os idosos no futuro – porque se impôs este sistema de eutanásia escondida. Ou seja, as obras sociais garantem até a um certo ponto, depois podes até morrer.

Descartam os jovens, os idosos e agora existe um novo descarte, uma geração inteira de jovens sem trabalho nos países desenvolvidos. Fala-se de 75 milhões de jovens nos países desenvolvidos, com menos de 25 anos, sem trabalho. Descarta-se uma geração de jovens. Tudo isto obriga-nos a sair, a não deixar os jovens sozinhos, pelo menos isso. É este o nosso trabalho.

As crianças e os idosos são certamente as pessoas mais vulneráveis nesta cultura em que predomina o descartável, mas também os jovens. Eles também foram atingidos, para manter um sistema onde no centro já não está a pessoa humana, mas o dinheiro. Para este fim, é muito importante fortalecer os laços: vínculos sociais, familiares e pessoais. Todos, mas sobretudo as

crianças e os jovens, precisam de um contexto adequado, de um habitat realmente humano, onde se verifiquem as condições para o seu desenvolvimento pessoal harmonioso e para a sua inserção no habitat maior da sociedade. Portanto, é muito importante o compromisso para criar uma “rede” ampla e laços fortes realmente humanos, que apoie as crianças, que as abra de forma serena e confiante à realidade, que seja um autêntico lugar de encontro, em que o verdadeiro, o bom e o belo possam encontrar uma justa harmonia. Se a criança não possuir tudo isso, fica-lhes só o caminho da delinquência e das dependências. Encorajo-vos a continuar trabalhando para criar esta aldeia humana, cada vez mais humana, que ofereça às crianças um presente de paz e um futuro de esperança.

Vejo em vocês, neste momento, o rosto dos numerosos meninos e jovens que guardo no coração, porque sei que são material de descarte, e pelos quais vale a pena trabalhar incansavelmente. Obrigado por aquilo que fazem a favor desta iniciativa, onde também os vínculos entre vocês devem prevalecer para não dar origem a lutas internas: “não, isso é meu”, “aqui eu que ponho as mãos”, “este é o meu setor”. Não, não, não. Isso significa que criarei vínculos de unidade se eu for capaz de sustentá-los no âmbito de uma iniciativa em que cada um renuncie à vontade de comandar e faça crescer a vontade de servir. Peço-lhes que rezeis por mim, porque preciso. E que Deus lhes abençoe.

Educar para Conquistar Harmonia

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO POR OCASIÃO DO IV CONGRESSO MUNDIAL DE "SCHOLAS OCCURRENTES"

Sala do Sínodo

Quinta-feira, 5 de fevereiro de 2015

Mensagem do papa Francisco para as crianças

Em todos vocês existe um cofre, uma caixa, e dentro dela há um tesouro. A sua tarefa consiste em abrir a caixa, tirar o tesouro para fazê-lo crescer, oferecer aos outros e receber também o tesouro dos demais. Cada um de vocês tem um tesouro dentro de si. Se o conservardes fechado, permanece hermético; se o compartilhardes com os outros, o tesouro se multiplicará com os tesouros dos outros.

O que vos quero dizer é que não devem esconder o tesouro que cada um de vocês possui. Às vezes ele encontra-se imediatamente; por vezes é necessário proceder como no jogo da caça ao tesouro, porque não o encontramos imediatamente. Mas uma vez que o encontrardes, compartilhai-o! Porque ao compartilhá-lo recebereis também do outro e multiplicá-lo-eis. É isto que vos quero dizer, crianças! Ide em frente! Aquilo que vós fazeis onde vos encontrais

ajuda-nos também todos a compreender que a vida é um bonito tesouro, mas que somente tem sentido se a doarmos. Obrigado!

Discurso conclusivo do Santo Padre

Antes de tudo, agradeço-vos o esforço que fizestes para participar neste quarto Congresso. Estou grato pelas contribuições, que nascem da experiência.

Algo que me preocupa muito é alcançar a harmonia, que não significa simplesmente ceder a compromissos, acordos e entendimentos parciais. De certa forma, a harmonia quer dizer criar compreensão das diferenças, aceitá-las, valorizá-las e permitir que elas entrem em sintonia, que não se fragmentem.

A mensagem da Lumsa que ouvimos recordava uma frase minha: “Não transformaremos o mundo se não mudarmos a educação”. E há algo de totalmente desarmonioso. Eu pensava que isto só acontecesse na América Latina ou em alguns países da América Latina, que eu conhecia melhor. Mas acontece no mundo inteiro. É o pacto educacional, um pacto educativo que se cria entre a família, a escola, a pátria, a cultura. Rompeu-se profundamente e já não se consegue consertar. O pacto educacional que se rompeu significa que tanto a sociedade como a família e as diversas instituições delegam a educação aos agentes da educação, aos docentes que

– geralmente mal pagos – carregam nos seus ombros esta responsabilidade e, se não obtêm bons resultados, são repreendidos. Mas ninguém re-crimina as várias instituições, que faltaram ao pacto educativo, delegando-o ao profissionalismo de um professor. Quero prestar homenagem aos docentes, porque se encontraram com esta batata quente nas mãos e tiveram a coragem de ir em frente.

De certa forma, Scholas deseja integrar de novo o esforço de todos em prol da educação, quer reconstituir de maneira harmoniosa o pacto educacional, porque só assim, se todos nós responsáveis pela educação dos nossos adolescentes e jovens, estivermos em sintonia, a educação poderá mudar. Por isso, Scholas promove a cultura, o esporte e a ciência; é por este motivo que Scholas procura pontes, sai do “pequeno” e vai procurá-los mais distante. Hoje esta interação, este conhecimento está presente em todos os continentes. No entanto, Scholas procura também harmonizar a própria educação da pessoa do adolescente, do jovem, do estudante. Não se limita apenas a buscar informação, a linguagem da cabeça. Não é suficiente!

Scholas deseja harmonizar a linguagem da cabeça com a linguagem do coração e das mãos. Que uma pessoa, uma criança, um jovem pense no que sente e faz; que sinta aquilo em que pensa e o que faz; que faça o que sente e aquilo em que pensa. Harmonia na mesma pessoa, no educando, e sintonia universal, de modo que todos

nós assumamos o pacto da educação e, agindo deste modo, consigamos sair desta crise da civilização em que vivemos, dando o passo que a própria civilização exige de nós.

Cada país em que Scholas está presente deve procurar na tradição que lhe é própria – na sua tradição histórica, popular – os elementos de fundação e quais são os elementos que, culturalmente, fundam a sua pátria. E, começando a partir daquilo que deu sentido à pátria, à nação, encontrar a universalidade que harmoniza. Por exemplo, a cultura italiana não pode renegar Dante como elemento de fundação. A cultura argentina, que eu conheço, não pode renegar o Martín Fierro, que é o nosso poema de fundação. E gostaria de perguntar, mas não o farei, quantos argentinos aqui presentes estudaram, leram, meditaram Martín Fierro. Voltar às realidades culturais que nos deram um sentido, que nos transmitiram a primeira unidade da cultura nacional dos povos. Cada país deve recuperar o que lhe é próprio para o compartilhar com os outros e harmonizar aquilo que é maior: é nisto que consiste a educação para a cultura.

Além disso, é necessário procurar aquilo que funda a pessoa, a sua saúde, a sua capacidade lúdica, a sua capacidade criativa de jogar. O Livro da Sabedoria recorda que Deus jogava, a sabedoria de Deus jogava. É necessário voltar a descobrir o jogo como caminho educacional, como expressão educativa. Então, a educação já não é apenas informação, mas criatividade no

jogo, aquela dimensão lúdica que nos faz crescer na criatividade e no trabalho em equipe.

Finalmente, é preciso procurar em cada um de nós, nos nossos povos, a beleza que nos funda, com a nossa arte, com a nossa música, com a nossa pintura, com a nossa escultura, com a nossa literatura. A beleza! É preciso educar para a beleza, porque harmonia significa beleza, e não conseguiremos alcançar a harmonia do sistema educacional, se não tivermos esta percepção da beleza.

Estou grato por tudo aquilo que levais a cabo e pelo modo como enfrentais este desafio, que é criativo: criativo no pacto da educação – criá-lo de novo, porque deste modo voltamos a criar a educação – criativo da harmonia entre as três formas de linguagem da pessoa: das mãos, do coração e da mente; criativo na dimensão lúdica da pessoa, aquele modo saudável de perder tempo no trabalho conjunto do jogo; criativo na beleza, que já pudemos encontrar nos fundamentos da identidade nacional, todos juntos. É nisto que consiste o desafio. Quem inventou isto? Não se sabe, mas existe. Há problemas? Tantos, e muitos ainda devem ser resolvidos na organização de tudo isto. Somos tentados? Sim! Cada obra que tem início é tentada; tentada a parar, a corromper-se, a desviar-se. Por isso, são necessários o trabalho conjunto e a vigilância da parte de todos, a fim de que esta centelha que surgiu continue a propagar-se num fogo que ajude a reconstruir, a harmonizar o

pacto da educação. Quem ganha em tudo isto são os jovens.

Por conseguinte, agradeço-lhes aquilo que levais a cabo em vista do futuro, porque dizer “jovens” significa dizer “futuro”.

Obrigado!

Educar nas Relações de Acolhida e Benevolência

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
À UNIÃO CATÓLICA ITALIANA DE
PRO-FESSORES, DIRIGENTES, EDU-
CADORES E FORMADORES [UCIIM]

Sala Paulo VI

Sábado, 14 de março de 2015

Prezados colegas!

Permiti-me chamar-vos assim, porque também fui professor, como vós, e conservo uma bonita recordação dos dias passados nas salas de aula com os estudantes. Dirijo meus sinceros cumprimentos e agradeço ao presidente as suas simpáticas palavras.

Ensinar é um trabalho muito bonito. É uma pena que os professores sejam mal pagos. Porque não se trata apenas do tempo que dedicam à escola; além disso, devem preparar-se, devem pensar em cada um dos seus alunos: como se pode ajudá-los a ir em frente? É uma injustiça.

Penso no meu país, que eu conheço: coitados, para receber um salário mais ou menos suficiente, devem fazer dois turnos! Mas como acaba um professor, depois de dois turnos de trabalho? Trata-se de um trabalho mal pago, mas muito bonito, porque permite ver crescer cada dia as pessoas confiadas aos nossos

cuidados. É um pouco como ser pais, pelo menos espiritualmente.

Mas é também uma grande responsabilidade!

Ensinar é um compromisso sério, que somente uma personalidade madura e equilibrada pode assumir. Um compromisso deste tipo pode incutir temor, mas é necessário recordar que um professor nunca está sozinho: compartilha sempre o seu próprio trabalho com os demais colegas e com toda a comunidade educacional à qual pertence.

A vossa associação completou 70 anos de vida: é uma bonita idade! É justo festejar, mas também se pode começar a fazer o balanço de uma vida. Quando vocês nasceram, em 1944, a Itália ainda estava em guerra. Desde então percorreu-se um longo caminho! Também a escola percorreu um longo caminho. E a escola italiana progrediu inclusive graças à contribuição de sua associação, que foi fundada pelo professor Gesualdo Nosengo, um professor de religião que sentiu a necessidade de reunir os professores das escolas secundárias de então, que se reconheciam na fé católica e que, com esta inspiração, trabalhavam no mundo da escola.

Durante estes anos, vós contribuístes para fazer crescer o país, contribuístes para reformar a escola, contribuístes principalmente para educar gerações inteiras de jovens. Em 70 anos, a Itália transformou-se, a escola mudou, mas há sempre professores dispostos a comprometer-se

na sua profissão com aquele entusiasmo e aquela disponibilidade que a fé no Senhor nos confere. Como Jesus nos ensinou, toda a Lei e os Profetas resumem-se em dois mandamentos: ama o Senhor teu Deus, e ama o teu próximo (cf. Mt 22, 34-40). Podemos nos perguntar: quem é o “próximo” para o professor? O “próximo” são os estudantes! É com eles que transcorre os seus dias. São eles que esperam a sua guia, orientações, respostas – e, antes ainda, boas perguntas!

Entre as tarefas do UCIIM não deve faltar aquela de iluminar e motivar uma ideia de escola justa, por vezes ofuscada por debates e posições restritivas. Sem dúvida, a escola é feita de uma educação válida e qualificada, mas também de relacionamentos humanos que, da nossa parte, são relações de acolhimento e de benevolência, que devemos reservar a todos indistintamente.

Aliás, o dever de um bom professor – sobretudo de um professor cristão – consiste em amar com maior intensidade os seus alunos mais difíceis, mais frágeis, mais desfavorecidos. Jesus diria: se amais apenas aqueles que estudam, que são bem-educados, que mérito tendes? E alguns deles fazem perder a paciência, mas são precisamente aqueles que nós devemos amar em maior medida! Qualquer professor está bem com estes estudantes. Peço-vos que ameis mais os alunos “difíceis”, aqueles que não querem estudar, aqueles que se encontram em condições de dificuldade, os portadores de deficiência e os

estrangeiros, que hoje constituem um grande desafio para a escola.

Se hoje uma associação profissional de professores cristãos quer testemunhar a inspiração que lhe é própria, está chamada a comprometer-se nas periferias da escola, que não podem ser abandonadas à marginalização, à ignorância, à criminalidade. Numa sociedade que tem dificuldade de encontrar pontos de referência, é necessário que os jovens encontrem na escola uma referência positiva. E ela só pode sê-lo ou tornar-se tal, se no interior houver professores capazes de dar um sentido à escola, ao estudo e à cultura, sem reduzir tudo unicamente à transmissão de conhecimentos técnicos, mas apostando na construção de uma relação educativa com cada um dos estudantes, que deve sentir-se acolhido e amado por aquilo que é, com todos os seus limites e as suas potencialidades. Neste sentido, a vossa tarefa é mais necessária do que nunca. E vós deveis ensinar tanto os conteúdos de uma determinada matéria, como os valores e os hábitos de vida. São estes os três pontos que vós deveis transmitir. Para aprender os conteúdos é suficiente o computador, mas para entender como se ama, compreender quais são os valores e os hábitos que criam harmonia na sociedade, é necessário um bom professor.

A comunidade cristã dispõe de numerosos exemplos de grandes educadores, que se dedicaram a preencher as lacunas da formação

escolar ou, por sua vez, a fundar escolas. Pensemos, entre outros, em São João Bosco, cujo bicentenário de nascimento se celebra precisamente este ano. Aos seus sacerdotes, ele aconselhava: educai com amor! A primeira atitude de um educador é o amor. É nestas figuras que também vós, professores cristãos, podeis inspirar-vos para animar, a partir de dentro, uma escola que, prescindindo da sua gestão estatal ou não estatal, tem necessidade de educadores que sejam credíveis e de testemunhas de uma humanidade madura e completa. Testemunho! E isto não se compra, nem se vende: oferece-se.

Como associação, permaneceis por natureza abertos ao futuro, porque há sempre novas gerações de jovens às quais transmitir o patrimônio de conhecimentos e de valores. No plano profissional, é importante atualizar as próprias competências didáticas, inclusive à luz das novas tecnologias, mas o ensino não consiste unicamente num trabalho: o ensino é um relacionamento em que cada professor deve sentir-se inteiramente comprometido como pessoa, para dar sentido à tarefa educacional em relação aos seus alunos. A vossa presença aqui hoje constitui a prova de que tendes as motivações das quais a escola precisa.

Encorajo-vos a renovar a vossa paixão pelo homem – não se pode ensinar sem paixão! – no seu processo de formação, e a ser testemunhas de vida e de esperança. Nunca, nunca fecheis as

portas; ao contrário, escancarai-as todas, a fim de que os estudantes tenham esperança!

Peço-vos também, por favor, que oreis por mim, enquanto convido todos vocês a rezar a Nossa Senhora, para lhe pedir a Bênção.

Educar para Cultivar e Cuidar

ENCONTRO COM O MUNDO DA ESCOLA E UNIVERSIDADE DISCURSO DO SANTO PADRE

*Pontifícia Universidade Católica do Equador, Quito
Terça-feira, 7 de julho de 2015*

Amados Irmãos no Episcopado,
Senhor reitor,
Distintas autoridades,
Queridos professores e alunos,
Amigos e amigas!

Sinto grande alegria por estar convosco, nesta tarde, na Pontifícia Universidade do Equador que, há quase 70 anos, cumpre e atualiza a fecunda missão educativa da Igreja a serviço dos homens e mulheres da nação. Agradeço as amáveis palavras com que me receberam e transmitiram as preocupações e as esperanças que vos surgem ao enfrentar o desafio, pessoal e social, da educação. Contudo, vejo que há umas nuvens escuras lá no horizonte, espero que não venha uma tempestade, mas que seja só uma leve garoa.

No Evangelho, acabamos de ouvir como Jesus, o Mestre, ensinava a multidão e o pequeno grupo dos discípulos, adaptando-se à sua capacidade de compreensão. Fazia-o com parábolas, como a do semeador (Lc 8, 4-15). O Senhor sempre foi “plástico” no modo de ensinar, de forma que todos pudessem entender. Jesus não procura

“doutorear”; pelo contrário, quer chegar ao coração do homem, à sua inteligência, à sua vida e para que esta dê fruto.

A parábola do semeador fala-nos de cultivar. Mostra-nos os tipos de terra, os tipos de semente, os tipos de fruto e a relação que se gera entre eles. E, já desde o Gênesis, Deus sussurra ao homem este convite: cultivar e cuidar. Não se limita a conceder-lhe a vida; dá-lhe a terra, a criação. Não só lhe dá uma companheira e infinitas possibilidades; mas faz-lhe também um convite, dá-lhe uma missão. Convida-o a participar na sua obra criadora, dizendo: cultiva! Dou-te as sementes, dou-te a terra, a água, o sol; dou-te as tuas mãos e as dos teus irmãos. Aqui o tens; também é teu. É um presente, é um dom, é uma oferta. Não é algo adquirido, não é algo comprado; mas antecede-nos e ficará depois de nós.

É um presente dado por Deus para, juntamente com Ele, podermos fazê-lo nosso. Deus não quer uma criação para Si, para se ver a Si mesmo. Muito pelo contrário! A criação é um dom para ser partilhado. É o espaço que Deus nos dá, para construir conosco, para construir um “nós”. O mundo, a história, o tempo é o lugar onde vamos construindo esse “nós” com Deus, o “nós” com os outros, o “nós” com a terra. A nossa vida sempre esconde este convite, um convite mais ou menos consciente que sempre permanece.

Mas notemos uma peculiaridade. Na narração do Gênesis, ao lado da palavra “cultivar”, aparece imediatamente outra: cuidar. Uma explica-se

a partir da outra. Andam de mãos dadas. Não cultiva quem não cuida, e não cuida quem não cultiva. Somos convidados não só a participar na obra criadora cultivando-a, fazendo-a crescer, desenvolvendo-a, mas também a cuidá-la, protegê-la, guardá-la. Hoje, este convite é imposto à força. Já não como uma mera recomendação, mas como uma necessidade devido ao “mal que provocamos [à terra] por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. (...) Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados que há hoje em dia no mundo, conta-se a nossa terra oprimida e devastada” (Laudato Si’, 2).

Existe uma relação entre a nossa vida e a da nossa mãe terra; entre a nossa existência e o dom que Deus nos deu. “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social” (LS 48). Ora, tal como dizemos que “se degradam”, assim também podemos dizer que “se apoiam e podem transfigurar”. É uma relação que encerra uma possibilidade tanto de abertura, transformação e vida, como de destruição e morte.

Uma coisa é clara! Não podemos continuar a desinteressar-nos pela nossa realidade, pelos nossos irmãos, pela nossa mãe terra. Não nos é

lícito ignorar o que está acontecendo ao nosso redor, como se determinadas situações não existissem ou não tivessem nada a ver com a nossa realidade. Não nos é lícito – mais ainda – não é humano entrar no jogo da cultura do descarte. Não para de ecoar, com força, esta pergunta de Deus a Caim: “Onde está o teu irmão?” Eu me interrogo se a nossa resposta continuará a ser: “Sou, porventura, guarda de meu irmão?” (Gn 4, 9).

Eu moro em Roma. No inverno, faz frio. Pode acontecer que, bem pertinho do Vaticano, apareça um idoso, pela manhã, que morreu por causa do frio. Não é notícia em nenhum dos jornais, em nenhum relato. Um pobre morre por causa do frio e da fome e isso não é notícia, mas se as bolsas das principais capitais do mundo caem dois ou três pontos arma-se um grande escândalo mundial. Eu me pergunto: onde está o teu irmão? E peço-vos que vos façais outra vez, cada um, essa pergunta, e que o façais à universidade: A ti, Universidade Católica, onde está o teu irmão?

Neste contexto universitário, seria bom interrogarmo-nos sobre a nossa educação a respeito desta terra que clama ao céu. Os nossos centros educativos são uma sementeira, uma possibilidade, terra fértil para cuidar, estimular e proteger. Terra fértil, sedenta de vida. Convosco, educadores, eu me interrogo: velais pelos vossos alunos, ajudando-os a desenvolver um espírito crítico, um espírito livre, capaz de cuidar do mundo atual? Um espírito que seja capaz de procurar

novas respostas para os múltiplos desafios que a sociedade coloca hoje à humanidade? Sois capazes de os estimular para não se desinteressarem da realidade que os rodeia, não se desinteressarem daquilo que está acontecendo ao redor? Sois capazes de os estimular nisso? Para tal, é preciso tirar-lhes da sala de aula, a sua mente tem que sair da sala de aula, seu coração tem que sair da sala de aula. Como entra, nos currículos universitários ou nas diferentes áreas do trabalho educativo, a vida que nos rodeia com as suas perguntas, suas interpelações, suas controvérsias? Como geramos e acompanhamos o debate construtivo que nasce do diálogo em prol de um mundo mais humano? O diálogo, esta palavra-ponte, esta palavra que cria pontes.

E há uma reflexão que envolve a todos nós, famílias, centros educativos, professores: como ajudamos os nossos jovens a não olhar um grau universitário como sinônimo de maior posição, sinônimo de mais dinheiro ou maior prestígio social? Não são sinônimos. Ajudamos a ver esta preparação como sinal de maior responsabilidade perante os problemas de hoje, perante o cuidado do mais pobre, perante o cuidado do meio ambiente?

E vós, queridos jovens que estais aqui, presente e futuro do Equador, sois os que tendes que fazer bagunça. Convosco, que sois semente de transformação desta sociedade, gostaria de me interrogar: sabeis que este tempo de estudo não é só um direito, mas também um privilégio

que tendes? Quantos amigos, conhecidos ou desconhecidos, queriam ter um lugar nesta casa, mas, por várias circunstâncias, não conseguiram? Em que medida o nosso estudo nos ajuda e nos leva a ser solidários com eles? Fazei a vós mesmos essas perguntas, queridos jovens.

As comunidades educativas têm um papel fundamental, um papel essencial na construção da cidadania e da cultura. Cuidado, não basta realizar análises, descrições da realidade; é necessário gerar as áreas, espaços de verdadeira pesquisa, debates que gerem alternativas para as problemáticas especialmente de hoje. É necessário ir ao concreto! Perante a globalização do paradigma tecnocrático que tende a “crer que toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso, aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, de força vital, de plenitude de valores, como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia” (LS 105), hoje a vós, a mim, a todos, é-nos pedido, com urgência, que nos animemos a pensar, a debater sobre a nossa situação atual. Digo urgência de que nos animemos a pensar sobre qual cultura, sobre o tipo de cultura que queremos ou pretendemos não só para nós, mas também para os nossos filhos e nossos netos. Esta terra, recebemo-la como herança, como um dom, como um presente. Far-nos-á bem interrogarmo-nos: como queremos deixá-la? Qual é a orientação, o sentido que queremos

dar à existência? Com que finalidade passamos por este mundo? Para que lutamos e trabalhamos? (LS 160). Para que estudamos?

As iniciativas individuais são sempre boas e fundamentais, mas nos é pedido para dar um passo mais: animar-nos a olhar a realidade organicamente e não de forma fragmentária; a fazer perguntas que envolvam a todos, uma vez que “tudo está interligado” (LS 138). Não existe direito à exclusão. Como universidade, como centros educativos, como professores e estudantes, a vida desafia-nos a responder a estas duas perguntas: para que esta terra precisa de nós? Onde está o teu irmão? Que o Espírito Santo nos inspire e acompanhe, pois foi Ele que nos convocou, convidou, deu a oportunidade e, por sua vez, a responsabilidade de dar o melhor de nós mesmos. Oferece-nos a força e a luz de que precisamos. É o mesmo Espírito que, no primeiro dia da criação, pairava sobre as águas com a vontade de transformar, de dar vida. É o mesmo Espírito que deu aos discípulos a força do Pentecostes. É o mesmo Espírito que não nos abandona, fazendo-se um conosco para encontrarmos caminhos de vida nova. Seja Ele o nosso companheiro e nosso mestre de viagem! Muito obrigado.

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

Educar é Construir uma Grande Família

VISITA AO COLÉGIO NOSSA
SENHORA RAINHA DOS ANJOS
E ENCONTRO COM CRIANÇAS E
FAMÍLIAS DE IMIGRANTES

Discurso Do Santo Padre

Harlem, Nova Iorque

Sexta-feira, 25 de setembro de 2015

Queridos Irmãos e Irmãs, boa tarde!

Estou contente por estar aqui convosco, juntamente com toda esta grande família que vos acompanha. Vejo os vossos professores e educadores, os pais e outros familiares. Obrigado pela recepção! E peço desculpa, especialmente aos professores, porque “roubo” qualquer minuto à aula... Estais todos contentes, já sei.

Explicaram-me que uma das características bonitas desta escola e deste trabalho é alguns alunos, alguns de vós, virem de outros lugares, e muitos de outros países. E isso é bom. Embora eu saiba que nem sempre seja fácil ter de deslocar-se e encontrar uma nova casa, encontrar novos vizinhos e amigos; não é fácil, mas é preciso começar. A princípio pode ser um pouco cansativo. Muitas vezes acontece ter de aprender uma nova língua, adaptar-se a uma nova cultura, um novo clima. Quanta coisa é preciso aprender! E não falo só dos deveres da escola, mas tantas coisas.

O lado belo é que encontramos também novos amigos. E isto é muito importante: os novos amigos que encontramos. Encontramos pessoas que nos abrem as portas e mostram a sua ternura, a sua amizade, a sua compreensão, e procuram ajudar-nos para que não nos sintamos estranhos, estrangeiros. É todo um trabalho de pessoas que nos vai ajudando a nos sentirmos em casa. E ainda que, às vezes, a imaginação volte para a nossa pátria, encontramos boas pessoas que nos ajudam a nos sentirmos em casa. Como é belo poder sentir a escola, os lugares de reunião, como uma segunda casa. E isso é importante não só para vós, mas também para as vossas famílias. Desta forma, a escola torna-se uma grande família para todos, onde juntamente com as nossas mães, pais, avós, educadores, professores e companheiros aprendemos a ajudar-nos, a partilhar o que há de bom em cada um, a dar o melhor de nós mesmos, a trabalhar em grupo, a jogar em grupo, o que é tão importante, e a perseverar nos nossos objetivos. Muito perto daqui há uma rua muito importante com o nome de uma pessoa que fez muito bem pelos outros e que quero recordar convosco. Refiro-me ao Pastor Martin Luther King. Um dia disse ele: “Tenho um sonho”. E sonhou que muitas crianças, muitas pessoas haveriam de ter igualdade de oportunidades. Sonhou que muitas crianças como vós haveriam de ter acesso à educação. E sonhou que muitos homens e mulheres, como vós, pudessem ter a cabeça bem erguida, com a

dignidade de quem pode vencer na vida. É bom ter sonhos e é bom poder lutar pelos sonhos. Não vos esqueçais. Hoje queremos continuar a sonhar, e alegramo-nos por todas as oportunidades que permitam – tanto a vós como a nós, adultos – não perder a esperança num mundo melhor e com maiores possibilidades. E muitas pessoas a quem saudei e que me foram apresentadas também sonham como vós, sonham com isto. E por isso se comprometeram com este trabalho. Comprometeram-se com a vossa vida para acompanhar-vos neste caminho. Todos sonhamos. Sempre. Soube que um dos sonhos dos vossos pais, dos vossos educadores e de todos os que vos ajudam – e também do cardeal Dolan, que é muito bom! – é que possais crescer e viver com alegria. Aqui vê-se que estais sorridentes: continuai assim e ajudai contagiar com a alegria todas as pessoas que tendes perto. Nem sempre é fácil. Em todas as casas há problemas, situações difíceis, doenças, mas não deixeis de sonhar com que possais viver com alegria.

Todos vós que estais aqui, adultos e crianças, tendes o direito de sonhar, e muito me alegro por poderdes encontrar, seja na escola, seja aqui, nos vossos amigos, nos vossos professores, em todos os que se aproximam para ajudar, o apoio necessário para o fazer. Onde há sonhos, onde há alegria, aí sempre está Jesus. Sempre. Por outro lado, quem é aquele que semeia tristeza, que semeia desconfiança, que semeia inveja, que semeia maus desejos? Como

se chama? O diabo. O diabo sempre semeia tristezas, porque não nos quer alegres, não nos quer sonhando.

Onde há alegria, aí sempre está Jesus. Porque Jesus é alegria, e quer ajudar-nos para que esta alegria dure todos os dias. Antes de vos deixar, gostaria de vos dar um “homework”, está bem? É um pedido simples, mas muito importante: não vos esqueçais de rezar por mim, para que eu possa partilhar com muitas pessoas a alegria de Jesus. E rezemos também para que muitos possam gozar desta alegria que tendes vós quando vos sentis acompanhados, ajudados, aconselhados, mesmo que existam problemas. Mas há essa paz no coração de que Jesus nunca abandona. Que Deus vos abençoe a todos e a cada um de vós e que Nossa Senhora vos cuide! Obrigado.

E não sabem cantar alguma coisa? Não sabem cantar? Vejamos, quem é o mais “cara-de-pau”?

[canto]

Obrigado. Muito obrigado.

Então, todos juntos... Uma canção e depois rezamos juntos o Pai-Nosso.

[canto]

Pai-Nosso...

Abençoe-vos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo. [Amém]. E rezeis por mim. *“Don’t forget the homework”.*

Educar Hoje e Amanhã: Uma Paixão que se Renova

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO MUNDIAL PROMOVIDO PELA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA COM O TEMA: "EDUCAR HOJE E AMANHÃ. UMA PAIXÃO QUE SE RENOVA"

Sala Paulo VI

Sábado, 21 de novembro de 2015

Prof. Roberto Zappalà, dirigente escolar do Instituto Gonzaga de Milão: As instituições educativas católicas estão presentes numa grande diversidade de nações e contextos: nações mais ricas, nações em vias de desenvolvimento, nas cidades, nas zonas rurais, nações de maioria católica e em países nos quais o catolicismo, ao contrário, é minoria. Nesta grande variedade de situações, o que, na sua opinião, faz com que uma instituição seja deveras cristã?

Papa Francisco: Também nós cristãos somos minoria. E vem-me à mente o que disse um grande pensador: "Educar é introduzir na totalidade da verdade". Não se pode falar de educação católica sem falar de humanidade, porque a identidade católica é precisamente Deus que se fez homem. Ir em frente nas atitudes, nos valores humanos, plenos, abre a porta à semente cristã. Depois vem a fé. Educar de maneira cristã

não é só fazer uma catequese: esta é uma parte. Não é só fazer proselitismo – nunca façais proselitismo nas escolas, nunca! Educar de maneira cristã é conduzir os jovens, as crianças nos valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é a transcendência. Hoje há a tendência a um neopositivismo, ou seja, a educar para as coisas imanentes, para o valor das coisas imanentes, e isto tanto nos países de tradição cristã como nos países de tradição pagã. O que não significa introduzir os jovens, as crianças na realidade total: falta a transcendência. Para mim, a maior crise da educação, na perspectiva cristã, é este fechamento à transcendência. Somos fechados à transcendência. É preciso preparar os corações para que o Senhor se manifeste, mas na totalidade; ou seja, na totalidade da humanidade que tem também esta dimensão de transcendência. Educar humanamente, mas com horizontes abertos. Nenhum tipo de fechamento beneficia a educação.

Frei Juan Antonio Ojeda, professor da Universidade de Málaga: Santo Padre, nos seus discursos, Vossa Santidade faz referência à ruptura dos vínculos entre a escola, a família e as outras instituições da sociedade. Vossa Santidade convida-nos com frequência também a promover e a viver pessoalmente uma cultura do encontro. O que isso significa para as pessoas envolvidas na promoção da educação?

Papa Francisco: É verdade que não se romperam só os vínculos educativos, mas a educação

tornou-se também demasiado seletiva e elitista. Parece que só os povos e as pessoas com um certo nível ou capacidade têm direito à educação; mas sem dúvida nem todas as crianças e jovens têm direito à educação. Esta é uma realidade mundial que nos envergonha. É uma realidade que nos leva a uma seletividade humana, e que em vez de aproximar os povos, afasta-os; afasta também os ricos dos pobres; afasta uma cultura da outra... Mas isto acontece também em nosso âmbito: o pacto educativo entre a família e a escola se quebrou! Deve-se recomeçar. Também o pacto educativo entre a família e o Estado está quebrado. A não ser que haja um Estado ideológico que queira aproveitar a educação para promover sua ideologia, como aquelas ditaduras que vimos no século passado. E isso é ruim. Entre os trabalhadores mais mal pagos encontram-se os educadores: o que isso significa? Significa simplesmente que o Estado não tem interesse. Se tivesse, a situação não estaria assim. O pacto educativo se quebrou. E aqui devemos intervir, procurar novos caminhos.

O testemunho do padre, você... [dirige-se diretamente a frei Juan] falou: procurar fazer o que fez dom Bosco. Dom Bosco, na época da pior maçonaria do Norte da Itália, procurou uma “educação de emergência”. E hoje é necessário uma “educação de emergência”, é preciso apostar na “educação informal”, porque a educação formal se empobreceu por causa da herança do positivismo. Concebe apenas um tecnicismo

intelectualista e a linguagem da mente. E por isso empobreceu-se. É preciso interromper este esquema. E há experiências como a arte, o esporte... A arte e o esporte educam! É preciso abrir-se a novos horizontes, criar novos modelos... Há tantas experiências: conhecestes a que vós apresentastes, “Scholas Occurrentes”, que procura precisamente abrir horizontes a uma educação que não se limite apenas a inculcar conceitos. Há três linguagens: a da mente, a do coração e a das mãos. A educação deve mover-se nestes três caminhos. Ensinar a pensar, ajudar a ouvir bem e acompanhar no fazer, ou seja, que as três linguagens estejam em harmonia; que a criança, o jovem, pense aquilo que sente e faz, sinta aquilo que pensa e faz, e faça aquilo que pensa e sente. E deste modo, a educação torna-se inclusiva porque todos têm um lugar; inclusive também humanamente. O pacto educativo foi interrompido devido ao fenómeno da exclusão. Encontramos os melhores, os mais seletivos – quer sejam os mais inteligentes, quer os que têm mais dinheiro para pagar a escola ou a melhor universidade – e deixamos de lado os demais. O mundo não pode ir em frente com uma educação seletiva, porque não há um pacto social que iguale todos. E este é um desafio: procurar caminhos de educação informal. O da arte, do esporte, muitos... Um grande educador brasileiro – há brasileiros aqui? – um dos vossos dizia que na escola – na escola formal – se devia evitar cair apenas num ensino de conceitos. A verdadeira

escola deve ensinar conceitos, hábitos e valores; e quando uma escola não é capaz de fazer isto, esta escola é seletiva, exclusiva e para poucos.

Acredito que a situação de um pacto educacional quebrado, como a de hoje, é grave. Porque leva a selecionar “super-homens”, mas unicamente com o critério da mente e do interesse. Por detrás disto há sempre o fantasma do dinheiro – sempre! – que arruina a verdadeira humanidade. Um aspecto que ajuda é uma certa e sadia informalidade respeitosa; e isso é bom na educação. Porque confunde-se formalidade com rigidez. E volto à primeira pergunta: onde há rigidez não há humanismo, e onde não há humanismo, Cristo não pode entrar! As portas estão-lhe fechadas! O drama do fechamento começa nas raízes da rigidez.

E o povo quer outra coisa, e quando digo “povo” digo “pessoas”, todos nós, as famílias... Querem convivência, diálogo – o cardeal Versaldi frisou este aspecto: querem diálogo. Mas quando o pacto educativo está quebrado e há rigidez, não há lugar para o diálogo: eu tenho uma ideia, tu tens outra e não há lugar para uma universalidade e uma fraternidade. Nas duas experiências que eu fiz aqui, no Vaticano, falando, pondo-me em contato com estudantes dos cinco continentes – foi organizado por “Scholas Occurrentes” – vi a necessidade de unidade; e hoje o projeto que é oferecido é precisamente o projeto da separação, não da unidade. Também da seletividade. “O que isso significa para os agentes comprometidos

na promoção da educação?": assim terminava a pergunta. Significa arriscar. Um educador que não sabe arriscar, não serve para educar. Um pai e uma mãe que não sabem arriscar, não educam bem o filho. Arriscar de modo razoável. O que isso significa? Ensinar a caminhar. Quando tu ensinas uma criança a caminhar, ensinas-lhe que uma perna deve estar firme no chão, e com a outra procurar ir em frente. Então, se ele escorregar, consegue se defender. Educar é isto. Tu estás seguro neste lugar, mas isto não é definitivo. Deves dar outro passo. Talvez escorregues, mas te levantas, e vais em frente... O verdadeiro educador deve ser um mestre do risco, mas de risco razoável, é claro, como procurei explicar agora. Não sei, penso que respondi à pergunta...

Irmã Pina del Core, presidente da Faculdade de Ciências da Educação Auxilium de Roma: Santo Padre, que desafios se apresentam aos educadores no tempo da "terceira guerra mundial aos pedaços", a fim de não nos fecharmos em nós mesmos, mas ser e tornar-nos pacientes construtores da paz? Que encorajamento pretende oferecer a todos os educadores que se dedicam com paixão a uma missão tão delicada?

Papa Francisco: Antes de tudo, gostaria de dar um testemunho em relação ao que a Madre Geral da Congregação de Jesus e Maria acabou de dizer. Quando eu era reitor da Universidade, a minha secretária era uma irmã daquela Congregação – ainda vive, a madre Asunción, velhinha – mas esta irmã fazia o trabalho de

secretária na universidade, e depois, de tarde, comia algo, e de carro ia à periferia, porque era diretora de uma escola de pobres. A secretária de uma universidade, da faculdade de teologia, ia ao encontro dos pobres. Tantas congregações como esta nunca perderam tal ideia. Talvez em alguns momentos tenham frisado mais o trabalho entre as elites da cidade, mas têm a vocação para ir às periferias, onde nasceram... E quantas fundadoras e fundadores de congregações religiosas nasceram para ajudar as jovens, ou quantos fundadores para ajudar os jovens de rua, os jovens pobres! Falei de dom Bosco... E coincidiu que a madre estivesse aqui, e gostaria de agradecer publicamente à sua Congregação e a todas as congregações, masculinas e femininas, que nunca esqueceram as ruas de periferia!

Alguém pode dizer: “Porém, nós temos que formar dirigentes! Nós temos que formar pessoas que pensem, que façam... Isto é verdade, deve ser feito. Mas quando fui ao Paraguai, a uma escola de periferia os jovens tinham feito um encontro de alguns dias; não diria jovens de rua, mas de periferia, pobres, sem o essencial; e estes jovens, rapazes e moças entre 14 e 16 anos, escolheram falar sobre alguns temas, alguns temas fortes. E eu ouvi o debate entre eles, e as suas conclusões sobre um dos temas: a gravidez de adolescentes. E pensei: como podem eles, que vivem nestas condições, nas margens de um rio que vai e vem [muitas vezes transborda], que têm pouco para comer, pensar assim?

Porque tiveram um método e um educador, ou uma educadora que os guiava pela mão. Ninguém, ninguém pode ser excluído da possibilidade de receber valores, ninguém! E por isso, eis o primeiro desafio que vos digo: deixai os lugares onde há muitos educadores e ide às periferias. Procurai ali. Ou pelo menos, deixai metade deles! Procurai lá os necessitados, os pobres. E eles têm uma coisa que os jovens dos bairros mais ricos não possuem – não por culpa deles, mas porque é uma realidade sociológica: têm a experiência da sobrevivência, também da crueldade, da fome, das injustiças. Têm uma humanidade ferida. E penso que a nossa salvação vem das feridas de um homem ferido na cruz.

Daquelas feridas, eles obtêm sabedoria, se houver um bom educador que os leve em frente. Não se trata de ir lá fazer beneficência, ensinar a ler, dar de comer... não! Isto é necessário, mas é provisório. É o primeiro passo. O desafio – e eu vos encorajo – é ir lá para os fazer crescer em humanidade, em inteligência, em valores, em hábitos, para que possam ir em frente e levar aos outros experiências que não conhecem. Nesta mesma sala, há quinze dias – penso – recebemos, como hoje, 7.000 ciganos, de toda a Europa. E a apresentação foi feita por um que cresceu num bairro cigano e agora é um parlamentar eslovaco. E pode levar uma experiência diversa aos que não conhecem as periferias.

E as realidades compreendem-se melhor a partir das periferias que do centro, porque no

centro se está sempre protegido, no centro se é sempre defendido... Pacto educativo quebrado, seletividade, exclusão, herança de um positivismo seletivo: devem-se resolver estas coisas. E ir em frente, ir em frente com este desafio. A uma congregação de irmãs com uma vocação especial na Argentina, para o Sul da Argentina, para a Patagônia, eu disse: “Por favor, fechar metade dos colégios da capital, de Buenos Aires, e enviai para lá as irmãs, para aquela periferia da pátria”; porque de lá virão as novas contribuições, os novos valores, e virão também as pessoas capazes de renovar o mundo. Ir à periferia. Mas pretendo frisar isto: ir à periferia não é só fazer beneficência. Na educação, é guiar pelo caminho até onde podem.

Outro aspecto, porque na pergunta a irmã questionava sobre “os desafios que se abrem aos educadores no tempo da ‘terceira guerra mundial aos pedaços’”. Qual é a maior tentação das guerras, neste momento? Os muros. Defender-se, os muros. O maior fracasso que um educador pode ter é educar “dentro dos muros”. Educar dentro dos muros de uma cultura seletiva, muros de uma cultura de segurança, muros de uma camada social abastada e que não avança.

Desejo terminar convidando, precisamente sobre esta questão, os educadores e as educadoras a reconsiderar – é uma tarefa para fazer em casa, em comunidade! – as obras de misericórdia, as 14 obras de misericórdia; reconsiderar como as pôr em prática na educação. Eu não vos

pediria para levantar a mão aqueles que as conhecem bem, de cor, não. Mas refleti: neste ano da misericórdia, misericórdia é apenas dar esmola? Como posso eu fazer obras de misericórdia na educação? Ou seja, são as obras do amor do Pai; a primeira palavra proferida pelo cardeal Versaldi: as obras do Amor. Como posso fazer para que este Amor do Pai, que é ressaltado especialmente neste Ano da Misericórdia, chegue às nossas obras educativas? E agradeço-vos tanto, educadores e educadoras – mal pagos – agradeço-vos o que fazeis. Devemos educar de novo tantas civilizações.

Muito obrigado pelo vosso trabalho.

Educar a Partir dos Mais Autênticos Valores Humanos e Cristãos

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO À ASSOCIAÇÃO DE PAIS DAS ESCOLAS CATÓLICAS (AGESC)

Sala Clementina

Sábado, 5 de dezembro de 2015

Estimados irmãos e irmãs,

É com prazer que dou as boas-vindas a todos vós, representantes da Associação de Pais das Escolas Católicas, na celebração do quadragésimo aniversário da vossa fundação. Estais aqui não apenas para vos confirmardes no vosso caminho de fé, mas também para manifestar a verdade do compromisso que vos distingue: o compromisso, livremente assumido, de ser educadores segundo o Coração de Deus e da Igreja.

Recentemente houve um importante congresso mundial, organizado pela Congregação para a Educação Católica. Naquela circunstância, pus em evidência a importância de promover uma educação para a plenitude da humanidade, porque falar de educação católica equivale a falar do humano, de humanismo. Exortei a uma educação inclusiva, uma educação que reserve lugar a todos, e não escolha de maneira elitista os destinatários de sua missão.

É o mesmo desafio que hoje se apresenta também a vós. A vossa Associação põe-se a serviço da escola e da família, contribuindo para

a delicada tarefa de lançar pontes entre escola e território, entre escola e família, entre escola e instituições civis. É preciso restabelecer o pacto educativo, porque o pacto educativo se arruinou, porque o pacto educativo se rompeu e devemos recuperá-lo. Lançar pontes: não há desafio mais nobre! Construir a união onde progride a divisão, gerar harmonia quando parece predominar a lógica da exclusão e da marginalização.

Como associação eclesial, vós hauris do coração da própria Igreja a abundância da misericórdia, que faz do vosso trabalho um serviço cotidiano a favor do próximo. Como pais, sois depositários do dever e do direito primário e irrenunciável de educar os filhos, contribuindo neste sentido de maneira positiva e constante para a missão da escola. Tendes o direito de exigir uma educação conveniente para os vossos filhos, uma educação integral e aberta aos valores humanos e cristãos mais autênticos. No entanto, deveis também fazer com que a escola permaneça à altura da tarefa educacional que lhe foi confiada, de modo particular quando a educação que ela propõe se expressa como “católica”. Rezo ao Senhor a fim de que a escola católica nunca dê por certo o significado deste adjetivo! De fato, ser educador católico faz a diferença.

Então, devemos interrogar-nos: quais são os requisitos pelos quais uma escola possa definir-se verdadeiramente católica? Este pode ser um bom trabalho para realizar na vossa associação. Sem dúvida, vós já o fizestes e ainda o fazeis; mas os resultados nunca são alcançados de uma vez

para sempre. Por exemplo: sabemos que a escola católica deve transmitir uma cultura integral, não ideológica. Mas o que significa isto concretamente? Ou então, estamos convencidos de que a escola católica é chamada a favorecer a harmonia das diversidades? Como se pode realizar isto de modo concreto? Trata-se de um desafio nada fácil. Graças a Deus, na Itália e no mundo existem muitas experiências positivas que se podem conhecer e compartilhar.

No encontro que teve convosco em junho de 1998, São João Paulo II confirmou a importância da “ponte” que deve existir entre escola e sociedade. Nunca vos esqueçais da exigência de construir uma comunidade educadora em que, juntamente com os professores, com os vários agentes e com os estudantes, também vós, pais, possais ser protagonistas do processo educacional.

Não permaneçais fora do mundo, mas vivos, como o fermento na massa. O convite que vos dirijo é simples, mas audaz: sabeis fazer a diferença com a qualidade da formação. Sabeis encontrar modos e vias para não serdes ignorados nos bastidores da sociedade e da cultura. Não despertando clamores, nem com programas cheios de retórica. Sabeis distinguir-vos pela vossa atenção constante à pessoa, de maneira especial aos últimos, a quantos foram descartados, rejeitados e esquecidos. Sabeis fazer-vos notar não pela “fachada”, mas por uma coerência educativa arraigada na visão cristã do homem e da sociedade.

Num momento em que a crise da economia se faz sentir de maneira grave também nas

escolas particulares, muitas das quais são obrigadas a fechar, a tentação dos “números” apresenta-se com maior insistência e, juntamente com ela, o desânimo. Mas apesar de tudo, vos repito: a diferença faz-se com a qualidade da vossa presença, e não com a quantidade de recursos que é possível utilizar. A qualidade da vossa presença para construir pontes. E apreciei o fato de que o senhor presidente, falando da escola, tenha recordado as crianças, os pais e também os avós.

Porque os avós têm algo para oferecer! Não descartéis os avós, que constituem a memória viva do povo! Nunca sacrifiqueis os valores humanos e cristãos dos quais sois testemunhas na família, na escola e na sociedade. Oferecei generosamente a vossa contribuição para que a escola católica jamais se torne um “expediente”, nem uma alternativa insignificante entre as várias instituições formativas. Colaborai a fim de que a educação católica tenha o semblante daquele novo humanismo, que foi posto em evidência durante o congresso eclesial de Florença. Esforçai-vos para que as escolas católicas sejam verdadeiramente abertas a todos. O Senhor Jesus, que na Sagrada Família de Nazaré crescia em idade, sabedoria e graça (cf. Lc 2, 52), acompanhe os vossos passos e abençoe o vosso compromisso diário.

Obrigado por este encontro, obrigado pelo vosso trabalho e pelo vosso testemunho. Garanto-vos que me recordo de vós nas minhas preces. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!

Educar a Partir das Bem-aventuranças e Mateus 25

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO AO XXIV CONGRESSO INTERAMERICANO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA

São Paulo, (Brasil)

13 a 15 de janeiro de 2016

Quero fazer uma saudação aos docentes da América, reunidos nesta linda terra brasileira, organizada pela Confederação Interamericana de Educação Católica. Agradeço o que fazem pela educação; é provavelmente um dos maiores desafios. Vocês sabem que o pacto educacional está quebrado.

Vocês sabem que a educação em um mundo cujo centro da organização mundial não está o homem, mas sim o medo, em um mundo assim, a educação está se tornando cada vez mais elitista, eu até diria, nominalista, no sentido de dar conteúdos de noções, de uma maneira que não completa todo o humano porque a pessoa, para se sentir pessoa, tem que sentir, tem que pensar, tem que fazer estas três linguagens tão simples: a linguagem da mente, a do coração, e a das mãos.

Neste momento, o trabalho de vocês é muito grande. Já sei, os educadores são os que sofrem, em geral, a injustiça maior, são os mais mal pagos, ou seja, não há consciência do bem que um educador pode fazer.

É necessário abrir o plano da educação para essa cultura do encontro: que os jovens se encontrem, saibam sentir, saibam trabalhar juntos, sejam da religião que sejam, sejam da etnia que sejam, da cultura da qual venham, mas juntos pela humanidade. Isso é a cultura do encontro: é o momento no qual a educação ensina a encontrar as pessoas e a levar adiante as obras de semeadura.

Isso foi o que em Buenos Aires (não aconteceu comigo), ocorreu-lhes a uns laicos, que me levou a favorecer o que no seu momento se chamou “escola de vizinhos”, que era integrar o pensamento, o sentimento dos jovens que estavam em educação, todas suas preocupações. Isso foi amadurecendo, se desenvolveu e hoje, é essa associação que se chama Scholas e que está abrindo caminhos através do esporte e da arte.

O esporte educa, educa no que é trabalho em equipe. A arte educa, a ciência educa, o diálogo educa. Isso é o que o Scholas faz hoje e que, seguramente, está presente no encontro de vocês.

A vocês lhes peço que, por favor, sigam adiante, que não se fechem a novas propostas, a propostas audazes de educação. A concepção educativa como transmissão de conteúdos acabou, está esgotada. Um educador brasileiro, acredito que o Matos, mas não lembro, dizia que a educação tem que estar baseada em três pilares: transmissão de conteúdos, transmissão de hábitos e transmissão de valores, uma linda expressão. Bom, agora traduzam em atividades e ali sim, vão fazer a cultura do encontro e não a do desencontro,

ou pior, a cultura da não integração, da exclusão, em que somente uma elite, através de uma educação seletiva, vai ter o poder no dia de amanhã ou no dia de hoje mesmo.

Agradeço o que fazem, agradeço a vocação.

Ser educador é o que fez Jesus: nos educou. Contra todo um sistema educativo, dos doutores da lei, da rigidez, leia todos os elogios que Jesus diz a essa gente no capítulo 23 de São Mateus, Jesus nos educa de uma outra maneira, num outro estilo.

Educa-nos em duas colunas muito grandes: as bem-aventuranças, no início do Evangelho, e o protocolo sobre o qual vamos ser julgados, que está em Mateus 25. Com isso, Jesus destruiu todo um sistema educacional baseado em normas, em preceitos que, em última instância, pode-se dizer que eram a profecia do que foi a Ilustração, que hoje em dia não nos serve para nada.

Que Deus os abençoe. Orem por mim e sigam adiante e trabalhem. E tomara que os Governos sejam conscientes do que vocês fazem e lhes paguem mais.

Obrigado.

O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO

Educar para Aprender Uns dos Outros

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO ENCONTRO PROMOVIDO PELO HARVARD WORLD MODEL UNITED NATIONS

Sala Paulo VI

Quinta-feira, 17 de março de 2016

Queridos amigos, bom dia!

Sinto-me feliz por dar as boas-vindas a todos vós ao Vaticano e espero que a vossa estadia em Roma, para participar no 2016 Harvard World Model United Nations, tenha sido proveitosa. Agradeço ao Sr. Joseph Hall, secretário-geral do vosso encontro, as palavras pronunciadas também em vosso nome. Sinto-me particularmente contente por saber que representais muitas nações e culturas, e por isso refletis a rica diversidade da nossa família humana.

Como estudantes universitários, dedicais-vos de modo particular à busca da verdade e da compreensão, ao crescimento na sabedoria, não só para o vosso benefício, mas para o bem das vossas comunidades locais e de toda a sociedade. Espero que esta experiência vos leve a apreciar a necessidade e a importância de estruturas de cooperação e de solidariedade, que foram estabelecidas pela comunidade internacional no decorrer de muitos anos. Estas estruturas são particularmente eficazes quando se destinam ao serviço dos que são mais vulneráveis e marginalizados.

Rezo a fim de que as Nações Unidas e cada um dos Estados-membros estejam sempre dispostos a tal serviço e cuidado. Contudo, o maior fruto da vossa estadia em Roma não consiste no aprendizado acerca da diplomacia, dos sistemas institucionais e das organizações que, contudo, são importantes e merecem o vosso estudo. O maior fruto é o tempo transcorrido juntos, o vosso encontro com pessoas de todas as partes do mundo, que representam não só os muitos desafios contemporâneos, mas sobretudo a rica variedade de talentos e potencialidades da família humana.

Os argumentos e as problemáticas que tratastes têm um rosto. De fato, cada um de vós pode descrever as esperanças e os sonhos, os desafios e os sofrimentos que caracterizam o povo do vosso país. Nestes dias aprendestes muito uns com os outros e recordar-vos-eis reciprocamente que, por detrás de cada dificuldade que o mundo enfrenta há homens e mulheres, crianças e idosos, pessoas como vós. Há famílias e indivíduos que vivem lutando todos os dias, que procuram cuidar dos próprios filhos e providenciar para eles não só o futuro, mas também as necessidades elementares do hoje. Assim, muitos que são atingidos pelos problemas mais graves do mundo atual, pela violência e intolerância, tornaram-se refugiados, tragicamente obrigados a abandonar as suas casas, expropriados da sua terra e da liberdade.

Eles precisam da vossa ajuda e vos pedem em voz alta que os escuteis, e são mais do que nunca dignos de cada esforço vosso por justiça, paz e solidariedade. São Paulo diz-nos que devemos alegrar-nos com quem se alegra e chorar com os que choram (cf. Rm 12, 15). Definitivamente, a nossa força como comunidade, em todos os níveis de vida e de organização social, apoia-se não tanto nos nossos conhecimentos e habilidades pessoais, quanto na compaixão que demonstramos uns pelos outros, no cuidado que praticamos especialmente pelos que não podem tomar conta de si mesmos.

Espero também que esta vossa experiência vos tenha levado a ver o compromisso da Igreja católica em servir as necessidades dos pobres e dos refugiados, apoiar as famílias e as comunidades e proteger a inalienável dignidade e os direitos de cada membro da família humana. Nós, cristãos, acreditamos que Jesus nos chama para servir os nossos irmãos e irmãs, a cuidar dos outros, independentemente da sua proveniência e das circunstâncias. No entanto, não é somente uma característica dos cristãos, mas uma chamada universal radicada na nossa comum humanidade, algo que possuímos como indivíduos, que temos dentro como pessoas humanas!

Queridos jovens amigos, garanto as minhas orações por vós e pelas vossas famílias. Deus Todo-Poderoso vos abençoe com a felicidade que prometeu àqueles que têm fome e sede de justiça e trabalham pela paz. Obrigado!

O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO O PROJETO EDUCATIVO DE FRANCISCO

Educar para o Reconhecimento da Dignidade da Pessoa Humana

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO SOBRE A DIGNIDADE DOS MENORES NO MUNDO DIGITAL

Sala Clementina

Sexta-feira, 6 de outubro de 2017

Eminências

Senhor presidente do Senado, senhora ministra

Magnífico reitor, senhores embaixadores

Distintas autoridades, professores

Senhoras e senhores!

Agradeço ao reitor da Universidade Gregoriana, padre Nuno da Silva Gonçalves, e à moça representante dos jovens às suas gentis e interessantes palavras de introdução a este nosso encontro. Agradeço a todos vós a vossa presença aqui nesta manhã, ter-me comunicado os resultados do vosso trabalho e sobretudo ter compartilhado as vossas preocupações e o vosso esforço para enfrentar juntos, em prol das crianças do mundo inteiro, um problema novo e gravíssimo, característico do nosso tempo. Um problema que ainda não tinha sido estudado e debatido de modo colegial, com a contribuição de muitas competências e personalidades com diferentes responsabilidades, como quisestes fazer nestes

dias: o problema da proteção eficaz da dignidade dos menores no mundo digital.

O reconhecimento e a defesa da dignidade da pessoa humana é princípio e fundamento de qualquer ordem social e política justa, e a Igreja reconheceu a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) como “um verdadeiro marco miliário no caminho do progresso moral da humanidade” (cf. discursos de João Paulo II na ONU em 1979 e em 1995). Na mesma linha, bem cientes de que as crianças devem estar entre os primeiros a receber atenção e proteção, a Santa Sé congratulou-se pela Declaração dos Direitos da Criança (1959) e aderiu à relativa Convenção (1990) e aos dois protocolos facultativos (2001). Com efeito, a dignidade e os direitos das crianças devem ser protegidos pelos ordenamentos jurídicos como bens extremamente preciosos para toda a família humana (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 244-245).

Por consequência, estamos plena e firmemente de acordo com estes princípios e com base neles devemos agir também em conjunto. Temos que o fazer com determinação e com verdadeira paixão, olhando com ternura para todas as crianças que nascem, todos os dias e sob todos os céus, que necessitam, em primeiro lugar, de respeito, mas também de cuidados e de afeto para poder crescer com toda a maravilhosa riqueza das suas potencialidades.

A Escritura fala-nos da pessoa humana criada por Deus à sua imagem. Qual afirmação

mais forte se pode fazer sobre a sua dignidade? O Evangelho fala-nos do afeto e do acolhimento de Jesus em relação às crianças, que Ele abraçou e abençoou (cf. Mc 10, 16), porque “o Reino dos Céus é para aqueles que se lhes assemelham” (Mt 19, 14). E as palavras mais duras de Jesus são dirigidas precisamente àqueles que escandalizam as crianças: “Melhor fora que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho e o lançassem no fundo do mar” (Mt 18, 6). Portanto, devemos dedicar-nos à proteção da dignidade dos menores com ternura, mas também com grandíssima determinação, contrastando com todas as forças aquela cultura do descarte que hoje se manifesta de muitas formas e prejudica antes de tudo os mais fracos e vulneráveis, como são precisamente os menores.

Vivemos num mundo novo, que quando éramos jovens nem sequer teríamos podido imaginar. Definimo-lo com duas simples palavras – “mundo digital - digital world” – mas é o fruto de um compromisso extraordinário da ciência e da técnica, que transformou em poucos decênios o nosso ambiente de vida e o nosso modo de comunicar e de viver, e está modificando num certo sentido até o nosso modo de pensar e de ser, influenciando profundamente a percepção das nossas possibilidades e da nossa identidade.

Por um lado, estamos admirados e fascinados com ele, devido ao maravilhoso potencial que nos proporciona; por outro lado, suscita em nós certa apreensão e às vezes medo, quando

vemos a rapidez deste desenvolvimento, os problemas novos e não previstos, as consequências negativas – quase nunca desejadas e, contudo, reais – que traz consigo. Justamente perguntamos se somos capazes de guiar os processos que nós mesmos desencadeamos, se não estão fugindo ao nosso domínio, se estamos fazendo o suficiente para os manter sob controle. Esta é a grande questão existencial da humanidade de hoje face a diversos aspectos da crise global, que é ao mesmo tempo ambiental, social, econômica, política, moral e espiritual.

Reunistes-vos, representantes de diversas disciplinas científicas, de vários âmbitos de empenho operacional nas comunicações digitais, nas leis e na política, precisamente porque estais cientes da seriedade destes desafios relacionados com o progresso técnico-científico, e com clarividência contrastes a vossa atenção sobre aquele desafio que, provavelmente, é o mais crucial de todos para o futuro da família humana: a proteção da dignidade dos jovens, do seu crescimento sadio, da sua alegria e da sua esperança.

Sabemos que hoje os menores representam mais de um quarto dos cerca de 3 bilhões de usuários da internet, e isto significa que mais de 800 milhões de crianças navegam na internet. Estima-se que, só na Índia, nos próximos dois anos, mais de 500 milhões de pessoas terão acesso à internet, e metade delas serão menores. O que encontram na rede? E como são considerados por quem, de várias formas, tem poder

na rede? Temos que estar com os olhos abertos e não ocultar uma verdade que é desagradável e que não gostaríamos de ver. Aliás, será que talvez ao longo destes anos não compreendemos o suficiente que esconder a realidade dos abusos sexuais é um erro gravíssimo e fonte de muitos males? Então, olhemos para a realidade, como fizestes vós nestes dias. Na internet alastram-se fenômenos gravíssimos: a difusão de imagens pornográficas cada vez mais extremas porque com a dependência se eleva o limiar de estimulação; o fenômeno crescente do sexting entre os jovens que usam as mídias sociais; o bullying que se manifesta cada vez mais on-line e é uma verdadeira violência moral e física contra a dignidade dos outros jovens; a sextortion; o aliciamento de menores para fins sexuais através da internet já é um fato do qual as notícias falam constantemente; até chegar aos crimes mais graves e horrendos da organização on-line do tráfico de pessoas, da prostituição, inclusive da encomenda e da transmissão em direto de estupros e violências contra menores, cometidos em outras parte do mundo. Portanto, a internet tem seu lado sombrio e algumas regiões obscuras (a dark net) onde o mal encontra modos sempre novos e cada vez mais eficazes, profundos e abrangentes para agir e se expandir. A antiga difusão da pornografia por meio da imprensa era um fenômeno de pequenas dimensões em comparação com o que está acontecendo hoje de forma rapidamente crescente mediante a internet.

Falastes sobre todos estes aspectos com clareza, de forma documentada e aprofundada, e estamos agradecidos por isto.

Perante tudo isto, permanecemos sem dúvida horrorizados e, infelizmente, desorientados. Como sabeis muito bem e nos ensinai, a característica da internet é exatamente a sua natureza global, que abrange o planeta superando qualquer fronteira, tornando-se cada vez mais generalizada, alcançando em toda parte qualquer tipo de utilizador, inclusive crianças, através de dispositivos móveis sempre mais ágeis e maneáveis. Consequentemente, hoje ninguém no mundo, autoridade nacional alguma sozinha se sente capaz de abranger de maneira adequada e de controlar as dimensões e o desenvolvimento destes fenômenos, que se entrelaçam e se ligam com outros problemas dramáticos relacionados com a internet, como os tráficos ilícitos, a criminalidade econômica e financeira, o terrorismo internacional. Também sob o ponto de vista educativo sentimo-nos desorientados, porque a rapidez do desenvolvimento coloca “em posição de impedimento” as gerações mais antigas, tornando muito difícil ou quase impossível o diálogo entre as gerações e a transmissão equilibrada das normas e da sabedoria de vida adquirida com a experiência dos anos.

Mas não devemos deixar-nos dominar pelo medo, que é sempre mau conselheiro. E nem sequer nos deixar paralisar pelo sentimento de impotência que nos oprime diante das dificuldades

da tarefa. Ao contrário, somos chamados a mobilizar-nos juntos, sabendo que temos necessidade uns dos outros para buscar e encontrar vias e atitudes corretas a fim de dar respostas eficazes.

Devemos ter confiança de que “é possível voltar a ampliar o olhar, e a liberdade humana é capaz de limitar a técnica, orientá-la e colocá-la a serviço de outro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral” (Enc. *Laudato Si'*, 112). A fim de que esta mobilização seja eficaz, convido-vos a contrastar decididamente alguns possíveis erros de perspectiva. Limito-me a indicar três deles. O primeiro é subestimar o prejuízo causado às crianças pelos fenômenos que foram mencionados antes. A dificuldade de os conter pode induzir-nos à tentação de dizer: “Afinal, a situação não é tão grave...”. Mas os progressos da neurobiologia, da psicologia, da psiquiatria, levam a destacar o profundo impacto das imagens violentas e sexuais sobre as mentes maleáveis das crianças, a reconhecer os distúrbios psicológicos que se manifestam durante o crescimento, as situações e os comportamentos de dependência, de verdadeira escravidão que derivam do abuso no consumo de imagens provocantes ou violentas. São transtornos que incidirão de forma grave sobre a vida inteira das crianças de hoje.

E a este ponto permiti-me que eu faça uma observação. Justamente insistimos sobre a gravidade destes problemas para as crianças, mas como resultado pode ser subestimada ou

procurar fazer com que as pessoas esqueçam que existem também problemas para os adultos e que o limite de distinção entre a menor e a maior idade é necessário para as disposições jurídicas, mas não é suficiente para enfrentar os desafios, porque a difusão da pornografia cada vez mais extrema e dos outros usos impróprios da internet não só causa distúrbios, dependências e graves prejuízos também entre os adultos, mas incide inclusive na representação simbólica do amor e nas relações entre os sexos. E seria uma grave ilusão pensar que uma sociedade onde o consumo desmedido do sexo na internet se difunde entre os adultos é capaz de proteger de maneira eficaz os menores.

O segundo erro consiste em pensar que as soluções técnicas automáticas, os filtros construídos com base em algoritmos cada vez mais sofisticados para identificar e bloquear a difusão das imagens abusivas e prejudiciais, são suficientes para encarar os problemas. Certamente, trata-se de medidas necessárias. Sem dúvida, as empresas que põem a disposição de milhões de pessoas redes sociais e dispositivos informáticos cada vez mais poderosos, abrangentes e velozes, devem investir uma parcela proporcionalmente considerável dos seus ganhos econômicos. Mas é também necessário que, dentro da própria dinâmica do desenvolvimento técnico, a força da exigência ética seja sentida pelos seus agentes e protagonistas com muito mais urgência em toda a sua amplitude e nas suas diversas implicações.

E aqui defrontamo-nos com o terceiro provável erro de perspectiva, que consiste na visão ideológica e mítica da internet como reino da liberdade sem limites. Justamente estão presentes entre vós também representantes de quem deve criar as leis e de quem as deve fazer respeitar a fim de garantir a tutela do bem comum e das pessoas individualmente. A internet abriu um espaço novo e muito amplo de livre expressão e troca de ideias e de informações. Certamente é um bem mas, como vemos, ofereceu inclusive instrumentos novos para atividades ilícitas horripáveis e, no âmbito do qual nos ocupamos, para o abuso e a ofensa da dignidade das crianças, para a corrupção das suas mentes e a violência sobre os seus corpos. Aqui não se trata do exercício da liberdade, mas o de crimes, contra os quais é necessário proceder com inteligência e determinação, ampliando a cooperação dos governos e das forças de segurança a nível mundial, na mesma medida em que a internet se tornou global.

Acerca de tudo isto que debatestes entre vós, e na “Declaração” que há pouco me apresentastes, indicastes várias direções para promover a colaboração concreta entre todos os protagonistas, chamados a comprometer-se a fim de enfrentar o grande desafio da defesa da dignidade das crianças no mundo digital. Apoio com muita firmeza e com ímpeto os compromissos que assumis. Trata-se de despertar a consciência sobre a gravidade dos problemas, de criar leis adequadas, de controlar os desenvolvimentos da

tecnologia, de identificar as vítimas e perseguir os responsáveis por crimes, de assistir os menores atingidos a fim de os reabilitar, de ajudar os educadores e as famílias a desempenhar o seu trabalho, de ser criativos na educação dos jovens para um uso adequado da internet – que seja sadio para eles mesmos e para as outras crianças – de desenvolver a sensibilidade e a formação moral, de continuar a pesquisa científica em todos os campos ligados a este desafio.

Justamente exprimis o desejo a fim de que também os líderes religiosos e as comunidades de crenças participem neste esforço comum, disponibilizando toda a sua experiência, credibilidade, capacidade educativa e de formação moral e espiritual. De fato, só a luz e a força que provêm de Deus nos podem permitir que enfrentemos os novos desafios. No que diz respeito à Igreja católica, quero garantir a sua disponibilidade e o seu compromisso. Como todos sabemos, a Igreja católica nos últimos anos tornou-se cada vez mais ciente de não ter providenciado suficientemente no seu seio a proteção das crianças: vieram à luz fatos gravíssimos dos quais tivemos que reconhecer a responsabilidade perante Deus, as vítimas e a opinião pública.

Precisamente por esta razão, devido às experiências dramáticas feitas e às competências adquiridas no esforço de conversão e purificação, hoje a Igreja sente um dever particularmente sério de se comprometer de forma cada vez mais profunda e clarividente na proteção

das crianças e da sua dignidade, não só internamente, mas em toda a sociedade e no mundo inteiro; e isto não sozinha – porque evidentemente é insuficiente – mas oferecendo a própria colaboração ativa e cordial a todas as forças e aos componentes da sociedade que se quiserem empenhar na mesma direção. Neste sentido, ela adere ao objetivo de “pôr fim ao abuso, à exploração, ao tráfico e a qualquer forma de violência e de tortura contra menores”, enunciado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável 2030 (Objetivo 16.2).

Em muitíssimas ocasiões e em tantos países os meus olhos cruzaram-se com os das crianças, pobres e ricas, sadias e doentes, alegres e sofredoras. Ser visto pelos olhos das crianças é uma experiência que todos conhecemos e que nos toca profundamente o coração, obrigando-nos também a um exame de consciência. O que fazemos para que essas crianças possam olhar para nós sorrindo e manter um olhar límpido, cheio de confiança e de esperança? O que fazemos para que não lhes seja roubada esta luz, para que esses olhos não sejam perturbados e corrompidos por aquilo que encontrarão na internet, que será parte integrante e importantíssima do seu ambiente de vida?

Portanto, trabalhemos juntos para ter sempre o direito, a coragem e a alegria de olhar nos olhos das crianças do mundo. Obrigado.

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

Educar para uma Leitura Cuidadosa do Fenômeno Migratório

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE “REFUGIADOS E MIGRANTES NUM MUNDO GLOBALIZADO”, ORGANIZADA PELA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS

Sala do Consistório

Sábado, 4 de novembro de 2017

Queridos irmãos e irmãs!

Recebo-vos no final da conferência internacional intitulada “Refugiados e Migrantes num mundo globalizado: responsabilidade e respostas das universidades”, organizada pela Federação Internacional das Universidades Católicas. Agradeço ao presidente as palavras com as quais introduziu o nosso encontro.

Há pouco menos de um século este organismo, com o lema “*Sciat ut Serviat*”, visa promover a formação católica a nível superior, recorrendo à grande riqueza que deriva do encontro de tantas e diversas realidades universitárias. Um aspecto essencial desta formação tem como objetivo a responsabilidade social para a construção de um mundo mais justo e mais humano. Por esta razão, sentistes-vos interpelados pela realidade global e complexa das migrações contemporâneas e elaborastes uma reflexão

científica, teológica e pedagógica bem enraizada na doutrina social da Igreja, procurando superar os preconceitos e os temores relacionados com um escasso conhecimento do fenômeno migratório. Congratulo-me convosco, e permito-me evidenciar a necessidade da vossa contribuição em três âmbitos que são de vossa competência: a pesquisa, o ensino e a promoção social.

No que diz respeito ao primeiro âmbito, as universidades católicas sempre procuraram harmonizar a investigação científica com a teológica, fazendo dialogar razão e fé. Considero oportuno empreender ulteriores estudos sobre as causas remotas das migrações forçadas, com o propósito de identificar soluções praticáveis, mesmo a longo prazo, porque é necessário, em primeiro lugar, garantir às pessoas o direito a não ser obrigadas a emigrar. É igualmente importante refletir sobre as reações negativas, por vezes inclusive discriminatórias e xenófobas, que o acolhimento dos migrantes está suscitando nos países de antiga tradição cristã, a fim de propor itinerários de formação das consciências. Além disso, são certamente dignas de uma maior valorização as múltiplas contribuições dos migrantes e dos refugiados às sociedades que os acolhem, assim como aquelas que beneficiam as suas comunidades de origem. A fim de dizer a “razão” do cuidado pastoral aos migrantes e aos refugiados, convido-vos a aprofundar a reflexão teológica sobre as migrações como sinal dos tempos. “A Igreja sempre contemplou nos migrantes a imagem de

Cristo, que disse: “Era estrangeiro e me acolhestes” (Mt 25, 35). As suas vicissitudes são uma provocação à fé e ao amor dos cristãos, chamados a sanar os males derivados das migrações e a descobrir o desígnio que Deus realiza neles, mesmo quando são causadas por evidentes injustiças”. (Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, Istr. Erga migrantes caritas Christi, 12).

No que concerne ao âmbito do ensino, espero que as universidades católicas adotem programas que visem favorecer a instrução dos refugiados, a vários níveis, quer através da oferta de cursos inclusive à distância para os que vivem nos campos e nos centros de recolha, quer mediante a concessão de bolsas de estudo que permitam a sua recolocação. Servindo-se da densa rede académica internacional, as universidades podem também facilitar o reconhecimento dos títulos e do profissionalismo dos migrantes e dos refugiados, em benefício deles e da sociedade que os acolhe. Para responder de forma adequada aos novos desafios migratórios, é necessário formar de modo específico e profissional os agentes pastorais que se dedicam à assistência de migrantes e refugiados: esta é outra tarefa urgente para as universidades católicas. A nível mais geral, gostaria de convidar os ateneus católicos a educar os próprios estudantes, alguns dos quais serão líderes políticos, empresários e artífices de cultura, para uma leitura atenta do fenómeno migratório, numa perspectiva de justiça,

de corresponsabilidade global e de comunhão na diversidade cultural.

O âmbito da promoção social considera a universidade como uma instituição que se encarrega da sociedade na qual se encontra trabalhando, exercendo em primeiro lugar um papel de consciência crítica em relação às diversas formas de poder político, econômico e cultural. Em relação ao complexo mundo das migrações, a Seção Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral sugeriu “20 pontos de ação” como contribuição ao processo que levará à adoção, por parte da comunidade internacional, de dois acordos globais, um sobre os migrantes e outro sobre os refugiados, na segunda metade de 2018. Nesta e em outras dimensões, as universidades podem desempenhar o seu papel de atores privilegiados também no âmbito social, como por exemplo o incentivo ao voluntariado dos estudantes nos programas de assistência aos refugiados, aos requerentes de asilo e aos migrantes recém-chegados.

Todo o trabalho que levais a cabo nestes grandes âmbitos – pesquisa, ensino e promoção social – encontra uma referência segura nos quatropilares do caminho da Igreja através da realidade das migrações contemporâneas: acolher, proteger, promover e integrar (cf. mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018). Hoje celebramos a memória de São Carlos Borromeu, um pastor iluminado e apaixonado, que fez da humildade o seu lema. Que sua vida

exemplar possa inspirar o vosso trabalho intelectual e social e também a experiência de fraternidade que fazeis na Federação.

O Senhor abençoe o vosso compromisso a serviço do mundo universitário e dos irmãos e irmãs migrantes e refugiados. Garanto-vos uma recordação nas minhas orações, e vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

Educar para Fazer Associação

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO À ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE PROFESSORES CATÓLICOS

Sala Clementina

Sexta-feira, 5 de janeiro de 2018

Estimados irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas, representantes da Associação Italiana de Professores Católicos, por ocasião do vosso congresso nacional, e agradeço ao presidente as suas palavras.

Gostaria de vos propor três pontos de reflexão e de compromisso: a cultura do encontro, a aliança entre escola e família, e a educação ecológica. E também um encorajamento ao fato de fazer associação.

Em primeiro lugar, agradeço-vos a contribuição que ofereceis ao compromisso da Igreja para promover a cultura do encontro. E encorajo-vos a fazê-lo, se possível, de maneira ainda mais abrangente e incisiva. De fato, neste desafio cultural são decisivas as bases que são lançadas durante os anos da educação básica das crianças. Os professores cristãos, que trabalham tanto em escolas católicas, quanto em escolas estatais, são chamados a estimular nos alunos a abertura ao outro como rosto, como pessoa, como irmão e irmã que deve ser conhecido e respeitado, com a sua história, as suas qualidades e defeitos,

as suas riquezas e limites. A aposta consiste em cooperar para formar jovens abertos e que se interessem pela realidade que os circunda, capazes de ter cuidado e ternura – penso nos valentões – que sejam livres do preconceito difundido segundo o qual, para valer, é preciso ser competitivos, agressivos, duros com os outros, especialmente com os que são diferentes, estrangeiros ou com quem, de algum modo, é visto como obstáculo para a própria afirmação. Infelizmente, este é um “ar” que muitas vezes as nossas crianças respiram, e o remédio é fazer de tal modo que possam respirar um ar diferente, mais saudável, mais humano. E para esta finalidade, a aliança com os pais é muito importante.

E aqui chegamos ao segundo ponto, ou seja, a aliança educativa entre a escola e a família. Estou convicto de que o pacto educativo está quebrado; está interrompido o pacto educativo entre escola, família e Estado; está quebrado, devemos restabelecê-lo. Todos nós sabemos que, há tempos, esta aliança está em crise e em certos casos totalmente quebrada. Outrora havia muito apoio recíproco aos estímulos dados pelos professores e pelos pais. Hoje, a situação mudou, mas não podemos ser nostálgicos em relação ao passado. É necessário reconhecer as mudanças relativas tanto à família quanto à escola, e renovar o compromisso em prol de uma colaboração construtiva – isto é, restabelecer a aliança e o pacto educativo – para o bem das crianças e dos jovens. E uma vez que esta sinergia

já não acontece de modo “natural”, é preciso favorecê-la de maneira planejada, inclusive com a contribuição de especialistas em campo pedagógico. Mas, antes ainda, é necessário estimular uma renovada “cumplicidade” – estou ciente do uso desta palavra – uma nova cumplicidade entre professores e pais. Antes de tudo, recusando-se a considerar frentes opostas, culpando uns aos outros e ao contrário, colocando-se uns no lugar dos outros, compreendendo as dificuldades objetivas que hoje ambos encontram na educação e, deste modo, criando maior solidariedade: cumplicidade solidária.

O terceiro aspecto que desejo sublinhar é a educação ecológica (cf. Encíclica *Laudato Si'*, 209-215). Naturalmente, não se trata apenas de dar algumas noções que, contudo, devem ser ensinadas. Trata-se de educar para um estilo de vida baseado na atitude do cuidado pela nossa casa comum, que é a criação. Um estilo de vida que não seja insano, isto é, que cuide dos animais em extinção, mas ignore os problemas dos idosos; ou que defenda a floresta amazônica, mas descuide os direitos dos trabalhadores a um salário justo, e assim por diante. Isto é insanidade! A ecologia para a qual educar deve ser integral. E, sobretudo, a educação deve visar o sentido de responsabilidade: não transmitir slogans que outros deveriam praticar, mas suscitar o gosto de experimentar uma ética ecológica a partir de escolhas e gestos de vida cotidiana. Um estilo de comportamento que, na perspectiva cristã,

encontra sentido e motivação na relação com Deus criador e redentor, com Jesus Cristo, centro do cosmos e da história, com o Espírito Santo, fonte de harmonia na sinfonia da criação.

Finalmente, caros irmãos e irmãs, quero acrescentar uma palavra sobre o valor de ser e fazer associação. É um valor que não se pode dar por certo, mas que se deve cultivar sempre, e os momentos institucionais como o congresso servem para isto. Exorto-vos a renovar a vontade de ser e fazer associação, na memória dos princípios inspiradores, na leitura dos sinais dos tempos e com o olhar aberto ao horizonte social e cultural. Não tenhais medo das diferenças e nem sequer dos conflitos que geralmente existem nas associações laicais; é normal que os haja, é normal! Não os escondais, mas enfrentai-os com estilo evangélico, na busca do verdadeiro bem da associação, considerado com base nos princípios estatutários. Ser associação é um valor e uma responsabilidade, que neste momento estão confiados a vós. Com a ajuda de Deus e dos pastores da Igreja, sois chamados a fazer frutificar este talento colocado nas vossas mãos.

Obrigado! Agradeço-vos este encontro e abençoar de coração, vós, toda a associação e o vosso trabalho. Também vós, por favor, rezai por mim.

Educar para Criar Redes

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DA FUNDAÇÃO "GRAVISSIMUM EDUCATIONIS"

Sala do Consistório

Segunda-feira, 25 de junho de 2018

Queridos amigos!

Dou as boas-vindas a todos vós que participais no encontro Educar é Transformar, promovido pela Fundação *Gravissimum Educationis*. Agradeço ao cardeal Versaldi as suas palavras introdutórias e a cada um de vós, que levais a riqueza de suas experiências aos vários setores e campos profissionais de onde vindes.

Como sabeis, esta fundação foi constituída por mim, aceitando o convite da Congregação para a Educação Católica, em 28 de outubro de 2015, por ocasião do cinquentenário da declaração do Concílio Vaticano II *Gravissimum Educationis*. Com esta instituição a Igreja renova o compromisso pela educação católica mantendo-se a par das transformações históricas do nosso tempo. De fato, a fundação adota uma solicitação já contida na declaração conciliar da qual recebe o nome, e que sugeria a cooperação entre as instituições escolares e universitárias para enfrentar melhor os desafios presentes (cf. 12). Tal recomendação do Concílio amadureceu no tempo e manifesta-se também na recente Constituição

apostólica *Veritatis Gaudium* sobre as universidades e faculdades eclesiais, como “a necessidade urgente de criar redes entre as várias instituições que, em todas as partes do mundo, cultivam e promovem os estudos eclesiais” (Prefácio, 4d) e, em sentido mais amplo, entre as instituições católicas de educação.

Só mudando a educação se pode mudar o mundo. Para fazer isto gostaria de vos propor algumas sugestões.

1. Antes de tudo, é importante “criar redes”. Criar redes significa unir as instituições escolares e universitárias a fim de potencializar a iniciativa educativa e de pesquisa, enriquecendo-se com os pontos de força de cada uma, para ser mais eficazes a nível intelectual e cultural.

Criar redes significa também unir os saberes, as ciências e as disciplinas para enfrentar os desafios complexos com a inter e transdisciplinaridade, como mencionado na *Veritatis Gaudium* (cf. 4c). Criar redes significa proporcionar lugares de encontro e diálogo no âmbito das instituições educativas e promovê-los externamente, com cidadãos provenientes de outras culturas, tradições, religiões diferentes, a fim de que o humanismo cristão contemple a condição universal da humanidade de hoje. Criar redes significa inclusive fazer da escola uma comunidade educadora na qual professores e estudantes não estejam ligados apenas por um plano didático, mas por um programa de vida e experiência, capaz de educar para a reciprocidade entre gerações diversas. E isto é muito importante para não perder as raízes.

Por outro lado, os desafios que interrogam o homem de hoje são globais, num sentido mais amplo do que geralmente se considera. A educação católica não se limita a formar mentes para um olhar mais amplo, capaz de englobar as realidades mais distantes. Ela se dá conta de que, além de se estender no espaço, a responsabilidade moral do homem de hoje se propaga também através do tempo, e as escolhas de hoje recaem sobre as gerações futuras.

2. Outra expectativa à qual a educação é chamada a responder e que indiquei na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é “não deixemos que nos roubem a esperança!” (86). Com tal solicitação, pretendi encorajar os homens e as mulheres do nosso tempo a encontrar positivamente a mudança social, imergindo-se na realidade com a luz irradiada pela promessa da salvação cristã.

Somos chamados a não perder a esperança porque devemos doar esperança ao mundo global de hoje. “Globalizar a esperança” e “apoiar as esperanças da globalização” são compromissos fundamentais na missão da educação católica, como se afirmou no recente documento Educar para o Humanismo Solidário da Congregação para a Educação Católica (cf. 18-19). Uma globalização sem esperança nem visão está exposta ao condicionamento de interesses econômicos, muitas vezes distantes de uma concessão correta do bem comum, e com facilidade produz tensões sociais, conflitos econômicos e abusos

de poder. Devemos dar uma alma ao mundo global, através de uma formação intelectual e moral que saiba favorecer as realidades boas que a globalização traz e corrigir as negativas.

Trata-se de metas importantes, que poderão ser alcançadas por meio do desenvolvimento da pesquisa científica, confiada às universidades e presente também na missão da Fundação *Gravissimum Educationis*. Uma pesquisa de qualidade, que tem à sua frente um horizonte rico de desafios. Alguns deles, enumerados na Encíclica *Laudato Si'*, referem-se aos processos de interdependência global que, por sua vez, se propõem como uma força histórica positiva, porque marca uma ligação maior entre os seres humanos; por outro, produz injustiça e mostra a relação estreita entre as misérias humanas e as criticidades ecológicas do planeta.

A resposta encontra-se no desenvolvimento e na busca de uma ecologia integral. Gostaria de frisar também o desafio econômico, baseado na busca de melhores modelos de desenvolvimento, adequados a uma concessão mais autêntica de felicidade e capazes de corrigir certos mecanismos perversos do consumo e da produção. E ainda o desafio político: o poder da tecnologia está em expansão contínua. Um dos seus efeitos é a difusão da cultura do descarte, que arrasta coisas e seres humanos sem qualquer distinção. Tal poder implica uma antropologia fundada na ideia de homem como predador e o mundo no qual vive como recurso para saquear a bel-prazer.

Certamente aos estudiosos e pesquisadores que colaboram com a Fundação *Gravissimum Educationis* não falta trabalho!

3. Para ser eficaz com o vosso apoio a projetos educativos originais, o trabalho que vos espera deve obedecer a três critérios essenciais. Antes de tudo, a identidade. Ela exige coerência e continuidade com a missão das escolas, das universidades e dos centros de pesquisa fundados, promovidos ou acompanhados pela Igreja e abertos a todos. Tais valores são fundamentais para se inserir no sulco traçado pela civilização cristã e pela missão evangelizadora da Igreja. Assim podereis contribuir para indicar os caminhos a empreender a fim de dar respostas atuais aos dilemas do presente, mantendo um olhar preferencial pelos mais necessitados.

Outro ponto essencial é a qualidade. Ela é o farol seguro para iluminar qualquer iniciativa de estudo, pesquisa e educação. É necessária para realizar os “polos interdisciplinares de excelência” que são recomendados pela Constituição *Veritatis Gaudium* (cf. 5) e que a Fundação *Gravissimum Educationis* deseja apoiar. Depois, não pode faltar no vosso trabalho o objetivo do bem comum, que é difícil definir nas nossas sociedades marcadas pela convivência de cidadãos, grupos e povos de culturas, tradições e crenças diferentes. É preciso ampliar os horizontes do bem comum, educar todos para a pertença à família humana. Por consequência, para realizar a vossa missão, tende como base a coerência com

a identidade cristã; predispõe os meios em conformidade com a qualidade do estudo e da pesquisa; busca finalidades em harmonia com o serviço ao bem comum. Um programa de pensamento e de ação apoiado nestes firmes pilares poderá contribuir, através da educação, para a construção de um futuro no qual a dignidade da pessoa e a fraternidade universal sejam os recursos globais dos quais cada cidadão do mundo possa recorrer.

Ao agradecer-vos por quanto podeis fazer com o vosso apoio à Fundação, encorajo-vos a prosseguir esta meritória e benéfica missão. Sobre vós, os vossos colegas e familiares, de coração invoco em abundância as bênçãos do Senhor. E por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

Obrigado!

PARTE II

EDUCAR PARA O HUMANISMO SOLIDÁRIO

Para Construir uma “Civilização do Amor” 50 Anos Após a *Populorum Progressio Lineamenta*

INTRODUÇÃO

1. Há cinquenta anos, com a Encíclica *Populorum Progressio*, a Igreja anunciava aos homens e às mulheres de boa vontade o alcance mundial adquirido pela questão social³. Tal anúncio não se limitava a sugerir um olhar mais amplo, mas oferecia um novo modelo ético-social, capaz de abraçar parcelas cada vez maiores da humanidade, onde era preciso trabalhar pela paz, justiça e solidariedade com uma visão capaz de assimilar o horizonte global das escolhas sociais. Os pressupostos desta nova visão ética emergiram alguns anos antes, no Concílio Vaticano II, com a formulação do princípio de interdependência global e do destino comum de

³ Paulo VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967), 3.

todos os povos da Terra⁴. Nos anos seguintes, a validade explicativa de tais princípios encontrou numerosas confirmações. O homem contemporâneo experimentou que o que acontece numa parte do mundo pode ter consequências em outras, e que ninguém pode, a priori, sentir-se seguro num mundo onde há sofrimento e miséria. Se, naquela época, se vislumbrava a necessidade de dedicar-se ao bem dos outros como se fosse o próprio, hoje tal recomendação assume uma evidente prioridade na agenda política dos sistemas civis⁵.

2. A *Populorum Progressio*, neste sentido, pode ser considerada o documento programático da missão da Igreja na era da globalização⁶. A sabedoria que emana dos seus ensinamentos guia ainda hoje o pensamento e a ação daqueles que querem construir a civilização do “humanismo pleno”⁷, oferecendo – no caminho do princípio da subsidiariedade – “modelos praticáveis de integração social” nascidos do encontro profícuo entre “as dimensões individual

⁴ Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no Mundo Atual (28 de outubro de 1965), 4-5.

⁵ Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2004), 167.

⁶ Também por isso a *Populorum Progressio* foi, muitas vezes, comparada pela força do seu discurso social, à *Rerum novarum* do papa Leão XIII: cf. João Paulo II, Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), 2-3; Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), 8.

⁷ *Populorum Progressio*, 42.

e comunitária”⁸. Esta integração exprime os objetivos da “Igreja em saída”, que “encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação [...], acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam”⁹. Os conteúdos deste humanismo solidário precisam ser vividos e testemunhados, formulados e transmitidos¹⁰ num mundo assinalado por múltiplas diferenças culturais, atravessado por visões heterogêneas do bem e da vida, e caracterizado pela convivência de diferentes crenças. Para tornar possível este processo – como afirma o papa Francisco na Encíclica *Laudato Si’* – “é preciso ter presente que os modelos de pensamento realmente influenciam nos comportamentos. A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza”¹¹. Com o presente documento, a Congregação para a Educação Católica visa

⁸ Cf. papa Francisco, Discurso aos Participantes no Convegno promovido pelo Dicastério pelo Serviço de Desenvolvimento Humano Integral no 50º aniversário da “*Populorum Progressio*”, 4 de abril de 2017.

⁹ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), 24.

¹⁰ “O amor na verdade – *Caritas in Veritate* – é um grande desafio para a Igreja num mundo em crescente e incisiva globalização. O risco do nosso tempo é que, à real interdependência dos homens e dos povos, não corresponda a interação ética das consciências e das inteligências, da qual possa exultar um desenvolvimento verdadeiramente humano”. Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), 9.

¹¹ Papa Francisco, Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum *Laudato Si’* (24 de maio de 2015), 215.

propor as diretrizes principais da educação para o humanismo solidário.

CENÁRIOS ATUAIS

3. O mundo contemporâneo, multifacetado e em constante mudança, é atravessado por múltiplas crises. Estas são de várias naturezas: crises econômicas, financeiras, de trabalho; crises políticas, democráticas, de participação; crises ambientais e naturais; crises demográficas e migratórias, etc. Os fenômenos provocados por tais crises revelam diariamente o seu caráter dramático. A paz é constantemente ameaçada e, juntamente com as guerras travadas entre exércitos, difunde-se a insegurança causada pelo terrorismo internacional, cujos ataques provocam sentimentos de desconfiança recíproca e ódio, assim como favorece o desenvolvimento de sentimentos populistas, demagógicos, que correm o risco de agravar os problemas, favorecendo a radicalização do conflito entre culturas diferentes. Guerras, conflitos e terrorismo são algumas vezes a causa, outras vezes o efeito das desigualdades econômicas e da injusta distribuição dos bens da criação.

4. De tais iniquidades nascem a miséria, o desemprego e a exploração. As estatísticas das organizações internacionais mostram os sinais da emergência humanitária em curso, que diz respeito também ao futuro, se forem analisadas

as consequências do subdesenvolvimento e das migrações nas gerações mais jovens. Também não se podem isentar de tais perigos as sociedades industrializadas, onde as áreas de marginalidade aumentaram¹². De particular importância é o complexo fenômeno das migrações, presente em todo o planeta, que provoca encontros e conflitos de civilizações, acolhimento solidário e populismos intolerantes e intransigentes. Estamos diante de um processo que foi oportunamente definido como uma mudança de época¹³. Isso revela um humanismo decadente, fundado geralmente no paradigma da indiferença.

5. A lista dos problemas poderia alargar-se, porém as oportunidades que o mundo atual apresenta não podem ser ignoradas. A globalização das relações é também a globalização da solidariedade. Disso tivemos vários exemplos, por ocasião das grandes tragédias humanitárias causadas pela guerra ou em casos de catástrofes ambientais: as correntes de solidariedade e as iniciativas de assistência e de caridade têm envolvido cidadãos de todas as partes do mundo. Do mesmo modo, nos últimos anos surgiram iniciativas sociais, movimentos e associações

¹² Cf. UNICEF, relatório sobre a condição da infância no mundo 2016, Unicef, Florença 2016; UNICEF, Crianças da Recessão: o impacto da crise econômica no bem-estar das crianças nos países ricos, Unicef-Office of Research Innocenti, Florença 2014.

¹³ Cf. International Organization for Migration, World Migration Report 2015 – Migrants and Cities: New Partnerships to Manage Mobility, IOM, Geneva 2015.

em prol de uma globalização mais igualitária, atenta às necessidades dos povos economicamente em dificuldade. Muitas vezes quem funda essas iniciativas – e também participa delas – são os cidadãos das nações mais ricas, os quais poderiam usufruir das vantagens das desigualdades, mas, pelo contrário, lutam pelo princípio de justiça social com gratuidade e determinação.

6. É paradoxal que o homem contemporâneo tenha alcançado metas importantes no conhecimento das forças da natureza, da ciência e da tecnologia e, ao mesmo tempo, seja carente de projetos para uma convivência pública adequada, a fim de tornar a existência de todos, e de cada um, aceitável e digna. O que, talvez, ainda falte é o desenvolvimento conjunto das oportunidades civis através de um plano educativo, capaz de explicar as motivações da cooperação num mundo solidário. A questão social, como disse o papa Bento XVI, é hoje uma questão antropológica¹⁴ que requer uma função educativa que não se pode mais adiar. Por isso, é necessário um “novo ímpeto do pensamento para compreender melhor as implicações do fato de sermos uma família; a interação entre os povos da terra chamamos a esse ímpeto, para que a integração

¹⁴ Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), 75.

se verifique sob o signo da solidariedade, e não da marginalização”¹⁵.

HUMANIZAR A EDUCAÇÃO

7. “Conhecedora da humanidade”, como descrita pela *Populorum Progressio*¹⁶ cinquenta anos atrás, a Igreja tem a missão como a experiência para indicar os percursos educativos adequados aos desafios atuais. A sua visão educativa está a serviço da realização dos maiores objetivos da humanidade. Tais objetivos foram destacados, previamente, na Declaração *Gravissimum Educationis*: o desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais finalizados ao gradual amadurecimento do senso de responsabilidade; a conquista da verdadeira liberdade; a positiva e prudente educação sexual¹⁷. Ao longo desta perspectiva, intuía-se que a educação devia estar a serviço de um novo humanismo, no qual a pessoa social estivesse aberta ao diálogo e cooperasse na promoção do bem comum¹⁸.

8. As exigências indicadas pela *Gravissimum Educationis* ainda são atuais. Ainda que as concepções antropológicas baseadas no

¹⁵ Ibid., 53.

¹⁶ *Populorum Progressio*, 13; Cf. Paulo VI, discurso às Nações Unidas, 4 de outubro de 1965.

¹⁷ Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II, Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965), 1 B.

¹⁸ Ibid., 1.

materialismo, no idealismo, no individualismo e no coletivismo vivam numa fase decadente, essas exercem ainda uma certa influência cultural. Geralmente tais visões concebem a educação como um caminho de formação do indivíduo à vida pública, na qual entram em ação diferentes correntes ideológicas, competindo entre si pela hegemonia cultural. Nesse contexto, a formação da pessoa responde a outras exigências: a afirmação da cultura do consumo, da ideologia do conflito, do pensamento relativista, etc. É necessário, portanto, humanizar a educação, ou seja, torná-la um processo em que cada pessoa possa desenvolver as próprias atitudes profundas, a própria vocação e assim contribuir para a vocação da própria comunidade. “Humanizar a educação”¹⁹ significa colocar a pessoa no centro da educação, num quadro de relações que compõem uma comunidade viva, interdependente, vinculada a um destino comum. É desta maneira que se caracteriza o humanismo solidário.

9. Humanizar a educação significa, ainda, perceber que é preciso renovar o pacto educativo entre as gerações. De modo constante, a Igreja afirma que “a boa educação familiar é a coluna vertebral do humanismo”²⁰, e dela se propagam os significados de uma educação a serviço de todo o corpo social, fundada na confiança

¹⁹ *Populorum Progressio*, 13; Cf. Paulo VI, discurso às Nações Unidas, 4 de outubro de 1965.

²⁰ Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II, Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965), 1 B.

mútua e na reciprocidade dos deveres²¹. Por tais razões, as instituições escolares e acadêmicas que pretendam colocar a pessoa no centro da sua missão são chamadas a respeitar a família como a primeira sociedade natural, e a pôr-se ao seu lado, numa reta concepção de subsidiariedade.

10. Uma educação humanizada, portanto, não se limita a fornecer um serviço de formação, mas cuida dos seus resultados no quadro geral das capacidades pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo; não pede simplesmente ao professor para ensinar e ao aluno para aprender, mas exorta cada um a viver, estudar e agir de acordo com as premissas do humanismo solidário; não prevê espaços de divisão e contraposição mas, pelo contrário, oferece lugares de encontro e debate para realizar projetos educativos válidos; trata-se de uma educação – ao mesmo tempo – sólida e aberta, que derruba os muros da exclusividade, promovendo a riqueza e a diversidade dos talentos individuais e expandindo o perímetro da própria sala de aula a cada âmbito da experiência social em que a educação pode gerar solidariedade, partilha, comunhão²².

²¹ Papa Francisco, discurso aos participantes no Congresso Mundial sobre “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova” promovido pela Congregação para a Educação Católica, Roma, 21 de novembro de 2015.

²² Concílio Ecumênico Vaticano II, declaração sobre a Igreja e as Religiões Não Cristãs *Nostra Aetate* (28 de outubro de 1965), 2, 4.

CULTURA DO DIÁLOGO

11. A vocação à solidariedade convida as pessoas do século XXI a confrontarem-se com os desafios da convivência multicultural. Nas sociedades globais convivem diariamente cidadãos de tradições, culturas, religiões e concepções de mundo diferentes, e daí surgem muitas vezes incompreensões e conflitos. Em tais circunstâncias, as religiões são frequentemente consideradas estruturas de princípios e valores monolíticos, intransigentes, incapazes de conduzir a humanidade à sociedade global. A Igreja Católica, por sua parte, “nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo”, e é seu dever “anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de toda a graça”²³. Está igualmente convencida de que, na verdade, as dificuldades geralmente são o resultado de uma ausência de educação para o humanismo solidário, baseada na formação da cultura do diálogo.

12. A cultura do diálogo não significa simplesmente conversar para se conhecer, de modo a facilitar o encontro entre cidadãos de diferentes culturas. Mas o autêntico diálogo ocorre num quadro ético de requisitos e atitudes formativas, bem como de objetivos sociais. Os requisitos éticos para dialogar são a liberdade e a igualdade: os participantes do diálogo devem estar

²³ Concílio Ecumênico Vaticano II, declaração sobre a Igreja e as Religiões Não Cristãs *Nostra Aetate* (28 de outubro de 1965), 2, 4.

livres de seus interesses contingentes e estar dispostos a reconhecer a dignidade de todos os interlocutores. Esses comportamentos são baseados na coerência com o próprio universo de valores. Isso se traduz na intenção geral de conciliar as ações com as declarações, isto é, de associar os princípios éticos anunciados (por exemplo paz, igualdade, respeito, democracia...) com as escolhas sociais e civis realizadas. Trata-se de uma “gramática do diálogo”, como indicado pelo papa Francisco, capaz de “construir pontes e [...] encontrar respostas para os desafios do nosso tempo”²⁴.

13. No pluralismo ético-religioso, em vez de serem um obstáculo, as religiões podem, portanto, estar a serviço da convivência pública. A partir dos valores positivos de amor, esperança e salvação, num quadro de relações performativo e coerente, as religiões podem contribuir de modo significativo para a realização dos objetivos sociais de paz e justiça. Em tal perspectiva, a cultura do diálogo defende uma concepção prepositiva das relações civis. Em vez de reduzir a religiosidade à esfera individual, privada e confidencial, e obrigar os cidadãos a seguir no espaço público apenas as normas éticas e jurídicas do Estado, a cultura do diálogo inverte os termos da relação e exorta as crenças religiosas a professar em público os próprios valores éticos positivos.

14. A educação para o humanismo solidário tem a delicada responsabilidade de assegurar

²⁴ Papa Francisco, discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, 9 de fevereiro de 2017.

a formação de cidadãos dotados de uma adequada da cultura do diálogo. Além disso, a dimensão intercultural é frequentemente vivida nas salas de aula de todos os tipos e níveis, bem como nas instituições universitárias, portanto é a partir delas que se deve difundir a cultura do diálogo. O quadro de valores no qual vive, pensa e age o cidadão formado para o diálogo, é baseado em princípios relacionais (gratuidade, liberdade, igualdade, coerência, paz e bem comum) que entram de modo positivo e decisivo nos programas didáticos e formativos das instituições que prezam o humanismo solidário.

15. É característico da natureza da educação a capacidade de construir as bases para um diálogo pacífico e permitir o encontro entre as diversidades com o objetivo principal de edificar um mundo melhor. Trata-se, em primeiro lugar, de um processo educativo no qual a busca por uma convivência pacífica e enriquecedora enraíza-se no mais amplo conceito de ser humano – na sua caracterização psicológica, cultural e espiritual – para além de qualquer forma de egocentrismo e etnocentrismo, segundo uma concepção de desenvolvimento integral e transcendente da pessoa e da sociedade²⁵.

²⁵ Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar para o diálogo intercultural na Escola Católica. Viver juntos para uma civilização de amor*, Cidade do Vaticano 2013, 45.

GLOBALIZAR A ESPERANÇA

16. “O desenvolvimento é o novo nome da paz”, conclui a *Populorum Progressio*²⁶. Tal afirmação encontrou respaldo e confirmação nas décadas seguintes, assim como foram mais claros os rumos do desenvolvimento sustentável do ponto de vista econômico, social e ambiental. Desenvolvimento e progresso, porém, ainda continuam sendo descrições de processos e não dizem muito sobre as metas principais da transformação histórico-social. Longe de exaltar o mito do progresso imanente à razão e à liberdade, a Igreja Católica associa o desenvolvimento ao anúncio da redenção cristã, que não é uma utopia indefinida e futurista, mas já é “substância da realidade”, no sentido de que para ela “já estão presentes em nós as coisas que se esperam: a totalidade, a vida verdadeira”²⁷.

17. É necessário, então, por meio da esperança da salvação, ser já sinal vivo dessa esperança. No mundo globalizado como é possível propagar a mensagem de salvação de Jesus Cristo? “Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor”²⁸. A caridade cristã propõe gramáticas sociais universalizantes e inclusivas. Tal caridade informa as ciências que, preenchidas por ela, acompanharão o homem em busca do

²⁶ *Populorum Progressio*, 87.

²⁷ Bento XVI, Carta Encíclica *Spe salvi* (30 de novembro de 2007), 7.

²⁸ *Ivi*, 26.

sentido e da verdade na criação. A educação para o humanismo solidário deve então começar a partir da certeza da mensagem de esperança contida na verdade de Jesus Cristo. Cabe a ela, portanto, irradiar tal esperança, que é a mensagem transmitida pela razão e pela vida ativa, com os povos de todas as partes do mundo.

18. Globalizar a esperança é a missão específica da educação para o humanismo solidário. Uma missão que se realiza por meio da construção de relações educativas e pedagógicas que formem para o amor cristão, que criem grupos assentes na solidariedade, nas quais o bem comum esteja associado virtuosamente ao bem de cada um dos seus membros, que transformem o conteúdo das ciências em conformidade com a plena realização da pessoa e da sua pertença à humanidade. É justamente a educação cristã que pode desenvolver tal tarefa primária, pois a educação “é fazer nascer, é fazer crescer, coloca-se na dinâmica do ‘dar a vida’. E a vida que nasce é a fonte mais borbulhante de esperança”²⁹.

19. Globalizar a esperança significa também promover as esperanças da globalização. Por um lado, a globalização multiplicou as oportunidades de crescimento e abriu as relações sociais para novas e inéditas possibilidades. Por outro, além de alguns benefícios, esta causou desigualdades, explorações, além de levar, de modo perverso, alguns povos a sofrer uma exclusão dramática

²⁹ Papa Francisco, discurso aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, 9 de fevereiro de 2017.

dos âmbitos do bem-estar. Uma globalização sem visão, sem esperança, sem uma mensagem que seja, ao mesmo tempo, anúncio e vida concreta, está destinada a produzir conflitos e a gerar sofrimentos e misérias.

POR UMA VERDADEIRA INCLUSÃO

20. Para cumprir a sua função, os projetos de formação da educação para o humanismo solidário visam alguns objetivos fundamentais. Primeiramente, o objetivo principal é permitir que cada cidadão se sinta ativamente participante na construção do humanismo solidário. Os instrumentos utilizados devem promover o pluralismo, estabelecendo espaços de diálogo destinados à representação das questões éticas e normativas. A educação para o humanismo solidário deve assegurar, com uma atenção especial, que a aprendizagem das ciências corresponda à consciência de um universo ético no qual a pessoa age. Em particular, esta correta concepção do universo ético deve orientar para a abertura de horizontes do bem comum progressivamente mais amplos, até englobar toda a família humana.

21. Tal processo inclusivo supera os limites da existência humana atual. O progresso científico e tecnológico tem mostrado, nestes últimos anos, como as escolhas feitas no presente podem influenciar os estilos de vida e, em alguns casos, a própria existência dos cidadãos das

futuras gerações. “A noção de bem comum engloba também as gerações futuras”³⁰. Os cidadãos de hoje, de fato, devem ser solidários com os seus contemporâneos onde quer que estejam, mas também com os futuros cidadãos do planeta. Visto que “o problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise [...] e há necessidade de construir lideranças que tracem caminhos, procurando dar resposta às necessidades das gerações atuais, todos incluídos, sem prejudicar as gerações futuras”³¹, a tarefa específica da educação para o humanismo é contribuir para a construção da tal cultura baseada na ética intergeracional.

22. Isso significa que a educação amplia o âmbito clássico do alcance da sua ação. Se até agora a escola foi concebida como a instituição que forma os cidadãos do amanhã e se os agentes da formação responsáveis pela educação permanente se encarregam dos cidadãos do presente, mediante a educação para o humanismo solidário, cuida-se da humanidade do futuro, a posteridade, para a qual é preciso ser solidário fazendo hoje escolhas responsáveis. É ainda mais verdadeiro no que diz respeito à formação acadêmica, porque é por meio dela que são fornecidas as competências necessárias para fazer escolhas decisivas para o equilíbrio dos sistemas

³⁰ Papa Francisco, Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum *Laudato Si'* (24 de maio de 2015), 159.

³¹ *Ivi*, 53.

humano-sociais, naturais, ambientais, etc³². Os temas abordados nos cursos universitários, nesse sentido, deveriam ser desenvolvidos em torno a um critério decisivo para a avaliação da sua qualidade: a sustentabilidade segundo as necessidades das gerações futuras.

23. Para que haja uma verdadeira inclusão, é preciso dar outro passo entrando numa relação de solidariedade com as gerações que nos antecederam. Infelizmente a afirmação do paradigma tecnocrático reduziu, em alguns casos, o conhecimento histórico, científico e humanista – com a sua herança literária e artística –, enquanto uma visão correta da história e do espírito, com o qual os nossos antepassados enfrentaram e superaram os seus desafios, pode ajudar o homem na complexa aventura da contemporaneidade. As sociedades humanas, as comunidades, os povos, as nações são o fruto das passagens da história, nas quais se revela uma identidade específica em contínua elaboração. Perceber o nexos fecundo entre a evolução histórica de uma comunidade e sua vocação para o bem comum e a realização do humanismo solidário acarreta a formação de uma consciência histórica, baseada na consciência da unidade indissolúvel que leva os antepassados, os contemporâneos e os vindouros a superarem os níveis de familiaridade para que todos se reconheçam igualmente filhos

³² Cf. João Paulo II, Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae* (15 de agosto de 1990), 34.

do único Pai, num relacionamento de solidariedade universal³³.

REDES DE COOPERAÇÃO

24. Assim como a Encíclica *Populorum Progressio* recomenda a elaboração de “programas bem organizados”³⁴, hoje é evidente a necessidade de fazer convergir as iniciativas educativas e de investigação com os objetivos do humanismo solidário, conscientes que “não podem ficar dispersos e isolados e, menos ainda, opostos por razões de prestígio ou de poder”³⁵. Tecer redes de cooperação, do ponto de vista educativo, escolar e acadêmico, significa ativar dinâmicas inclusivas, numa busca constante de novas possibilidades de incluir, no próprio circuito de ensino e aprendizagem, indivíduos diferentes, principalmente aqueles que têm dificuldades de usufruir de um plano formativo adequado às próprias necessidades. Lembrando que a educação ainda é um recurso limitado no mundo, considerando que há parcelas da humanidade que sofrem com a falta de instituições idôneas para o desenvolvimento. O primeiro compromisso da educação para o humanismo solidário

³³ *Populorum Progressio*, 17.

³⁴ *Ivi*, 50.

³⁵ *Ibid.*

consiste na socialização de si mesma, por meio da organização de redes de cooperação.

25. Uma educação para o humanismo solidário desenvolve redes de cooperação nos diferentes âmbitos do exercício da atividade educativa e, em particular, da formação acadêmica. Primeiramente, exige dos agentes da educação a adoção de um comportamento propenso à colaboração. Particularmente, prefere a colegialidade do corpo docente na preparação dos programas de formação e de cooperação, bem como a colaboração entre os alunos, no que diz respeito às modalidades de aprendizagem e aos ambientes de formação. Mais ainda, enquanto células vivas do humanismo solidário, ligadas por um pacto educacional e por uma ética intergeracional, a solidariedade entre quem ensina e quem aprende deve ser progressivamente inclusiva, plural e democrática.

26. A universidade deveria ser a principal oficina de formação para a cooperação na pesquisa científica, preferindo – no âmbito do humanismo solidário – a organização de pesquisas coletivas, em todas as áreas do conhecimento, cujos resultados possam ser corroborados pela objetividade científica da aplicação de lógicas, métodos e técnicas apropriadas, mas também a partir da experiência de solidariedade vivida pelos pesquisadores. Trata-se de favorecer a formação de grupos de pesquisa integrados entre o corpo docente, jovens pesquisadores e estudantes, além de solicitar a colaboração entre as

instituições acadêmicas situadas num contexto internacional. As redes de cooperação deverão ser instituídas entre sujeitos educativos e sujeitos de outro âmbito, por exemplo do mundo das profissões, das artes, do comércio, das empresas e de todos os corpos intermediários da sociedade nos quais o humanismo solidário precisa propagar-se.

27. Várias vozes pedem uma educação que supere as armadilhas dos processos de massificação cultural, os quais produzem os efeitos nocivos do nivelamento e, com isso, da manipulação consumista. O surgimento de redes de cooperação no âmbito da educação para o humanismo solidário pode contribuir para a superação de tais desafios, porque oferece descentralização e especialização. Numa perspectiva de subsidiariedade educativa, tanto a nível nacional como internacional, favorece-se a partilha de responsabilidades e experiências, indispensável para poder otimizar os recursos e evitar os riscos. De tal modo, cria-se uma rede não somente de pesquisa, mas sobretudo, de serviços nos quais prevalecem a ajuda recíproca e a partilha das novas descobertas, “permutando temporariamente os professores e promovendo tudo quanto favoreça uma maior ajuda mútua”³⁶.

³⁶ Concílio Ecumênico Vaticano II, declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965), 12 B.

PERSPECTIVAS

28. A educação e a formação, escolar e universitária sempre estiveram no centro da proposta da Igreja Católica na vida pública. A Igreja defendeu a liberdade de educação quando, em culturas secularizadas e laicistas, os espaços designados para a formação aos valores religiosos pareciam reduzir-se. Por meio da educação, ela continuou a fornecer princípios e valores à convivência pública quando as sociedades modernas, iludidas pelas metas científicas e tecnológicas, jurídicas e culturais, acreditavam que a cultura católica fosse insignificante. Hoje, assim como em cada época, a Igreja Católica tem a responsabilidade de contribuir, com o seu patrimônio de verdades e valores, para a construção do humanismo solidário, por um mundo pronto a atualizar a profecia contida na Encíclica *Populorum Progressio*.

29. Com o objetivo de dar uma alma ao mundo global, atravessado por mudanças constantes, a Congregação para a Educação Católica relança a prioridade da construção da “civilização do amor”³⁷ e exorta todos aqueles que, por profissão e por vocação, estão comprometidos nos processos educativos – em todos os níveis –, a viver com dedicação e sabedoria essa sua experiência, em nome dos princípios e valores abordados.

³⁷ A expressão “civilização do amor” foi usada pelo papa Paulo VI pela primeira vez em 17 de maio de 1970, Festa de Pentecostes (Ensinamentos, VIII/1970, 506), e retomada várias vezes durante o seu pontificado.

O nosso Dicastério – depois do Congresso Mundial “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova” (Roma - Castel Gandolfo, 18-21 de novembro de 2015) – reiterou as reflexões e os desafios encontrados tanto pelos professores, alunos e pais quanto pelas Igrejas particulares, famílias religiosas e associações comprometidas no vasto universo da educação.

30. As presentes orientações são dirigidas a todas as pessoas que vivem diariamente a paixão e a missão educativa da Igreja nos vários continentes. Deseja-se, também, oferecer um instrumento útil para o diálogo construtivo com a sociedade civil e as organizações internacionais. O papa Francisco criou a Fundação *Gravissimum Educationis*³⁸ com “finalidades científicas e culturais para promover a educação católica no mundo”³⁹.

31. Em conclusão, os temas e os horizontes a explorar – a partir da cultura de diálogo, da globalização da esperança, da inclusão e das redes de cooperação – solicitam tanto a experiência formativa e de ensino, quanto a atividade de estudo e de pesquisa. Será necessário, portanto, favorecer a comunicação dessas experiências e dos resultados da pesquisa, de modo a permitir que cada sujeito comprometido na

³⁸ Papa Francisco, quirógrafo para a instituição da fundação “*Gravissimum Educationis*” (28 de outubro de 2015).

³⁹ Ibid.

educação para o humanismo solidário possa compreender o significado da sua iniciativa, no processo global de construção de um mundo baseado nos valores da solidariedade cristã.

**Roma, solenidade da Ressurreição de
Nosso Senhor Jesus Cristo**

Festa da Páscoa, 16 de abril de 2017

O PROJETO E
PROJETO EDUCAT
EDUCATIVO D
TIVO DE FRAN
O DE FRANCISCO
CATIVO DE FR
DE FRANCISCO
FRANCISCO O P
CATIVO DE FR
O PROJETO E
ROJETO EDUCATIV
O PROJETO E

PARTE III

ESCOLA CATÓLICA: UMA EDUCAÇÃO CENTRADA NO CONHECIMENTO DE CRIANÇAS E JOVENS

Instrumentum Laboris: Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional

INTRODUÇÃO

As finalidades do Sínodo

1. Cuidar dos jovens não é uma tarefa facultativa da Igreja, mas é parte fundamental de sua vocação e missão na história. É este, *in radice*, o âmbito específico do próximo Sínodo: como o Senhor Jesus caminhou com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), também a Igreja é convidada a acompanhar todos os jovens, sem exceção, em direção à alegria do amor. Os jovens podem, com sua presença e palavra, ajudar a Igreja a rejuvenescer o próprio rosto. Um elo ideal liga a *Mensagem aos jovens* do Concílio Vaticano II (8 de dezembro de 1965) e o Sínodo dos Jovens (3-28 de outubro de 2018), como explicado

pelo Santo Padre na introdução da Reunião pré-sinodal: “Vem à minha mente a maravilhosa *Mensagem aos jovens* do Concílio Vaticano II. [...] É um convite a procurar novos caminhos e a percorrê-los com audácia e confiança, mantendo o olhar fixo em Jesus e abrindo-se ao Espírito Santo, para rejuvenescer o próprio rosto da Igreja”, acompanhando os jovens em seu percurso de discernimento vocacional nesta “mudança de época”.

O método do discernimento

2. No discernimento reconhecemos um modo de estar no mundo, um estilo, uma atitude fundamental e, ao mesmo tempo, um método de trabalho, um caminho a percorrer juntos, que consiste em olhar para as dinâmicas sociais e culturais nas quais estamos imersos com o olhar de discípulo. O discernimento leva a reconhecer e a sintonizar-se com a ação do Espírito, em uma autêntica obediência espiritual. Desta forma, torna-se abertura para a novidade, coragem para sair, resistência à tentação de reduzir o novo ao já conhecido. O discernimento é uma atitude autenticamente espiritual. Enquanto obediência ao Espírito, o discernimento é, sobretudo, escuta, que pode tornar-se também um estímulo encorajador para a nossa ação, bem como capacidade de fidelidade criativa à única missão desde sempre confiada à Igreja. O discernimento

faz-se, desta forma, um instrumento pastoral capaz de identificar estradas viáveis a serem propostas aos jovens de hoje, além de oferecer para a missão orientações e sugestões que não sejam predefinidas, mas fruto de um percurso que permita seguir o Espírito. Esta estrada assim estruturada convida a abrir e não a fechar, a pôr algumas questões e a fazer reflexões sem sugerir respostas predeterminadas, a vislumbrar alternativas e a procurar oportunidades. Nesta perspectiva, é evidente que a própria Assembleia Sinodal do próximo mês de outubro deva ser abordada com as disposições apropriadas de um processo de discernimento.

A estrutura do texto

3. O *Instrumentum Laboris* recolhe e sintetiza as contribuições colhidas durante o processo pré-sinodal num documento estruturado em três partes, que remetem explicitamente para a articulação do processo de discernimento descrita na *Evangelii Gaudium* 51: reconhecer, interpretar, escolher. As partes não são, portanto, independentes, mas constituem um percurso.

Reconhecer. A primeira passagem é aquela do olhar à escuta. Requer prestar atenção à realidade dos jovens de hoje, na diversidade de condições e contextos nos quais vivem. Requer humildade, proximidade e empatia, para entrar em sintonia e perceber quais são as suas ale-

grias e esperanças, as suas tristezas e angústias (cf. GS 1). O mesmo olhar e a mesma escuta, plenos de solicitude e cuidado, devem ser dirigidos aos que vivem nas comunidades eclesiais presentes em meio aos jovens de todo o mundo. Nesta primeira passagem a atenção focaliza-se a colher os traços característicos da realidade: as ciências sociais oferecem uma contribuição insubstituível e bem representado nas fontes utilizadas, mas a sua contribuição é retomada e relida à luz da fé e da experiência da Igreja.

Interpretar. O segundo passo é um retorno sobre o que foi reconhecido recorrendo a critérios de interpretação e avaliação a partir de um olhar de fé. As categorias de referência só podem ser as bíblicas, antropológicas e teológicas expressas pelas palavras-chave do Sínodo: juventude, vocação, discernimento vocacional e acompanhamento espiritual. É, pois, estratégico construir um quadro de referência adequado do ponto de vista teológico, eclesiológico, pedagógico e pastoral, que possa representar uma âncora capaz de subtrair a avaliação da volubilidade do impulso, reconhecendo que “na Igreja convivem legitimamente diferentes maneiras de interpretar muitos aspectos da doutrina e da vida cristã” (GE 43). Por essa razão é indispensável assumir um dinamismo espiritual aberto.

Escolher. Somente à luz da vocação aceita é possível compreender a qual passos concretos o Espírito nos chama e em qual direção nos mover para responder à Sua chamada. Nesta terceira

fase de discernimento, é necessário examinar os instrumentos e as práticas pastorais, além de cultivar a liberdade interior necessária para escolher aqueles que melhor nos permitam alcançar o objetivo e abandonar aqueles que se revelam menos capazes de fazê-lo. Trata-se, portanto, de uma avaliação operativa e uma verificação crítica, não de um julgamento sobre o valor ou significado que esses mesmos meios puderam ou podem ter em épocas ou circunstâncias diferentes. Esta passagem poderá identificar onde é necessária uma intervenção de reforma, uma mudança das práticas eclesiais e pastorais para retirá-las do risco de cristalizar-se.

I PARTE

Reconhecer: a Igreja à Escuta da Realidade

4. “A realidade é mais importante do que a ideia” (cf. EG 231-233): nesta I Parte somos convidados a escutar e olhar os jovens nas condições reais em que se encontram e a ação da Igreja a seu respeito. Não se trata de acumular dados e evidências sociológicas, mas de assumir os desafios e as oportunidades que emergem nos vários contextos à luz da fé, permitindo que nos toquem em profundidade, de modo a fornecer uma base de concretude para todo o caminho subsequente (cf. LS 15). Razões evidentes de

espaço limitam a poucas observações o tratamento de questões amplas e complexas: os padres sinodais são chamados a reconhecer, dentro desta realidade, os apelos do Espírito.

Capítulo I

Ser jovem hoje

5. Inserimo-nos imediatamente no dinamismo que o papa Francisco deu no seu primeiro encontro oficial com os jovens: “Esta primeira viagem tem em vista encontrar os jovens, mas não isolados da sua vida; gostaria de encontrá-los precisamente no tecido social, em sociedade. Porque, quando isolamos os jovens, praticamos uma injustiça: nós lhe tiramos sua pertença. Os jovens têm uma pertença: pertença a uma família, a uma pátria, a uma cultura, a uma fé” (viagem apostólica ao Rio de Janeiro por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Encontro com os jornalistas durante o voo papal, 22 de julho de 2013).

Uma abrangente variedade de contextos.

6. Há cerca de 1.800 milhões de pessoas no mundo entre 16 e 29 anos, representando pouco menos de um quarto da humanidade, embora as projeções indiquem um declínio pro-

gressivo da parcela de jovens em relação à população como um todo. As situações concretas em que os jovens se encontram variam muito de país para país, como destacam as respostas das Conferências Episcopais. Há países onde os jovens representam uma parte significativa da população (mais de 30%) e outros em que a sua parcela é muito menor (cerca de 15% ou menos), países onde a expectativa de vida não atinge os 60 anos e outros nos quais é possível, em média, ultrapassar os 80 anos. Oportunidades de acesso à educação, serviços de saúde, recursos ambientais, cultura e tecnologia, bem como a participação na vida civil, social e política, variam consideravelmente de uma região para a outra. Até dentro de um mesmo país podemos encontrar diferenças, por vezes muito profundas, por exemplo entre zonas urbanas e rurais.

7. O processo de consulta pré-sinodal destacou o potencial que as jovens gerações representam, as esperanças e os desejos que possuem: os jovens são grandes buscadores de significado e tudo o que entra em sintonia com a sua busca de dar valor à própria vida provoca a sua atenção e motiva o seu compromisso. Neste processo, também ficaram evidentes seus medos e algumas dinâmicas sociais e políticas que, com uma intensidade diferente nas várias partes do mundo, dificultam seu caminho para um pleno e harmonioso desenvolvimento, causando vulnerabilidade e baixa autoestima. Exemplos disso são: as fortes desigualdades sociais e econômicas

que geram um clima de grande violência e conduzem alguns jovens aos braços da criminalidade e do narcotráfico; um sistema político dominado pela corrupção, que mina a confiança nas instituições e legitima o fatalismo e o desinteresse; situações de guerra e pobreza extrema que levam à emigração em busca de um futuro melhor. Em algumas regiões pesa a falta de reconhecimento das liberdades fundamentais, até no campo religioso, e das autonomias pessoais por parte do Estado, enquanto em outras a exclusão social e a ansiedade do rendimento levam uma parcela do mundo juvenil ao circuito das dependências (drogas e álcool, em particular) e do isolamento social.

Em muitos lugares a pobreza, o desemprego e a marginalização aumentam o número de jovens que vivem em condições de precariedade, tanto material como social e política.

Enfrentando a globalização

8. Apesar das diferenças regionais, a influência do processo de globalização nos jovens de todo o planeta é evidente e exige que eles articulem diferentes níveis de pertença social e cultural (local, nacional e internacional; mas também mintra e extraeclesial). Em geral, assistimos, como relatam algumas Conferências Episcopais, à demanda por espaços crescentes de liberdade, autonomia e expressão a partir da partilha de experiências provenientes do mundo

ocidental, talvez inspiradas nas redes sociais. Outras Conferências Episcopais temem o risco de que, independentemente dos profundos desejos dos jovens, prevaleça uma cultura inspirada no individualismo, no consumismo, no materialismo e no hedonismo, e em que as aparências dominam.

9. Muitas Conferências Episcopais não ocidentais se perguntam como acompanhar os jovens para enfrentar essa mudança cultural que mina as culturas tradicionais, ricas do ponto de vista da solidariedade, dos laços comunitários e da espiritualidade, e sentem que não têm instrumentos adequados para tal. Acresce que a aceleração dos processos sociais e culturais aumenta a distância entre as gerações, até dentro da Igreja. As respostas recebidas pelas Conferências Episcopais também indicam uma certa dificuldade em compreender o contexto e a cultura em que os jovens vivem. Em alguns deles, além disso, a diferença que caracteriza os jovens é percebida, não como uma novidade frutífera, mas como uma decadência de costumes a partir dos quais se queixar.

10. Neste contexto, a perspectiva várias vezes referida pelo papa Francisco continua a ser um ponto de referência: “Há uma globalização poliédrica, há uma unidade, mas cada pessoa, cada raça, cada país, cada cultura conserva sempre a sua própria identidade: é a unidade na diversidade” (encontro com os jovens da Universidade Roma Tre, 17 de fevereiro de 2017). As declarações dos jovens lhe fazem eco, em cujos

olhos a diversidade aparece como uma riqueza e o pluralismo como uma oportunidade dentro de um mundo interconectado: “O multiculturalismo tem o potencial de favorecer um ambiente de diálogo e tolerância. Valorizamos a diversidade de ideias no nosso mundo globalizado, o respeito pela maneira de pensar e a liberdade de expressão do outro. [...] Não devemos temer nossas diversidades, mas valorizar nossas diferenças e tudo aquilo que nos faz únicos” (RP 2). Ao mesmo tempo, desejam “preservar a nossa [própria] identidade cultural e evitar a uniformidade e a cultura do descarte” (RP 2).

O papel das famílias

11. Neste contexto de mudança, a família continua a representar uma referência privilegiada no processo de desenvolvimento integral da pessoa: todas as vozes expressas concordam com este ponto. Vale ressaltar que há, portanto, uma profunda ligação entre este Sínodo e o caminho dos outros imediatamente anteriores. Não faltam, porém, diferenças significativas no modo de considerar a família. É isso o que afirmam os jovens com palavras semelhantes às das várias Conferências Episcopais: “Em muitas partes do mundo, o papel dos idosos e a reverência aos antepassados são fatores que contribuem para a formação das suas identidades. Porém, isso não é um dado universalmente

compartilhado, visto que os modelos da família tradicional estão em declínio em vários lugares” (RP 1). Os jovens também relatam como as dificuldades, divisões e fragilidades das famílias são uma fonte de sofrimento para muitos deles.

12. As respostas ao questionário on-line mostram que a figura materna é a referência privilegiada dos jovens, enquanto é importante fazer uma reflexão sobre aquela paterna, cuja ausência ou desvanecimento em alguns contextos, especialmente os ocidentais, produz ambiguidades e vazios que afetam também o exercício da paternidade espiritual. Algumas Conferências Episcopais indicam como particularmente significativo o papel dos avós em relação à transmissão da fé e dos valores aos jovens, e levantam questões sobre a futura evolução da sociedade. Também é relatado o aumento das famílias monoparentais.

13. A relação entre os jovens e suas famílias não é óbvia: “Alguns jovens se afastam das tradições familiares, esperando serem mais originais do que aquilo que consideram ‘parado no passado’ ou ‘fora de moda’. Por outro lado, em alguns lugares do mundo, os jovens procuram sua identidade permanecendo apegados às suas tradições familiares, esforçando-se para serem fiéis ao modo no qual cresceram” (RP 1). Essas situações exigem uma análise mais profunda da relação entre a cultura juvenil e a moral familiar. Diversas fontes relatam um descarte crescente entre elas; no entanto, é enfatizado por outros que ainda há jovens interessados em viver relações

autênticas e duradouras e que consideram preciosas as indicações da Igreja. O matrimônio e a família continuam a representar, para muitos jovens, alguns dos desejos e projetos a serem realizados.

As relações intergeracionais

14. Entre as características do nosso tempo, confirmadas por muitas Conferências Episcopais e pelo Seminário Internacional, assim como por numerosas análises sociais, há uma espécie de inversão na relação entre as gerações: os adultos costumam considerar os jovens como uma referência para seu próprio estilo de vida, dentro de uma cultura global dominada por uma ênfase individualista no próprio eu. Como afirma um Dicastério Vaticano, “o ponto problemático é então a liquidação da idade adulta, que é a verdadeira cifra do universo cultural ocidental. Não faltam adultos de fé. Faltam adultos ‘tout court’”. Várias Conferências Episcopais afirmam que hoje não há um verdadeiro conflito geracional entre jovens e adultos, mas uma “estranheza mútua”: os adultos não estão interessados em transmitir os valores fundadores da existência para as gerações mais jovens, pois as sentem mais como concorrentes do que como potenciais aliados. Dessa forma, a relação entre jovens e adultos corre o risco de permanecer apenas afetiva, sem chegar na dimensão educativa e cultural.

Do ponto de vista eclesial, o envolvimento sinodal dos jovens foi percebido como um importante sinal de diálogo intergeracional: “Ficamos entusiasmados por termos sido levados a sério pela hierarquia da Igreja e sentimos que este diálogo entre a Igreja jovem e aquela madura é um processo vital e frutuoso” (RP 15).

15. Juntamente com as relações intergeracionais, não devem ser esquecidas aquelas entre pares, que representam uma experiência fundamental de interação com os outros e de progressiva emancipação do contexto familiar de origem. Algumas Conferências Episcopais enfatizam o valor fundamental da hospitalidade, da amizade e do apoio mútuo que caracteriza os jovens de hoje. O relacionamento com os pares, muitas vezes também em grupos mais ou menos estruturados, oferece a oportunidade para fortalecer as competências sociais e relacionais em um contexto em que eles não são avaliados e julgados.

As escolhas de vida

16. A juventude é caracterizada como um tempo privilegiado em que a pessoa faz escolhas que determinam a sua identidade e o curso de sua existência. Os jovens da Reunião pré-sinodal estão cientes disso: “Os momentos cruciais para o desenvolvimento da nossa identidade incluem: escolher o que vamos estudar, nossa profissão, decidir em que crer, descobrir nossa sexualidade

e fazer escolhas definitivas na nossa vida” (RP 1). Varia muito, devido a fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, o momento em que a família de origem é deixada ou as decisões fundamentais são tomadas. Em alguns países, em média, casa-se ou escolhe-se o sacerdócio ou a vida religiosa até antes dos 18 anos, enquanto em outros lugares isto acontece depois dos 30 anos, quando a juventude já passou. Em muitos contextos, a transição para a vida adulta tornou-se um caminho longo, complicado, não linear, em que se alternam passos para frente e para trás, e geralmente a busca pelo trabalho prevalece sobre a dimensão afetiva. Isso torna mais difícil para os jovens fazerem escolhas definitivas e, como frisado por exemplo, por uma Conferência Episcopal africana, “evidencia a necessidade de criar um enquadramento formal para seu apoio personalizado”.

17. Na fase das decisões importantes com as oportunidades e vínculos decorrentes de um contexto social em constante mudança, que gera precariedade e insegurança (cf. DP I, 3 e III, 1), há uma interação entre as potencialidades e as dificuldades psicológicas típicas da condição juvenil, que devem ser reconhecidas, processadas e dissolvidas durante o processo de crescimento, possivelmente com um apoio adequado. Entre as dificuldades, os especialistas lembram a rigidez ou a impulsividade dos comportamentos, a instabilidade nos compromissos, a frieza e a falta de empatia, a pouca intuição emocional, a incapacidade ou o medo excessivo de estabelecer vínculos.

Emergem também, mais comumente, atitudes que sinalizam a necessidade de purificação e libertação: dependência afetiva, sensação de inferioridade, falta de coragem e força diante dos riscos, inclinação à gratificação sexual autocentrada, atitudes agressivas, exibicionismo e necessidade de estar no centro das atenções. São, contudo, recursos preciosos a serem cultivados e utilizados na realidade concreta da vida: a empatia com as pessoas que encontram uma percepção equilibrada do sentimento de culpa, o contato com a própria intimidade, a disposição para ajudar e colaborar, a capacidade de distinguir as próprias necessidades e responsabilidades dos outros, de manter, mesmo na solidão, as próprias escolhas, de resistir e lutar perante dificuldades e fracassos, de levar a cabo com responsabilidade as tarefas assumidas.

18. A juventude é assim configurada não apenas como uma fase de transição entre os primeiros passos dados na adolescência rumo à autonomia e a responsabilidade da vida adulta, mas como o momento de um salto qualitativo do ponto de vista do envolvimento pessoal nos relacionamentos e compromissos e da capacidade de interioridade e solidão. Certamente, é um período de experimentação, de altos e baixos, de alternância entre esperança e medo e de tensão necessária entre aspectos positivos e negativos, através dos quais se aprende a articular e integrar dimensões afetivas, sexuais, intelectuais, espirituais, corporais, relacionais e sociais.

Este caminho, que se articula em pequenas escolhas cotidianas e decisões de maior importância, permite que cada pessoa descubra a singularidade e a originalidade da própria vocação.

Educação, escola e universidade

19. As instituições educativas e formativas não são apenas o lugar onde os jovens passam a maior parte do tempo, mas são, sobretudo, um espaço existencial que a sociedade coloca à disposição para o seu crescimento intelectual e humano e sua orientação vocacional. Não faltam, porém, problemas relacionados principalmente a sistemas escolares e universitários que se limitam a informar sem formar e que não favorecem o amadurecimento de um espírito crítico nem o aprofundamento do sentido, também vocacional, do estudo. Em muitos países, são evidentes as disparidades no acesso ao sistema escolar, desigualdades nas oportunidades formativas entre as áreas rurais e urbanas e taxas de abandono alarmantes: em conjunto, representam uma ameaça para o futuro dos jovens e da sociedade. Igualmente preocupante em alguns países é o fenômeno daqueles que não trabalham nem estudam (o chamado “Nem-nem”), que requer uma atenção também nos âmbitos pastorais.

20. Em muitos países onde o sistema de ensino é precário, a Igreja e suas instituições

educativas desempenham um papel fundamental de substituição, enquanto em outros lugares há uma dificuldade em acompanhar o ritmo dos padrões nacionais de qualidade. Uma área particularmente delicada é a formação profissional, que vê em muitos países as instituições católicas de ensino desempenhar um papel muito importante: não se limitam a transmitir competências técnicas, mas ajudam os alunos a descobrir como fazer frutificar as próprias capacidades, independentemente de quais e quantas sejam. Muito importantes, principalmente em contextos de maior pobreza e privação, são as iniciativas de formação a distância ou informal, que oferecem oportunidades para remediar as lacunas no acesso à formação escolar.

21. Não há apenas a escola: como afirma a Reunião pré-sinodal, “a identidade dos jovens também é formada por interações externas e pela pertença a grupos específicos, associações e movimentos ativos até mesmo fora da Igreja. Muitas vezes, as paróquias não são mais lugares de encontro” (RP 1). Há também um grande desejo de encontrar modelos positivos: “Reconhecemos também o papel dos educadores e amigos como responsáveis de grupos jovens que podem tornar-se bons exemplos. Precisamos encontrar modelos atrativos, coerentes e autênticos” (RP 1).

Trabalho e profissão

22. A transição para a vida laboral e profissional continua sendo de grande importância; a distância que em alguns lugares é registrada entre o itinerário escolar e universitário e as exigências do mercado de trabalho a torna ainda mais delicada. Os jovens que responderam ao questionário afirmam que ter um emprego estável é essencial (82,7%), pois envolve estabilidade econômica e relacional e a possibilidade de realização pessoal (89,7%). O trabalho é o meio necessário, mesmo que não seja suficiente, para realizar o próprio projeto de vida, como ter uma família (80,4%) e filhos.

23. As preocupações são maiores quando o desemprego juvenil é particularmente alto. Nos contextos mais pobres, o trabalho também adquire um significado de resgate social, enquanto a sua falta é uma das principais causas de emigração para o exterior. Na Ásia, em particular, os jovens crescem confrontando-se com uma cultura de sucesso e de prestígio social e com uma ética de trabalho que permeia as expectativas dos pais e que estrutura o sistema escolar, gerando um clima de grande competição, uma orientação altamente seletiva e volumes de trabalho muito intensos e estressantes. Os jovens – afirma a Reunião pré-sinodal – continuam convencidos da necessidade de “afirmar que existe uma dignidade intrínseca ao trabalho” (RP 3), mas também sinalizam o esforço para cultivar a esperança e

os sonhos em condições socioeconômicas extremamente difíceis, que geram medo (cf. RP 3). Também a relação entre vocação e profissão – afirmam algumas Conferências Episcopais –, e a diferente “intensidade vocacional” das várias profissões deveriam ser mais aprofundadas.

Juventude, fé e religiões

24. Variedades e diferenças também dizem respeito ao contexto religioso em que os jovens crescem: há países onde os católicos representam a maioria, enquanto em outros eles são apenas uma ínfima minoria, ora socialmente aceitos, ora discriminados e perseguidos até o martírio. Há contextos em que o cristianismo deve confrontar-se com as consequências de escolhas passadas, também políticas, que minam a sua credibilidade; outros em que os católicos se deparam com a riqueza cultural e espiritual de outras tradições religiosas ou de culturas tradicionais; existem contextos secularizados, que consideram a fé como algo puramente privado, e outros em que aumentam cada vez mais as seitas religiosas ou propostas espirituais de outrogênero (*new age*, etc.). Há regiões em que o cristianismo e a religião são considerados uma herança do passado e, em outras, ainda representam o eixo fundamental da vida social.

Em alguns países, a comunidade católica não é homogênea, mas inclui minorias étnico-

-culturais (comunidades indígenas) e também religiosas (pluralidade de rituais); em outros, ela é chamada a abrir caminho para os fiéis provenientes das rotas migratórias.

25. Como apontam as pesquisas sociológicas, o contexto é variado também em relação à fé e à pertença confessional. Como evidenciado no Seminário Internacional, “uma parte do desinteresse e da apatia dos jovens em termos de fé (e da menor atração pelas Igrejas) é atribuível à dificuldade das grandes instituições religiosas em sintonizar-se com a consciência moderna; e isso mesmo em contextos sociais que interrogam as pessoas com novas e dolorosas perguntas de sentido, diante das muitas incertezas que pesam sobre a vida individual e coletiva. De resto, em um mundo jovem muito diferenciado internamente, não faltam sinais de vitalidade religiosa e espiritual, encontrados tanto nas grandes Igrejas quanto fora delas”. E ainda: “Esta coexistência generalizada de fiéis, não fiéis e ‘fiéis diferentes’, mais do que gerar tensões e conflitos, parece favorecer – sob certas condições – situações de reconhecimento recíproco. Isto se aplica em particular quando se aborda, de um lado, um ateísmo ou um agnosticismo com uma face mais humana, não arrogante, nem presunçosa; e do outro, uma crença religiosa mais dialógica que fanática”.

Capítulo II

Experiências e Linguagens

26. Como a Reunião pré-sinodal colocou em evidência, as jovens gerações são portadoras de uma abordagem da realidade com traços específicos, que representa um recurso e uma fonte de originalidade; no entanto, também pode gerar consternação ou perplexidade nos adultos. É preciso, porém, evitar julgamentos precipitados. Esta abordagem baseia-se na prioridade da concretude e da operacionalidade em relação à análise teórica. Não se trata de ativismo cego ou um desdém pela dimensão intelectual: no modo de proceder que é espontâneo para os jovens, as coisas são compreendidas ao fazê-las e os problemas são resolvidos no momento em que aparecem. Igualmente evidente é o fato de que, para os jovens, o pluralismo, também radical, das diferenças representa um fato. Isso não equivale a uma renúncia relativista à afirmação das identidades, mas envolve uma consciência originária da existência de outros modos de estar no mundo e um esforço deliberado para a sua inclusão, de modo que todos possam sentir-se representados pelo fruto do trabalho comum.

Compromisso e participação social

27. Diante das contradições da sociedade, muitas Conferências Episcopais observam a sensibilidade e o comprometimento dos jovens, até em formas de voluntariado, sinal de uma disposição para assumir as responsabilidades e um desejo de fazer frutificar os talentos, as competências e a criatividade de que dispõem. Entre os temas que mais lhes interessa estão a sustentabilidade social e ambiental, as discriminações e o racismo. O envolvimento dos jovens geralmente segue abordagens inéditas, explorando também as potencialidades da comunicação digital em termos de mobilização e pressão política: a difusão de estilos de vida e padrões de consumo e investimento que sejam críticos, solidários e ambientalmente conscientes; novas formas de compromisso e participação na sociedade e na política; novas formas de bem-estar que possam dar garantias aos indivíduos mais frágeis. Como mostram alguns exemplos muito recentes em todos os continentes, os jovens são capazes de mobilizar-se, especialmente por causas nas quais se sentem diretamente envolvidos e quando podem exercer uma autêntica liderança e não simplesmente ir ao encontro de outros grupos.

28. Os jovens afirmam que, em relação à promoção da justiça, a imagem da Igreja é “dicotômica”: por um lado quer estar presente na história ao lado dos últimos, por outro tem ainda muito a fazer para enfrentar situações, até graves

e difusas de corrupção, que lhe faz correr o risco de conformar-se ao mundo em vez de ser portadores de uma alternativa inspirada no Evangelho.

Espiritualidade e religiosidade

29. Como evidenciado pela Reunião pré-sinodal, a variedade é a característica que melhor expressa também a relação dos jovens com a fé e a prática religiosa. Em geral, declaram-se abertos à espiritualidade, mesmo que o sagrado seja frequentemente separado da vida cotidiana. Muitos veem a religião como uma questão privada e consideram-se espirituais, mas não religiosos (no sentido de pertencer a uma confissão religiosa) (cf. RP 7). A religião não é mais vista como o caminho de acesso privilegiado ao sentido da vida, e é acompanhada e, por vezes, substituída por ideologias e outras correntes de pensamento, ou pelo sucesso pessoal ou profissional (cf. RP 5).

30. A mesma variedade encontra-se na relação dos jovens com a figura de Jesus. Muitos O reconhecem como o Salvador e o Filho de Deus e muitas vezes se sentem próximos a Ele através de Maria, sua mãe. Outros não têm um relacionamento pessoal com Ele, mas O consideram um bom homem e uma referência ética. Para outros ainda, é uma figura do passado sem relevância existencial ou muito distante da experiência humana (assim como a Igreja é vista como distante). As falsas imagens de Jesus privam-no de fascínio

aos olhos dos jovens, assim como uma concessão que considera a perfeição cristã como algo além das capacidades humanas leva a considerar o cristianismo como um padrão inalcançável (cf. RP 6). Em diferentes contextos, os jovens católicos pedem propostas de oração e momentos sacramentais que possam compreender a sua vida cotidiana, mas é preciso reconhecer que nem sempre os pastores são capazes de sintonizar-se com as especificidades geracionais dessas expectativas.

Os jovens na vida da Igreja

31. Um certo número de jovens, variável em função dos diferentes contextos, sente-se parte viva da Igreja e demonstra-o com convicção, mediante um engajamento ativo dentro dela. Há jovens que “experimentam uma Igreja próxima, como no caso da África, da América Latina e da Ásia, assim como em diversos movimentos de escala mundial. Mesmo jovens que não vivem o Evangelho sentem uma ligação com a Igreja” (RP 7). Várias Conferências Episcopais notam que os jovens são e devem ser considerados parte integrante da Igreja, sendo o seu compromisso para com eles uma dimensão fundamental da pastoral. Não é incomum ver grupos de jovens, e também membros de movimentos e associações, pouco inseridos na vida das comunidades: superar essa dinâmica de separação é, para algumas Conferências Episcopais, um objetivo sinodal.

32. Embora muitos jovens denunciem o risco de ser excluídos, há numerosas atividades eclesiais que participam ativamente e até mesmo como protagonistas. Surgem as várias formas de voluntariado, marca distintiva das gerações mais jovens. A animação da catequese e da liturgia, bem como o cuidado dos menores, são outros âmbitos de ação que no oratório e em outras estruturas pastorais semelhantes encontram particular produtividade. Até mesmo movimentos, associações e congregações religiosas oferecem aos jovens oportunidades de engajamento e responsabilidade. Em muitos contextos, a piedade popular continua sendo um importante acesso à fé para as jovens gerações que encontram no corpo, na afetividade, na música e no canto importantes canais de expressão. Juntamente com outros encontros nacionais, internacionais e continentais, a JMJ desempenha um papel fundamental na vida de muitos jovens porque, como afirma uma Conferência Episcopal, é “uma experiência vívida de fé e comunhão, que os ajuda a enfrentar os grandes desafios da vida e a assumir de forma responsável o seu lugar na sociedade e na comunidade eclesial”.

33. Percebe-se entre os jovens um desejo e a capacidade de trabalhar em equipe, o que constitui um ponto forte em várias situações. Por vezes, esta disponibilidade entra em conflito com o autoritarismo excessivo dos adultos e ministros: “Muitas vezes os jovens têm dificuldade de encontrar um espaço na Igreja no qual

possam participar ativamente e ter responsabilidades. Os jovens, a partir de suas experiências, percebem uma Igreja que os considera demasiado jovens e pouco experientes para tomar decisões, e que deles se espera somente erros” (RP 7). É igualmente claro que, onde os jovens estão presentes e são valorizados, o estilo da Igreja e o seu dinamismo adquirem uma forte vitalidade capaz de atrair a atenção.

A transversalidade do continente digital

34. É evidente quão difundida seja a presença dos meios de comunicação digitais e sociais no mundo dos jovens. Afirmam-no com clareza os jovens na Reunião pré-sinodal: “O impacto das mídias sociais na vida dos jovens não pode ser desvalorizado. As mídias sociais são parte integrante da identidade dos jovens e do seu modo de viver. Como nunca, os ambientes digitais têm o poder sem precedentes de unir pessoas geograficamente distantes. A troca de informações, ideais, valores e interesses comuns é hoje muito mais possível. O acesso a instrumentos de formação on-line trouxe novas oportunidades educativas para os jovens que vivem em áreas remotas e fez do conhecimento do mundo algo mais acessível, até mesmo com um só clique” (RP 4).

35. A internet também representa um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até o extremo caso da “*dark web*”.

Os jovens estão cientes da presença de riscos: “A tecnologia tem mostrado uma outra face, aquela de certos vícios. Este perigo se manifesta de diversas formas como isolamento, preguiça, desolação e tédio. É evidente que os jovens de todo o mundo estejam consumindo excessivamente produtos eletrônicos. Embora vivamos em um mundo hiperconectado, a comunicação entre os jovens permanece limitada a grupos de pessoas que pensam como eles [...]. O advento das redes sociais trouxe novos desafios em relação à enorme influência que as empresas do setor exercem sobre os jovens” (RP 4). Tal fato dificulta o amadurecimento da capacidade de um sereno confronto e diálogo com a diversidade e, no que se refere aos jovens, representa um verdadeiro desafio educativo. As Conferências Episcopais também convergem sobre essa duplicidade, mesmo destacando as avaliações críticas. Também por causa da ignorância e da pouca formação, os pastores e em geral os adultos, têm dificuldade em perceber essa nova linguagem e tendem a ter medo, sentindo-se diante de um “inimigo invisível e onnipresente” que por vezes demonizam.

A música e as outras formas de expressão artística

36. Como muitas Conferências Episcopais notam, a música é uma linguagem fundamental

para os jovens: constitui a trilha sonora da sua vida, na qual estão constantemente imersos, e contribui para o caminho da formação da identidade de uma maneira que, mesmo com uma consciência quase generalizada de sua importância, a Igreja raramente se aprofunda. A música suscita emoções, envolve também o aspecto físico, abre espaços de interioridade e ajuda a torná-los comunicáveis. Ao mesmo tempo, transmite mensagens, veiculando estilos de vida e valores consoantes ou alternativos àqueles propostos por outras instituições educativas. Em algumas culturas juvenis, o mundo da música pode ser uma espécie de refúgio inacessível aos adultos. Dado seu poder, o mundo da música é facilmente influenciado e manipulado também por interesses comerciais, ou até mesmo especulativos.

37. A música e a sua partilha ativam processos de socialização. Os concertos reúnem milhares de jovens: não sem ambiguidade, nestes há a necessidade de estar juntos, tornando secundárias as diferenças individuais. Os grandes eventos musicais podem ser vividos como uma experiência totalizante: espetáculo visual e acústico, dança, movimento, aproximação e contato físico que permite sair de si e sentir-se em harmonia com outros desconhecidos; ao mesmo tempo, também podem ser uma ocasião para a escuta passiva, na qual o efeito da música, por vezes amplificado pelo uso de drogas, tem um papel despersonalizante. Também a prática musical tem um valor pessoal e social. Muitos jovens

compositores e músicos sentem a responsabilidade de interpretar a experiência de sua própria geração e tentam comunicar a seus coetâneos mensagens sobre temas sociais relevantes, da sexualidade às relações interpessoais e à valorização das culturas tradicionais.

38. Mesmo menos difundida que a música, o uso de muitas outras formas de expressão artística desempenha um papel fundamental na formação da identidade pessoal e social dos jovens: pintura, escultura, cinema, artes visuais, dança, teatro, fotografia, história em quadrinhos, desenho gráfico, web art, escrita, poesia, literatura, etc. Quando são praticadas de modo ativo, permitem o exercício da criatividade pessoal e a participação do desenvolvimento cultural, em particular por meio de iniciativas experimentais que cada vez mais preveem o uso das novas tecnologias. De grande interesse são as formas de expressão artística relacionadas às tradições populares e locais, com particular destaque para as minorias étnicas, que conectam os jovens com a herança do passado e oferecem ocasiões para a prática cultural, independentemente do nível de escolaridade ou da disposição de ferramentas técnicas ou tecnológicas.

O mundo do esporte

39. O esporte é outra grande área de crescimento e confronto para os jovens, em que a

Igreja está investindo em muitas partes do mundo. O papa Francisco o insere no âmbito da educação informal, na qual nos convida a apostar para enfrentar o empobrecimento intelectualista da educação formal (cf. discurso aos participantes no Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica, 21 de novembro de 2015). Os especialistas acreditam que as nossas já sejam “sociedades desportivizadas”, e isso é válido especialmente para o mundo da juventude. Devemos nos perguntar, no entanto, sobre os valores e os modelos que, além da retórica, nossa sociedade transmite por meio da prática esportiva, muitas vezes centralizados no sucesso a todo custo, até mesmo através da fraude, desprezando o esforço e o empenho de quem é derrotado.

40. Como os grandes concertos, também os eventos esportivos em massa são experiências de construção de uma identidade coletiva, com características marcadamente rituais. Nem mesmo o mundo do esporte está isento de formas de manipulação comercial e especulativa, de práticas contrárias à dignidade da pessoa, bem como aos valores do *fair play* (como o doping, difundido até a nível juvenil e amador, ou a corrupção) e da proximidade a formas de violência sobre as quais pesam até descontentamento e tensões sociais extraesportivas. É também um instrumento muito poderoso para a integração daqueles que sofrem formas de exclusão e marginalidade, como demonstram várias experiências, como por exemplo a do movimento paralímpico.

Capítulo III

Na Cultura do Descarte

41. A cultura do descarte é uma das características da mentalidade contemporânea que o papa Francisco nunca deixa de denunciar. As Conferências Episcopais relatam com que frequência os jovens são vítimas, em diferentes âmbitos e de várias maneiras. Ao mesmo tempo, não se deve esquecer que os jovens também podem estar impregnados por essa cultura e adotar comportamentos que produzam o “descarte” de outras pessoas ou a degradação do meio ambiente como resultado de escolhas de consumo irresponsáveis. Finalmente, devemos reconhecer que, por vezes até alguns líderes religiosos são coniventes com esse modo de pensar e agir, contribuindo para gerar indiferença e exclusão.

42. A Igreja, também mediante este Sínodo, é chamada a prestar atenção específica aos jovens vítimas da injustiça e da exploração, por meio de um trabalho fundamental de reconhecimento: a abertura de espaços em que se podem expressar e, sobretudo, serem ouvidos constitui uma reafirmação da sua dignidade pessoal contra qualquer pretensão de negação, e restitui um nome e um rosto para quem, muitas vezes, os veem negados pela história. Isso favorecerá a expressão do potencial de que até mesmo os jovens “descartados” são portadores: são capazes de ser sujeitos de seu próprio desenvolvimento e

seu ponto de vista representa uma contribuição insubstituível para a construção do bem comum, numa dinâmica de crescimento constante da esperança, a partir da experiência concreta que as pedras rejeitadas pelos edificadores podem tornar-se pedras angulares (cf. Sl 118,22; Lc 20,17; At 4,11; 1Pe 2,4).

A questão do trabalho

43. Como evidenciam as Conferências Episcopais, são muitos os países onde o desemprego juvenil atinge níveis que podem ser definidos, sem exageros, como dramáticos. A consequência mais grave não é de natureza econômica, pois muitas vezes as famílias, os sistemas de *welfare* ou as instituições de caridade conseguem, de alguma forma, satisfazer as necessidades materiais dos desempregados. O problema real é que “o jovem desempregado tem uma utopia anestesada, ou então está prestes a perdê-la” (Francisco, discurso à plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, 28 de fevereiro de 2014). Os jovens da Reunião pré-sinodal manifestaram-se com uma extraordinária consonância: “Às vezes, acabamos renunciando aos nossos sonhos. Temos muito medo e alguns de nós pararam de sonhar. Isso se percebe nas muitas pressões socioeconômicas que ameaçam a esperança dos jovens. Acontece então que não temos

nem mesmo mais a capacidade de continuar sonhando” (RP 3).

44. Um efeito semelhante ocorre em todas aquelas situações em que pessoas, incluindo os jovens, são obrigados, pela necessidade, a aceitar um emprego que não respeita a sua dignidade: é o caso do trabalho não declarado e informal – frequentemente sinônimo de exploração –, do tráfico de pessoas e das várias formas de trabalho forçado e escravidão que afetam milhões de pessoas no mundo inteiro. Como muitos no mundo, os jovens da Reunião pré-sinodal expressaram uma preocupação com o progresso tecnológico que ameaça mostrar-se inimigo do trabalho e dos trabalhadores: “O advento da inteligência artificial e das novas tecnologias como a robótica e a automação coloca em risco muitos trabalhadores, reduzindo as oportunidades de empregos. A tecnologia pode ser nociva à dignidade humana se não for usada com conhecimento e prudência: a dignidade humana deve sempre guiar o uso da mesma” (RP 4).

Os jovens migrantes

45. Entre os migrantes, uma alta percentagem é composta por jovens. As razões que provocam a emigração são várias, como indicado pela Reunião pré-sinodal: “Os jovens sonham com uma vida melhor, mas muitos são obrigados a migrar para encontrar uma melhor

situação econômica e ambiental. Desejam a paz e são, particularmente, atraídos pelo ‘mito do Ocidente’, assim como é representado pela mídia” (RP 3); mas também têm “medo porque em muitos dos nossos países encontramos instabilidade social, política e econômica” (RP 1), e “identificar um lugar de pertença é um sonho comum que ultrapassa continentes e oceanos” (RP 3).

46. As situações de particular delicadeza são representadas pelos menores não acompanhados por um familiar adulto e por aqueles que chegam a um país estrangeiro em idade escolar avançada (cf. Francisco, mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2017. Migrantes menores de idade, vulneráveis e sem voz, 8 de setembro de 2016). Muitos correm o risco de acabar como vítimas do tráfico humano e alguns literalmente desaparecem. A estes devem ser acrescentados os jovens das segundas gerações, que experimentam dificuldades em termos de identidade e mediação entre as culturas a que pertencem, particularmente quando há uma grande diferença social e cultural entre o país de partida e o de chegada.

47. Como muitas Conferências Episcopais apontam, a migração de jovens representa um empobrecimento do capital humano, proativo e corajoso, nos países de origem e uma ameaça ao seu desenvolvimento sustentável. Para as sociedades – e as Igrejas – que os recebem, trata-se, todavia, de um imenso potencial de transformação, cuja expressão exige ser acompanhada por

programas adequados e visão de futuro. A este respeito, no entanto, os jovens da Reunião pré-sinodal expressam uma cautela que nos permite interrogarmo-nos: “Ainda não existe um consenso unânime em relação à questão dos imigrantes e dos refugiados e muito menos sobre as problemáticas que causam este fenômeno – tudo isso somado ao reconhecimento do dever universal de tutelar a dignidade de cada pessoa humana” (RP 2).

Juntamente com aqueles que emigram, não se pode esquecer dos muitos jovens que continuam vivendo em condições de guerra ou de instabilidade política. Os jovens da Reunião pré-sinodal, no entanto, fizeram questão de afirmar que “mesmo com tantos conflitos e ondas de violência, os jovens permanecem cheios de esperança” (RP 3).

As várias formas de discriminação

48. As pesquisas internacionais mostram que muitos jovens enfrentam desigualdade e discriminação por causa de seu gênero, classe social, pertença religiosa, orientação sexual, posição geográfica, deficiência ou etnia. Este é um tema ao qual os jovens são muito sensíveis sobre o qual a Reunião pré-sinodal expressou-se com grande clareza: “O racismo, em diferentes modos, é presente nos jovens de diversas partes do mundo” (RP 2). O mesmo fenômeno é relatado por numerosas Conferências Episco-

pais. Uma atenção especial é dada pela Reunião pré-sinodal às formas de discriminação que afetam as mulheres jovens, também no contexto eclesial: “Hoje a falta de igualdade entre homens e mulheres é um problema difuso na sociedade. Isso acontece também na Igreja” (RP 5). Os jovens, portanto, perguntam-se “quais os lugares em que as mulheres podem prosperar dentro da Igreja e da sociedade?” (RP 5), com a consciência de que “a Igreja pode lidar com esses problemas com um olhar aberto às diversas ideias e experiências” (RP 5). Por fim, os jovens relatam a persistência da discriminação religiosa, especialmente contra os cristãos. Isso é verdade tanto nos contextos em que eles representam uma minoria, expostos à violência e à pressão da maioria que exige a sua conversão, como em situações de alta secularização (cf. RP 2).

Doença, sofrimento e exclusão

49. Muitas Conferências Episcopais e a Reunião pré-sinodal não negam que muitos jovens tenham de lidar com as consequências de eventos traumáticos de diferentes tipos, ou com várias formas de doença, sofrimento e deficiência. Tais jovens também contam com a hospitalidade e o apoio da Igreja, dos quais suas famílias têm igual necessidade. Particularmente em países com alto padrão de vida, são cada vez mais comuns, sobretudo entre os jovens, formas

de mal-estar psicológico, depressão, doenças mentais e distúrbios alimentares, ligados a experiências de profunda infelicidade ou incapacidade de encontrar um lugar dentro da sociedade. Há países em que o suicídio é a principal causa de morte na faixa etária entre 15 e 44 anos.

50. Várias Conferências Episcopais, de diferentes regiões, sinalizam com grande alarme a disseminação entre jovens, e até entre os muito jovens, de abusos e dependências de vários tipos (drogas tradicionais e sintéticas, álcool, ludopatia, dependência de internet, pornografia, etc.), bem como de comportamentos desviantes de vários tipos (bullying, violência, abusos sexuais). Para o papa Francisco, é claro que em muitos casos essas formas de dependência não são consequência da entrega ao vício, mas o resultado das dinâmicas de exclusão: “Há todo um armamento mundial de drogas que está destruindo esta geração de jovens, destinada a ser descartável!” (discurso à plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, 28 de fevereiro de 2014). Neste contexto, emerge não apenas a fragilidade daqueles que cometem tais atos, mas também a das vítimas, das famílias e da sociedade como um todo. Abusos e dependências, bem como reações de violência ou delinquência diante das contradições da sociedade, estão entre os motivos que levam jovens, até mesmo menores de idade, à prisão. Dadas as dificuldades do sistema penal de proporcionar oportunidades de recuperação social, há um alto risco de que

a detenção de jovens com baixo risco social coloque-os num circuito criminoso do qual é difícil sair, como demonstram os altos índices de reincidência. É igualmente sabido que a detenção afeta de modo desproporcional os membros de alguns grupos étnicos e sociais, como resultado de preconceito e discriminação.

Capítulo IV

Desafios Antropológicos e Culturais

51. As sociedades e culturas do nosso tempo, mesmo que de formas diferentes, são marcadas por algumas circunstâncias. A sua contínua recorrência nos faz reconhecê-los como sinais da mudança de época que estamos vivendo em termos antropológicos e culturais. Os jovens, sentinelas e sismógrafos de todas as épocas, percebem-nos mais do que outros como fonte de novas oportunidades e ameaças sem precedentes. Alguns analistas falam de “metamorfose” da condição humana, que lança para todos, especialmente para os jovens, enormes desafios no caminho da construção de uma identidade sólida.

O corpo, a afetividade e a sexualidade

52. O primeiro ponto diz respeito à corporeidade em suas muitas facetas. Desde sempre

o corpo, fronteira e interseção entre a natureza e a cultura, sinaliza e preserva o sentido do limite da criatura e é um presente a ser recebido com alegria e gratidão. Os avanços da pesquisa e das tecnologias biomédicas geram uma concessão diferente do corpo. As perspectivas de integração cada vez mais ousadas entre corpo e máquina, entre circuitos neuronais e eletrônicos, que encontram no ciborgue o seu ícone, favorecem uma abordagem tecnocrática da corporeidade, também do ponto de vista do controle dos dinamismos biológicos. Nota-se, a esse respeito, que as doadoras de óvulos e as mães de substituição são, de preferência, jovens. Além das avaliações primorosamente éticas, tais inovações não deixam de ter um impacto na concessão do corpo e da sua indisponibilidade. Alguns indicam uma fadiga das jovens gerações em reconciliar-se com a dimensão da própria criaturalidade. Em certos contextos, deve-se notar também a disseminação do fascínio por experiências extremas, até o risco da vida, como uma oportunidade de reconhecimento social ou experimentação de fortes emoções. Além disso, a sexualidade precoce, a promiscuidade sexual, a pornografia digital, a exibição do próprio corpo on-line e o turismo sexual podem desfigurar a beleza e a profundidade da vida afetiva e sexual.

53. No âmbito eclesial, verifica-se a importância do corpo, da afetividade e da sexualidade, mas muitas vezes não é possível fazer

dela o núcleo do caminho educativo e de fé, redescobrimdo e valorizando o significado da diferença sexual e as dinâmicas vocacionais típicas do masculino e do feminino. Os estudos sociológicos mostram que muitos jovens católicos não seguem as indicações da moralidade sexual da Igreja. Nenhuma Conferência Episcopal oferece soluções ou receitas, mas muitos acreditam que “a questão da sexualidade deve ser discutida de forma mais aberta e sem preconceitos”. A Reunião pré-sinodal enfatiza que os ensinamentos da Igreja sobre questões controversas, como “contracepção, aborto, homossexualidade, convivência, matrimônio” (RP 5) são fonte de debate entre os jovens, tanto dentro da Igreja quanto na sociedade. Há jovens católicos que encontram nos ensinamentos da Igreja uma fonte de alegria e que desejam que esta “não somente mantenha firme seus ensinamentos, mesmo se impopulares, mas os proclame com ainda mais profundidade” (RP 5). Aqueles que não os partilham, no entanto, expressam o desejo de continuar fazendo parte da Igreja e exigem maior clareza a esse respeito.

Consequentemente, a Reunião pré-sinodal pede aos líderes eclesiais que “falem em termos práticos sobre assuntos polêmicos como a homossexualidade e as questões de gênero, sobre os quais os jovens já debatem livremente sem tabus” (RP 11).

Novos paradigmas cognitivos e busca da verdade

54. Com vários graus de intensidade, muitos países do mundo estão enfrentando o fenômeno das fake news, ou seja, da difusão incontrolável de notícias falsas através dos meios de comunicação (digital ou não) e da dificuldade crescente em distingui-las das reais. No debate público, a verdade e a força do argumento parecem ter perdido a capacidade de persuasão. Por isso foi cunhado o termo “pós-verdade”. Como indica também uma Conferência Episcopal, “nas redes sociais e nos meios de comunicação digitais não existe uma hierarquia da verdade”.

55. Os jovens estão particularmente expostos a esse clima, devido a seus hábitos comunicativos, e precisam ser acompanhados para não ficarem desorientados. No mundo da pós-verdade, a frase “Cristo é a Verdade que faz a Igreja ser diferente de qualquer outro grupo secular com o qual poderíamos nos identificar” (RP 11), que a Reunião pré-sinodal usa, inevitavelmente acaba por ter um significado diferente das outras épocas. Não se trata de renunciar à especificidade mais preciosa do cristianismo para se conformar ao espírito do mundo, nem é isso que os jovens pedem, mas é preciso encontrar o modo de transmitir o anúncio cristão em circunstâncias culturais mudadas. De acordo com a tradição bíblica, é bom reconhecer que a verdade tem uma base relacional: o ser humano

descobre a verdade no momento em que a experimenta por parte de Deus, o único verdadeiramente confiável e digno de confiança. Esta verdade precisa ser testemunhada e praticada e não apenas argumentada e demonstrada, algo de que os jovens da Reunião pré-sinodal estão cientes: “As histórias pessoais de quem faz parte da Igreja são meios eficazes de evangelizar, já que experiências pessoais não podem ser contraditas” (RP 15).

56. É necessário hoje estar ciente de que alguns mecanismos de funcionamento dos meios de comunicação digitais e a necessidade de escolher qual das infinitas ofertas de informação acessar faz com que cada vez mais as pessoas entrem em contato apenas com aqueles que pensam da mesma maneira. Até mesmo grupos, instituições e associações eclesiais correm o risco de tornar-se circuitos fechados (cf. GE 115).

Os efeitos antropológicos do mundo digital

57. Do ponto de vista antropológico, a irrupção das tecnologias digitais está começando a ter impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si, dos outros e do mundo, no modo de comunicar, aprender, informar-se. Uma abordagem da realidade que privilegia a imagem em vez da escuta e da leitura está mudando o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico. Numa análise

prospectiva, não poderá deixar de questionar também as formas de transmissão de uma fé baseada na escuta da Palavra de Deus e na leitura da Sagrada Escritura. A partir das respostas das Conferências Episcopais, torna-se evidente que muitos parecem não estar plenamente conscientes da metamorfose em curso.

58. O uso superficial dos meios de comunicação digitais expõe ao risco de isolamento, até extremo – é o fenômeno conhecido pelo termo japonês hikikomori e que afeta um número crescente de jovens em vários países, em particular asiáticos – e de refúgio em uma felicidade ilusória e inconsistente que gera formas de dependência. Os jovens da Reunião pré-sinodal estão conscientes disso: “Frequentemente os jovens tendem a se comportar nos ambientes on-line diferente de como se comportam nos ambientes off-line. É necessário oferecer uma formação aos jovens de como viver as suas vidas digitais. As relações on-line podem se tornardesumanas. Os espaços digitais cegam-nos em relação à vulnerabilidade do outro ser humano e privam-nos da nossa autorreflexão. Problemas como a pornografia distorcem a percepção que o jovem tem da sexualidade humana. A tecnologia usada deste modo cria uma realidade paralela ilusória, que ignora a dignidade humana. Outros riscos incluem: a perda de identidade relacionada a uma representação errada da pessoa, uma construção virtual da personalidade e a perda de uma presença social

embasada na realidade. Além disso, os riscos a longo prazo incluem: perda de memória, de cultura e de criatividade diante do acesso imediato à informação e a perda de concentração ligada à fragmentação. Além do mais, existe uma cultura ditatorial da aparência” (RP 4).

A desilusão institucional e as novas formas de participação

59. Outra característica de muitas sociedades contemporâneas é a fraqueza das instituições e a diminuição da confiança nelas, incluindo a Igreja. As respostas ao questionário mostram como apenas uma minoria de jovens (16,7%) acredita que tem a possibilidade de participar da vida pública do próprio país: não que eles não o queiram, mas se encontram com possibilidades e espaços limitados. A falta de uma liderança confiável, em diferentes níveis e em contextos civis e eclesiais, é fortemente denunciada pelos jovens. Uma fragilidade particularmente evidente é gerada pela propagação da corrupção. As instituições deveriam ter em mente o bem comum e, quando alguns conseguem dobrá-las para seus interesses particulares, sofrem uma dramática erosão da credibilidade. É por isso que a corrupção é uma chaga que afeta as bases de muitas sociedades. O desafio da justiça social passa necessariamente pela construção de insti-

tuições justas, que se colocam a serviço da dignidade humana em sentido integral.

60. O desencanto com as instituições pode, no entanto, ser saudável se se abrir à participação e à responsabilidade sem permanecer prisioneiros do ceticismo. Várias Conferências Episcopais apontam que, em um contexto de insegurança e de medo do futuro, os jovens não estão mais ligados às instituições enquanto tais, mas às pessoas que, dentro delas, comunicam valores com o testemunho de suas vidas. A nível pessoal e institucional, a coerência e a autenticidade são fatores fundamentais de credibilidade.

A paralisia decisória na superabundância das propostas

61. Muitos elementos supracitados contribuem para explicar a razão de, em algumas partes do mundo, vivermos imersos numa “cultura da indecisão”, que considera impossível ou até mesmo insensata a escolha pela vida. Num mundo em que as oportunidades e propostas aumentam exponencialmente, torna-se espontâneo reagir com escolhas sempre reversíveis, mesmo que isso resulte numa constante mortificação do desejo. O processo de discernimento vocacional, ao longo do eixo marcado pelas etapas “reconhecer, interpretar, escolher”, falha muitas vezes exatamente no momento da escolha e da sua implementação. Por vezes,

as pessoas gostariam de ter garantias externas, que não requerem o esforço de caminhar na fé, entregando-se à Palavra; outras vezes, prevalece o medo de abandonar as próprias convicções para se abrir às surpresas de Deus.

62. Mesmo a insegurança das condições laborais e a precariedade social bloqueiam qualquer planificação de médio a longo prazo. Algumas Conferências Episcopais, especialmente no mundo ocidental, afirmam que é muito difícil para os jovens realizar um projeto matrimonial sem arriscar a autossuficiência econômica. Além disso, como atestam as respostas ao questionário on-line, muitos jovens se perguntam como é possível fazer uma escolha definitiva num mundo onde nada parece ser estável, nem mesmo a distinção entre verdadeiro e falso. Um dos desafios urgentes que caracterizam nosso tempo é, portanto, o da decisão da vida como uma assunção responsável da própria existência.

Além da secularização

63. Contrariando as previsões feitas nos últimos dois séculos, a secularização parece não se afirmar como o destino inelutável da humanidade. Com diferentes nuances, a literatura científica usa atualmente expressões como “retorno do sagrado” ou outras semelhantes. Tal fenômeno coexiste com o declínio das vocações sacerdotais e religiosas e com o esvaziamento

das igrejas que está ocorrendo em algumas partes do mundo: não estamos, portanto, diante de um retorno ao passado, mas do surgimento de um novo paradigma de religiosidade, descrita como pouco institucionalizada e cada vez mais “líquida”, marcada por uma variedade radical de percursos individuais, mesmo entre aqueles que se declaram pertencentes à mesma confissão. Assim, no Seminário Internacional afirmava-se que “em um mundo jovem muito diferenciado internamente, não faltam sinais de vitalidade religiosa e espiritual”. A insatisfação com uma visão de mundo puramente imanente, transmitida pelo consumismo e pelo reducionismo científico, abre o campo para a busca do sentido da própria existência por meio de itinerários espirituais de vários tipos.

Como afirma uma Conferência Episcopal: “Muitos jovens afirmam estar em busca do sentido da vida, seguir ideais, buscar uma espiritualidade e a própria fé pessoal, mas raramente se dirigem à Igreja”. Dessa mudança de atitude em relação à religião é necessário concentrar-se no perfil para poder interpretar suas causas e seus possíveis resultados, identificando quais oportunidades pode oferecer ao anúncio do Evangelho e quais riscos ou ambiguidades pode apresentar. Em muitos lugares, tal fato é acompanhado pelo fascínio que propostas integralistas ou fundamentalistas suscitam em algumas vertentes do mundo da juventude: os fenômenos dos combatentes estrangeiros e a radicalização em vários

níveis são apenas alguns exemplos disso. Num sentido totalmente diferente, é significativo o que frisam algumas Conferências Episcopais da Europa Central e Oriental com relação à mudança progressiva das práticas religiosas e espirituais do âmbito do preceito ao das opções de lazer: em tal mudança surge o aspecto da escolha pessoal, mas é evidente que tais práticas são colocadas em clara concorrência com muitas outras opções.

Capítulo V

À Escuta Dos Jovens

64. A atenção e o cuidado com os jovens expressos no documento preparatório foram reiterados pelas Conferências Episcopais. As suas respostas às perguntas: “O que pedem concretamente os jovens do vosso país à Igreja hoje?” foram amplas e elaboradas. No questionário on-line, muitos jovens se expressaram com grande liberdade, tentando comunicar seus pensamentos sem filtros. A experiência da Reunião pré-sinodal foi interpretada pelos jovens nessa mesma direção. Foram muitas as formas em que as Conferências Episcopais se colocaram à escuta dos jovens. Nota-se, no entanto, que em geral é privilegiada a atenção aos jovens que pertencem às realidades eclesiais e nelas atuam, com o risco de considerá-los representantes de todo o mundo juvenil. O questionário, como

era previsível, teve a participação majoritária de jovens já inseridos em circuitos eclesiais. Foi reiterado por muitos que a melhor forma de escutar os jovens é estar ali onde eles estão, partilhando a sua existência cotidiana. Os participantes da Reunião pré-sinodal afirmaram com entusiasmo: “A nossa esperança é que a Igreja e outras instituições possam aprender com o resultado desta reunião e escutar a voz dos jovens” (RP, Introdução). Também muitos dos que responderam o questionário expressaram gratidão e apreço por esta oportunidade.

O esforço para escutar

65. Como bem resume um jovem, “no mundo contemporâneo o tempo dedicado à escuta nunca é tempo perdido” (QoL⁴⁰) e nos trabalhos da Reunião pré-sinodal verificou-se que a escuta é a primeira forma de linguagem verdadeira e audaz que os jovens pedem em voz alta à Igreja. Vale recordar, no entanto, o esforço da Igreja em escutar todos os jovens, sem exclusão alguma. Muitos sentem que sua voz não é considerada interessante e útil para o mundo dos adultos, tanto em âmbito social quanto eclesial. Uma Conferência Episcopal afirma que os jovens percebem que “a Igreja não escuta ativamente as situações vividas pelos jovens” e que “suas opiniões não são consideradas seriamente”. É claro,

⁴⁰ Questionário on-line para os jovens da Secretaria do Sínodo.

no entanto, que os jovens, de acordo com outra Conferência Episcopal, “demandam à Igreja que se aproxime deles com o desejo de escutá-los e acolhê-los, oferecendo diálogo e hospitalidade”. Os próprios jovens dizem que “em algumas partes do mundo, os jovens estão deixando a Igreja em grande número. Entender os motivos deste fenômeno é crucial para poder seguir em frente” (RP 7). Certamente entre eles encontramos a indiferença e a falta de escuta, além do fato de que “muitas vezes, a Igreja parece severa demais e, geralmente, associada a um moralismo excessivo” (RP 1).

O desejo de uma “Igreja autêntica”

66. Um número considerável de jovens, oriundos principalmente de áreas muito secularizadas, não pedem nada à Igreja porque não a consideram um interlocutor significativo para a sua existência. Alguns até pedem expressamente para serem deixados em paz, pois sentem a sua presença como incômoda e até irritante. Esse pedido não deriva de um desprezo acrítico e impulsivo, mas também tem suas raízes em motivos sérios e respeitáveis: os escândalos sexuais e econômicos, sobre os quais os jovens pedem à Igreja para “reforçar sua posição em não tolerar o abuso sexual dentro das suas instituições” (RP 11); o despreparo dos ministros ordenados que não conseguem reconhecer devidamente a vida e a sensibilidade dos jovens; o papel passivo

atribuído aos jovens dentro da comunidade cristã; a fadiga da Igreja para justificar suas posições doutrinárias e éticas diante da sociedade contemporânea.

67. Mesmo quando são muito críticos, no fundo, os jovens pedem que a Igreja seja uma instituição que brilhe pela exemplaridade, competência, corresponsabilidade e solidez cultural. Uma Conferência Episcopal afirma que “os jovens querem ver uma Igreja que partilhe sua situação de vida à luz do Evangelho, em vez de fazer sermões!” Sinteticamente, os jovens expressaram-se assim: “Hoje os jovens procuram uma Igreja autêntica. Queremos dizer, especialmente para a hierarquia da Igreja, que ela deve ser transparente, acolhedora, honesta, convidativa, comunicativa, acessível, alegre e interativa com a comunidade” (RP 11).

Uma Igreja “mais relacional”

68. Muitos jovens consideram decisiva uma renovada configuração eclesial, sobretudo do ponto de vista relacional: inúmeras Conferências Episcopais afirmam que os jovens desejam uma Igreja “menos institucional e mais relacional”, capaz de “acolher sem antes julgar”, uma Igreja “amiga e próxima”, uma comunidade eclesial que seja “uma família onde todos se sentem bem-vindos, ouvidos, cuidados e integrados”. Ainda segundo a Reunião pré-sinodal: “Precisamos de uma Igreja acolhedora e misericordiosa, que

tenha apreço pelas suas raízes e seus valores, amando a todos, até mesmo aqueles que não seguem o que é considerado padrão” (RP 1).

69. Os jovens mais envolvidos na vida da Igreja expressaram vários pedidos específicos. Retorna com frequência o tema da liturgia, a qual eles gostariam que fosse viva e próxima, enquanto muitas vezes não permite experimentar “nenhum sentido de comunidade ou de família enquanto Corpo de Cristo” (RP 7), e das homilias, que muitos consideram inadequadas para acompanhá-los no discernimento de sua situação à luz do Evangelho. “Os jovens são atraídos pela alegria, que deveria ser um sinal distintivo da nossa fé” (RP 7), mas muitas vezes as comunidades cristãs parecem não ser capazes de transmitir.

70. Outro pedido diz respeito à adoção de um estilo de diálogo dentro e fora da Igreja: os jovens consideram necessário enfrentar certas questões do nosso tempo, como o reconhecimento e a valorização do papel da mulher na Igreja e na sociedade. Alguns jovens encorajam a Igreja a aprofundar uma elaboração cultural da fé que permita um diálogo frutífero com outros saberes e outras tradições religiosas: “Em um mundo globalizado e inter-religioso, a Igreja precisa não somente de um modelo, mas também de uma elaboração sobre as linhas teológicas já existentes para um pacífico e construtivo diálogo com pessoas de outras crenças e tradições” (RP 2).

Uma comunidade “comprometida com a justiça”

71. Em várias partes do mundo afetadas por muita pobreza, os jovens pedem ajuda material ou acompanhamento na cura das formas de sofrimento que os afligem. Por outro lado, onde a Igreja é considerada uma instituição ativamente comprometida com a promoção civil e social, os jovens pedem que esta sua presença profética possa continuar com coragem e firmeza, apesar do clima de violência, opressão e perseguição que envolve a vida de muitas comunidades cristãs. Muitos jovens pedem à Igreja uma concretude operacional, que diz respeito a vários pontos: ser realmente a favor dos pobres, ter em mente a questão ecológica, fazer escolhas visíveis de sobriedade e transparência, ser autêntica, clara e até ousada ao denunciar o mal com radicalidade não só na sociedade civil e no mundo, mas dentro da própria Igreja. “A Igreja deve reforçar as iniciativas que combatem o tráfico humano e migrações forçadas, assim como o narcotráfico, que é um tema especialmente urgente na América Latina” (RP 14).

A palavra dos seminaristas e dos jovens religiosos

72. Muitos seminaristas, jovens religiosos e religiosas em formação expressaram-se de várias maneiras sobre o tema do Sínodo, que é

para eles uma fonte de grande alegria. Suas indicações e provocações guiam-nos em três direções precisas. A primeira diz respeito ao tema da fraternidade: oriundos de contextos fortemente marcados pela competição e pelo individualismo, eles pedem uma vida autenticamente fraterna, centrada em laços e afetos compartilhados. Eles querem uma Igreja que seja “profecia da fraternidade”, uma casa capaz de tornar-se a sua família.

Há, depois, uma exigência de espiritualidade, de uma Igreja em cujo centro há a oração e a intimidade com Deus. Em algumas partes do mundo há uma espontânea abertura à transcendência; em outras, dominadas por um “humanismo exclusivo”, o pedido à Igreja é que seja mística, capaz de abrir vislumbres de transcendência a todos os homens e mulheres. Por isso alguns veem a liturgia como uma ocasião de profecia.

Por fim, há uma forte demanda por radicalidade, mesmo que nem sempre apoiada pela coerência pessoal: além de alguns contextos em que a escolha pela vida consagrada e o ministério ordenado são relacionados à busca por seguranças econômicas e sociais, geralmente por jovens diante dessas formas de vida, há uma escolha consciente de radicalidade evangélica, que requer um acompanhamento específico e gradual em direção ao dom generoso de si para Deus e o próximo.

II PARTE

Interpretar: Fé e Discernimento Vocacional

73. Nesta II Parte somos chamados a aprofundar alguns elementos e dinâmicas que nos permitem interpretar devidamente as situações expostas na I Parte. O apelo de Cristo a viver segundo as suas intenções é o nosso horizonte de referência e, ao mesmo tempo, permanece uma fonte de sã inquietude de crise benéfica: “Uma fé que não nos põe em crise é uma fé em crise; uma fé que não nos faz crescer é uma fé que deve crescer; uma fé que não nos questiona é uma fé sobre a qual devemos questionar; uma fé que não nos anima é uma fé que deve ser animada; uma fé que não nos sacode é uma fé que deve ser sacudida” (Francisco, encontro com os membros da Cúria Romana para a Apresentação dos Votos Natalícios, 21 de dezembro de 2017).

Capítulo I

A Bênção da Juventude

74. Para compreender a verdade da juventude, que não é apenas uma condição de hoje, mas uma idade específica da vida que faz parte da condição humana como tal, é oportuno oferecer uma visão antropológica e bíblica, pois a palavra de Deus nos oferece elementos para

compreender e interpretar este momento decisivo da existência. Se então a Igreja é realmente “a verdadeira juventude do mundo”, iluminar os traços característicos e universais da juventude significa ter elementos preciosos para ajudá-la a “rejuvenescer o seu próprio rosto” (Concílio Vaticano II, mensagem aos jovens), pois o Sínodo “será também um apelo dirigido à Igreja, para que redescubra um renovado dinamismo juvenil” (Francisco, discurso por ocasião da Reunião pré-sinodal, 3).

Cristo “jovem entre os jovens”

75. A juventude é uma idade da vida original e entusiasmante, pela qual o próprio Cristo passou, santificando-a com a sua presença. Ireneu de Lião nos ajuda a esclarecer esta realidade, quando afirma que Jesus “sem renegar nem ultrapassar a humanidade, não aboliu em si a lei do gênero humano e santificou todas as idades, por aquela semelhança que estava nele. Veio para salvar a todos mediante a sua pessoa, todos, digo, os que por sua obra renascem em Deus, crianças, meninos, adolescentes, jovens e adultos. Eis por que passou por todas as idades, tornando-se criança com as crianças, santificando as crianças; com os adolescentes se fez adolescente, santificando os que tinham esta mesma idade e tornando-se ao mesmo tempo para eles o modelo de piedade, de justiça e de submissão.

Jovem com os jovens, tornou-se seu modelo e os santificou para o Senhor” (Contra as heresias, II, 22.4). Jesus, portanto, “jovem entre os jovens”, quer encontrá-los caminhando com eles, como fez com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35). Quer ainda hoje oferecer a Si mesmo para que cada um deles tenha vida em abundância (cf. Jo 10,10).

A chamada universal à alegria do amor

76. Ao responder ao questionário, um jovem assegura que “acreditar em Deus é uma fonte de amor e alegria, não de tristeza!”. Um elemento recorrente na juventude é a alegria: “Jovem, alegra-te na tua mocidade! Sê feliz o teu coração nos dias da tua juventude” (Ec 11, 9, cf. Sap 2: 6). O imperativo da alegria habita a juventude com certa naturalidade, girando em torno da beleza física que se torna atenção e atração pelo outro. O corpo em seu pleno brilho e plenitude torna-se o espaço do amor, percebido como o mesmo mistério do ser humano, destinado à eternidade precisamente porque está entrelaçado com o amor. Por este amor que “tudo espera” (1Cor 13,7), todo jovem é chamado a tornar-se anunciador da ressurreição (cf. Mc 16,6). Todo o Cântico dos Cânticos celebra o amor entre dois jovens que buscam e desejam a si mesmos como o símbolo real do amor concreto entre Deus e seu povo, mostrando como a vocação à alegria através do amor é universal e irreprimível. Muitos

descrevem a necessidade de que Igreja revigore a sua chamada e ser uma colaboradora da alegria dos jovens de forma gratuita e desinteressada (cf. 2Cor 1,24).

Vigor físico, fortaleza de alma e coragem de arriscar

77. “A glória do jovem é a sua força” (Pv 20,29). Uma atitude naturalmente proativa em relação à existência caracteriza a juventude: momento de máxima expansão da própria energia física, traz consigo uma força única para enfrentar os desafios da vida e ousar trilhar novos caminhos. Na figura bíblica de Josué, servo de Moisés desde a adolescência, tais características emergem, precisamente quando ele é chamado a conduzir o povo para a conquista da Terra Prometida. Várias vezes lhe é repetido o convite “Sê forte e corajoso”, tanto por Moisés (Dt 31,7.23) quanto por Deus (Js 1,6.7.9). É esta mesma palavra que a Igreja deseja dirigir a todos os jovens que enfrentam os desafios e riscos da vida, seguindo a indicação do apóstolo João: “Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o maligno” (1 Jo 2,14). Na I Parte, a análise da situação nos mostrou como é fácil para os jovens de hoje perder as características da força e da coragem, típicas dessa idade da vida, deixando-se vencer pelo medo e pelo desânimo. A própria Igreja corre

o risco de perder o entusiasmo que vem da sua própria chamada ao risco da fé, prendendo-se em falsas seguranças mundanas. É preciso recuperar esses dinamismos.

Incerteza, medo e esperança

78. Diante da vida, especialmente no nosso tempo, os jovens experimentam a contingência e a fragmentação existencial. A falta de segurança gera incerteza, a multiplicidade de opções disponíveis cria confusão e a presença do ódio e da violência enche as novas gerações de medo, diminuindo assim seu apreço pelos próprios recursos. Como pode um jovem ser profeta de esperança em um mundo onde reinam a corrupção e a injustiça? É a situação em que se encontra o profeta Jeremias, que antes do chamado a ser profeta das nações, mostra ao seu Senhor a sua jovem idade: “Ah, Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque sou um menino” (Jr 1,6). Ele sente a necessidade de um Deus próximo que através da Sua graça traga uma esperança confiável na sua frágil existência.

A juventude, por outro lado, é portadora da inexperiência e, portanto, de um certo medo e de uma incerteza estrutural diante das grandes tarefas que a vida reserva. Todo jovem pede companhia, apoio, proximidade. Jeremias tranquiliza-se somente quando o próprio Deus lhe dirige esta palavra: “Não temas diante deles; porque

estou contigo para te livrar, diz o Senhor” (Jr1, 8). Muitos jovens pedem, portanto, uma Igreja que seja mãe e que nunca se esqueça deles (cf. Is 49, 15-16).

Queda, arrependimento e acolhimento

79. A elaboração da capacidade de amar continua a ser a beleza e o risco da juventude, porque o amor, no momento em que é procurado e vivido de maneira desordenada, pode tornar-se uma paixão desregulada e um impulso destrutivo, o que leva à tristeza. O mal e o pecado residem também na vida dos jovens e seu pedido de aceitação e de perdão é um grito que devemos perceber. Uma das parábolas mais famosas do Evangelho, que narra a história de dois filhos e irmãos, é a do “pai misericordioso”, que também poderia ser chamada de “parábola do pai que sai duas vezes” (Lc 15, 11-32): a primeira vez para receber o filho mais novo depois do tempo da despreocupação e da desordem, e uma segunda para rezar para o filho mais velho, cujo coração endureceu e desligou-se, para que este tornasse para celebrar e partilhar a alegria do retorno de seu irmão. O pai desta parábola é a verdadeira figura do “adulto” que tantos jovens buscam em sua existência e que infelizmente não encontram. Esta parábola diz respeito a um pai corajoso, que permite que seus filhos experimentem o risco da liberdade, sem impor

autoridade que mortifique suas escolhas. Ao mesmo tempo, trata-se de um pai cujo coração é tão grande a ponto de não excluir ninguém e de desejar reintegrar todos em sua casa. A Igreja é chamada a fazer com que todos os jovens que encontra em seu caminho experimentem tais atitudes paternas e maternas.

Disponibilidade para ouvir e necessidade de acompanhamento

80. No documento preparatório, a figura de João e a de Maria ofereceu uma imagem eficaz em relação à disposição para a escuta e ao desejo de empreender um caminho de discernimento vocacional que não se realiza num ato preciso, mas se torna um percurso existencial acompanhado continuamente pela presença de Jesus, que se torna mestre, modelo e amigo de todo jovem.

81. Uma das chamadas bíblicas que diz respeito diretamente a um jovem é a de Samuel (cf. 1 Sm 3,1-21). Aqui se vê muito bem que o tempo da juventude é o tempo da escuta, bem como o tempo da incapacidade de compreender sozinhos a palavra da vida e a Palavra de Deus. Em comparação com um adulto, o jovem não tem experiência: os adultos, de fato, deveriam ser aqueles que “têm, pela prática, as faculdades exercitadas para discernir tanto o bem como o mal” (Heb 5:14). Deveriam, portanto, brilhar

sobretudo pela sua consciência certa, que vem do exercício contínuo de escolher o bem e evitar o mal. O acompanhamento das gerações mais jovens não é uma opção em relação à tarefa de educar e evangelizar a juventude, mas um dever eclesial e um direito de cada jovem. Somente a presença prudente e sábia de Eli permite que Samuel dê a correta interpretação à palavra que Deus está dizendo-lhe. Neste sentido, os sonhos dos idosos e as profecias dos jovens só acontecem juntos (cf. Jl 3,1), confirmando a bondade das alianças intergeracionais.

Amadurecimento da fé e dom do discernimento

82. A fé é antes de tudo um dom a ser acolhido e seu amadurecimento é um caminho a ser percorrido. Certamente, porém, acima de tudo isso, vale reafirmar que “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá à vida um novo horizonte e, com ele, o rumo decisivo” (DC 1; EG 7). A partir deste encontro, toma forma uma experiência que transforma a existência, orientando-a de forma dialógica e responsável. Ao crescer, todo jovem percebe que a vida é maior do que si mesmo, que ele não controla tudo de sua existência; toma consciência de que é o que é graças ao cuidado que outros, em primeira instância os

seus pais, reservaram-lhe; ele convence-se de que, para viver bem, a sua história deve tornar-se responsável pelos outros, reproduzindo aqueles comportamentos de cuidado e serviço que o fizeram crescer. Acima de tudo, ele é chamado a pedir o dom do discernimento, que não é uma competência que pode ser construída por conta própria, mas antes de tudo trata-se de um dom a ser recebido, que depois requer um exercício prudente e sábio para desenvolvê-lo. E um jovem que recebeu e sabe como fazer frutificar o dom do discernimento é uma fonte de bênção para outros jovens e para o povo inteiro.

83. O jovem rei Salomão, quando é convidado para pedir a Deus o que deseja em vista de seu papel decisivo, pede “um coração compreensivo” (1 Rs 3,9). E a apreciação de Deus não nos faz esperar: “Porque pediste para ti entendimento para discernires o que é justo; eis que fiz segundo as tuas palavras” (1 Rs 3,11-12). De fato, todo jovem é, de algum modo, “rei” de sua própria existência, mas precisa ser ajudado para que possa pedir o discernimento e ser acompanhado para que alcance a plenitude no dom de si. Instrutiva, a propósito, é também a história da jovem rainha Ester que, acompanhada e sustentada pela oração do povo (cf. Est 4,16), renuncia a seus privilégios e coloca em risco com coragem a própria existência para a salvação de seu povo, demonstrando até que ponto a audácia juvenil e a dedicação feminina podem chegar.

84. Na fase da juventude, toma forma a construção da própria identidade. Neste momento, marcado pela complexidade, fragmentação e incerteza em relação ao futuro, planejar a vida torna-se cansativo, senão impossível. Nesta situação de crise, o compromisso eclesial é, muitas vezes, orientado para apoiar um bom planejamento. Nos casos mais afortunados e nos quais os jovens estão mais disponíveis, este tipo de pastoral os ajuda a descobrir a própria vocação, que permanece sendo, afinal, uma palavra para poucos eleitos e representa o culminar de um projeto. Mas esse modo de proceder não arrisca reduzir e comprometer toda a verdade do termo “vocação”?

A esse respeito, é muito útil chamar a atenção para o encontro entre Jesus e o jovem rico (Mt 19, 16-22; Mc 10, 17-22; Lc 10, 25-28). Aqui vemos que o Mestre de Nazaré não apoia o projeto de vida do jovem e nem propõe a sua coroação; não aconselha um esforço a mais e nem, realmente, quer preencher uma lacuna do jovem, que também lhe perguntou: “O que me falta ainda?”; pelo menos, ele não quer preenchê-la, confirmando a lógica projetual do jovem. Jesus não preenche um vazio, mas pede ao jovem para esvaziar-se, para dar lugar a uma nova perspectiva orientada no dom de si mesmo por meio de uma nova abordagem da própria vida gerada pelo encontro com aquele

que é “o caminho, a verdade e a vida” (cf. Jo 14,6). Dessa forma, por meio de uma verdadeira desorientação, Jesus pede ao jovem uma reconfiguração de sua própria existência. É uma chamada a arriscar, a perder o que já foi adquirido, a confiar. É uma provocação para romper com a mentalidade dos projetos que, se exasperada, leva ao narcisismo e ao fechamento de si mesmo. Jesus convida o jovem a entrar em uma lógica de fé, que arrisca a própria vida ao segui-lo, precedida e acompanhada por um olhar intenso de amor: “Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: falta-te uma coisa: vai, e vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem! Segue-me” (Mc 10,21).

Capítulo II

A Vocação à Luz da Fé

85. Os jovens, no Documento final da Reunião pré-sinodal, afirmam: “Procuramos uma Igreja que nos ajude a encontrar nossa vocação, em todos os seus significados” (RP 3). Para isso, é necessário esclarecer o significado do termo “vocação”. Importando-se com todos os jovens, sem exceção, pede-se ao Sínodo que ilumine de modo convincente o horizonte vocacional da existência humana enquanto tal. Os próprios jovens pedem à Igreja que os ajude a “encontrar

uma simples e clara compreensão do significado de ‘vocação’” (RP 8). A partir das respostas das várias Conferências Episcopais, e também das muitas palavras dos próprios jovens, conclui-se que o termo “vocação” é geralmente usado para indicar as vocações ao ministério ordenado e aquelas de especial consagração. Uma Conferência Episcopal afirma que uma “fraqueza da pastoral no discernimento da vocação dos jovens está no fato de limitar a compreensão da vocação apenas à escolha do sacerdócio ministerial ou da vida consagrada”.

86. Ao compararmos essa visão “limitada”, mesmo apenas com o caminho dos dois Sínodos anteriores, no qual se afirma que “o matrimônio é uma vocação” e que, portanto, “a decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de um discernimento vocacional” (AL 72), não é difícil compreender que uma visão limitada do termo “vocação” crie um forte preconceito nos jovens, que veem na pastoral vocacional uma atividade voltada exclusivamente ao “recrutamento” de sacerdotes e religiosos. Partindo desse imaginário coletivo eclesial, há, portanto, a necessidade de estabelecer as bases para uma “pastoral vocacional juvenil” de grande alcance, capaz de ser significativa para todos os jovens.

A vida humana no horizonte vocacional

87. O Concílio Vaticano II claramente recuperou o horizonte vocacional da humanidade

quando usou tal terminologia para expressar tanto o destino de todos os homens para a comunhão com Cristo (cf. LG 3,13, GS 19,32) quanto o chamado universal à santidade (cf. LG 39-42), inserindo em tal horizonte interpretativo a compreensão das vocações individuais: aquelas para o ministério ordenado e para a vida consagrada, bem como a vocação do leigo (cf. LG 31), especialmente na vida matrimonial (cf. LG 35; Js 48.49.52). Nesta direção, prosseguiu também o magistério seguinte, que reconhece também o caráter analógico do termo “vocação” e as várias dimensões que caracterizam a realidade que esta designa em relação à missão pessoal de cada um e em vista da comunhão entre todas as pessoas.

Chamados em Cristo

88. Ao afirmar que todas as coisas foram criadas por meio de Cristo e em vista d’Ele (cf. Cl 1,16), a Escritura orienta a ler o mistério da vocação como uma realidade que marca a própria criação de Deus, iluminando assim misteriosamente a existência de todo homem e toda mulher. Se o Beato Paulo VI já tinha afirmado que “toda vida é vocação” (PP 15), Bento XVI insistiu no fato de que o ser humano foi criado por Deus como um ser dialógico: a Palavra criadora “chama cada um em termos pessoais, revelando assim que a própria vida é vocação em relação a Deus” (VD 77). Neste sentido, somente uma

antropologia vocacional parece ser adequada para compreender o humano em toda a sua verdade e plenitude. Foi significativo que durante a Reunião pré-sinodal alguns jovens não crentes e de outras religiões testemunharam o seu desejo de discernir a própria vocação no mundo e na história (cf. RP 8).

A sair de si mesmos

89. Falar da vida como vocação torna possível evidenciar alguns elementos que são muito importantes para o crescimento de um jovem: significa excluir que ela seja determinada pelo destino ou pelo fruto do acaso, ou ainda, que seja um bem privado administrável por conta própria. Se no primeiro caso não há vocação por não haver reconhecimento de um destino digno da existência, no segundo, pensar num ser humano “sem vínculos” é imaginá-lo “sem vocação”. O discernimento vocacional nessa direção toma as características de um caminho de reconciliação com o próprio corpo e com o próprio eu, com os outros e com o mundo.

Para a plenitude da alegria e do amor

90. Positivamente, a concepção da vida como vocação convida o ser humano a renunciar à mentira da autofundamentação e à ilusão da autorrealização narcisista para se deixar interpelar,

por meio da história, pelo desígnio com que Deus nos destina para o bem dos outros. Trata-se, portanto, de criar uma nova cultura vocacional, que esteja sempre relacionada à alegria da comunhão de amor que gera vida e esperança. A plenitude da alegria, de fato, só pode ser experimentada após a descoberta de ser amado e, como resultado, pessoalmente chamado a amar, por sua vez, nas circunstâncias concretas em que cada um vive (família, trabalho, empenho social e civil).

A vocação a seguir Jesus

91. O evento cristológico leva a criação à sua plena realização, pois é o Mistério que a move desde o princípio: “O mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente [...] Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS 22). Com Jesus, descobre-se a chamada a ir além de si mesmo; ouvir a Sua palavra, de fato, é um convite a “navegar em alto mar” (cf. Lc 5, 4) e a abrir-se a horizontes que, com a própria força, não se poderiam nem imaginar.

A vocação batismal

92. No Novo Testamento, porém, a chamada também diz respeito ao convite a algumas

pessoas a segui-lo mais de perto. O relato evangélico do encontro de Jesus com os primeiros discípulos (cf. Jo 1, 36-39), apresentado no documento preparatório, é um exemplo dessa chamada. O objetivo do chamado de Jesus, de fato, revela-se somente dentro do seguimento, que é diálogo e relação com o Mestre. Tal seguimento não pode se mostrar claro logo no princípio, como se fosse o resultado de um projeto do qual somos mestres, possuidores de sua chave e, portanto, capazes de prever todos os seus detalhes. Ele surge através do olhar da fé que, como escreveu o papa Francisco, “‘vê’ na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus” (LF 9).

93. Não se pode ignorar que cada caminho vocacional, afundando suas raízes na experiência da filiação divina dada no batismo (cf. Rm 6, 4-5; 8, 14-16), seja um caminho pascal, que requer um compromisso de negar a si mesmo e perder a própria vida, para então recebê-la renovada. O Cristo que nos chama a segui-lo é aquele que “pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a infâmia, e está agora sentado à direita do trono de Deus” (Hb 12, 2). O fiel, portanto, mesmo quando experimenta que o discipulado envolve renúncias e fidelidade sofrida, não se desanima e continua a seguir o Senhor, que nos antecedeu à direita do Pai e nos acompanha com o seu Espírito.

A chamada dos apóstolos

94. Entre aqueles que O seguem, Jesus escolhe alguns para um especial ministério. É o que se encontra de modo evidente na vocação dos apóstolos: “Elegeu doze para andarem com Ele e para os enviar a pregar, com o poder de expulsar demônios” (Mc 3, 14-15), convidando-os a tomar conta de seu rebanho (cf. Jo 21, 15-19); assim como Paulo, “servo do Senhor Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o Evangelho de Deus” (Rm 1, 1; cf. 1Cor 1, 1). Nos textos que se referem a uma chamada especial pela missão, enfatiza-se fortemente a livre e gratuita eleição de Deus, a escolha desde o ventre materno, a revelação à pessoa chamada do mistério de Cristo e a missão histórica de salvação. Por vezes esta vocação é acompanhada pela designação da pessoa chamada com um novo nome.

95. É importante ressaltar que as “chamadas” particulares são compreensíveis apenas dentro do horizonte “vocacional” da Igreja inteira. No mesmo nome *ecclesia*, de fato, há a indicação da fisionomia vocacional da comunidade dos discípulos, sua identidade como uma assembleia de chamados (cf. 1Cor 1, 26, PdV 34). Em seu interior, as vocações para uma tarefa especial não têm o sentido de introduzir um privilégio, mas sim de tornar evidente, com a atribuição de uma missão particular, a graça com a qual Deus chama a todos para a salvação: assim,

enquanto Jesus diz “segue-me” ao publicano Levi, tornando-o apóstolo da Igreja (Mc 2, 14), anuncia a todos que Ele não veio “para chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2, 17).

A vocação da Igreja e as vocações na Igreja

96. A vocação da Igreja encontra sua real antecipação e sua plena realização na figura de Maria, uma jovem que com seu “sim” tornou possível a encarnação do Filho e, conseqüentemente, criou as condições para que qualquer outra vocação eclesial pudesse existir. O “princípio mariano” antecede e excede todos os demais princípios ministeriais, carismáticos e jurídicos da Igreja, sustenta-os e acompanha-os.

97. Não é possível, portanto, compreender plenamente o sentido da vocação batismal, se não se considera que esta esteja intrinsecamente ligada à natureza missionária da Igreja, que tem como objetivo fundamental a comunhão com Deus e entre todas as pessoas. As diferentes vocações eclesiais são, de fato, múltiplas e articuladas expressões por meio das quais a Igreja realiza a sua chamada a ser um verdadeiro sinal do Evangelho acolhido numa comunidade fraterna. A pluralidade das formas de seguir Cristo articula, cada um à sua maneira, a missão de testemunhar o evento de Jesus, no qual todo homem e toda mulher encontram a salvação.

98. São Paulo retoma esse tema várias vezes nas suas cartas, ao recordar a imagem da Igreja como um corpo constituído por vários membros e ao afirmar que cada membro seja vital e, ao mesmo tempo, ligado ao conjunto, pois somente a unidade harmoniosa de todos torna o corpo vivo e harmonioso. A origem desta comunhão é encontrada pelo Apóstolo no mesmo mistério da Santíssima Trindade. De fato, Paulo escreve aos Coríntios: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de ministérios, mas o Senhor é um só; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Senhor que realiza tudo em todos” (1Cor 12, 4-6).

99. As várias formas de vida cristã, portanto, não podem ser pensadas nem compreendidas de modo independente, mas somente na reciprocidade que criam e no intercâmbio de dons que realizam (cf. CL 55, VC 31). Somente assim é possível para a Igreja tornar-se uma imagem integral do rosto de Jesus na história dos homens. A recente carta *Iuvenescit Ecclesia*, sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e a missão da Igreja, ofereceu indicações preciosas para elaborar uma correta teologia dos carismas, de modo a receber com gratidão e valorizar com sabedoria os dons da graça que o Espírito continuamente traz para a Igreja a fim de rejuvenescê-la.

Os diferentes caminhos vocacionais

100. A elaboração de uma ampla perspectiva vocacional convida-nos, enfim, a ter uma atenção ao discernimento vocacional que, eventualmente, não exclua ninguém, porque, como diz o papa Francisco, “falar de pastoral vocacional significa afirmar que toda a ação pastoral da Igreja está orientada, por sua natureza, para o discernimento vocacional. [...] O serviço vocacional deve ser visto como a alma de qualquer evangelização e pastoral da Igreja” (mensagem aos participantes no Congresso sobre o tema: “Pastoral Vocacional e Vida Consagrada. Horizontes e Esperanças”, 25 de novembro de 2017).

A família

101. Os dois recentes Sínodos da família e a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* deram uma rica contribuição à vocação familiar na Igreja e à contribuição insubstituível que as famílias são chamadas a dar ao testemunho do Evangelho mediante o amor recíproco, a geração e a educação dos filhos. É importante relembrar tal mensagem segundo uma perspectiva vocacional e torná-la compreensível para os jovens, dentro da cultura afetiva em que estão inseridos. Refletir sobre os caminhos de preparação para o matrimônio e acompanhar os casais jovens parecem ser os dois pontos estratégicos nos quais investir as energias pastorais.

O ministério ordenado

102. A Igreja reconheceu desde sempre as vocações ao ministério ordenado como decisivas em relação à vida cristã e à salvação de todos os homens. Por isso, teve uma atenção especial para o cuidado, a formação e o acompanhamento dos candidatos a este estado de vida. É também inegável a preocupação de muitas Igrejas com o declínio numérico dos candidatos; isso requer uma reflexão renovada sobre a vocação ao ministério ordenado e sobre uma pastoral vocacional que faça as pessoas sentirem o fascínio do chamado de Jesus para se tornarem pastores de seu rebanho.

A vida consagrada

103. Também o testemunho profético da vida consagrada precisa ser redescoberto e melhor apresentado aos jovens em seu encanto original, como um antídoto para a “paralisia da normalidade” e como uma abertura à graça que desordena o mundo e suas lógicas. Despertar o fascínio da radicalidade evangélica nas gerações mais jovens, de modo a poder redescobrir a profecia da castidade, pobreza e obediência como antecipação do Reino e plena realização da própria vida é um aspecto que não pode ser colocado em segundo plano numa época dominada pelas lógicas consumistas e mercantilizadoras.

Profissão e vocação

104. Chamado à santidade e ungido pelo Espírito, o cristão aprende a colher numa perspectiva vocacional todas as escolhas da existência, sobretudo aquela central do estado de vida, bem como aquelas de caráter profissional. Por isso, algumas Conferências Episcopais esperam que o Sínodo encontre os caminhos para ajudar todos os cristãos a redescobrir a relação entre profissão e vocação em toda a sua fecundidade para a vida de cada um e em vista da orientação profissional dos jovens com uma visão vocacional.

A condição inédita dos solteiros

105. Enfim, algumas Conferências Episcopais nos perguntam qual é a colocação vocacional de pessoas que escolhem permanecer solteiras sem qualquer referência a uma consagração em particular ou ao matrimônio. Dado o seu aumento numérico na Igreja e no mundo, é importante que o Sínodo reflita sobre essa questão.

Capítulo III

O dinamismo do discernimento vocacional

O pedido de discernimento

106. Durante a Reunião pré-sinodal, um jovem expressou bem a importância do

discernimento para a vida: “Hoje, assim como milhares de outros jovens, fiéis ou não, tenho de fazer escolhas, especialmente em relação à minha orientação profissional. No entanto, estou indeciso, perdido e preocupado. [...] Vejo-me agora como se estivesse diante de uma parede: dar um sentido profundo à minha vida. Acho que preciso de um discernimento perante esse vazio”. O trabalho daqueles dias confirmou, articulou, aprofundou várias vezes a sua pergunta, além de destacar as dificuldades que os jovens encontram: “Muitos jovens não sabem responder à pergunta: ‘qual o sentido da sua vida?’. Nem sempre conseguem conectar a vida a um sentido transcendental” (RP 5). Muitas vezes, de fato, os jovens movem-se entre abordagens extremas e ingênuas: de considerar-se à mercê de um destino já escrito e inevitável, a sentir-se esmagados por um ideal abstrato de excelência, num contexto de competição indisciplinada e violenta. Nessa situação, é possível reconhecer uma oportunidade para a Igreja, ainda que os jovens tenham dificuldades de percebê-la como capaz de fornecer ajuda: “Dito isto, muitos jovens não sabem envolver-se neste processo de discernimento, e isto constitui uma oportunidade para que a Igreja os acompanhe” (RP 9). Isto também foi reconhecido pelo papa Francisco: “Sobre este assunto, devemos dizer que muitas comunidades eclesiais ou não o sabem fazer, ou não têm a capacidade de discernimento. É um dos problemas que nós temos, mas não se deve ter medo” (Francisco, Reunião pré-sinodal, resposta à pergunta n.º 2).

O discernimento na linguagem comum e na tradição cristã

107. Os jovens da Reunião pré-sinodal também apresentam a dificuldade de compreender o termo “discernimento”, que não se enquadra em sua linguagem, embora sintam sua necessidade: “Discernir a própria vocação representa um desafio, especialmente à luz dos equívocos inerentes a este termo, porém os jovens o aceitam mesmo assim. Este processo de discernimento pode ser uma aventura que acompanha o caminho da vida” (RP 9).

108. De fato, há uma pluralidade de acepções do termo “discernimento”, que não se contrapõe, mas nem sequer coincidem. Num sentido mais amplo, o discernimento indica o processo no qual decisões importantes são tomadas; num segundo sentido, mais inerente à tradição cristã, corresponde à dinâmica espiritual pela qual uma pessoa, um grupo ou uma comunidade tenta reconhecer e acolher a vontade de Deus em uma situação concreta. Além disso, como já lembrava o documento preparatório, o termo aplica-se a uma pluralidade de situações e práticas diversas: “De fato, existe um discernimento dos sinais dos tempos, que aposta no reconhecimento da presença e da ação do Espírito na história; um discernimento moral, que distingue o que é bom daquilo que é mau; um discernimento espiritual, que se propõe reconhecer a tentação para a rejeitar e,

ao contrário, proceder pelo caminho da plenitude da vida. As tramas entre estas diferentes interpretações são evidentes e nunca se conseguem desatar completamente” (DP II, 2).

A proposta do discernimento vocacional

109. Uma pluralidade de níveis também entra em jogo nos aspectos específicos do discernimento vocacional. Como também evidencia o discurso do papa Francisco na Reunião pré-sinodal, há um nível que une todos os homens e mulheres: “Todos nós temos necessidade do discernimento. É por isto que no tema do Sínodo há esta palavra, não é assim? E quando há este vazio, esta inquietação, é necessário discernir” (Francisco, Reunião pré-sinodal, resposta à pergunta n.º 2). Neste sentido, desde o início, o Sínodo pretende cuidar de “todos os jovens, sem exceção” (DP 2), oferecendo a possibilidade de acompanhá-los no processo que conduz à clareza e à verdade sobre si, a acolher o dom da vida e a encontrar a contribuição que são chamados a oferecer à sociedade e ao mundo. O Santo Padre também enfatizou como a Igreja baseia a proposta de discernimento que dirige a todos na convicção da fé: “Deus ama todos e a cada um dirige pessoalmente uma chamada. É um dom que, quando descobrimos, enche de alegria (cf. Mt 13, 44-46). Tende a certeza disto: Deus tem confiança em vós, ama-vos e chama-vos.

E de sua parte ele nunca faltará, porque é fiel e crê verdadeiramente em vós” (Francisco, discurso por ocasião da Reunião pré-sinodal, 2).

110. Para os jovens fiéis, a perspectiva do discernimento assume outro aspecto, pois se insere dentro em uma dinâmica de relacionamento pessoal com o Senhor: visa, portanto, explicitamente descobrir os caminhos possíveis para responder ao amor de Deus, participando como membros da Igreja na missão de anunciar e testemunhar a Boa Nova. A perspectiva é, portanto, muito mais ampla e fundamental do que aquela redutiva que, como mostram as respostas de várias Conferências Episcopais, leva líderes da Igreja e muitos fiéis a identificar o discernimento vocacional com o caminho de escolha do estado de vida (matrimônio, sacerdócio, vida consagrada). O discernimento vocacional também pode envolver a escolha do compromisso social ou político, ou a da profissão.

111. Acima de tudo, o discernimento vocacional não termina com a tomada da decisão entre as alternativas, mas prolonga-se no tempo acompanhando os passos concretos com os quais é colocado em prática. Nesse sentido, o discernimento é também um estilo de vida: “Não é necessário apenas em momentos extraordinários, quando temos de resolver problemas graves ou quando se deve tomar uma decisão crucial; mas é um instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor. É-nos sempre útil, para sermos capazes de reconhecer os tempos de

Deus e a sua graça, para não desperdiçarmos as inspirações do Senhor, para não ignorarmos o seu convite a crescer. Frequentemente isto decide-se nas coisas pequenas, no que parece irrelevante, porque a magnanimidade mostra-se nas coisas simples e diárias” (GE 169). O discernimento é um dom e um risco, e isso pode assustar.

Reconhecer, interpretar, escolher

112. Como vimos, para a Igreja a possibilidade do discernimento é baseada numa convicção de fé: o Espírito de Deus age no íntimo – no “coração”, diz a Bíblia; na “consciência”, segundo a tradição teológica – de cada pessoa, independentemente do fato de professar explicitamente a fé cristã, por meio de sentimentos e desejos despertados pelo que ocorre na vida e que estão relacionados a ideias, imagens e projetos. Precisamente da atenção às dinâmicas internas surgem os três “verbos” do discernimento que o papa Francisco indica na *Evangelii Gaudium* e o documento preparatório retoma: reconhecer, interpretar, escolher.

113. Reconhecer significa “dar nome” à grande quantidade de emoções, desejos e sentimentos que cada um tem. Desempenham um papel fundamental e não devem estar ocultos ou adormecidos. O papa lembrou isso: “É importante abrir tudo, não disfarçar os sentimentos, não camuflar os sentimentos. Que os pensamentos que

vêm à tona sejam [levados] ao discernimento” (Reunião pré-sinodal, resposta à pergunta n.º 2). Um caminho de discernimento vocacional requer, portanto, atenção ao que surge nas diferentes experiências (família, estudo, trabalho, amizades e relacionamentos de casais, voluntariado e outros compromissos, etc.) que a pessoa faz, hoje cada vez mais ao longo de itinerários não lineares e progressivos, com os sucessos e fracassos que inevitavelmente ocorrem: onde um jovem sente-se em casa? Onde sente um “sabor” mais forte? Isso, porém, não é suficiente, pois as experiências de vida são ambíguas e podem ser interpretadas de modo diferente: qual é a origem desse desejo? Está realmente conduzindo à “alegria do amor”? Com base nesse trabalho de interpretação, torna-se possível fazer uma escolha que não seja apenas o resultado das inclinações ou pressões sociais, mas um exercício de liberdade e de responsabilidade.

114. Sendo um ato de liberdade humana, o discernimento é exposto ao risco de erro. Como lembra o documento preparatório “o coração humano, por causa da sua fragilidade e do seu pecado, se apresenta normalmente dividido porque é atraído por apelos diversos ou até opostos entre si” (DP II, 4). De fato, é essencial que a pessoa que discerne continue a formar sua própria afetividade, sua própria inteligência, seu próprio estilo.

115. Para quem a acolhe e por ela é inspirado, a sabedoria cristã oferece instrumentos

preciosos, entre os quais a escola da Palavra, o ensinamento da Igreja, o acompanhamento espiritual; todos são formas de ajuda para confrontar-se com a norma viva que é Jesus, para conhecê-lo intimamente e chegar a “ter seu coração”. Um caminho autêntico de discernimento, portanto, requer uma atitude de escuta e oração, uma docilidade para com o mestre e a disponibilidade para tomar uma decisão que possa ser difícil. É sobre isso que falam os jovens da Reunião pré-sinodal: “Passar tempos em silêncio, em introspecção e rezando, assim como lendo a Escritura e aprofundando o conhecimento de si, são oportunidades que poucos jovens de fato desfrutam. É necessário uma melhor introdução a estas práticas. Envolver-se com grupos de oração, movimentos e comunidades construídas sob o interesse comum pode também ajudar os jovens em seu discernimento” (RP 9). Fundamental nesta direção é aquele exercício que a tradição chama de “exame de consciência” e que precisamente visa tornar a pessoa atenta aos sinais da presença de Deus e capaz de reconhecer sua voz na concretude da vida cotidiana. É por isso que o papa Francisco reitera hoje a todos os cristãos e, mais ainda, aos jovens que procuram o seu próprio caminho: “Por isso, peço a todos os cristãos que não deixem de fazer cada dia, em diálogo com o Senhor que nos ama, um sincero exame de consciência” (GE 169). Dentro desse diálogo com Cristo, Caminho, Verdade e Vida, pode ocorrer o que foi desejado aos jovens

por um Dicastério Vaticano: “Uma formação de sua afetividade, que os ajude a coligar-se mais ao bem e à verdade do que a seus confortos e interesses”.

O papel da consciência

116. O papel da consciência, portanto, é fundamental para o discernimento. Como recorda um Dicastério Vaticano, “se é necessário formar (e deve ser!), só pode ser configurado como uma educação para a liberdade e a consciência”. Enquanto o papa Francisco enfatiza como a consciência “deve ser mais bem incorporada na práxis da Igreja” (AL 303), as respostas das Conferências Episcopais mostram que, na prática, é difícil dar-lhe espaço. O papel da consciência não se reduz ao reconhecimento do próprio erro ou pecado: na percepção dos limites pessoais ou da situação, e de todas as dificuldades de orientar-se, esta pode ajudar a reconhecer qual dom podemos oferecer e qual contribuição dar, mesmo que talvez não sejam completamente à altura dos ideais.

117. A consciência, como ensina o Concílio Vaticano II, “é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual ele se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser” (GS, 16). A partir desta perspectiva de fé, torna-se evidente que o exercício da consciência represente um valor antropológico universal: interpela cada homem e mulher, não apenas os fiéis, e todos são obrigados a responder-lhe.

Cada pessoa, graças à experiência de ser amada em sua própria unicidade dentro da rede de relações sociais que sustentam a sua vida, descobre e recebe o chamado a amar, que desafia a sua consciência como uma exigência imperativa, tornando-se uma norma. Esta valorização da consciência está enraizada na contemplação do modo de agir do Senhor: é em Sua própria consciência que Jesus, em um diálogo íntimo com o Pai, toma decisões, até as mais difíceis e dilacerantes, como a do Jardim das Oliveiras. É Ele a verdadeira norma de toda ação cristã e de toda vocação particular.

O confronto com a realidade

118. Os jovens experimentam os limites de sua liberdade e, portanto, do discernimento: “São muitos os fatores que influenciam a capacidade de um jovem no momento de discernir a própria vocação: a Igreja, as diferenças culturais, as exigências do trabalho, o mundo digital, as expectativas da família, a saúde mental e o estado de ânimo, ruídos, a pressão dos outros jovens, os cenários políticos, a sociedade, a tecnologia, etc.” (RP 9). Mas precisamente esta realidade concreta, que antes de tudo é um dom e uma alteridade que nos atravessa, com os vínculos que impõe, é o instrumento para encontrar a confirmação do que foi percebido no fundo do coração: também para o discernimento vale o princípio de que

a realidade é mais importante do que a ideia. Em termos teológicos, todo desejo, mesmo o mais sublime, é chamado a encarnar-se numa escolha concreta e coerente, necessariamente limitada, abrindo espaço àquele ascetismo sem o qual não há caminho para a santidade e a plenitude da vida.

119. O confronto com a vida cotidiana pode desempenhar um papel estimulante, em particular quando as circunstâncias impõem uma espécie de “suspensão” ou “desaceleração” no andamento para alcançar as metas. É o que experimentam hoje os jovens de muitos países, seja pela falta de oportunidades reais de pôr em prática suas habilidades e talentos, seja pela necessidade de períodos até longos para começar a construir a própria carreira. Tais circunstâncias podem ser muito frutíferas, forçando a pessoa a passar por um estágio de “desencanto” saudável e a estar ciente de que nenhum sucesso profissional ou objetivo existencial satisfaz a sede de vida, de plenitude, de eternidade que traz ao coração. Assim nasce o estímulo para uma busca mais profunda da própria autenticidade e da própria vocação. Um dos problemas do nosso tempo é que as circunstâncias muitas vezes levam ao adiamento desta fase, colocando-a num momento em que a pessoa já tomou decisões vinculativas, por exemplo, do ponto de vista afetivo, ou já definiu seu próprio estilo de vida e assumiu compromissos – também financeiros – dos quais não é possível ou fácil retirar-se.

Capítulo IV

A Arte de Acompanhar

120. Toda tradição da espiritualidade insiste em como o acompanhamento é fundamental, especialmente durante o processo de discernimento vocacional. Os jovens da Reunião pré-sinodal expressaram repetidamente a mesma necessidade, enfatizando de maneira particular a importância do testemunho e da humanidade de quem os acompanha. Muitas Conferências Episcopais também apontam que os jovens pedem que os responsáveis eclesiais estejam disponíveis para tal serviço e destacam que estes frequentemente têm dificuldades em assegurá-lo.

“Acompanhamento” pode ser dito de várias maneiras

121. “Todos os jovens, sem exceção, têm o direito de ser acompanhados no seu caminho” (DP III, 2). O acompanhamento vocacional é um processo capaz de desencadear a liberdade, a capacidade de doação e de integração das diferentes dimensões da vida num horizonte de significado. Por isso um acompanhamento autêntico se esforçará para apresentar a vocação, não como um destino pré-estabelecido, uma tarefa a ser executada, um roteiro já escrito, para ser aceito e descobrir-se como bons intérpretes.

Deus leva a sério a liberdade que Ele forneceu aos seres humanos e responder ao Seu chamado é um compromisso que requer trabalho, imaginação, audácia, disponibilidade para prosseguir até mesmo por tentativas.

122. As respostas recebidas mostram que algumas Conferências Episcopais concebem o acompanhamento de modo mais “abrangente” (incluindo assim os encontros ocasionais, bons conselhos, momentos de confronto sobre vários temas), enquanto para outros se trata de algo muito específico na perspectiva de um “coaching cristão”. Aqueles que acompanham podem ser homens e mulheres, religiosos e leigos, casais; além disso, a comunidade desempenha um papel decisivo. O acompanhamento dos jovens pela Igreja assume formas variadas, diretas e indiretas, passa por uma pluralidade de dimensões e recorre a múltiplos instrumentos, dependendo do contexto em que se coloca e do grau de envolvimento eclesial e de fé de quem é acompanhado.

Acompanhamento espiritual

123. Várias Conferências Episcopais veem o acompanhamento espiritual pessoal como um lugar privilegiado, senão o único, para o discernimento vocacional. É de fato uma ocasião para aprender a reconhecer, interpretar e escolher a partir de uma perspectiva de fé, à escuta do que

o Espírito sugere na vida diária (cf. EG 169-174). Na relação pessoal de acompanhamento, é importante estar ciente das diferenças entre uma abordagem masculina e uma feminina, tanto no que diz respeito aos acompanhadores, quanto àqueles que são acompanhados. Nesse sentido, deve-se salvaguardar e aprofundar a riqueza da tradição que fala de paternidade e maternidade espirituais.

124. O acompanhamento espiritual tem traços característicos que o distinguem de outras formas de acompanhamento personalizado, como counseling, coaching, mentoring, tutoria, etc. Há também, contudo, outras relações e ligações. Para evitar perder a unidade da pessoa e a integralidade da relação de acompanhamento, é necessário explorar a complementaridade entre o acompanhamento espiritual em sentido estrito e as outras formas de proximidade em que, na vida diária, podem surgir figuras capazes de ajudar a discernir e contribuir para a formação da consciência e da liberdade.

Acompanhamento psicológico

125. Como ensina o papa Francisco, “o discernimento espiritual não exclui as contribuições de sabedorias humanas, existenciais, psicológicas, sociológicas ou morais; mas transcende-as” (GE 170). Em particular, vale ressaltar o que distingue o acompanhamento espiritual daquele

psicológico ou psicoterapêutico, que também, se aberto à transcendência, pode ser fundamental para um caminho de integração e crescimento. O segundo concentra-se nos recursos, nos limites e na evolução da pessoa em realizar seus próprios desejos. O acompanhamento espiritual, por outro lado, visa mais especificamente desencadear na oração um diálogo íntimo entre a pessoa e Deus, a partir do Evangelho e de toda a Escritura, para encontrar o modo mais pessoal de responder ao chamado do Senhor. Uma pedagogia atenta permitirá integrar a dimensão psicológica no acompanhamento espiritual: não apenas a escuta e a empatia, mas também o discernimento em comparação com a Palavra; não somente confiança, mas também luta reconhecendo que a alegria do Evangelho desperta a grandeza do desejo; não apenas o cultivo de sonhos, mas passos concretos nas dificuldades da vida.

Acompanhamento e sacramento da reconciliação

126. O carisma do acompanhamento espiritual não está necessariamente ligado ao ministério ordenado. Na antiga tradição, pais e mães espirituais eram leigos, muitos dos quais monges, mas não clérigos. A práxis que o coloca entre os papéis do presbítero pode restringi-lo a um diálogo que muitas vezes se sobrepõe à

celebração do sacramento da penitência. Apesar de sua proximidade, o ministro da reconciliação e o acompanhador espiritual têm diferentes propósitos, métodos e linguagens. O acompanhamento vocacional em sentido estrito não é uma “matéria” específica e própria do sacramento da reconciliação, que é o perdão dos pecados; o encontro no sacramento com a misericórdia de Deus é, porém, indispensável para prosseguir no caminho. Deve-se reconhecer, por fim, que na relação entre acompanhamento e sacramento, as múltiplas tradições espirituais amadureceram diferentes sensibilidades.

Acompanhamento familiar, formativo e social

127. Os contextos da vida cotidiana oferecem numerosas oportunidades para uma proximidade que acompanha o caminho de crescimento, num sentido especificamente espiritual ou mais amplamente humano. Há situações em que esse acompanhamento se enquadra nas tarefas institucionais de quem o realiza, e outras em que se baseia na disponibilidade, capacidade e compromisso das pessoas envolvidas. Muitas Conferências Episcopais sinalizam o papel indispensável que a família desempenha no discernimento vocacional, especialmente quando os pais representam um modelo de fé e dedicação que é fonte de inspiração: os pais são sempre as primeiras testemunhas, e continuam a sê-lo ainda

mais nos contextos marcados pela falta de ministros ordenados. Contudo, há também casos opostos, quando a ênfase que a família põe no sucesso em termos econômicos ou profissionais acaba por dificultar a possibilidade de um caminho sério de discernimento vocacional. Por vezes, o fracasso da família leva os jovens a se desiludir com a possibilidade de planejar o futuro em termos de esperanças a longo prazo.

O acompanhamento, mesmo sob nomes diferentes, está no centro das atenções de muitos modelos formativos, tanto a nível escolar quanto universitário. Antes de ser uma tarefa de algumas figuras específicas, é uma atitude pedagógica básica e uma mentalidade que permeia toda a comunidade educativa. Mesmo a tutoria na formação profissional, com vista à iniciação do trabalho, é muito valiosa. Como especificam muitas Conferências Episcopais, esses tipos de acompanhamento são “o canal mais importante por meio do qual escolas, universidades e outras instituições educativas contribuem para o discernimento vocacional dos jovens”, além de ser uma oportunidade para estimular uma abordagem crítica da realidade a partir de uma perspectiva cristã e da escuta da voz de Deus.

Há, enfim, muitos outros contextos, papéis e profissões em que os adultos que entram em contato com os jovens, talvez a partir de problemas específicos, podem desempenhar um papel de acompanhamento que favoreça o seu amadurecimento humano ou a solução de

assuntos problemáticos: podemos pensar no papel dos treinadores no âmbito do esporte, naqueles que têm deveres educacionais ou que trabalham em alguns tipos de instituições (prisões, comunidades de acolhimento de vários tipos, consultórios e clínicas) ou realizam certas profissões (médicos, psicólogos, professores, etc.). Mesmo nas especificidades de suas funções, também profissionais, deve-se reconhecer que essas formas de acompanhamento também podem ter um valor espiritual e desempenhar um papel num processo de discernimento vocacional.

Acompanhamento na leitura dos sinais dos tempos

128. Os jovens são desafiados pela realidade social em que vivem e que muitas vezes desperta neles emoções muito fortes: a sua leitura interpretativa requer um acompanhamento e pode tornar-se um instrumento para identificar os sinais dos tempos que o Espírito indica para a atenção dos jovens e da Igreja. A revolta dos jovens diante da corrupção generalizada, da crescente desigualdade estrutural, do desprezo pela dignidade humana, da violação dos direitos humanos, da discriminação contra as mulheres e as minorias, da violência organizada e da injustiça parece não ser levada em devida consideração pelas respostas das Conferências Episcopais. Nas comunidades cristãs parece não haver espaço

para discutir tais problemas. Em muitas partes do mundo, portanto, os jovens encontram-se em meio à violência, como autores ou como vítimas, e são uma presa fácil para a manipulação dos adultos. Líderes religiosos e políticos sem escrúpulos sabem explorar as aspirações idealistas dos jovens em benefício próprio. Em outros contextos, a perseguição religiosa, o fanatismo religioso e a violência política estão erradicando do coração dos jovens a esperança de um futuro pacífico e próspero. Estas também são fronteiras que a capacidade profética de acompanhamento da Igreja deve enfrentar.

Acompanhamento na vida cotidiana e da comunidade eclesial

129. Há, enfim, um acompanhamento diário, muitas vezes silencioso, mas não por isso secundário, feito por todos aqueles que com seu testemunho interpretam a vida de uma maneira totalmente humana. Igualmente fundamental, também numa perspectiva vocacional, é o acompanhamento da comunidade cristã como um todo que, por meio da rede de relacionamentos que gera, propõe um estilo de vida e acompanha aqueles que empreendem seu caminho rumo à própria forma de santidade. Como afirma um Dicastério Vaticano, "o aspecto individual do acompanhamento no discernimento só pode ser frutífero se for inserido numa experiência

cristã teologal, fraterna e fecunda. Da comunidade nasce, de fato, o desejo do dom de si, pressuposto pelo correto discernimento das formas específicas para vivê-lo.

As qualidades daqueles que acompanham

130. Quem acompanha é chamado a respeitar o mistério que cada pessoa possui e a confiar que o Senhor já está trabalhando nela. O acompanhador é convidado a estar ciente de que ele representa um modelo que influencia pelo que é, antes de pelo que faz e propõe. A profunda interação afetiva que é criada no espaço do acompanhamento espiritual – não por acaso a tradição se exprime falando de paternidade e maternidade espirituais, portanto de uma relação generativa muito profunda – requer do acompanhante uma sólida formação e disposição para trabalhar antes de tudo em si mesmo, do ponto de vista espiritual e, até certo ponto, também psicológico. Somente desse modo ele poderá estar autenticamente a serviço, à escuta e no discernimento, e evitar os riscos mais frequentes do seu papel: tomar o lugar de quem é acompanhado na busca e na responsabilidade das escolhas, negar ou remover o surgimento de problemas sexuais e enfim, ultrapassar os limites envolvendo-se de maneira imprópria e destrutiva com quem está recebendo sua ajuda no caminho espiritual, até mesmo chegando a verdadeiros abusos e dependências.

Quando isso ocorre, além dos traumas gerados pelas pessoas envolvidas, difunde-se um clima de desconfiança e medo, o que desestimula a prática do acompanhamento.

131. Uma quantidade considerável de Conferências Episcopais é consciente de que o acompanhamento é um serviço exigente do ponto de vista das qualidades pessoais de quem o realiza: “Os jovens pedem [...] acompanhadores eficientes, confiáveis e plenos de fé; imitadores de Cristo que vivem uma vida autenticamente feliz ao promover uma relação com Deus e a Igreja”. O papa Francisco lembra como o acompanhador deve saber despertar confiança e ser uma pessoa sábia, “que não tem medo de nada, que sabe ouvir e tem o dom do Senhor para dizer a palavra certa no momento certo” (Reunião pré-sinodal, resposta à pergunta n.º 2).

132. Os jovens da Reunião pré-sinodal relatam detalhadamente o perfil do acompanhador: “Esses guias devem possuir algumas qualidades: ser um cristão fiel e engajado na Igreja e no mundo; buscar constantemente a santidade, não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens e responder com gentileza; ser profundamente amoroso e ter consciência de si, saber reconhecer os próprios limites, conhecer a alegria e as dores da vida espiritual” (RP 10). Aos olhos deles, é particularmente importante o reconhecimento de sua própria humanidade e falibilidade: “Acontece muitas vezes que as lideranças são colocadas

em um pedestal, e sua eventual queda pode causar um impacto devastador na capacidade dos jovens de se engajarem na Igreja” (RP 10). Acrescentam também que “as lideranças não devem conduzir os jovens a ser seguidores passivos, mas caminhar junto deles, deixando-os serem participantes ativos desta viagem. Devem respeitar a liberdade do processo de discernimento de um jovem, fornecendo os instrumentos necessários para o cumprimento adequado deste processo. Um acompanhador deve acreditar de todo o coração na capacidade que um jovem tem de participar da vida da Igreja. Um guia deve cultivar a semente da fé nos jovens, sem nenhuma expectativa de ver os frutos do trabalho, pois este é feito pelo Espírito Santo. Este papel não pode ser restrito aos sacerdotes e religiosos, mas também os leigos deveriam ser legitimados a desenvolvê-lo. Todos estes guias e acompanhadores deveriam poder ser beneficiados por uma boa formação permanente” (RP 10).

O acompanhamento dos seminaristas e jovens consagrados

133. “O acompanhamento pessoal representa um instrumento indispensável de formação” (RFIS 45) dos seminaristas, mas a mesma consideração pode ser facilmente estendida aos religiosos e religiosas em formação. Trata-se, em primeiro lugar, de um serviço ao discernimento

vocacional e à autenticação dos carismas: tanto os indivíduos quanto a Igreja precisam, de fato, submeter suas escolhas à verificação. Para tal, é imprescindível que quem acompanha reserve dentro de si um verdadeiro espaço de liberdade: a confiança exige uma renúncia a formas de controle pouco transparentes, enquanto a descoberta da oportunidade de interromper o caminho de formação e a ajuda para descobrir uma localização diferente não podem ser excluídas a priori, nem consideradas uma derrota, mesmo em situações de falta de ministros ordenados, de consagrados e consagradas. Ao mesmo tempo, esse acompanhamento se tornará um serviço ao amadurecimento humano e cristão daqueles em formação e um verdadeiro investimento formativo, que terá como objetivo disponibilizar homens e mulheres que tenham as qualidades para, por sua vez, acompanhar outras pessoas a descobrir e seguir a própria vocação. O acompanhamento é aprendido, primeiramente, ao aceitar ser acompanhado.

134. A experiência dos formadores mostra que os candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada são jovens do nosso tempo e partilham com seus pares os traços característicos de uma cultura e uma perspectiva do mundo, a partir da difusão dos meios de comunicação social e da comunicação digital. O acompanhamento deve visar o aprofundamento da vida espiritual pessoal, bem como do ímpeto apostólico, promovendo a integração das dificuldades,

ilusões e momentos de aridez. Onde quer que haja dificuldades em termos psicológicos, um acompanhamento específico, juntamente com aquele espiritual, será de grande ajuda. Ao mesmo tempo, o acompanhamento espiritual tentará evitar a dispersão, ao ajudar a pessoa a criar raízes na etapa pela qual está passando, mesmo que temporária, e a não viver na expectativa de quando a formação terminará. O encontro com o Senhor realiza-se no momento presente também para quem mora em uma casa de formação.

135. Um desafio que o nosso tempo coloca de maneira cada vez mais intensa é o da integração das diferenças. Especialmente naqueles contextos que reúnem pessoas de países e culturas diferentes, os jovens deverão ser acompanhados para enfrentar o confronto intercultural, treinando assim para o que o ambiente social exija deles, uma vez terminada a formação. Se, por um lado, os jovens estão predispostos ao encontro com outras culturas, por outro, têm dificuldades reais em enfrentar a diferença, pois esta provém de uma sociedade que faz uso de poderosos instrumentos de imunização às diversidades e que, por vezes, pretende negá-las, padronizá-las ou desvalorizá-las.

136. O acompanhamento também é crucial para considerar os itinerários de proveniência, hoje cada vez mais diferenciados por idade de ingresso, grau de instrução, percursos formativos, experiências profissionais

e afetivas anteriores, proveniência eclesial (paróquias, associações, movimentos, etc.). O acompanhamento é um instrumento essencial para permitir uma real personalização do caminho de formação que os jovens demonstram apreciar, ao mesmo tempo em que consideram que sejam mortificantes as propostas padronizadas. Isso também pode dizer respeito ao específico acompanhamento didático no decorrer dos estudos.

III PARTE

Escolher: Caminhos de Conversão Pastoral e Missionária

137. Com base nos elementos interpretativos do contexto surgidos na II Parte, trata-se agora de concentrar-se na determinação da perspectiva, do estilo e dos instrumentos mais apropriados para permitir que a Igreja cumpra a sua missão para com os jovens: ajudá-los a encontrar o Senhor, a sentir-se amado por Ele e a responder à Sua chamada à alegria do amor. Nessa dinâmica de discernimento, a própria Igreja, comprometendo-se a acompanhar todos os jovens, poderá reapropriar-se de um renovado e alegre entusiasmo apostólico, por meio de um caminho de conversão pastoral e missionária.

Capítulo I

Uma Perspetiva Integral

O discernimento como estilo de uma Igreja em saída

138. O papa Francisco, ao encontrar a juventude no início da Reunião pré-sinodal, declarou que o Sínodo é “também um apelo dirigido à Igreja, para que redescubra um renovado dinamismo juvenil. [...] Também na Igreja devemos aprender novas modalidades de presença e de proximidade” (discurso à Reunião pré-sinodal, 3). Com grande clareza, uma Conferência Episcopal afirma que “os jovens pedem à Igreja uma mudança monumental de atitude, orientação e prática”. Uma outra, percebendo os caminhos de renovação em curso no próprio território, escreve: “A verdadeira questão por trás dessas tentativas diz respeito, em termos mais gerais, à forma de Igreja que estamos procurando e que pretendemos propor; a fórmula ‘Igreja em saída’ identifica de maneira pertinente o problema geral, mas ainda estamos em busca de indicações operacionais úteis para a sua implementação”. Isso requer “um decidido processo de discernimento, purificação e reforma” (EG 30) e também uma sincera e profunda escuta dos jovens que participam plenamente do *sensus fidei fidelium*.

139. Nesta perspectiva, “escolher” não significa dar respostas definitivas aos problemas encontrados, mas antes de tudo identificar passos concretos para crescer na capacidade de cumprir, como comunidade eclesial, os processos de discernimento em vista da missão. Além disso, não podemos pensar que a nossa oferta de acompanhamento ao discernimento vocacional seja crível para os jovens a quem se dirige, se não demonstrarmos que podemos praticar o discernimento na vida ordinária da Igreja, ao fazer dela um estilo comunitário mais do que um instrumento operativo. Assim como os jovens, muitas Conferências Episcopais expressaram a dificuldade de orientar-se em um mundo complexo do qual não possuem um mapa. Nessa situação, este mesmo Sínodo é um exercício de crescimento naquela capacidade de discernimento evocado no seu tema.

Povo de Deus num mundo fragmentado

140. O caminho sinodal, como “caminho feito em conjunto”, contém um convite urgente para redescobrir a riqueza da identidade do “povo de Deus”, que define a Igreja como um sinal profético de comunhão num mundo muitas vezes dilacerado por divisões e discórdias. Esse povo tem como condição “a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo. A sua lei

é o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou (cf. Jo 13,34). Por último, tem por fim o Reino de Deus” (LG 9). Na sua concretude histórica, o povo de Deus é um povo com muitas faces, porque “encarna-se nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria” (EG 115). No seu interior, o Espírito Santo “suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai” (EG 117). Essa identidade dinâmica conduz a Igreja para o mundo, torna-a uma Igreja missionária e em saída, não tomada pela preocupação de “ser o centro” (EG 49), mas por aquela de conseguir, com humildade, ser fermento até além de suas próprias “fronteiras”, consciente de ter algo para dar e algo para receber na lógica da troca de dons.

Neste movimento a Igreja não poderá senão assumir o diálogo como um estilo e como um método, favorecendo a consciência da existência de vínculos e conexões numa realidade complexa, mas que seria simplista considerá-la feita de fragmentos, e a tensão para uma unidade que, sem transformar-se em uniformidade, permite a confluência de todas as partes, salvaguardando a originalidade de cada uma e a riqueza que representa para o todo (cf. EG 236). Nenhuma vocação, especialmente dentro da Igreja, pode ser colocada fora desse dinamismo de saída e diálogo, e qualquer esforço autêntico de acompanhamento ao discernimento vocacional não pode deixar de

enquadrar-se nesse horizonte, ao reservar uma atenção especial aos mais pobres e vulneráveis.

Uma igreja generativa

141. Esse dinamismo de saída de si para dar a vida e empenhar-se ao serviço da possibilidade de que todos, individual e coletivamente, encontrem a alegria do amor, atravessa também o modo como a Igreja exerce a autoridade que lhe foi confiada, para que seja autenticamente generativa e, portanto, criadora da comunhão. Segundo algumas análises, no sentido etimológico, a autoridade é precisamente a capacidade de “fazer crescer” (*augeo*, em latim, do qual deriva *auctor* e *auctoritas*) cada criatura naquela originalidade que o Criador pensou e desejou para ela. Exercitar a autoridade passa a significar assumir a responsabilidade de um serviço para o desenvolvimento e para o desencadeamento da liberdade, não um controle que corta as asas e mantém as pessoas acorrentadas.

142. Por conseguinte, a Igreja “se constrói” com os jovens, permitindo-lhes um verdadeiro protagonismo e não os colocando diante de um “sempre se fez assim”. Essa perspectiva, que determina um estilo pastoral, bem como uma maneira de organizar-se e de ser institucional, está em grande sintonia com o pedido de autenticidade que os jovens dirigem à Igreja. Eles esperam ser acompanhados não por um juiz inflexível, nem por um pai temeroso e superprotetor que gera dependência, mas por alguém que não tem medo

da sua própria fraqueza e sabe como fazer brilhar o tesouro que, como um vaso de barro, conserva em seu interior (cf. 2Cor 4,7). Caso contrário, eles acabarão por dirigir-se para outros lugares, especialmente numa época em que não faltam alternativas (cf. RP 1.7.10).

143. Para ser generativo, o acompanhamento em vista do discernimento vocacional não pode deixar de assumir uma perspectiva integral. A vocação, de fato, nunca é um princípio de alienação, mas um núcleo de integração de todas as dimensões da pessoa, que as tornará fecundas: dos talentos naturais à personalidade com seus recursos e limitações, das paixões mais profundas às habilidades adquiridas por meio do estudo, das experiências de sucesso aos fracassos que cada história pessoal contém, da capacidade de se relacionar e de amar àquela de assumir o próprio papel com responsabilidade dentro de um povo e de uma sociedade. Por isso, o serviço de acompanhamento é medido com uma série de elementos que, somente na aparência, são variados ou pouco espirituais e não pode ser dissociado da aliança entre as instâncias formativas.

Capítulo II

Imersos no Tecido da Vida Cotidiana

144. A chamada à alegria e à vida em plenitude sempre se insere dentro de um contexto cultural e de relações sociais. É diante das cir-

cunstâncias da vida cotidiana que os jovens desejam ser acompanhados, formados e feitos protagonistas. Por isso a Igreja é chamada a “sair, ver, chamar” (DP III, 1.3), isto é, investir tempo para conhecer e confrontar-se com as restrições e as oportunidades dos diferentes contextos sociais e culturais e fazer ressoar nestes a chamada à alegria do amor. Ao mesmo tempo, as relações sociais e interpessoais, bem como as dinâmicas da vida cotidiana (amizade, afetividade, relação com tempo e o dinheiro, etc.) favorecem o surgimento de desejos, ideias, emoções e sentimentos que um percurso de acompanhamento ajudará a reconhecer e interpretar. Uma perspectiva integral exige assumir os vínculos que ligam âmbitos e contextos em que se desenvolve a vida dos jovens, as exigências de conversão das práticas pastorais e as necessidades de formação dos acompanhadores.

145. Nomeadamente, a experiência ou o encontro com as fragilidades pessoais, próprias ou alheias, de um grupo ou de uma comunidade, de uma sociedade ou de uma cultura, são tão difíceis quanto preciosos. Para os jovens, pode ser uma oportunidade para descobrir recursos escondidos e levantar algumas questões, até numa perspectiva vocacional, conduzindo-os a sair de uma busca contínua por pequenas seguranças. Ao acompanhar esses percursos, a Igreja descobrirá novas fronteiras e novos recursos para cumprir sua missão.

O acompanhamento escolar e universitário

146. Praticamente todas as Conferências Episcopais enfatizam a importância que escolas, universidades e instituições de ensino de vários tipos têm no acompanhamento dos jovens em seu percurso de busca por um projeto pessoal de vida e pelo desenvolvimento da sociedade. Em muitas regiões são o principal lugar não explicitamente eclesial, senão o único, onde muitos jovens entram em contato com a Igreja. Em alguns casos tornam-se até uma alternativa às paróquias, as quais muitos jovens não conhecem nem frequentam. Também os jovens da Reunião pré-sinodal frisam a importância do compromisso da Igreja em tais contextos: “Os recursos não são desperdiçados quando investidos nessas áreas, pois são estes os lugares onde muitos jovens passam grande parte do seu tempo e frequentemente se envolvem com pessoas de várias classes sociais” (RP 13). Em particular, é necessário atenção para os inúmeros jovens que abandonam a escola ou não têm acesso a esta.

A exigência de um olhar e de uma formação integral

147. Em muitas escolas e universidades, inclusive católicas, a educação e a formação têm finalidades excessivamente utilitaristas, ao enfatizar mais o proveito no mundo do trabalho

dos conceitos adquiridos do que o crescimento pessoal. É preciso, realmente, colocar as competências técnicas e científicas numa perspectiva integral, cujo horizonte de referência é a “cultura ecológica” (cf. LS 111). É necessário, a propósito, conjugar intelecto e desejo, razão e afetividade; formar cidadãos responsáveis, capazes de enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo e de dialogar com a diversidade; ajudá-los a integrar a dimensão espiritual no estudo e no compromisso cultural; torná-los capazes de discernir não apenas os percursos pessoais de sentido, mas trajetórias de bem comum para as sociedades às quais pertencem.

148. Esta concepção integral da educação requer uma conversão sistêmica, que envolve todos os membros das comunidades educativas, bem como as estruturas materiais, econômicas e institucionais de que se servem. Professores, formadores, tutores e todas as figuras envolvidas nos percursos educativos, especialmente aqueles que trabalham em zonas abandonadas e desfavorecidas, realizam um serviço precioso, do qual a Igreja é grata. É necessário um renovado investimento em sua formação integral, para facilitar caminhos de redescoberta e reapropriação daquela que é uma autêntica vocação: são chamados não apenas a transmitir conteúdos, mas a serem testemunhas de uma maturidade humana, promovendo dinâmicas geradoras de paternidade ou maternidade espiritual capazes

de tornar os jovens sujeitos e protagonistas de sua própria aventura.

A especificidade e a riqueza das escolas e universidades católicas

149. Não são poucas as Conferências Episcopais de todo o mundo que apreciam as escolas e universidades católicas. O seu objetivo, como afirmou o papa Francisco, não é fazer proselitismo, mas “desenvolver os jovens, as crianças nos valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é a transcendência” (discurso aos participantes no Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica, 21 de novembro de 2015). Essa perspectiva faz com que elas colaborem com outras instituições educativas do território e, ao mesmo tempo, mostra como, dentro de sociedades livres e abertas que têm a necessidade de promover o diálogo entre diferentes identidades, não fazem mais sentido fechamentos ideológicos a seu respeito.

150. A fidelidade à sua missão exige que essas instituições se comprometam a verificar a efetiva recepção dos valores propostos por parte dos alunos e promovam uma cultura de avaliação e autoavaliação contínuas. Independentemente das afirmações abstratas, devemos nos perguntar o quanto nossas escolas ajudam os jovens a considerar sua preparação escolar como uma

responsabilidade perante os problemas do mundo, as necessidades dos mais pobres e o cuidado do meio ambiente. Para as universidades católicas – disse o papa Francisco àquela portuguesa – não basta realizar análises e descrever a realidade, mas é preciso gerar “espaços de verdadeira pesquisa, debates que gerem alternativas para os problemas de hoje” e “incluir a dimensão moral, espiritual e religiosa na sua investigação. Escolas e universidades católicas são convidadas a mostrar na prática em que consiste uma pedagogia inclusiva e integral” (audiência à comunidade da Universidade Católica Portuguesa, 26 de outubro de 2017).

151. Particularmente para universidades, faculdades e institutos eclesiais – mas de maneira semelhante para todas as escolas e universidades católicas – é importante levar em consideração alguns critérios inspiradores: a contemplação espiritual, intelectual e existencial do *kerigma*; o diálogo em todas as áreas; a interdisciplinaridade exercida com sabedoria e criatividade; a necessidade urgente de “criar redes” (cf. VG 4).

Economia, trabalho e cuidado da casa
comum

À procura de novos modelos de desenvolvimento

152. O acompanhamento rumo à plena maturidade humana inclui a dimensão do cuidado

da casa comum. Isso requer também que a Igreja e suas instituições assumam a perspectiva de sustentabilidade e promovam os estilos de vida coerentes, além de combater os reducionismos hoje dominantes (paradigma tecnocrático, idolatria do lucro, etc.). A *Laudato Si'* convida-nos a confiar que a conversão ecológica é possível. Para gerar um dinamismo de mudança duradoura, tal vocação deve envolver não apenas escolhas individuais, mas também as comunitárias e sociais, inclusive formas de pressão nos líderes políticos. Por isso a contribuição dos jovens é indispensável, como afirma uma Conferência Episcopal africana: “Muitos líderes eclesiais reconhecem o dinamismo dos jovens do nosso país, bem como o seu envolvimento responsável na Igreja e nas políticas de desenvolvimento social”. Promover a sustentabilidade exige incentivar os jovens a aplicar a esta os seus recursos intelectuais, nas várias disciplinas de seus estudos, assim como orientar nesse sentido as escolhas profissionais subsequentes.

153. É crucial a contribuição específica que a Igreja pode dar para a elaboração de uma espiritualidade que saiba reconhecer o valor dos pequenos gestos e possa inspirar escolhas de acordo com uma lógica diferente da cultura do descarte. Como recorda o papa Francisco, “todas as comunidades cristãs têm um papel importante a desempenhar nesta educação. Espero também que, nos nossos seminários e Casas Religiosas de Formação, se eduque para uma

austeridade responsável, a grata contemplação do mundo, o cuidado da fragilidade dos pobres e do meio ambiente” (LS 214).

O trabalho perante a inovação tecnológica

154. Os processos de inovação e penetração das tecnologias digitais e informáticas no mundo da produção geram o fenômeno mundialmente conhecido como “Indústria 4.0”, com repercussões também no mundo do trabalho. As comunidades cristãs são convidadas a questionar-se mais sobre esses aspectos em seu compromisso educacional e acompanhamento dos jovens. Num cenário marcado por constantes mudanças, pela impossibilidade de traçar hoje o perfil das competências que serão necessárias amanhã e pelo risco daqueles que não conseguem se adaptar serem excluídos, a formação e o acompanhamento profissional surgem como âmbitos de responsabilidade para que os talentos de todos os jovens possam expressar-se e ninguém seja deixado para trás ou considerado inútil. O objetivo é que o desenvolvimento das competências profissionais e da capacidade de dar sentido ao próprio trabalho e defender o direito de todos a um trabalho digno acompanhe o ritmo da inovação tecnológica. As gerações mais jovens são portadoras de uma abordagem da realidade que pode trazer

importantes contribuições para a humanização do mundo do trabalho: estilo de colaboração, cultura do respeito às diferenças e de sua inclusão, capacidade de trabalho em equipe, harmonização entre compromisso de trabalho e outras dimensões da vida.

Colaborar na criação de empregos para todos

155. A promoção de um novo modelo econômico requer a promoção do desenvolvimento das alternativas que surgem de modo espontâneo nas periferias e nos grupos que sofrem as consequências da cultura do descarte, mas que mantêm valores e práticas de solidariedade que se perderam em outros lugares. Apoiar tais experiências, permitindo a criação de oportunidades de emprego, especialmente para os jovens, principalmente nos contextos em que o desemprego juvenil é mais elevado, requer, antes de tudo, a busca de recursos. Como se depreende de algumas observações recebidas, em alguns países solicita-se a identificação das maneiras pelas quais a Igreja possa participar dessa busca com os seus patrimônios fundiários, imobiliários e artísticos, a fim de melhorá-los com iniciativas e projetos empreendedores dos jovens, e torná-los “gerativos” em termos sociais, para além do simples retorno econômico.

Na trama das culturas juvenis

Formar para a cidadania ativa e para a política

156. Algumas Conferências Episcopais assinalam que a sensibilidade dos jovens para temas de ética social (liberdade, justiça, paz, ecologia, economia, política) precisa ser acompanhada, apoiada e encorajada. O mandamento do amor tem um valor intrinsecamente social, que inclui a opção preferencial pelos pobres e o compromisso para a edificação de uma sociedade menos corrupta e mais justa. O compromisso social e político constitui, pelo menos para alguns, uma verdadeira vocação, cuja maturação requer um acompanhamento também do ponto de vista espiritual. Em todo caso, nenhum discernimento vocacional pode focalizar-se apenas na busca de um lugar no mundo, sem colocar como tema de modo criativo também a contribuição específica que cada um é chamado a dar para o bem comum.

157. Por meio do compromisso social, muitos jovens questionam e (re)descobrem um interesse na fé cristã. Além disso, o compromisso com a justiça e com os pobres é uma ocasião de encontro e diálogo com os não crentes e com as pessoas que professam outras crenças. Muitas Conferências Episcopais praticam ou buscam novas formas de formação para o compromisso civil, social e político, em particular estimulando a participação e assunção

de responsabilidade dos jovens e o confronto entre pares. Destaca-se a importância de alguns elementos: valorizar as competências profissionais e o percurso de estudos dos jovens, proporcionando oportunidades de protagonismo; oferecer experiências concretas de serviço e contato com os últimos e com ambientes sociais diferentes dos de proveniência, incluindo experiências internacionais e cuidado do meio ambiente e da natureza; fornecer elementos para a leitura e a avaliação do contexto, a partir de uma melhor compreensão da doutrina social da Igreja – cujo valor é também relatado na Reunião pré-sinodal (cf. RP 3) – e da ecologia integral; favorecer o amadurecimento de uma espiritualidade da justiça, valorizando a ajuda que a Bíblia oferece para a interpretação da dinâmicas sociais; apoiar percursos de mudança dos estilos de vida que focalizem a importância dos gestos diários sem perder de vista a abertura para a dimensão estrutural e institucional.

158. Além disso, os jovens geralmente são muito sensíveis à luta contra a corrupção e à questão das discriminações. De maneira particular, a Reunião pré-sinodal afirma com convicção que “a Igreja pode ter um papel vital na certificação de que esses jovens não sejam excluídos, mas que se sintam aceitos” (RP 5), indicando como primeiro âmbito de compromisso a promoção da dignidade das mulheres. Sociedades cada vez mais multiculturais, marcadas por fenômenos migratórios ou pela presença

de minorias étnicas, culturais ou religiosas, requerem a predisposição de percursos que ajudem a combater os preconceitos e a superar as diferentes formas de discriminação racial ou de casta.

159. Ainda no que diz respeito ao compromisso social e civil, o percurso pré-sinodal também destacou alguns âmbitos aos quais dar atenção. O primeiro é o dos jovens inseridos nas forças armadas e policiais, que devem ser ajudados a apropriar-se de alguns valores e a integrar a dimensão, implícita em sua função, do serviço à população e que é evidenciada por algumas circunstâncias em particular (missões de paz, desastres naturais, etc.). Um segundo âmbito é o dos jovens que realizam experiências de serviço em tempo integral, que no mundo assumem nomes diferentes (serviço civil, ano sabático, ano de voluntariado social, etc.); como enfatizado pela Reunião pré-sinodal, estes são, muitas vezes, o período propício para o discernimento sobre o próprio futuro (cf. RP 15). Deve-se evitar o risco de considerar os jovens envolvidos nessas experiências como mão-de-obra barata a quem confiar as tarefas que ninguém quer ou pode fazer.

Aprender a habitar o mundo digital

160. Tanto as várias Conferências Episcopais como a Reunião pré-sinodal reconhecem a necessidade de abordar a questão do

acompanhamento a um uso consciente das tecnologias digitais. A Reunião pré-sinodal sugeriu um caminho: “Primeiramente, a Igreja, comprometendo-se com um diálogo com os jovens, deveria aprofundar sua compreensão da tecnologia de modo a poder ajudar-nos a ponderar o seu uso. Além disso, a Igreja deveria considerar a tecnologia – em particular a Internet – como um terreno fértil para a Nova Evangelização. [...] Em segundo lugar, a Igreja deveria voltar sua atenção para a crise generalizada da pornografia, incluindo os abusos de menores na internet, o *cyberbullying* e os prejuízos que isso traz para a humanidade” (RP 4).

161. Muitas Conferências Episcopais reconhecem as potencialidades da Internet como instrumento de contato pastoral, bem como de orientação vocacional, em particular onde, por várias razões, a Igreja tem dificuldades em alcançar os jovens com outros meios. Nesse sentido, as competências dos nativos digitais devem ser aproveitadas também dentro da Igreja. Não se pode, por outro lado, ainda considerar que as redes sociais e o universo digital não sejam apenas ferramentas a serem utilizadas para a pastoral, nem uma realidade virtual a ser contraposta àquela real, mas constituem um lugar de vida com uma cultura própria que precisa ser evangelizada. Pensemos apenas no campo dos “videogames”, que em alguns países representa um grande desafio para a sociedade e para a Igreja, pois molda nos jovens uma visão

discutível do ser humano e do mundo, que nutre um estilo relacional baseado na violência.

A música entre interioridade e afirmação da identidade

162. Entre todas as linguagens artísticas, a música está particularmente relacionada à dimensão da escuta e da interioridade. O seu impacto na esfera emotiva pode representar uma oportunidade de formação para o discernimento. Além do mais, a escolha de gêneros e músicos que são ouvidos é um dos elementos que definem a identidade, sobretudo social, dos jovens. Abre-se um espaço para uma produção musical que ajuda no desenvolvimento da espiritualidade. Há também a necessidade de cuidar do canto e da música dentro da vida e do caminho de fé da comunidade, como já ocorre em alguns contextos. Alguns jovens são atraídos pela qualidade da música de diferentes tradições cristãs (como o canto gregoriano, o monaquismo ortodoxo ou o gospel). Por vezes, porém, as propostas que imitam as linguagens musicais contemporâneas mais comerciais não favorecem a reflexão e a escuta interior. Algumas Conferências Episcopais notam que as propostas de outras confissões e religiões são atraentes para os jovens, incluindo os católicos, em virtude de uma linguagem mais simples e imediata, graças à “música viva e de alta qualidade”.

163. Uma atenção especial também deve ser dada aos grandes eventos musicais: deveriam ser promovidas as ocasiões para redescobrir o valor autenticamente festivo e socializante da música, a partir de produções que os próprios jovens reconheçam como sendo de qualidade. As JMJs e os grandes eventos nacionais ou regionais podem representar a proposta de um modo alternativo de entender grandes eventos, ao integrar a música numa programação de encontro eclesial entre os jovens.

Esporte e competição

164. Ao considerar a influência do esporte, muitas Conferências Episcopais sugerem a necessidade de aprimorá-lo do ponto de vista educativo e pastoral. O cuidado e a disciplina do corpo, o trabalho em equipe que aumenta a colaboração, o valor da integridade e do respeito pelas regras, a importância do espírito de sacrifício, generosidade, sentimento de pertença, paixão, criatividade, tornam o esporte uma oportunidade promissora para percorrer um verdadeiro caminho de unificação pessoal. Sucesso e fracasso desencadeiam dinâmicas emocionais que podem se tornar “academias” do discernimento. Para que isso ocorra, é necessário que sejam propostas aos jovens experiências de uma competição saudável, que fujam da ideia do sucesso a todo custo, e que permitam transformar

a fadiga do treino em uma oportunidade de maturidade interior. É necessário, portanto, que os clubes esportivos – e isto se aplica especialmente àqueles relacionados à Igreja – escolham ser autênticas e abrangentes comunidades educativas, e não apenas centros que prestam serviços. Por isso, é fundamental apoiar a sensibilização do papel educativo de treinadores, técnicos e dirigentes, e cuidar da sua formação contínua. Para além da esfera estritamente competitiva, seria conveniente pensar em novas configurações de lugares educativos que contribuam para fortalecer o reconhecimento recíproco, o tecido social e as relações comunitárias, especialmente em âmbito intercultural.

A amizade e o acompanhamento entre pares

165. É importante reconhecer o grupo de coetâneos como um instrumento de emancipação do contexto familiar, de consolidação da identidade e de desenvolvimento de competências relacionais. As oportunidades de crescimento na amizade são muito importantes, como os momentos partilhados de tempo livre ou férias, além das ocasiões que permitem aos jovens tornar-se, por sua vez, acompanhados de seus pares ou de quem é ainda mais jovem, descobrindo a beleza da responsabilidade e o gosto do serviço. A relação de comunidade, a partilha das referências, a facilidade de se

identificar no outro e de comunicar são a base para o sucesso das iniciativas de educação de peer education, e das “comunidades de aprendizagem” que nascem delas. Em particular, elas são úteis quando dizem respeito a questões em que a palavra dos adultos seria mais distante, menos convincente (sexualidade, prevenção das dependências, etc.) e, portanto, menos capaz de produzir uma mudança nos comportamentos.

Proximidade e apoio na dificuldade e na marginalização

Deficiência e doença

166. Na vida de muitos jovens, a dor marca o corpo e também a alma de modo imprevisível e incompreensível. Doenças e insuficiências mentais, sensoriais e físicas podem, por vezes, acabar com a esperança e transformar a afetividade e a sexualidade em uma fonte de sofrimento. Como relatou um jovem portador de deficiência em sua contribuição para o caminho pré-sinodal: “Nunca estamos preparados para viver com uma deficiência: ela faz com que nos perguntemos sobre nossa vida, convida-nos a questionarmos sobre a nossa finitude”. Até os jovens que vivem nessas situações são chamados a descobrir como recusar a chamada à alegria e à missão – “como é possível levar a alegria do Evangelho quando o sofrimento está

na ordem do dia?” – e a descobrir suas forças interiores: “Chorar pode ser um direito, mas lutar e amar são os meus deveres”. Estes jovens contam com a ajuda de seus pares, mas ensinam seus amigos a enfrentar o limite, ajudando-os a crescer na humanidade. Particularmente benéficos são os movimentos e comunidades que sabem como integrar os jovens portadores de alguma deficiência e doença, apoiando suas famílias e aumentando a contribuição que estes podem dar aos outros jovens e a todos. É inesgotável a criatividade com a qual a comunidade animada pela alegria do Evangelho pode tornar-se uma alternativa à dificuldade social. Por exemplo, em alguns contextos, principalmente africanos, na pastoral juvenil são desenvolvidas atividades inovadoras de integração dos jovens portadores de HIV ou que sofrem de AIDS.

Dependências e outras fragilidades

167. O uso de drogas, álcool e outras substâncias que alteram os estados de consciência, bem como outras antigas e novas dependências, escravizam muitos jovens e ameaçam suas vidas. Alguns deles, imersos em tais situações de dificuldade, podem, no entanto, aproveitar a boa oportunidade de um recomeço, também graças à chegada em instituições como casas de acolhimento, comunidades educativas ou recuperação. Esses jovens precisam ser

acompanhados para reconhecer seus erros e discernir como orientar os próprios passos para outra direção, bem como ser apoiados para enfrentar a reintegração em um contexto social que muitas vezes tende a estigmatizá-los e a segregá-los. O compromisso de algumas instituições eclesiais nesse sentido é notável e merece ser sustentado pelas comunidades cristãs como um todo, superando a tentação do encerramento das atividades. A formação dos operadores e voluntários envolvidos nessas estruturas é de grande importância, também do ponto de vista espiritual. Esse compromisso, no entanto, não pode dispensar a promoção de uma cultura da prevenção nem deixar de posicionar-se enquanto Igreja no combate aos narcotraficantes e àqueles que especulam com os mecanismos de dependência.

Com jovens prisioneiros

168. A recuperação dos jovens presos exige envolvê-los em projetos personalizados, estimulando, por meio de uma ação educativa, a releitura das experiências passadas, o reconhecimento de erros cometidos, a reconciliação com os traumas sofridos e a aquisição de competências sociais e laborais, na perspectiva da reintegração. As dimensões espiritual e religiosa podem desempenhar um papel de grande importância e a Igreja é grata àqueles que trabalham

para torná-la presente nesses contextos (capelães prisionais, voluntários, etc.), desempenhando um papel de acompanhamento para com os presos. Aliás, eles pedem para descobrir como o Sínodo pode envolver e dar esperança também aos jovens prisioneiros. Não deve ser diminuída, por fim, a importância da formação, humana e profissional, e do acompanhamento daqueles que trabalham dentro do sistema penitenciário (guardas prisionais, psicólogos, educadores, etc.), que enfrentam situações de extrema complexidade e dificuldade.

Em situações de guerra e violência

169. No mundo são inúmeros os jovens que vivem em situações de guerra ou conflito armado de diversas intensidades. Alguns são recrutados à força ou manipulados em grupos para militares ou ainda em bandos armados, enquanto algumas jovens mulheres são raptadas e abusadas. Aqueles que sobrevivem sofrem várias consequências psicológicas e sociais. Em geral, tornar-se adulto em contextos de grande violência representa um obstáculo ao amadurecimento pessoal, e requer um esforço educativo e um acompanhamento específico, especialmente para poder reconstruir as próprias capacidades relacionais e superar os traumas sofridos. São elementos a serem levados em consideração também nos caminhos de discernimento

vocacional, pois a chamada à alegria também é dirigida a esses jovens. Igualmente importantes são os caminhos da reconciliação a nível local ou nacional, pois oferecem um contexto no qual as vidas dos jovens que sofreram violências, até brutais, podem redescobrir e oferecer energias preciosas para superar divisões, rancores e vinganças.

Jovens migrantes e a cultura do acolhimento

170. O aumento contínuo do número de migrantes e refugiados e, em particular, a condição das vítimas do tráfico e da exploração, requerem a abertura de caminhos para proteger juridicamente a sua dignidade e capacidade de ação e, ao mesmo tempo, a promoção de caminhos de integração na sociedade em que chegam. Por isso, as iniciativas de vários organismos eclesiais e o envolvimento de toda a comunidade cristã são de fundamental importância. O acompanhamento dos jovens migrantes, de primeira e segunda gerações, para encontrar o próprio caminho para a alegria e a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da sociedade representa um desafio peculiar em termos de acompanhamento para o discernimento vocacional, pois precisa também abordar a dimensão da interculturalidade. Com grande delicadeza e atenção também deverão ser acompanhados os percursos dos casais mistos do ponto de vista

cultural e também religioso, e aqueles que, vindo das rotas migratórias, se sentem chamados ao sacerdócio ministerial ou à vida religiosa. Nos contextos que veem a presença de diferentes culturas dentro da comunidade cristã, toda a pastoral, portanto também a juvenil, é chamada a evitar formas de segregação e a promover reais ocasiões de encontro.

Perante a morte

171. Infelizmente, ocorre com frequência a experiência da morte dos jovens, bem como a de jovens que cometeram assassinatos. Nesse campo, a maternidade da Igreja e sua capacidade de ouvir e acompanhar são decisivas. A morte é, por vezes, o ponto de chegada do fracasso de um mundo, de uma sociedade e de uma cultura que ilude, explora e, por fim, descarta os jovens; outras vezes, há o encontro traumático com o limite da vida humana pela experiência da doença e do mistério da dor; há também a experiência perturbadora do suicídio juvenil, que cria em muitos feridas difíceis de curar; em outras situações, a morte dos jovens por causa de sua fé, um verdadeiro martírio, torna-se um testemunho profético e fecundo de santidade. Seja como for, a morte, especialmente a dos jovens, torna-se uma fonte de questões mais profundas para todos. Se para a Igreja esta experiência é sempre motivo de um renovado

confronto com a morte e a ressurreição de Jesus, do ponto de vista pastoral algumas Conferências Episcopais perguntam-se como a morte dos jovens pode tornar-se motivo de anúncio e convite a todos para a conversão.

Acompanhamento e anúncio

172. Quem está envolvido nos diferentes âmbitos sociais, educativos e pastorais em que há o acompanhamento pode testemunhar como cada um dos jovens traz consigo de forma indelével a imagem do Criador e como o Espírito fala no coração de cada um deles, mesmo quando não são capazes ou não estão dispostos a reconhecê-lo. A Igreja é chamada a colaborar na obra de Deus, iniciando caminhos que ajudem os jovens a assumir a vida como um dom e a lutar contra a cultura do descarte e da morte. Este compromisso é parte integrante da missão do anúncio da Igreja: “A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4,43) [...]. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos” (EG 180). Precisamente por isso, a Igreja não pode aceitar ser apenas uma ONG ou uma instituição filantrópica: os seus membros não podem evitar confessar o nome de Jesus (cf. EN 22), tornando o seu trabalho um sinal eloquente de Seu amor que partilha, acompanha, perdoa.

173. Cada acompanhamento é uma forma de propor a chamada à alegria e pode assim tornar-se o terreno adequado para anunciar a Boa Nova da Páscoa e promover o encontro com Jesus morto e ressuscitado: um kerigma “que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade, mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa” (EG 165). Ao mesmo tempo, todo serviço de acompanhamento é uma oportunidade de crescimento na fé para aqueles que o fazem e para a comunidade a que pertence. Por essa razão, o principal requisito de um bom acompanhador é ter experimentado pessoalmente “a alegria do amor”, que desmascara a falsidade das gratificações mundanas e preenche o coração com o desejo de comunicá-lo aos outros.

174. Esta inquietude evangélica preserva a tentação de culpar os jovens pelo seu afastamento da Igreja ou de reclamar disso, para falar, como fazem algumas Conferências Episcopais, de uma “Igreja longe dos jovens” chamada a empreender caminhos de conversão, sem fazer recair sobre os outros suas próprias faltas de ímpeto educativo e de timidez apostólica. Superar a “síndrome de Jonas” permanece ainda, em muitos aspectos, uma meta (cf. GE 134). Enviado para anunciar aos habitantes de Nínive a misericórdia de Deus, o profeta foge porque seu coração não partilha a

intenção que anima o coração de Deus. A verdadeira questão que a história de Jonas põe em evidência é a da evangelização dos evangelizadores e da qualidade cristã da comunidade dos fiéis, porque somente uma comunidade evangelizada pode evangelizar.

Capítulo III

Uma Comunidade Evangelizada e Evangelizadora

Uma ideia evangélica de comunidade cristã

175. Durante o Seminário Internacional foi esclarecido que a experiência da comunidade continua sendo essencial para os jovens: se por um lado eles têm “alergia às instituições”, por outro, estão à procura de relacionamentos significativos em “comunidades autênticas” e de contatos pessoais com “testemunhas radiantes e coerentes” (cf. RP 1.5.10). Várias Conferências Episcopais expressaram o desejo de que o Sínodo reafirme a natureza aberta e inclusiva da Igreja, chamada a acompanhar os jovens na perspectiva da preservação tanto da integridade do anúncio como da gradatividade da proposta, respeitando assim os ritmos do amadurecimento da sua liberdade, que se constitui em um acontecimento histórico concreto e cotidiano. Seguindo o exemplo de Jesus, “o primeiro e o maior

evangelizador” (EN 9; EG 12), a comunidade de fiéis também é chamada a sair e encontrar os jovens onde quer que estejam, reacendendo seus corações e caminhando com eles (cf. Lc 24,13-35).

176. O risco de fechar-se em uma pertença elitista e julgadora já foi uma grande tentação presente no círculo dos discípulos de Jesus. Por isso o Senhor louva a fé da mulher siro-fenícia, que mesmo não pertencendo ao povo eleito, manifesta uma grande fé (Mt 15, 22-28); repreende duramente os discípulos que gostariam de atear fogo para consumir os samaritanos que não acolhem a sua passagem (Lc 9, 51-55); declara que a pertença ao povo eleito e a observância legal não oferecem acesso automático à salvação (Lc 18, 10-14); mostra que a experiência da distância pode ser uma premissa de uma comunhão renovada e a vida na casa do Pai, uma experiência que nos torna incapazes de amar (Lc 15,11,32). Assim, enquanto Pedro nega por três vezes o amado Mestre e Judas o trai, o centurião romano reconhece-o por primeiro como o Filho de Deus (Mc 15, 39). A comunidade cristã é chamada a sair da presunção de “ver” com seus próprios olhos (cf. Jo 9:41) e de julgar com critérios diferentes daqueles que vêm de Deus.

177. Como já mencionado pelo documento preparatório, “em relação ao passado, devemos habituar-nos a percursos de aproximação da fé sempre menos padronizados e mais atentos às características pessoais de cada um” (DP III, 4). A comunidade cristã vive assim de variados

níveis de pertença, reconhece com gratidão os pequenos passos de cada um e tenta valorizar a semente da graça presente em todos, oferecendo respeito, amizade e acompanhamento, pois “um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades” (EG 44; AL 305). Os próprios jovens, portanto, com suas experiências de vida fragmentadas e seus caminhos incertos de fé, ajudam a Igreja a assumir a própria forma natural de poliedro (cf. EG 236).

Uma experiência familiar de Igreja

178. Um dos resultados mais frutíferos da renovada atenção pastoral à família vivida nos últimos anos foi a redescoberta do caráter familiar da Igreja. A afirmação de que Igreja e paróquia são “família de famílias” (cf. AL 87.202) é forte e indicativa em relação à sua forma. Referimo-nos aos estilos relacionais, nos quais a família é a matriz da própria experiência da Igreja; a modelos formativos de natureza espiritual que tocam os afetos, criam vínculos e convertem o coração; a percursos educativos que envolvem a difícil e entusiasmante arte do acompanhamento das jovens gerações e das próprias famílias; à qualificação das celebrações, porque na liturgia se manifesta o estilo de uma Igreja convocada por

Deus para ser sua família. Muitas Conferências Episcopais desejam superar a dificuldade em viver relacionamentos significativos na comunidade cristã e pedem que o Sínodo ofereça elementos concretos nesse sentido. Uma Conferência Episcopal afirma que “em meio a uma vida barulhenta e caótica, muitos jovens pedem à Igreja que seja uma casa espiritual”. Ajudar os jovens a unificar suas vidas continuamente ameaçadas pela incerteza, pela fragmentação e pela fragilidade é hoje decisivo. Para muitos jovens que vivem em famílias frágeis e desfavorecidas, é importante que eles percebam a Igreja como uma verdadeira família capaz de “adotá-los” como seus próprios filhos.

O cuidado pastoral para as jovens gerações

179. Muitas Conferências Episcopais têm percebido de modo claro a íntima ligação entre evangelização e educação, bem desenvolvida por muitos institutos de vida consagrada masculinos e femininos que, por séculos, focam neste binômio e oferecem a toda a Igreja uma experiência fecunda de pastoral juvenil caracterizada por uma forte atenção aos percursos educativos. Tantas respostas das Conferências Episcopais indicam que diferentes comunidades cristãs e muitos pastores têm pouca sensibilidade educativa. Uma das quais afirma que em muitas situações “os jovens não estão no coração de

muitos bispos, sacerdotes e religiosos”. Quando uma comunidade de fiéis está ciente da sua tarefa educativa e se apaixona por ela, pode libertar forças espirituais e materiais que concretizam uma verdadeira “caridade educativa”, capaz de colocar no campo insuspeitas energias e paixão para com as jovens gerações.

180. É importante fazer uma menção especial à realidade do oratório ou de atividades pastorais similares, que veem a Igreja como sujeito que propõe uma experiência que em vários contextos representa, como diz uma Conferência Episcopal, “o cuidado específico de uma comunidade cristã com as gerações mais jovens. Os seus instrumentos são os mais diversos e passam pela criatividade de uma comunidade educativa que sabe se colocar a serviço, tem uma visão prospetiva da realidade e sabe confiar no Espírito Santo para agir de maneira profética”. Onde há o oratório, as jovens gerações não são esquecidas e assumem um papel central e ativo na comunidade cristã. Algumas Conferências Episcopais esperam do Sínodo um renascimento dessa experiência.

A família, sujeito privilegiado da educação

181. No que diz respeito ao vínculo entre a pastoral juvenil e a família, será importante analisar, em uma perspectiva sinodal, o capítulo VII da *Amoris Laetitia* dedicado ao tema

da educação dos filhos, que merece uma valorização pastoral mais adequada. É evidente que “a família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade” (AL 274). Os próprios jovens, durante a Reunião pré-sinodal, afirmaram claramente que, entre os lugares que ajudam no desenvolvimento da própria personalidade, a família ocupa uma posição privilegiada (cf. RP 1). Várias Conferências Episcopais perceberam que investir as energias para formar boas famílias não significa diminuir os esforços dedicados aos jovens. Portanto, a predileção e o compromisso em relação aos jovens são chamados a abrir-se decisivamente à pastoral da família.

182. Muitas Conferências Episcopais pedem ao Sínodo que aprofunde o papel indispensável da família como agente pastoral ativo no acompanhamento e no discernimento vocacional das crianças. Muitas outras pedem uma ajuda para qualificar o acompanhamento dos jovens durante o período do noivado, na preparação imediata para o matrimônio, bem como na fase posterior à celebração do sacramento. Os dados das Conferências Episcopais mostram um panorama de situações muito contrastantes sobre o papel da família em relação ao tema sinodal. Entre os países mais secularizados, em geral, como diz uma Conferência Episcopal, “a maioria das famílias católicas não está ‘ativamente’ ou ‘intencionalmente’ envolvida no discernimento vocacional de seus filhos, e algumas se opõem de

modo contundente". Em outros contextos, por outro lado, onde a dimensão comunitária da fé é mais viva, a família desempenha um papel dinâmico e proativo.

À escuta e em diálogo com o Senhor

183. Muitas Conferências Episcopais, ao apresentar as suas "boas práticas", têm favorecido a escuta e o diálogo com Deus: dias de retiro, exercícios espirituais, momentos de folga das rotinas diárias, peregrinações nacionais e diocesanas, experiências partilhadas de oração. Santuários, centros de espiritualidade e casas de exercícios espirituais, onde haja uma sensibilidade para o acolhimento e o acompanhamento dos jovens, têm uma ótima capacidade de atração em várias partes do mundo. Uma Conferência Episcopal afirma: "Sabemos que o sucesso não vem de nós mesmos, mas de Deus e, por isto, procuramos mostrar aos jovens que a oração é uma alavanca que muda o mundo". Nos momentos de confusão, muitos jovens percebem que somente a oração, o silêncio e a contemplação oferecem o "horizonte de transcendência" adequado, dentro do qual é possível amadurecer escolhas autênticas. Eles percebem que somente junto de Deus é possível assumir uma posição com a verdade e afirmam que "o silêncio é onde podemos ouvir a voz de Deus e discernir a Sua Vontade para nós" (RP 15).

184. Na oração, que por vezes pode ser uma experiência de “luta espiritual” (cf. GE 159-165), aprimora-se a própria sensibilidade ao Espírito, educa-se à capacidade de compreender os sinais dos tempos e obtém-se a força de agir a fim de que o Evangelho possa ser encarnado novamente hoje. No cuidado da vida espiritual, experimenta-se a fé como uma relação pessoal de felicidade com Jesus e como um dom pelo qual lhe devemos estar gratos. Não é à toa que a vida contemplativa desperta admiração e estima nos jovens. É evidente, portanto, que na qualidade espiritual da vida comunitária encontram-se grandes oportunidades para aproximar os jovens da fé e da Igreja e acompanhá-los em seu discernimento vocacional.

Na escola da Palavra de Deus

185. As experiências pastorais de maior eficácia evangelizadora e educativa apresentadas por muitas Conferências Episcopais põem no centro o confronto com a força da Palavra de Deus em relação ao discernimento vocacional: *Lectio divina*, escolas da Palavra, catequeses bíblicas, estudo da vida dos jovens presentes na Bíblia, uso de ferramentas digitais que facilitam o acesso à Palavra de Deus são práticas de sucesso entre os jovens. Para muitas Conferências Episcopais, a renovação da pastoral passa pela sua qualificação bíblica e, por isso, pedem ao

Sínodo reflexão e propostas. Em territórios onde há outras Igrejas ou comunidades cristãs, várias Conferências Episcopais apontam o valor ecumênico da Bíblia, que pode gerar convergências significativas e projetos pastorais partilhados.

186. Já Bento XVI, como resultado do Sínodo sobre a Palavra de Deus, pediu a toda a Igreja que “se incremente a ‘pastoral bíblica’, não em justaposição com outras formas da pastoral, mas como animação bíblica da pastoral inteira” (VD 73). Após ter afirmado que “a tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho” (Sal 119,105), o salmista pergunta-se: “Com que purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra” (Sal 119,9).

O gosto e a beleza da liturgia

187. Uma Conferência Episcopal afirma que os jovens “não vêm à igreja para encontrar algo que poderiam obter em outros lugares, mas buscam uma experiência religiosa autêntica e até radical”. Muitas respostas ao questionário indicam que os jovens são sensíveis à qualidade da liturgia. De forma provocativa, a Reunião pré-sinodal afirma que “os cristãos professam um Deus vivo, mas não obstante a isso, encontramos celebrações e comunidades que parecem mortas” (RP 7). No que se refere à linguagem e à qualidade das homilias, uma Conferência Episcopal aponta que “os jovens sentem falta de uma

sintonia com a Igreja”, e acrescenta: “Parece que não compreendemos o vocabulário e, portanto, as necessidades dos jovens”. Informações valiosas a esse respeito encontram-se na *Evangelii Gaudium* 135-144.

188. Considerando que “a fé tem uma estrutura sacramental” (LF 40), algumas Conferências Episcopais pedem que se desenvolva o vínculo genético entre fé, sacramentos e liturgia na concepção de percursos das pastorais juvenis, a partir da centralidade da Eucaristia “fonte e centro de toda a vida cristã” (LG 11) e “fonte e coroa de toda a evangelização” (PO 5). Tantas Conferências Episcopais garantem que onde a liturgia e a *ars celebrandi* são bem-feitas, há sempre uma presença significativa de jovens ativos e partícipes. Considerando que na sensibilidade juvenil não são os conceitos que falam, mas as experiências; não as noções, mas as relações, algumas Conferências Episcopais observam que as celebrações eucarísticas e outros momentos litúrgicos – frequentemente considerados pontos de chegada – podem tornar-se um lugar e uma ocasião para um renovado primeiro anúncio aos jovens. As Conferências Episcopais de alguns países testemunham a eficácia da “pastoral dos ministrantes” para fazer com que os jovens experimentem o espírito da liturgia; contudo, será oportuno refletir sobre como oferecer uma adequada formação litúrgica a todos os jovens.

189. Também merece atenção o tema da piedade popular que em vários contextos oferece aos jovens um acesso privilegiado à fé, tanto por estar relacionada à cultura e às tradições locais, como por valorizar a linguagem do corpo e dos afetos, elementos que dificilmente encontram espaço na liturgia.

Nutrir a fé na catequese

190. Várias Conferências Episcopais interrogaram-se, a começar pelo tema do Sínodo, sobre os percursos catequéticos em andamento na comunidade cristã. A catequese nem sempre goza de boa reputação entre os jovens, pois lembra a muitos deles “um percurso obrigatório e não escolhido na infância” (QoL). Ao dar atenção à necessária e natural continuidade com a pastoral dos adolescentes e jovens, algumas Conferências Episcopais pedem para rever as formas gerais da oferta catequética, verificando assim a sua validade para as novas gerações.

191. Um Dicastério Vaticano convida-nos a evitar a oposição entre a catequese experiencial e a conteudista, pois a experiência da fé já é uma abertura de conhecimento para a verdade e, por sua vez, o caminho da interiorização dos conteúdos da fé conduz a um encontro vital com Cristo. Neste ciclo originário, a comunidade eclesial desempenha um papel insubstituível de mediação.

192. Algumas Conferências Episcopais e os próprios jovens aconselham a seguir na catequese o “caminho da beleza”, valorizando o imenso patrimônio artístico e arquitetônico da Igreja, o contato autêntico com a criação de Deus e o encanto da liturgia da Igreja em todos os seus aspectos e rituais. Há experiências bem-sucedidas de catequese com jovens. Apresentam-se, geralmente, como um itinerário experiencial de encontro vivo com Cristo, que se torna uma fonte de unidade dinâmica entre a verdade do Evangelho e a própria experiência de vida. Deste modo, criam-se condições para o desenvolvimento de uma fé forte, que se concretiza em um empenho missionário.

193. Em alguns contextos, a catequese é realizada dentro dos percursos escolares e, portanto, o ensino da religião é de grande importância para o amadurecimento vocacional dos jovens. Tudo isso convida o Sínodo a refletir sobre a relação entre a escola e a comunidade cristã em termos de aliança educativa.

Acompanhar os jovens rumo ao dom gratuito de si

194. Inúmeras experiências apresentadas no final das respostas ao questionário do documento preparatório referem-se a práticas nas quais os jovens são acompanhados na lógica de uma “fé em ação” que se realiza no serviço da caridade.

Uma Igreja que serve é uma Igreja madura que atrai os jovens, pois testemunha a sua vocação à imagem de Cristo que, “sendo rico, Se fez pobre por vós” (2Cor 8,9). Nas respostas de muitas Conferências Episcopais, a relação delineada em vários parágrafos do documento preparatório entre as experiências de serviço gratuito e o discernimento vocacional foi bem compreendida e desenvolvida. Os próprios jovens frisam que “períodos de serviço dentro dos movimentos e obras de caridade dão aos jovens a experiência de missão e espaço para o discernimento” (RP 15). Inúmeros são, no questionário on-line, os testemunhos de jovens que redescobriram a vida de fé graças a experiências de serviço e em contato com a “Igreja que serve”. Por outro lado, a Igreja poderá renovar os seus dinamismos de serviço, confrontando as necessidades dos jovens que se aproximam de um estilo transparente, desinteressado e não assistencial. Em síntese, um Dicastério Vaticano convida-nos a promover uma renovada “cultura da gratuidade”.

195. Para muitos jovens, o “voluntariado internacional” é capaz de aliar a sensibilidade à solidariedade com o sonho de viajar e de descobrir outras culturas e mundos desconhecidos: trata-se também de um lugar de encontro e de colaboração com jovens não crentes e os distantes da Igreja. O “voluntariado missionário”, cuidado e desenvolvido em muitos países e por vários institutos de vida consagrada masculinos e femininos, é um dom precioso que a Igreja

pode oferecer a todos os jovens: a preparação, o acompanhamento e a renovação de uma experiência missionária em uma perspectiva vocacional são âmbitos privilegiados para o discernimento vocacional dos jovens.

Comunidade aberta e acolhedora para todos

196. A Reunião pré-sinodal contou com a participação não só de jovens católicos, mas também de jovens de outras confissões cristãs, de outras religiões e até mesmo de não crentes. Foi um sinal de que os jovens acolheram com gratidão, pois tal fato mostrou o rosto de uma Igreja hospitaleira e inclusiva, capaz de reconhecer a riqueza e a contribuição que cada um pode trazer para o bem comum. Sabendo que a fé autêntica não pode gerar uma atitude de presunção para com os outros, os discípulos do Senhor são chamados a valorizar todas as sementes de bondade presentes em cada pessoa e em cada situação. A humildade da fé ajuda a comunidade dos fiéis a deixar-se instruir também por pessoas de diferentes posições ou culturas, na lógica de um benefício recíproco em que elas dão e recebem.

197. Por exemplo, no Seminário Internacional, alguns peritos indicaram como o fenômeno migratório possa tornar-se uma oportunidade para um diálogo intercultural e para a renovação de comunidades cristãs em risco de involução. Alguns jovens LGBT, por meio das várias contribuições enviadas à Secretaria do Sínodo, desejam

“beneficiar-se de uma maior proximidade” e experimentar uma atenção maior por parte da Igreja, enquanto algumas Conferências Episcopais perguntam-se sobre o que propor “aos jovens que em vez de formar casais heteros sexuais decidem constituir casais homossexuais e, acima de tudo, desejam estar perto da Igreja”.

O diálogo ecumênico e inter-religioso, que em alguns países assume as características de uma real prioridade para os jovens, nasce e cresce em um clima de respeito recíproco e de abertura natural de uma comunidade que se envolve “com mansidão e respeito, conservando boa consciência” (1Pe 3,16). Até mesmo o diálogo com os não crentes e com o mundo secular como um todo é, em alguns contextos, decisivo para os jovens, especialmente nos âmbitos acadêmico e cultural, nos quais por vezes se sentem discriminados em nome da fé que professam: iniciativas como a “Cátedra dos não crentes” e o “Átrio dos Gentios” são de grande interesse para as jovens gerações, porque as ajudam a integrar a sua fé no mundo em que vivem e também a assumir uma modalidade de diálogo aberto e de confronto fecundo entre diferentes posições.

Capítulo IV

Animação e Organização da Pastoral

198. Para acompanhar os jovens no seu discernimento vocacional, não só são necessárias

peessoas competentes, mas também estruturas adequadas de animação eficientes, eficazes e, acima de tudo, atraentes e radiantes graças ao estilo relacional e às dinâmicas fraternas que promovem. Algumas Conferências Episcopais sentem a necessidade de uma “conversão institucional”. Respeitando e integrando as nossas legítimas diferenças, reconhecemos na comunhão o caminho privilegiado para a missão, sem a qual é impossível educar e evangelizar. Torna-se cada vez mais importante, portanto, verificar enquanto Igreja, não apenas “o que” estamos fazendo para com os jovens, mas também “de que modo” estamos fazendo.

O protagonismo juvenil

199. Em nome de muitos outros, um jovem, ao responder ao questionário on-line, afirma: “Queremos estar envolvidos, valorizados, sentirmo-nos corresponsáveis por aquilo que está sendo feito”. Enquanto batizados, também os jovens são chamados a ser “discípulos missionários”, e importantes passos têm sido dados nessa direção (cf. EG 106). No seguimento do documento conciliar *Apostolicam Actuositatem*, São João Paulo II afirmou que os jovens “não devem ser considerados simplesmente como o objeto da solicitude pastoral da Igreja: são de fato e devem ser encorajados a ser sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da

renovação social” (CL 46). Eis o verdadeiro ponto de qualificação da pastoral juvenil, segundo muitas Conferências Episcopais: passar corajosamente da ação pastoral “pelos jovens” para aquela “com os jovens”.

Bento XVI convidava frequentemente os jovens a serem protagonistas da missão: “Queridos jovens, vós sois os primeiros missionários no meio dos jovens da vossa idade!” (mensagem para a XXVIII JMJ de 2013, 18 de outubro de 2012), pois “o melhor modo de evangelizar um jovem é chegar a ele por meio de outro jovem” (QoL). Será preciso identificar os ambientes propícios para o protagonismo juvenil. Algumas Conferências Episcopais denunciam a realidade do “clericalismo” como um problema por vezes insuperável: uma delas afirma que “muitos de nossos jovens acham que a Igreja seja apenas o conjunto de ministros ordenados e de consagrados que a representam”. Mudar essa perspectiva continua sendo uma meta que muitas Conferências Episcopais esperam que seja alcançada com uma postura clara por parte do Sínodo.

A Igreja no território

200. Todo o povo de Deus é o sujeito da missão cristã (cf. EG 120) e isso se dá com diferentes responsabilidades e em vários níveis de animação. O sucessor de Pedro manifesta continuamente uma predileção pelos jovens, que

eles reconhecem e apreciam. Por ser o centro da unidade visível da Igreja e pelo seu impacto universal nos meios de comunicação, o jovem é colocado em uma posição de liderança que reconhece e incentiva a contribuição de todos os carismas e instituições a serviço das gerações jovens. Muitas Conferências Episcopais oferecem um serviço central de qualidade para a pastoral juvenil, mas o sujeito privilegiado ainda permanece sendo a Igreja particular, presidida e animada pelo bispo junto com seus colaboradores, que promovem sinergias e aprimoram as boas experiências de comunhão entre todos aqueles que trabalham para o bem dos jovens. Se várias Conferências Episcopais afirmam que há um serviço de qualidade neste âmbito da pastoral, em algumas partes do mundo há muita improvisação e pouca organização.

Do ponto de vista do território, a paróquia, a Igreja no meio das casas, é o lugar cotidiano da pastoral e sua validade foi claramente renovada no nosso tempo (cf. EG 28). Um jovem no questionário afirma que “onde os sacerdotes estão livres das tarefas financeiras e organizativas, podem concentrar-se no trabalho pastoral e sacramental que envolve a vida das pessoas”. Se algumas Conferências Episcopais apontam a vitalidade das paróquias, para outras estas já não parecem ser um espaço adequado para os jovens, os quais se dirigem a outras experiências de Igreja que melhor compreendem a sua mobilidade, seus lugares de vida e sua busca espiritual.

A contribuição da vida consagrada

201. Muitas Conferências Episcopais exprimem a sua sincera gratidão pelas numerosas e qualificadas presenças dos consagrados em seu território que sabem “educar evangelizando e evangelizar educando” em várias formas e estilos diferentes. Os consagrados estão vivendo hoje uma fase delicada: se em alguns países, especialmente no Sul do mundo, há expansão e vitalidade que são promissoras, em zonas mais secularizadas há uma redução numérica consistente e até mesmo uma crise de identidade, gerada pelo fato de que hoje a sociedade parece não ter mais nenhuma necessidade dos consagrados. Algumas Conferências Episcopais notam que a vida consagrada é um lugar específico de expressão do “gênio feminino”. Por vezes, contudo, há uma incapacidade eclesial de reconhecer, dar espaço e incentivar essa criatividade única e tão necessária, bem como de evitar usos instrumentais dos diferentes carismas: isso implica uma necessária e corajosa “conversão cultural” da Igreja.

202. Convencidos de que os jovens sejam o verdadeiro recurso para o “rejuvenescimento” dos dinamismos eclesiais, a União dos Superiores Gerais pergunta: “Somos realmente sensíveis aos jovens? Compreendemos suas necessidades e expectativas? Sabemos como compreender sua exigência de fazer experiências significativas? Somos capazes de superar as

distâncias que nos separam de seu mundo?” Nos lugares onde aos jovens são oferecidos escuta, acolhimento e testemunho de forma criativa e dinâmica, surgem relações e simpatias que estão gerando frutos. Para a União dos Superiores Gerais seria oportuno a criação de um “Observatório Permanente” sobre os jovens no âmbito da Igreja universal.

Associações e movimentos

203. Muitos jovens vivem e redescobrem a fé por meio da pertença convicta e ativa a movimentos e associações que lhes oferecem uma intensa vida fraterna, caminhos exigentes de espiritualidade, experiências de serviço, espaços adequados para o acompanhamento e pessoas competentes para o discernimento. Por isso a sua presença geralmente é apreciada. Onde a Igreja tem dificuldades de manter uma presença visível e significativa, os movimentos mantêm um dinamismo vital e continuam sendo uma importante fortaleza; até em outros lugares estes são uma presença positiva: o estilo comunitário e o espírito de oração, a valorização da Palavra de Deus e o serviço aos mais pobres, a pertença alegre e a reavaliação da esfera corpórea e emotiva, o engajamento ativo e o incentivo ao protagonismo são alguns dos elementos de inquestionável interesse que explicam o grande sucesso deles entre os jovens.

Algumas Conferências Episcopais, embora reconheça a fecundidade de tudo isso, pedem que o Sínodo reflita e ofereça diretrizes concretas para superar a tentação da autorreferencialidade de alguns movimentos e associações, pois é necessário “tornar mais estável a participação destas agregações no âmbito da pastoral de conjunto da Igreja” (EG 104). Nessa direção, seria apropriado aprimorar os critérios oferecidos pela *luvenescit ecclesia* 18.

Redes e colaborações a nível civil, social e religioso

204. A Igreja é chamada a estabelecer relações de modo decisivo com todos aqueles responsáveis pela educação dos jovens na esfera civil e social. A atual sensibilidade em relação à “emergência educativa” em curso é um patrimônio comum da Igreja e da sociedade civil e requer unidade de propósitos para recriar uma aliança no mundo adulto. “Criar redes” é um dos pontos essenciais a serem desenvolvidos no terceiro milênio. Em um mundo em que a Igreja se torna cada vez mais consciente de não ser o único sujeito da sociedade, mas reconhece que é uma “minoridade qualificada”, torna-se necessário aprender a arte da colaboração e a capacidade de construir relações em vista de um projeto comum. Longe de pensar que dialogar com diversos organismos sociais e civis signifique a

perda da própria identidade, algumas Conferências Episcopais afirmam que a capacidade de unir recursos, e projetar juntamente com outros caminhos de renovação, ajuda toda a Igreja a assumir um autêntico dinamismo “em saída”.

205. Não apenas em nível civil e social, mas também na esfera ecumênica e inter-religiosa, algumas Conferências Episcopais testemunham que alcançar objetivos partilhados em vários aspectos – por exemplo, o âmbito dos direitos humanos, a proteção da criação, a oposição a qualquer tipo de violência e de abuso infantil, o respeito pela liberdade religiosa – ajudam os diferentes sujeitos a abrirem-se, conhecerem-se, apreciarem-se e cooperarem juntos.

O planejamento pastoral

206. Uma reclamação transversal por parte de muitas Conferências Episcopais é a desorganização, a improvisação e a repetição. Na Reunião pré-sinodal foi dito que “é frequente, na Igreja, a dificuldade de superar a lógica do ‘sempre se fez assim’” (RP 1). Por vezes, destaca-se o despreparo de alguns pastores, que não se sentem à altura de enfrentar os complicados desafios do nosso tempo e, assim, correm o risco de se fecharem em visões eclesiológicas, litúrgicas e culturais já ultrapassadas. Uma Conferência Episcopal nota que “falta muitas vezes uma mentalidade para projetar caminhos” e para várias outras se-

ria útil perguntar-se como acompanhar as Dioceses nesse campo, dado que hoje, discorre uma conferência, “surge a exigência de maior coordenação, diálogo, planificação e também estudo, em relação à pastoral juvenil vocacional”. Outras Conferências Episcopais referem uma espécie de contraposição entre planeamento operacional e discernimento espiritual. Na realidade, um bom projeto pastoral deveria ser o fruto maduro de um autêntico caminho de discernimento no Espírito, que leva todos a adentrá-lo de modo profundo. Cada membro da comunidade é chamado a crescer na capacidade de escuta, no respeito da disciplina do conjunto que valoriza a contribuição de cada um e na arte de unir esforços em vista de uma planificação que se torne para os membros da comunidade um processo de transformação.

A relação entre eventos extraordinários e vida cotidiana

207. Diversas Conferências Episcopais ofereceram reflexões sobre a relação entre alguns “grandes eventos” da pastoral juvenil – em primeiro lugar a JMJ, e também alguns encontros internacionais, continentais, nacionais e diocesanos de jovens – e a vida cotidiana de fé dos jovens e das comunidades cristãs. Há um grande apreço pela JMJ porque, como afirma uma Conferência Episcopal,

“oferece ótimas oportunidades de peregrinação, intercâmbio cultural e construção de amizades em contextos locais e internacionais”. Algumas Conferências Episcopais pedem, no entanto, uma reavaliação e um aprimoramento dela: algumas consideram uma experiência muito elitista e outras desejam que ela seja mais interativa, aberta e dialógica.

208. Na Reunião pré-sinodal, os jovens perguntaram-se como “preencher a lacuna entre os grandes eventos da Igreja e a paróquia” (RP 14). Se os grandes eventos desempenham um papel significativo para muitos jovens, muitas vezes é difícil inserir no cotidiano o entusiasmo que vem da participação em iniciativas semelhantes, que correm o risco de, assim, tornar-se momentos de evasão e fuga da vida de fé ordinária. Nesse sentido, uma Conferência Episcopal relata que “os eventos internacionais podem fazer parte da pastoral juvenil ordinária, e não apenas os eventos únicos, se a relação entre estes eventos se tornar mais clara e as questões a eles subjacentes forem traduzidas em reflexão e prática na vida cotidiana pessoal e comunitária”. Algumas Conferências Episcopais chamam a atenção para o perigo da ilusão de que alguns eventos extraordinários resolvam o caminho de fé e a vida cristã dos jovens: neste sentido, a atenção aos processos virtuosos, aos percursos educativos e aos itinerários de fé parece decididamente necessária. Porque, como diz outra Conferência Episcopal, “o melhor

modo de proclamar o Evangelho na nossa época é vivê-lo diariamente com simplicidade e sabedoria”, mostrando que é sal, luz e fermento de cada dia.

Rumo a uma pastoral integrada

209. Uma Conferência Episcopal, como tantas outras, no que diz respeito à relação entre pastoral juvenil e pastoral vocacional, afirma: “Mesmo que haja experiências significativas neste sentido, há uma grande necessidade de articular estruturalmente a pastoral juvenil e a vocacional. Além disso, há a exigência de trabalhar em conjunto com a pastoral familiar, educacional, cultural e social no que se refere à construção do projeto pessoal de vida de todo batizado”. Surge de várias partes uma busca sincera por maior coordenação, sinergia e integração entre os diferentes âmbitos pastorais cujo objetivo comum é ajudar todos os jovens a alcançar a “medida da estatura completa de Cristo” (Ef 4,13). Diante da multiplicação de “escritórios” que cria uma fragmentação dos projetos e ações, da dificuldade em esclarecer as diferentes competências e da dificuldade em administrar os diferentes níveis de relacionamento, a ideia de uma “pastoral integrada”, que aposte na centralidade dos destinatários, parece ser para algumas Conferências Episcopais um rumo a ser consolidado e incrementado.

210. O elemento chave a ser alcançado nesta unidade integrada é, para muitos, o horizonte vocacional da existência, pois “a dimensão vocacional da pastoral juvenil não é algo que se deve propor somente no final de todo o processo ou a um grupo particularmente sensível a uma chamada vocacional específica, mas deve ser proposta constantemente ao longo de todo o processo de evangelização e de educação na fé dos adolescentes e dos jovens” (Francisco, mensagem aos participantes no Congresso Internacional sobre o tema: “Pastoral Vocacional e Vida Consagrada. Horizontes e esperanças”, 25 de novembro de 2017).

Seminários e casas de formação

211. Os jovens candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada vivem nas mesmas condições que os outros jovens: partilham os recursos e a fragilidade de seus coetâneos, em função dos continentes e dos países onde moram. Por isso, é necessário oferecer indicações adequadas às diferentes situações locais. Em termos gerais, no que diz respeito ao discernimento vocacional, algumas Conferências Episcopais identificam dois grandes problemas: o narcisismo, que tende a prender a pessoa às suas próprias exigências, e a tendência a compreender a vocação na perspectiva exclusiva da autorrealização. Ambos têm uma raiz comum

em uma concentração potencialmente patológica em si mesmo. Os processos de formação também correm dois perigos, que são o individualismo centrado no sujeito autônomo, que exclui o reconhecimento, a gratidão e a colaboração em relação à ação de Deus; e o intimismo, que fecha a pessoa no mundo virtual e numa falsa interioridade, na qual a necessidade de relacionar-se com os outros e com a comunidade é eliminada (cf. PD e GE 35-62). É preciso planificar processos formativos capazes de libertar a generosidade dos jovens em formação, fazendo-os crescer numa profunda consciência de estar a serviço do povo de Deus. É necessário, ademais, garantir equipes de formação de qualidade que interajam com as necessidades concretas dos jovens de hoje e com sua necessidade de espiritualidade e radicalidade. A organização de momentos, espaços e atividades nas casas de formação deveria viabilizar uma verdadeira experiência de vida comum e fraterna.

Conclusão

A vocação universal à santidade

212. A particularidade sintética e unificadora da vida cristã é a santidade, pois o “Senhor Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, qualquer que fosse sua condição, a santidade de vida de que Ele é o iniciador e consumidor” (LG 40). A santidade inclui, do ponto de vista qualitativo e global, todas as outras dimensões da existência de crença e da comunhão eclesial, trazidas à plenitude segundo os dons e as possibilidades de cada um. É por isso que São João Paulo II a propôs no início do terceiro milênio como uma “medida alta da vida cristã ordinária” (NMI 31). A retomada do tema na *Gaudete et Exsultate* oferece um aprofundamento sobre a santidade no mundo contemporâneo e recorda a todos que a vontade do Senhor Jesus “quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa” (GE 1). Tudo se resume claramente à prática da vida cotidiana: “A força do testemunho dos santos consiste em viver as bem-aventuranças e a regra de comportamento do juízo final. São poucas palavras, simples, mas práticas e válidas para todos, porque o cristianismo está feito principalmente para ser praticado” (GE 109).

A juventude, um tempo para a santidade

213. Convencidos de que “a santidade é a face mais bela da Igreja” (GE 9), antes de propô-la aos jovens, somos todos chamados a testemunhá-la, tornando-nos assim uma comunidade “solidária”, como os Atos dos Apóstolos (cf. GE 93) narram em várias ocasiões. Somente a partir desta coerência torna-se importante acompanhar os jovens nos caminhos da santidade. Se Santo Ambrósio afirmava que “todas as idades são maduras para a santidade” (*De Virginitate*, 40), sem dúvida o é também a juventude! Na santidade de inúmeros jovens, a Igreja reconhece a graça de Deus que impede e acompanha a história de cada pessoa, o valor educativo dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, a fecundidade dos caminhos partilhados na fé e na caridade, a função profética destes “campeões” que muitas vezes selaram com sangue a própria identidade de discípulos de Cristo e missionários do Evangelho. Se for verdade que, como afirmaram os jovens durante a Reunião pré-sinodal, o testemunho autêntico seja a linguagem mais solicitada, a vida dos jovens santos é a verdadeira palavra da Igreja e o convite para adotar uma vida santa é o apelo mais necessário para a juventude de hoje. Um autêntico dinamismo espiritual e uma fecunda pedagogia da santidade não decepcionam as aspirações profundas dos jovens: a sua necessidade de vida, amor, expansão, alegria, liberdade, futuro e até mesmo misericórdia e reconciliação. Para muitas Conferências Episcopais, continua sendo

um grande desafio propor a santidade como um horizonte de sentido acessível a todos os jovens e alcançável na cotidianidade da vida.

Jovens santos e juventude dos santos

214. Jesus convida cada um de seus discípulos ao dom total da vida, sem cálculos ou interesses humanos. Os santos acolhem este exigente convite e começam a seguir, com docilidade humilde, o Cristo Crucificado e Ressuscitado. A Igreja contempla no céu da santidade uma constelação cada vez mais numerosa e luminosa de crianças, adolescentes e jovens santos e beatos que, desde as primeiras comunidades cristãs, chegam até nós. Ao invocá-los como protetores, a Igreja os propõe aos jovens como referências para a sua existência. Muitas Conferências Episcopais pedem a valorização da santidade juvenil por meio da educação, e os próprios jovens reconhecem que são “mais receptivos diante de ‘uma narrativa de vida’ do que diante de um abstrato sermão teológico” (RP, Parte II, Introdução). Visto que os jovens expressam que “as histórias dos santos são muito relevantes para nós” (RP 15), torna-se importante apresentá-las de maneira apropriada à sua idade e condição.

Um lugar especial está reservado para a Mãe do Senhor, que viveu como primeira discípula de seu amado Filho e é um modelo de santidade para todo fiel. Na sua capacidade de

preservar e ponderar no seu coração a Palavra (cf. Lc 2, 19.51), Maria é, para toda a Igreja, mãe e mestra do discernimento. Também vale a pena mencionar que, ao lado dos “jovens santos”, há a necessidade de apresentar aos jovens a “juventude dos Santos”. Todos os Santos, de fato, passaram pela idade juvenil e seria útil para os jovens de hoje mostrar como os Santos viveram o tempo de sua juventude. Seria possível, assim, compreender muitas situações juvenis nem simples nem fáceis, mas nas quais Deus está presente e misteriosamente ativo. Mostrar que a Sua graça entra em ação por meio de percursos tortuosos de construção paciente de uma santidade que amadurece ao longo do tempo por vários caminhos imprevisíveis, pode ajudar todos os jovens, sem exclusão alguma, a cultivar a esperança de uma santidade sempre possível.

ORAÇÃO PELO SÍNODO

*Senhor Jesus,
a tua Igreja a caminho do Sínodo
dirige o olhar a todos os jovens do mundo.
Pedimos-te que, com coragem,
assumam a própria vida,
olhem para as realidades mais bonitas e
mais profundas
e conservem sempre um coração livre.
Acompanhados por guias sábios e generosos,
ajuda-os a responder à chamada
que Tu diriges a cada um deles,
para realizar o próprio projeto de vida
e alcançar a felicidade.
Mantém aberto o seu coração aos grandes
sonhos
tornando-os atentos ao bem dos irmãos.
Como o Discípulo amado,
também eles permaneçam ao pé da Cruz
para acolher a tua Mãe, recebendo-a como
um dom de Ti.
Sejam testemunhas da Tua Ressurreição
e saibam reconhecer-te vivo ao lado deles
anunciando com alegria que Tu és o Senhor.
Amém.*

(PAPA FRANCISCO)

Documento final da Reunião pré-sinodal: os jovens, a fé e o discernimento vocacional

Introdução

Os jovens de hoje encontram uma série de desafios e oportunidades externas e internas, muitas das quais são específicas de seus contextos individuais e algumas são comuns entre os continentes. À luz disso, é necessário para a Igreja examinar o modo com o qual enxerga os jovens e se compromete com eles, de modo que seja um guia eficaz, relevante e vivificante no decorrer de suas vidas.

Este documento é uma síntese para expressar alguns dos nossos pensamentos e experiências. É importante notar que essas são algumas reflexões dos jovens do século XXI provenientes de diversas religiões e contextos culturais. Neste sentido, a Igreja deve ver essas reflexões, não como uma análise empírica de um tempo qualquer no passado, mas como uma expressão de onde nos encontramos, para onde nos direcionamos e como um indicador do que a Igreja deve fazer para caminhar adiante.

É importante, sobretudo, esclarecer os parâmetros deste documento. Não se trata de fazer um tratado teológico nem de estabelecer um novo ensinamento por parte da Igreja. É principalmente um documento que reflete as específicas realidades, personalidades, crenças e experiências dos jovens. Este é destinado aos padres

sinodais. É destinado a direcionar os bispos a uma maior compreensão dos jovens; um instrumento de navegação para o próximo sínodo dos bispos sobre os “Jovens, a fé e o discernimento vocacional” em outubro de 2018. É importante que essas experiências sejam vistas e entendidas de acordo com os vários contextos nos quais os jovens estão inseridos.

Essas reflexões surgiram de um encontro de mais de 300 jovens representantes de todo o mundo, reunidos em Roma de 19 a 25 de março de 2018 por ocasião da Reunião Pré-sinodal dos jovens e da participação de 15.000 jovens através dos grupos do Facebook.

Este documento é um resumo de todas as contribuições dos participantes, divididos nos 20 grupos linguísticos e outros 6 grupos através das redes sociais. Esta será uma das fontes que contribuirá com o *Instrumentum Laboris* do Sínodo dos bispos 2018. A nossa esperança é que a Igreja e outras instituições possam aprender com o resultado dessa reunião e escutar a voz dos jovens.

Dito isto, podemos continuar a explorar, com disponibilidade e confiança, os contextos nos quais o jovem está hoje, como ele se percebe em relação aos outros e como nós, como Igreja, podemos acompanhar os jovens para uma compreensão profunda de si mesmos e do lugar que ocupam no mundo.

PARTE I

Desafios e Oportunidades dos Jovens no Mundo de Hoje

1) A formação da personalidade.

Os jovens procuram o sentido de si mesmos em comunidades que sejam de sustento, edificantes, autênticas e acessíveis, ou seja, comunidades capazes de valorizá-los. Reconhecemos a existência de contextos que podem ajudar no desenvolvimento da própria personalidade, entre os quais a família ocupa uma posição privilegiada. Em muitas partes do mundo, o papel dos idosos e a reverência aos antepassados são fatores que contribuem com a formação da nossa identidade.

Porém, isso não é um dado universalmente compartilhado, visto que os modelos da família tradicional estão em declínio em vários lugares. Isso traz sofrimento também para os jovens. Alguns se afastam das tradições familiares, esperando serem mais originais do que aquilo que consideram “parado no passado” ou “fora de moda”. Por outro lado, em alguns lugares do mundo, os jovens procuram sua identidade permanecendo apegados às suas tradições familiares, esforçando-se para serem fiéis ao modo em que foram criados.

A Igreja, então, precisa apoiar mais as famílias e a sua formação. Isso é significativamente importante nos países em que não há liberdade de expressão, onde aos jovens – especialmente aos

menores – não é permitido participar da vida da Igreja; por isso devem ser formados na fé por suas próprias famílias, em seus lares.

O sentido de pertença é um fator significativo na formação da própria identidade. A exclusão social é um fator que contribui para a perda da autoestima e da identidade, frequente em muitos jovens. No Oriente Médio, muitos jovens se sentem obrigados a se converterem a outras religiões para serem aceitos pelos seus coetâneos e pela cultura dominante que os circunda. Isso é sentido também em comunidades de imigrantes na Europa que, além disso, sofrem o peso da exclusão social e do abandono de sua identidade cultural para assemelharem-se à cultura dominante. Este é um campo no qual a Igreja precisa projetar e fornecer espaços de cura para nossas famílias em resposta a esses problemas, mostrando que existe espaço para todos.

Além disso, é oportuno observar que a identidade dos jovens também é formada por interações externas e pela pertença a grupos específicos, associações e movimentos ativos até mesmo fora da Igreja. Muitas vezes, as paróquias não são mais lugares de encontro. Reconhecemos também o papel dos educadores e amigos como responsáveis de grupos jovens que podem se tornar bons exemplos. Precisamos encontrar modelos atraentes, coerentes e autênticos. Precisamos de explicações racionais e críticas às questões complexas – as respostas simplistas não são suficientes.

Para alguns, a religião passou a ser considerada uma questão privada. Às vezes sentimos que

o sagrado parece algo separado da vida cotidiana. Muitas vezes, a Igreja parece severa demais e, geralmente, associada a um moralismo excessivo. É frequente, na Igreja, a dificuldade de superar a lógica do “sempre foi assim”. Precisamos de uma Igreja acolhedora e misericordiosa, que tenha apreço pelas suas raízes e seus valores, amando a todos, até mesmo aqueles que não seguem o que acreditamos ser a fé “padrão”. Muitos daqueles que buscam uma vida pacífica terminam se dedicando a filosofias ou experiências alternativas.

Outros lugares importantes de pertença dos jovens são grupos como as redes sociais, os amigos e colegas de classe, assim como contextos sociais e o ambiente natural. Esses são lugares que muitos de nós passamos a maior parte do tempo. Frequentemente nossas escolas não nos educam para desenvolvermos um pensamento crítico.

Momentos cruciais para o desenvolvimento da nossa identidade incluem: escolher nossa faculdade, nossa profissão, decidir em que crer, descobrir nossa sexualidade e fazer escolhas definitivas na nossa vida. Além disso, as experiências eclesiais podem tanto formar quanto influenciar a construção da nossa personalidade e identidade. Os jovens são profundamente interessados em assuntos como a sexualidade, as dependências, os casamentos falidos, as famílias desestruturadas, assim como nos grandes problemas sociais como o crime organizado, o tráfico de pessoas, a violência, a corrupção, abusos, feminicídio e toda forma de perseguição e degradação do nosso meio ambiente.

Esses elementos são de profunda preocupação nas comunidades de todo o mundo. Temos medo porque em muitos dos nossos países encontramos instabilidade social, política e econômica. Para lutar contra esses desafios, precisamos de inclusão, acolhimento, misericórdia e cuidado por parte da Igreja como instituição e como comunidade de fé.

2) Relação com os outros

Os jovens buscam dar sentido a um mundo muito complicado e diversificado. Temos acesso a novas oportunidades para superar as diversidades e as divisões no mundo, mas isso acontece em níveis e realidades diferentes. Muitos jovens são acostumados a ver a diversidade como uma riqueza e consideram um mundo pluralista como uma oportunidade. O multiculturalismo tem o potencial de favorecer um ambiente de diálogo e tolerância. Valorizamos a diversidade de ideias em um mundo globalizado, o respeito pela maneira de pensar do outro e a liberdade de expressão. Ao mesmo tempo, queremos também preservar nossa identidade cultural e evitar a uniformidade e a cultura do descarte. Não devemos temer nossas diversidades, mas valorizar nossas diferenças e tudo aquilo que nos faz únicos. Às vezes, nos sentimos excluídos por sermos cristãos em ambientes sociais que são contra a religião. Temos consciência que precisamos de encontros entre nós e com outros para poder construir laços profundos.

Em alguns países a fé cristã é minoria, enquanto outra religião é dominante. Os países com raízes cristãs têm uma tendência, hoje em dia, a rejeitar gradualmente a Igreja e a religião. Alguns jovens tentam dar um sentido à fé em uma sociedade cada vez mais secularizada, onde a liberdade de consciência e religião está sendo atacada. O racismo, em diferentes modos, é presente nos jovens de diversas partes do mundo. Existe ainda uma oportunidade para a Igreja de propor aos jovens um outro “modo” de viver, mas isso deve ser feito em meio a contextos sociais muitas vezes complicados.

Dessa forma, é frequentemente difícil para os jovens escutar a mensagem do Evangelho. Isso é ainda mais acentuado em lugares onde infelizmente, mesmo existindo um geral apreço pela diversidade, as tensões sociais fazem parte da realidade. Uma atenção particular deve ser dada aos nossos irmãos e irmãs cristãos que são perseguidos. Recordamos que nossas raízes cristãs são banhadas no sangue dos mártires e, enquanto rezamos pelo fim de todo tipo de perseguição, somos agradecidos por seus testemunhos de fé em todo o mundo. Ainda não existe um consenso unânime em relação à questão dos imigrantes e dos refugiados e muito menos sobre as problemáticas que causam este fenômeno – tudo isso somado ao reconhecimento do dever universal de tutelar a dignidade de cada pessoa humana.

Em um mundo globalizado e inter-religioso, a Igreja precisa não somente de um modelo, mas também de uma elaboração sobre as linhas teológicas

já existentes para um pacífico e construtivo diálogo com pessoas de outras crenças e tradições.

3) Os jovens e o futuro

Os jovens sonham com segurança, estabilidade e plenitude. Muitos esperam uma vida melhor para suas famílias. Em muitas partes do mundo, isso significa buscar a segurança pessoal; para outros especificamente quer dizer encontrar um bom trabalho e um certo estilo de vida. Identificar um lugar de pertença é um sonho comum que ultrapassa continentes e oceanos. Aspiramos melhores oportunidades em uma sociedade que seja coerente e que confie em nós. Buscamos ser escutados, participando ativamente, e não somente espectadores na sociedade. Procuramos uma Igreja que nos ajude a encontrar nossa vocação, em todos os seus significados.

Além disso, infelizmente, nem todos acreditamos que a santidade seja algo possível de se alcançar e que seja um caminho para a felicidade. Precisamos revitalizar o sentido de comunidade que nos conduza a um verdadeiro sentido de pertença. Algumas preocupações práticas tornam nossa vida difícil. Muito jovens experimentaram grandes traumas em vários modos. Muitos ainda sofrem sob o peso de desestabilidades mentais ou deficiências físicas. A Igreja precisa sustentar melhor e prover recursos idôneos para nos assistir em nosso percurso de cura. Em algumas

partes do mundo, a única via para se ter um futuro seguro é receber uma instrução universitária ou trabalhar excessivamente. Se, por um lado, esse é um padrão comumente aprovado, por outro é importante dizer que nem sempre é possível executá-lo por uma série de circunstâncias nas quais os jovens se encontram. Essa ideia prevalece e tem mudado nosso modo de ver o trabalho. Mesmo diante desta realidade, os jovens afirmam que existe uma dignidade intrínseca ao trabalho. Às vezes, acabamos renunciando aos nossos sonhos. Temos muito medo e alguns de nós pararam de sonhar. Isso se percebe nas muitas pressões socioeconômicas que ameaçam a esperança dos jovens. Acontece então que não temos nem mesmo mais a capacidade de continuar sonhando.

Por esta razão os jovens se comprometem com os problemas de injustiças sociais do nosso tempo. Buscamos a oportunidade de trabalhar e construir um mundo melhor. Com este propósito, a doutrina social da Igreja Católica é, de modo particular, instrumento privilegiado de informação para os jovens católicos que se identificam com essa vocação. Queremos um mundo de paz, com uma ecologia integral unida à uma economia global sustentável. Para os jovens que vivem em regiões instáveis e vulneráveis, existe a esperança e uma expectativa de ações concretas da parte dos governos e da sociedade: acabar com os conflitos, com a corrupção; ter atenção às mudanças climáticas, às desigualdades sociais e à

segurança. É importante saber que, independentemente do contexto, todos compartilham a mesma aspiração inata por ideais nobres: paz, amor, confiança, igualdade, liberdade e justiça.

Os jovens sonham com uma vida melhor, mas muitos são obrigados a migrar para encontrar uma melhor situação econômica e ambiental. Desejam a paz e são, em particular modo, atraídos pelo “mito do Ocidente”, assim como é representado pela mídia. Os jovens africanos sonham com uma Igreja local autônoma, que não alimente a dependência, mas que seja uma contribuição viva para suas comunidades. Mesmo com tantos conflitos e ondas de violência, os jovens permanecem cheios de esperança. Em muitos países ocidentais, seus sonhos têm como base o desenvolvimento pessoal e a realização de si. Em muitos lugares existe uma grande discrepância entre os desejos dos jovens e a sua capacidade de tomar decisões a longo prazo.

4) Relação com a tecnologia

Quando nos referimos à tecnologia, é necessário entender o duplo aspecto do seu uso. Se, por um lado, os progressos tecnológicos melhoraram sensivelmente a nossa vida, é igualmente necessário usá-la de maneira prudente. Como em todas as coisas, um uso desregrado pode trazer consequências negativas. Enquanto para alguns a tecnologia tem enriquecido nossas relações, para muitos outros têm gerado uma forma de dependência,

tomando o lugar das relações humanas e até mesmo da relação com Deus. Mesmo assim, a tecnologia é considerada parte integrante da vida dos jovens e deve ser entendida como tal. Paradoxalmente, em alguns países, a tecnologia, em particular a Internet, é gratuitamente acessível, enquanto os serviços de necessidades básicas são insuficientes.

O impacto das mídias sociais na vida dos jovens não pode ser desvalorizado. As mídias sociais são parte integrante da identidade dos jovens e do seu modo de viver. Como nunca, os ambientes digitais têm o poder sem precedentes de unir pessoas geograficamente distantes. A troca de informações, ideais, valores e interesses comuns é hoje muito mais possível. O acesso a instrumentos de formação on-line trouxe novas oportunidades educativas para os jovens que vivem em áreas remotas e fez do conhecimento do mundo algo mais acessível, até mesmo com um só clique.

No entanto, a tecnologia tem mostrado uma outra face, aquela de certos vícios. Este perigo se manifesta de diversas formas como isolamento, preguiça, desolação e tédio. É evidente que os jovens de todo o mundo estejam consumindo excessivamente produtos eletrônicos. Embora vivamos em um mundo hiperconectado, a comunicação entre os jovens permanece limitada a grupos de pessoas que pensam como eles. Faltam espaços e oportunidades para que sejam feitas experiências com a diversidade. A cultura destes meios de comunicação em massa tem muita influência na vida e nos ideais dos jovens. O advento das redes sociais trouxe

novos desafios em relação à enorme influência que essas mesmas redes têm sobre os jovens.

Frequentemente os jovens tendem a se comportar nos ambientes on-line diferente de como se comportam nos ambientes off-line. É necessário oferecer uma formação aos jovens de como ter uma vida digital sadia. As relações on-line podem se tornar desumanas. Os espaços digitais nos deixam cegos para a fragilidade do outro e impedem um olhar profundo. Problemas como a pornografia distorcem a percepção que o jovem tem da sua própria sexualidade. A tecnologia usada deste modo cria uma realidade paralela ilusória, que ignora a dignidade humana.

Outros riscos incluem: a perda de identidade relacionada a uma representação errada da pessoa, uma construção virtual da personalidade e a perda de uma presença social embasada na realidade. Além disso, os riscos a longo prazo incluem: perda de memória, de cultura e de criatividade diante do acesso imediato à informação e a perda de concentração ligada à fragmentação. Além do mais, existe uma cultura ditatorial da aparência.

Falar da tecnologia não se limita a internet. No campo da bioética, a tecnologia traz novos desafios e novos riscos em relação à proteção da vida humana em cada fase. O advento da inteligência artificial e das novas tecnologias como a robótica e a automação coloca em risco muitos trabalhadores, reduzindo as oportunidades de empregos. A tecnologia pode ser nociva à dignidade humana se não

for usada com conhecimento e prudência: a dignidade humana deve sempre guiar o uso da mesma.

Oferecemos aqui duas propostas concretas no que toca à tecnologia. Primeiramente, a Igreja, comprometendo-se com um diálogo constante com os jovens, deveria aprofundar sua compreensão da tecnologia de modo a poder nos ajudar a ponderar o seu uso. Além disso, a Igreja deveria considerar a tecnologia – em particular a Internet – como um terreno fértil para a Nova Evangelização. Os resultados dessa reflexão deveriam ser formalizados através de um documento oficial da Igreja. Em segundo lugar, a Igreja deveria voltar sua atenção para o mal da pornografia, incluindo os abusos de menores na internet, o *cyberbullying* e os prejuízos que isso traz para a humanidade.

5) A busca do sentido da vida

Muitos jovens não sabem responder à pergunta: “qual o sentido da sua vida?”. Nem sempre conseguem coligar a vida a um sentido transcendental. Vários jovens, perdendo a confiança nas instituições, não se reconhecem mais nas religiões tradicionais e não se definem mais como “religiosos”. Porém, os jovens são abertos à espiritualidade.

Vários lamentam-se que poucos são seus coetâneos que buscam as respostas do sentido da vida em um contexto de fé e de Igreja. Em diversos lugares do mundo, os jovens dão significados às suas vidas através de seus trabalhos e sucessos pessoais.

A dificuldade em encontrar estabilidade nesses âmbitos produz insegurança e ansiedade. Muitos são obrigados a migrar em busca de um contexto que lhes permita trabalhar. Outros ainda abandonam suas famílias e cultura devido à instabilidade econômica.

Além disso, outros evidenciam que, embora os jovens se interroguem sobre o sentido de sua existência, isso nem sempre significa que estejam prontos a se dedicarem em maneira decisiva a Jesus ou à Igreja. Hoje a religião não é mais vista como o principal meio através do qual os jovens buscam sentido: dirigem-se, frequentemente, a tendências e ideologias modernas. Os escândalos atribuídos à Igreja – tanto os reais, quanto aqueles percebidos como tais – afetam a confiança dos jovens na Igreja e nas instituições tradicionais por ela representadas.

A Igreja pode ter um papel vital na garantia de que esses jovens não sejam excluídos, mas que se sintam aceitos. Isso acontece também quando buscamos promover a dignidade das mulheres, tanto na Igreja quanto nos contextos sociais mais amplos. Hoje a falta de igualdade entre homens e mulheres é um problema difuso na sociedade. Isso acontece também na Igreja. Existem grandes exemplos de mulheres que realizam um serviço em comunidades religiosas, consagradas, tendo papel de grande responsabilidade na vida dos leigos. No entanto, para algumas jovens esses exemplos não são sempre visíveis. Uma pergunta-chave surge destas reflexões: “quais os lugares em que

as mulheres podem prosperar dentro da Igreja e da sociedade?”.

A Igreja pode lidar com esses problemas com um olhar aberto às diversas ideias e experiências. Geralmente existe uma grande divergência entre os jovens, tanto na Igreja quanto no mundo, em relação aos ensinamentos que são particularmente controversos atualmente. Entre estes encontramos: contracepção, aborto, homossexualidade, convivência, matrimônio e também como o sacerdócio é entendido nas diversas realidades da Igreja. É importante notar que, independentemente do nível de compreensão dos jovens dos ensinamentos da Igreja, ainda existem divergências e um debate aberto entre os próprios jovens sobre essas problemáticas.

Consequentemente, muitos gostariam que a Igreja mudasse seus ensinamentos ou, ao menos, que fornecesse melhores explicações e formação sobre essas questões. Mesmo com este debate interno, os jovens católicos com convicções em contraste com os ensinamentos da Igreja, desejam, de toda forma, fazer parte da Igreja. Por sua vez, muitos jovens católicos aceitam estes ensinamentos e encontram neles uma fonte de alegria. Desejam que a Igreja não somente mantenha firme seus ensinamentos, mesmo se impopulares, mas os proclame com ainda mais profundidade.

No mundo, a relação com o sagrado é uma questão complexa. O cristianismo é visto, muitas vezes, como algo que pertence ao passado, e o seu valor ou relevância para nossas vidas não são mais compreendidos. Ao mesmo tempo, em algumas

comunidades observa-se uma prioridade ao sagrado enquanto a vida cotidiana é estruturada em torno à religião. Em alguns contextos asiáticos, o sentido da vida pode ser associado a filosofias orientais.

Por fim, muitos de nós desejamos fortemente conhecer Jesus, mas geralmente temos dificuldade de compreender que somente Ele é a fonte de uma verdadeira descoberta de si, pois é na relação com Ele que a pessoa descobre si mesma. Consequentemente, evidenciamos que os jovens pedem testemunhos autênticos: homens e mulheres capazes de expressar com paixão sua fé e relação com Jesus, e ao mesmo tempo, de encorajar outros também a se aproximarem, se encontrarem e se apaixonarem por Jesus.

PARTE II

Fé e Vocação, Discernimento e Acompanhamento

É uma alegria e uma responsabilidade sagrada acompanhar os jovens em sua trajetória de fé e discernimento. Os jovens são mais receptivos diante de “uma narrativa de vida” que diante de um abstrato sermão teológico; eles são conscientes e atentos, empenhando-se ativamente no mundo e na Igreja. Por isso, é importante compreender como os jovens percebem a fé, a vocação e os desafios que se apresentam no discernimento.

6) Os jovens e Jesus

O relacionamento que muitos jovens têm com Jesus é tão variado quanto o número de jovens no mundo. Muitos deles veem Jesus como seu Salvador e Filho de Deus. Ainda, muitas vezes, os jovens encontram a proximidade de Jesus através da Sua Mãe, Maria. Outros, ao contrário, podem não ter tal relação com Jesus, mas o veem mesmo assim como um referencial moral e uma boa pessoa. Muitos jovens percebem Jesus como um personagem histórico, pertencente a uma época e a uma cultura passadas, e por isso, não relevante para as suas vidas. Outros, ainda, percebem Jesus distante de sua experiência humana, distância que para eles é perpetrada pela Igreja. Além disso, as falsas imagens que alguns jovens têm de Jesus muitas vezes os afastam dele. Ideais errôneos de modelos cristãos parecem algo fora de alcance, assim como os preceitos dados pela Igreja. Por causa disso, o Cristianismo é percebido por alguns como um padrão inalcançável.

Um modo de superar a confusão que os jovens têm a respeito de Jesus compreende um retorno às Escrituras, de modo a poder aprofundar o conhecimento da pessoa de Cristo, da Sua vida, e da Sua humanidade. Os jovens têm a necessidade de encontrar a missão de Jesus, e não aquilo que a eles pode parecer uma expectativa moral inalcançável. Em todo caso, se sentem inseguros sobre como fazer tudo isso. O encontro com

Jesus deve ser promovido entre os jovens e a Igreja deve se dirigir a eles.

7) A Fé e a Igreja

Para muitos jovens, a fé se tornou uma questão privada e não comunitária, e as experiências negativas que alguns destes tiveram com a Igreja certamente contribuíram para esta percepção. Muitos jovens se relacionam com Deus em um nível meramente pessoal, afirmando serem “espirituais, mas não religiosos”, ou mesmo concentrando-se somente em uma relação pessoal com Jesus Cristo. Alguns jovens pensam que a Igreja desenvolveu uma cultura na qual se presta mais atenção às instituições do que à pessoa de Cristo. Outros, por sua vez, consideram que os líderes religiosos são distantes, mais preocupados com a dimensão administrativa do que com a criação de uma comunidade; ainda mais, alguns veem a Igreja como uma entidade irrelevante. Como se a Igreja se esquecesse que é constituída por pessoas e não por estruturas. Existem jovens que, ao contrário, experimentam uma Igreja próxima, como no caso da África, da América Latina e da Ásia, assim como em diversos movimentos de escala mundial. Mesmo jovens que não vivem o Evangelho sentem uma ligação com a Igreja. Este sentido de pertença e família sustenta os jovens em seu caminho. Sem esta ligação e ponto de referência comunitário, correm o risco de se encontrarem sós diante de seus desafios. Por outro

lado, existem muitos jovens que não percebem a necessidade de serem parte da Igreja e que encontram sentido para sua existência fora dela.

Infelizmente, em algumas partes do mundo, os jovens estão deixando a Igreja em grande número. Entender os motivos deste fenômeno é crucial para poder continuar em frente. Os jovens que não têm ligação com a Igreja, ou que estão distantes dela, o fazem porque experimentaram indiferença, julgamento e rejeição. É possível participar de uma missa e sair sem ter experimentado nenhum sentido de comunidade ou de família enquanto Corpo de Cristo. Os cristãos professam um Deus vivo, mas não obstante a isso, encontramos celebrações e comunidades que parecem mortas. Os jovens são atraídos pela alegria, que deveria ser um sinal distintivo da nossa fé. Desejam ver uma Igreja que seja testemunha viva daquilo que ensina, e que mostre a autenticidade do caminho em direção à santidade, compreendendo a admissão dos erros cometidos e tendo a humildade de pedir perdão. Os jovens esperam que as lideranças da Igreja – consagrados, religiosos e leigos – sejam o mais forte exemplo disso. Saber que os modelos de fé são autênticos, mas também vulneráveis, faz os jovens se sentirem livres para também eles o serem. Não se deseja aqui negar a sacralidade de seus ministérios, mas exercê-los de modo que os jovens possam ser inspirados por eles no caminho para a santidade.

Muitas vezes os jovens têm dificuldade de encontrar um espaço na Igreja no qual possam

participar ativamente e ter responsabilidades. Os jovens, a partir de suas experiências, percebem uma Igreja que os considera demasiado jovens e pouco experientes para tomar decisões, e que deles se espera somente erros. Deve existir confiança no fato de que os jovens podem guiar e ser também protagonistas de seu caminho espiritual. Não se trata somente de imitar os mais sábios, mas de assumir verdadeiramente a responsabilidade da própria missão e de vivê-la seriamente. Os movimentos e as novas comunidades na Igreja têm desenvolvido caminhos fecundos não só para a evangelização dos jovens, mas também para legitimá-los a ser os principais embaixadores da fé para os seus coetâneos.

Uma outra percepção de muitos jovens é a falta de clareza acerca do papel das mulheres na Igreja. Se já é difícil para os homens jovens terem um senso de pertencimento e liderança na Igreja, isso é ainda mais difícil para as mulheres jovens. Por isso, seria de grande ajuda se a Igreja não só afirmasse o papel da mulher, mas que também ajudasse os jovens a explorá-lo e a compreendê-lo sempre mais claramente.

8) O sentido vocacional da vida

É preciso encontrar uma simples e clara compreensão do significado de vocação que seja capaz de dar destaque ao sentido do chamado, da missão, do desejo e da aspiração em persegui-la. Um significado capaz de torná-la um conceito

com o qual os jovens possam relacionar-se neste momento de suas vidas. O termo “vocação” foi por vezes apresentado como um conceito meramente intelectual, entendido por muitos como fora de alcance. Os jovens conseguem entender o sentido de dar um significado à vida e de existir no mundo por uma razão, mas muitos não sabem ligar este sentido à vocação entendida como dom e chamado de Deus.

O termo “vocação” se torna então, nos ambientes eclesiais, sinônimo do chamado ao sacerdócio e à vida religiosa. Se, de um lado, estas são santas vocações e dignas de serem celebradas, por outro é importante que os jovens saibam que sua vocação vem da dignidade intrínseca da própria vida e que cada um tem a responsabilidade de discernir “quem” é chamado a ser e “o quê” é chamado por Deus a fazer. Existe uma plenitude própria que é evidenciada em cada vocação para que os jovens possam abrir os seus corações a esta possibilidade.

Os jovens pertencentes às diversas tradições religiosas incluem no termo vocação: a vida, o amor, as aspirações, a busca do próprio lugar no mundo e o modo para contribuir com este, juntamente com as vias para poder deixar um sinal tangível. A ideia geral de que a vocação é um chamado não é clara aos jovens, e por isso é necessária uma maior compreensão da vocação cristã (ao sacerdócio, à vida religiosa, ao apostolado laical, ao matrimônio e à família, etc.) e do chamado universal à santidade.

9) Discernimento vocacional

Discernir a própria vocação representa um desafio, especialmente à luz dos equívocos inerentes a este termo, porém os jovens o aceitam mesmo assim. Este processo de discernimento pode ser uma aventura que acompanha o caminho da vida. Dito isto, muitos jovens não sabem envolver-se neste processo de discernimento, e isto constitui uma oportunidade para que a Igreja os acompanhe.

São muitos os fatores que influenciam a capacidade de um jovem no momento de discernir a própria vocação: a Igreja, as diferenças culturais, as exigências do trabalho, o mundo digital, as expectativas da família, a saúde mental e o estado de ânimo, ruídos, a pressão dos outros jovens, os cenários políticos, a sociedade, a tecnologia, etc... Passar tempos em silêncio, em introspecção e rezando, assim como lendo a Escritura e aprofundando o conhecimento de si, são oportunidades que poucos jovens de fato desfrutam. É necessária uma melhor introdução a estas práticas. Envolver-se com grupos de oração, movimentos e comunidades construídas sob o interesse comum pode também ajudar os jovens em seu discernimento.

Reconhecemos de modo particular o excepcional desafio que as jovens moças devem enfrentar no momento de discernir a sua vocação e seu espaço na Igreja. Assim como o “sim” de Maria ao chamado de Deus é fundamental na experiência cristã, é necessário dar às mulheres de hoje espaços nos quais possam dizer “sim” à sua vocação.

Encorajamos a Igreja a aprofundar a compreensão do papel da mulher e valorizar as jovens, sejam essas leigas ou consagradas, no mesmo espírito de amor que a Igreja tem por Maria, mãe de Jesus.

10) Jovens e acompanhamento

Os jovens buscam homens e mulheres fiéis para orientá-los em sua caminhada que comuniquem a verdade, deixando-os exprimir a sua consciência de fé e de vocação. Tais pessoas não devem ser modelos de fé irrepreensíveis, mas testemunhos vivos, capazes de evangelizar através de suas vidas. São muitos os que podem ser exemplos à altura desta expectativa: podem ser rostos familiares no próprio lar, colegas da comunidade local ou mártires que testemunham a sua fé doando suas vidas.

Estes guias devem possuir algumas qualidades: ser um cristão fiel e engajado na Igreja e no mundo; buscar constantemente a santidade, não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens e responder com gentileza; ser profundamente amoroso e ter consciência de si, saber reconhecer os próprios limites, conhecer a alegria e as dores da vida espiritual.

Uma qualidade de importância primária para os educadores é saber reconhecer-se humano e capaz de compreender os erros: não ser perfeito, mas um pecador perdoado. Acontece muitas vezes que os guias e lideranças são colocados em um pedestal, e sua eventual “queda” pode causar um

impacto devastador na capacidade dos jovens de se engajarem na Igreja.

As lideranças não devem conduzir os jovens a ser seguidores passivos, mas caminhar junto deles, deixando-os serem participantes ativos desta viagem. Devem respeitar a liberdade do processo de discernimento de um jovem, fornecendo os instrumentos necessários para o cumprimento adequado deste processo. Um acompanhador deve acreditar de todo o coração na capacidade que um jovem tem de participar da vida da Igreja. Um guia deve cultivar a semente da fé nos jovens, sem nenhuma expectativa de ver os frutos do trabalho, pois este é feito pelo Espírito Santo. Este papel não pode ser restrito aos sacerdotes e religiosos, mas também os leigos deveriam ser legitimados a desenvolvê-lo. Todos estes guias e acompanhadores deveriam poder ser beneficiados por uma boa formação permanente.

PARTE III

Atividades Formativas e Pastorais da Igreja

11) O estilo da Igreja

Hoje os jovens procuram uma Igreja autêntica. Queremos dizer, especialmente para a hierarquia da Igreja, que ela deve ser transparente, acolhedora, honesta, convidativa, comunicativa,

acessível, alegre e interativa com a comunidade. Uma Igreja crível é aquela que não tem medo de ser vista como vulnerável. A Igreja deveria ser sincera em admitir os erros passados e presentes e se apresentar como uma Igreja feita de pessoas capazes de erros e incompreensões. A Igreja deveria condenar atos como abusos sexuais e o mau uso do poder e da riqueza. A Igreja deveria continuar a reforçar sua posição em não tolerar o abuso sexual dentro das suas instituições, e assim, reconhecendo-se mais humilde e humana aumentaria, sem dúvida, sua credibilidade entre os jovens do mundo. Se a Igreja agir deste modo, ela se distinguirá das demais instituições e autoridades que, em grande parte, despertam a desconfiança dos jovens.

No mais, a Igreja atrai a atenção dos jovens na medida em que está enraizada em Jesus Cristo. Cristo é a Verdade que faz a Igreja ser diferente de qualquer outro grupo secular com o qual poderíamos nos identificar. Portanto, pedimos que a Igreja continue a proclamar a Alegria do Evangelho guiada pelo Espírito Santo. Nós desejamos que a Igreja difunda essa mensagem através dos meios modernos de comunicação e expressão. Os jovens têm muitos questionamentos sobre a fé, mas desejam respostas que não sejam “aguadas” ou que utilizem formulações pré-fabricadas. Nós, a Igreja jovem, pedimos que os nossos líderes falem em termos práticos sobre assuntos controversos como homossexualidade e questões de gênero, dos quais os jovens

já conversam livremente sem tabus. Alguns percebem a Igreja como anticientífica, por isso o seu diálogo com a comunidade científica também é importante, já que a ciência ilumina a beleza da criação. Neste contexto, a Igreja deveria também cuidar de questões ambientais, especialmente a poluição. Nós também queremos uma Igreja empática que alcança os que estão às margens, os perseguidos e os pobres. Uma Igreja atrativa é uma Igreja relacional.

12) Jovens Protagonistas

A Igreja deve envolver jovens em seus processos de tomadas de decisão e oferecer-lhes mais funções de liderança. Essas funções devem ser na paróquia, diocese, a nível nacional e internacional, e até em comissões do Vaticano. Nós sentimos fortemente que estamos prontos para sermos líderes, amadurecermos e aprendermos com os membros mais experientes da Igreja, religiosos ou leigos. Nós precisamos de programas de liderança e formação para o desenvolvimento contínuo de lideranças jovens.

Algumas jovens sentem falta de referências femininas dentro da Igreja, com quem também elas desejam contribuir com seus talentos intelectuais e profissionais. Nós também acreditamos que os seminaristas e religiosos deveriam ter uma maior capacidade para acompanhar os jovens. Além deste maior envolvimento institucional,

queremos também ser uma presença alegre, entusiasmada e missionária dentro da Igreja. Nós também expressamos fortemente o desejo de participar como uma voz criativa proeminente. Essa criatividade é frequentemente encontrada na música, liturgia e artes, mas até o momento, esse é um potencial inexplorado, visto que a parte criativa da Igreja vem sendo dominada pelos membros mais velhos.

Existe também o desejo por comunidades fortes, nas quais os jovens partilhem suas lutas e testemunhos uns com os outros. Em muitos lugares, isso já acontece por iniciativas de leigos, movimentos e associações, mas os jovens querem ser mais apoiados oficial e financeiramente. Os jovens da Igreja querem ter também um olhar para fora. Eles têm paixão por atividades políticas, civis e humanitárias. Eles querem agir como católicos na esfera pública para o aperfeiçoamento da sociedade como um todo. Em todas estas dimensões da vida da Igreja, os jovens desejam ser acompanhados e levados à sério, como membros responsáveis da comunidade eclesial.

13) Lugares preferenciais

Nós gostaríamos que a Igreja nos encontrasse em lugares onde ela atualmente tem pouca ou nenhuma presença. Particularmente, desejamos que a Igreja nos encontre nas ruas, onde se encontram pessoas de todos os tipos.

A Igreja deve buscar formas novas e criativas de encontrar as pessoas exatamente onde elas vivem, em lugares onde socializam naturalmente: bares, cafés, parques, academias, estádios e outros centros culturais populares. Outros lugares menos acessíveis também deveriam ser considerados, como os ambientes militares, os locais de trabalho e as áreas rurais. De igual modo, nós precisamos da luz da fé em lugares mais desafiantes como orfanatos, hospitais, bairros marginalizados, regiões devastadas pela guerra, prisões, centros de reabilitação e zonas de prostituição.

Enquanto a Igreja já nos encontra em escolas e universidades, queremos ver sua presença nestes lugares de maneira mais consistente e eficaz. Os recursos não são desperdiçados quando investidos nessas áreas pois são estes os lugares onde muitos jovens passam grande parte do seu tempo e frequentemente se envolvem com pessoas de várias classes sociais. Muitos já são membros de comunidades paroquiais ou de várias instituições, associações e organizações dentro da Igreja. É indispensável que aqueles que já estão engajados sejam apoiados pela comunidade eclesial para que sejam fortalecidos e inspirados em sua missão de evangelização no mundo.

Assim como podemos ser encontrados em muitos lugares físicos, o mundo digital tem de ser levado em conta pela Igreja. Nós desejamos uma Igreja que seja acessível por meio das mídias sociais assim como outros espaços digitais, para mais fácil e efetivamente disponibilizar informações

da Igreja, seus ensinamentos, e para favorecer a formação dos jovens. Em resumo, queremos ser encontrados onde estamos – intelectual, emocional, espiritual, social e fisicamente.

14) Iniciativas a serem reforçadas

Nós esperamos por experiências que possam aprofundar nossa relação com Jesus no mundo real. Iniciativas bem-sucedidas oferecem-nos uma experiência com Deus. Portanto, concordamos com iniciativas que nos dão um entendimento dos Sacramentos, oração e liturgia, para que possamos partilhar e defender a nossa fé no mundo secularizado.

Os Sacramentos são de grande valor para nós e desejamos conhecer os seus mais profundos significados nas nossas vidas. Isso vale para a preparação para o matrimônio, o Sacramento da Reconciliação, o batismo de crianças e assim por diante. Por causa da falta de uma apresentação clara e atrativa daquilo que os sacramentos verdadeiramente oferecem, alguns de nós os recebemos sem valorizá-los adequadamente.

Algumas iniciativas frutuosas são: eventos como a Jornada Mundial da Juventude, cursos e programas de formação, em especial aos que são novos na fé; pastorais sociais, catecismo para jovens, retiros de finais de semana e exercícios espirituais, eventos carismáticos, coros e grupos de oração, peregrinações, iniciativas esportivas

cristãs, grupos paroquiais ou diocesanos, grupos de estudo bíblico, grupos universitários cristãos, diferentes aplicativos de fé e a imensa variedade de movimentos e associações dentro da Igreja.

Nós gostamos de eventos grandes e bem organizados, mas não significa que todos os eventos precisam ser de grande porte. Pequenos grupos locais onde podemos expressar dúvidas e partilhar uma convivência cristã também são primordiais para mantermos a fé. Esses pequenos eventos, nos vários contextos sociais, preenchem a lacuna entre os grandes eventos da Igreja e a paróquia.

Reunir-se dessa forma é especialmente importante nos países onde os cristãos são menos aceitos. Os aspectos sociais e espirituais das iniciativas da Igreja podem ser complementares uns aos outros. Existe também um desejo de um alcance social e de evangelização das pessoas que lutam contra doenças e vícios, assim como o envolvimento em um diálogo com pessoas de diferentes religiões e contextos culturais e socioeconômicos. A Igreja deve reforçar as iniciativas que combatem o tráfico humano e migrações forçadas, assim como o narcotráfico que é especialmente importante na América Latina.

15) Instrumentos a serem usados

A Igreja deve adotar uma linguagem que a torne capaz de se relacionar com os costumes e culturas dos jovens, de modo que todas as

peças tenham a oportunidade de ouvir a mensagem do Evangelho. Somos apaixonados pelas diferentes expressões da Igreja. Alguns têm um forte entusiasmo pelo “fogo” dos movimentos carismáticos contemporâneos, que focam na ação do Espírito Santo; outros são atraídos pelo silêncio, meditação e tradições litúrgicas. Todas essas coisas são boas pois nos ajudam a rezar de formas diferentes. Fora da Igreja, muitos jovens vivem uma espiritualidade difícil, mas a Igreja poderia ajudá-los com os instrumentos adequados.

Multimídia – A internet oferece à Igreja uma oportunidade de evangelização sem precedentes, especialmente por meio das mídias sociais e dos conteúdos de vídeo on-line. Como jovens, somos nativos no meio digital e por isso podemos guiar a Igreja neste caminho. Também é um lugar fantástico de encontro e relação com pessoas de outra fé ou sem fé alguma. As séries de vídeos do papa Francisco são um bom exemplo do potencial de evangelização da internet.

Experiências de um Ano (Ano Sabático) – Anos de serviço dentro dos movimentos e obras de caridade dão aos jovens a experiência de missão e espaço para o discernimento. Também criam a oportunidade para a Igreja encontrar os não crentes e pessoas de uma outra fé.

A Beleza e as Artes – A beleza é universalmente reconhecida e a Igreja tem um belo histórico de evangelizar por meio das artes, como a música, artes visuais, arquitetura, design etc.

Os jovens respondem a isto com facilidade e gostam de ser criativos e expressivos.

Adoração, Meditação e Contemplação –

Nós também apreciamos o contraste do silêncio oferecido pela tradição da Igreja, na Adoração Eucarística e na oração contemplativa. Isto nos afasta dos barulhos constantes da comunicação moderna e assim podemos nos encontrar com Jesus. O silêncio é onde podemos ouvir a voz de Deus e discernir a Sua vontade para nós. Muitos, mesmo fora da Igreja, também apreciam a meditação, e isto pode ser uma ponte para aqueles que, mesmo não tendo fé, se reconhecem como pessoas espirituais. Pode ser contracultural, mas é eficaz.

Testemunho – As histórias pessoais de quem fez parte da Igreja são meios eficazes de evangelizar já que experiências pessoais não podem ser contraditas. Testemunhos de cristãos modernos e aqueles perseguidos no Oriente Médio são particularmente fortes sinais da vida plena que se encontra na Igreja. As histórias dos santos são muito relevantes para nós, pois são caminhos rumo à santidade e à plenitude.

O processo Sinodal – Ficamos entusiasmados por termos sido levados a sério pela hierarquia da Igreja e sentimos que este diálogo entre os jovens e a Igreja madura é um processo vital e frutuoso. Seria uma pena se a este diálogo não fosse dada a oportunidade de

continuar crescendo! Esta cultura de abertura é extremamente saudável para nós.

Ao início deste encontro pré-sinodal, e neste espírito de diálogo, o papa Francisco propôs o seguinte trecho bíblico: “Depois de tudo isso, derramarei o meu espírito sobre todos os viventes. E, então, todos os vossos filhos e filhas falarão como profetas: os anciãos receberão em sonho suas mensagens e os jovens terão visões” (Joel 3,1).



Dentre tantos desafios, próprios desses tempos, o ato de educar parece ocupar posição privilegiada. É nesse cenário, por vezes caótico, que nos fala o homem que ocupa a Cátedra de Pedro. Desde 2013, quando foi eleito, o papa Francisco tem demonstrado incansável esforço por estabelecer diálogos, insinuando com isso uma pedagogia do encontro e questionando a lógica da exclusão.

Ao se dirigir ao universo da educação, seus discursos estão repletos de ousadia, entusiasmo e cuidado, coerentes com quem se reconhece como membro de uma comunidade educacional. Ele opta pela sutileza da ternura, sem com isso renunciar à potência da profecia. Quer demonstrar que o Reino de Deus também se expressa através do serviço aos mais pobres. Ele converte essa utopia de variadas formas (palavras e gestos), e todas elas cumprem o papel de nos inquietar. Ao final de seu projeto parece estar uma esperança bem delineada: a dignidade humana é a Glória de Deus.

Valcir Moraes

Observatório de Evangelização da PUCPR